

Ebenézer Soares Ferreira

Manual da igreja e do obreiro

7ª EDIÇÃO, REVISTA, ATUALIZADA E AMPLIADA



Todos os direitos reservados. Copyright © 1993 da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

1.^a edição do autor sob o título: **Vade-Mecum do Obreiro e da Igreja**

F 383m Ferreira, Ebenézer Soares
Manual da igreja e do obreiro/Ebenézer Soares Ferreira. 7. ed. revista, atualizada e ampliada. — Rio de Janeiro: JUERP, 1993.
282p; 20,5cm
Inclui bibliografia
1. Eclesiologia — Manual 2. Administração Eclesiástica — Manual
I. Título

CDD — 262

À memória do pastor Antônio Soares Ferreira, obreiro que encarnou a obra de um verdadeiro pastor de almas; que encaminhou muitos moços e moças para a vinha do Mestre; que fundou e manteve, pela fé, até à morte, o Orfanato Batista Fluminense, hoje, Lar Batista Pastor Antônio Soares Ferreira, dedico esta obra, que representa uma braçada de flores colhidas no jardim da gratidão de seu filho.

Capa: Ivanildo Alves

Código para pedidos: 222010
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — CEP 20001-970
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP 21370-360
Rio de Janeiro, RJ — Brasil

3.000/1993

Impresso em gráficas próprias.

MAZINHO RODRIGUES

SUMÁRIO

Apresentação	17
Prefácio à 1. ^a Edição	19
Prefácio à 2. ^a Edição	21
Prefácio à 7. ^a Edição	23
“Se” — Poesia do Dr. Almir dos Santos Gonçalves, dedicada aos pastores	25
“A Dificil mas Gloriosa Vida dos Ministros de Deus”	27

PRIMEIRA PARTE

1. A Igreja	31
1.1 Quando Teria Surgido a Igreja de Cristo ?	31
1.2 A Origem do Termo Igreja	32
1.2.1 O uso do termo igreja	33
1.2.2 O Reino e as igrejas	33
1.3 Igrejas, e Não “A Igreja”	33
1.3.1 A igreja e seus nomes	33
1.3.2 A organização das igrejas	34
1.4 A Igreja e Sua Missão	34
1.5 O Que É uma Igreja Batista	36
1.6 Algumas Doutrinas Distintivas dos Batistas	37
1.6.1 A soberania de Cristo	37
1.6.2 A autoridade e a suficiência da Palavra de Deus	37
1.6.3 A competência de cada alma	37
1.6.4 A igreja se compõe de pessoas convertidas	37
1.6.5 A igreja é uma democracia	38
1.6.6 O simbolismo das ordenanças	38
1.6.7 O batismo é administrado só a crentes	38
1.6.8 Somente a imersão é batismo	38
1.6.9 A ceia do Senhor	38

1.6.10 Perseverança e preservação	38
1.6.11 Absoluta liberdade religiosa	39
1.7 Requisitos Para Ser Membro de uma Igreja Batista	39
1.7.1 Requisito espiritual	39
1.7.2 Requisito social	39
1.7.3 Requisito formal	40
1.7.4 Outras maneiras de filiar-se à igreja	40
1.7.4.1 Carta de transferência	40
1.7.4.2 Reconciliação	40
1.7.4.3 Declaração ou aclamação	41
1.7.5 Cancelamento de membros	41
1.8 O Que a Igreja Deve a Seus Membros	41
1.9 O Que um Membro Deve à Sua Igreja	41
1.10 Forma de Governo da Igreja	41
1.10.1 O tipo monárquico	42
1.10.2 O tipo episcopal	42
1.10.3 O tipo oligárquico	42
1.10.4 A forma bíblica	42
1.11 Funções Congregacionais da Igreja	42
1.12 As Funções do Governo	42
1.13 Disciplina Eclesiástica	43
1.13.1 O valor da disciplina	43
1.13.2 Tipos de disciplina	44
1.13.2.1 A disciplina formativa	44
1.13.2.2 A disciplina corretiva	44
1.13.2.3 A disciplina cirúrgica	45
1.14 Como Organizar uma Igreja	45
1.14.1 Do método	45
1.14.2 Do concílio	45
1.14.2.1 Sua convocação	45
1.14.2.2 Sua constituição e atribuições	45
1.15 Roteiro Para a Organização de uma Igreja Batista	46
1.15.1 Abertura preliminar	46
1.15.2 Organização do concílio	47
1.15.3 Um hiato do concílio	47
1.15.4 Reabertura dos trabalhos do concílio	47
1.15.5 Dissolução do concílio	47
1.16 Pacto das Igrejas Batistas	48
1.17 A simplicidade das igrejas apostólicas	49
1.18 As Duas Mais Importantes Igrejas dos Tempos Apostólicos	49
1.18.1 A igreja em Jerusalém	49
1.18.2 A igreja em Antioquia	49
1.19 Aliança Batista Mundial	50
1.20 Organizações dos Batistas Brasileiros	50
1.20.1 Relação dos presidentes da CBB desde o seu início até agora	51
1.20.2 Organizações batistas	51
1.20.3 Juntas da Convenção Batista Brasileira	51
1.20.3.1 Junta de Educação Religiosa e Publicações	51

1.20.3.2 Junta de Missões Nacionais	52
1.20.3.3 Junta de Missões Mundiais	52
1.20.3.4 Junta de Rádio e Televisão	52
1.20.3.5 Junta de Mocidade	52
1.20.3.6 Conselho de Planejamento e Coordenação da CBB	53
1.20.3.7 União Feminina Missionária Batista do Brasil	54
1.20.3.8 União Masculina Missionária Batista do Brasil	54
1.20.4 Instituições de ensino secular e teológico	54
1.20.4.1 Ensino secular	54
1.20.4.2 Ensino teológico	55
1.20.4.2.1 Entidades dirigidas pela CBB	55
1.20.4.2.2 Entidades pertencentes à UFMBB	55
1.20.4.2.3 Entidades pertencentes às Convenções Batistas Estaduais e particulares	55
1.21 A Contribuição dos Batistas ao Mundo	57
1.21.1 Grandes missionários	57
1.21.2 Grandes paladinos da liberdade	57
1.21.3 Grandes pregadores	58
1.21.4 Grandes teólogos	58
1.21.5 Grandes obras educacionais	58
1.21.6 Grandes escritores	59
1.21.7 Outras grandes contribuições	59
1.21.8 A opinião do grande teólogo Dr. Mullins	60
1.22 Os Batistas e o Ecumenismo	60
2. A Igreja e o Culto	63
2.1 O Culto	63
2.2 O Que É o Culto?	63
2.3 O Que o Culto Oferece ao Indivíduo	64
2.4 O Simbolismo do Culto	64
2.5 Tipos de Cruz	64
2.6 Alguns Símbolos Usados no Culto das Igrejas Evangélicas	65
2.7 O Perigo dos Símbolos	65
2.8 A Liturgia	65
2.9 Ordem do Culto	65
2.10 Programa de um Culto em Ação de Graças	66
2.11 As Principais Partes do Culto	68
2.11.1 Os hinos	68
2.11.2 Tipos de hinos	69
2.11.3 A leitura da Bíblia	70
2.11.4 A oração	71
2.11.5 A pregação	72
2.12 Culto Cantado	73
2.12.1 O Cantor Cristão	73
2.12.2 Sede agradecidos	74
2.13 O Dia do Senhor	75
2.14 Dedicção de Crianças	76

3. A Igreja e Suas Relações	79
3.1 A Relação da Igreja com as Coirmãs	79
3.2 A Igreja e os Concílios	80
3.3 Os Batistas e as Outras Denominações	81
3.4 A Relação Entre a Igreja Local e as Associações, Convenções etc.	81
3.5 A Igreja e o Estado	81
4. A Igreja e Seu Templo	83
4.1 Passos Para a Construção de um Templo	83
4.2 Lançamento da Pedra Fundamental	84
4.2.1 Preliminares	84
4.2.2 O ato	84
4.3 O Templo Funcional	86
4.3.1 Visibilidade	86
4.3.2 Iluminação	86
4.3.3 Ventilação	87
4.3.4 Acústica	87
4.4 Programa de Inauguração e Dedicção de um Templo	88
5. A Igreja e Suas Ordenanças	91
5.1 Como Realizar a Cerimônia do Batismo	91
5.1.1 Preliminares	91
5.1.2 O ato	92
5.1.3 A música	92
5.1.4 Parte devocional	92
5.2 Testemunhos de Autoridade Sobre o Significado do Batismo	93
5.2.1 Lexicógrafos	93
5.2.2 Reformadores	93
5.2.3 Historiadores	93
5.2.4 Enciclopedistas e dicionaristas	94
5.2.4 O batismo e a arqueologia	94
5.3 Casos de Salvação sem Batismo no Novo Testamento	94
5.3.1 Zaqueu	94
5.3.2 O ladrão convertido na cruz	95
5.3.3 A mulher pecadora	95
5.4 Como Celebrar a Ceia do Senhor	95
5.4.1 Quando realizá-la?	95
5.4.2 Por que realizá-la?	96
5.4.3 Preliminares	96
5.4.4 A cerimônia	96
5.4.5 O anúncio	96
5.4.6 A exposição	97
5.4.7 Distribuição dos elementos	97
5.4.8 Dois termos	98
5.5 Ceia Livre, Restrita e Ultra-Restrta	98
5.6 Pontos de Vista Quanto ao Simbolismo da Ceia	99

6. A Igreja e Seu Pastor	101
6.1 Três Títulos Para um só Ofício	101
6.1.1 Presbítero — termo de dignidade	101
6.1.2 Bispo — termo de superintendência	101
6.1.3 Pastor — termo de ternura	102
6.2 Como Consagrar um Pastor	103
6.2.1 Requisitos exigidos	103
6.2.1.1 Quanto às qualidades	103
6.2.1.2 Quanto à experiência	103
6.2.2 Preparativos ou encaminhamento	103
6.2.2.1 Da cerimônia ordenatória	104
6.2.2.2 A cerimônia de consagração	104
6.3 Programa-Convite de um Concílio de Consagração	105
6.3.1 Concílio Examinatório	105
6.3.2 Consagração ao Santo Ministério	105
6.4 Comissão de Sucessão Pastoral	106
6.5 Como Afastar do Ministério Pessoas sem Idoneidade Para Exercê-lo	107
6.5.1 A soberania da igreja	108
6.5.2 Como promover a anulação da ordenação	108
6.5.3 Duas maneiras	109
6.5.4 Com a Ordem dos Ministros	109
6.5.5 É melhor prevenir do que remediar	109
6.5.6 Recondução ao ministério	109
6.5.7 Quando pensar em recondução	109
6.5.8 Como realizar a recondução	110
6.6 Sessão Solene e Termo de Posse de Novo Pastor	111
6.7 Ministérios Paralelos	112
7. A Igreja e os Diáconos	115
7.1 O Ministério Diaconal	115
7.2 Qualificações Para o Diaconato	115
7.2.1 Qualificações para o diaconato de acordo com Atos 6.1-6	115
7.2.2 Qualificações para o diaconato de acordo com Timóteo 3.8-13	115
7.3 Deveres dos Diáconos	116
7.3.1 Servir às mesas	116
7.3.2 Outras responsabilidades que os diáconos podem exercer	116
7.4 Método de Rotação ou Rodízio	116
8. A Igreja e os Líderes Extrabíblicos	119
8.1 Quanto à Duração do Cargo	119
8.2 O Secretário da Igreja	120
8.2.1 Suas qualificações	120
8.2.2 Suas responsabilidades	120
8.2.3 Secretário de tempo integral	120
8.3 O Tesoureiro da Igreja	121
8.3.1 Qualidades que devem ser requeridas do tesoureiro	121
8.3.2 Funções do tesoureiro	122

8.4	O Historiador Eclesiástico	122
8.4.1	Qualificações do historiador	122
8.4.2	Deveres do historiador	122
8.5	Outros Líderes	123
8.6	A Igreja, Seus Funcionários e a Lei	123
9.	A Igreja e Sua Administração	125
9.1	Assembléias da Igreja	125
9.1.1	Preliminares	125
9.1.2	Agenda	125
9.1.3	A técnica para a condução dos trabalhos	126
9.2	Modelo de Ata	126
9.3	A Igreja e Seus Departamentos	128
9.4	A Biblioteca da Igreja	132
10.	A Igreja e a Sua Programação	133
10.1	Comissão de Indicações	133
10.1.1	Composição	133
10.1.2	Modelo de sugestões	133
10.2	Calendário Anual de Atividades	134
10.3	Relatório Anual	137
10.4	Recenseamento Religioso	137
10.4.1	Modelo de uma ficha para ser usada num recenseamento religioso	138
10.4.2	Como usar o cartão de recenseamento religioso	138
10.4.3	Consolidação do trabalho	139
11.	A Igreja e a Integração	141
11.1	Recursos Que a Igreja Pode Usar Para Atrair Interessados ao Evangelho	141
11.1.1	Introdutores	141
11.1.2	Saudações aos visitantes	142
11.1.3	Modelo de Ficha do Visitante	142
11.1.4	Cumprimentos à saída do templo	143
11.2	Assistência aos Decididos	144
11.2.1	Modelo de uma carta para novos convertidos	145
11.3	Classe de Catecúmenos	146
11.4	Profissão de Fé	146
11.4.1	Como deve ser encaminhada a profissão de fé	147
11.4.2	O que perguntar?	147
11.5	Recepção de Novos Membros	147
11.6	O Boletim Dominical	148
11.7	Sistema de Conselheiros ou Aios	148
12.	A Igreja e Suas Finanças	151
12.1	Comissão de Finanças	151

12.2	Orçamento da Igreja	151
12.2.1	O orçamento é o espelho da igreja	151
12.2.2	O orçamento e a missão da igreja	153
12.2.3	O orçamento e a responsabilidade pessoal	153
12.2.4	Como preparar o orçamento	154
12.3	Modelo de um Orçamento	154
12.4	Modelo de Envelope de Contribuição	157
12.5	O Plano Cooperativo	159

13.	A Igreja e o Evangelismo	161
13.1	Que Deve uma Igreja Fazer?	161
13.1.1	Estimular cada crente a se tornar um ganhador de almas ...	161
13.1.2	Mostrar a cada crente a sua responsabilidade	162
13.1.3	Apresentar aos crentes os exemplos dos crentes primitivos ..	162
13.1.3.1	Tinham amor às almas perdidas	162
13.1.3.2	Tinham ousadia	162
13.2	O Evangelismo Deve Ser Abrangente	163

14.	Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira	165
I	— Escrituras Sagradas	165
II	— Deus	165
	1. Deus Pai	166
	2. Deus Filho	166
	3. Deus Espírito Santo	167
III	— O Homem	167
IV	— O Pecado	168
V	— Salvação	168
VI	— Eleição	169
VII	— Reino de Deus	170
VIII	— Igreja	170
IX	— O Batismo e a Ceia do Senhor	171
X	— O Dia do Senhor	171
XI	— Ministério da Palavra	172
XII	— Mordomia	172
XIII	— Evangelização e Missões	173
XIV	— Educação Religiosa	173
XV	— Liberdade Religiosa	173
XVI	— Ordem Social	174
XVII	— A Família	174
XVIII	— Morte	174
XIX	— Justos e ímpios	175

15.	A Igreja e as Regras Parlamentares	177
-----	---	-----

SEGUNDA PARTE

16.	A Igreja e os Símbolos Nacionais	185
-----	---	-----

16.1 O Que É a Bandeira?	185
16.2 O Uso da Bandeira Brasileira	186
16.2.1 Uso irregular da Bandeira Brasileira	186
16.3 O Uso do Hino Nacional	187
17. A Igreja e as Leis	189
17.1 A Igreja Como Pessoa Jurídica	189
17.2 A Igreja e Seus Estatutos	189
17.2.1 O estatuto	189
17.2.2 O regimento interno	189
17.2.3 Vantagens do uso de um estatuto	189
17.2.4 Como elaborar um estatuto	190
17.3 Modelo de Estatuto	190
17.4 A Igreja e a Declaração de Imposto de Renda	194
17.5 A Igreja e a Inscrição do Pastor no INSS	195
17.6 A Igreja e o Casamento com Efeitos Cíveis	195
17.7 Leis Que Devem Ser Conhecidas por Todos	196
18. O Crente e os Seus Direitos e Deveres Como Cidadão	199
18.1 Declaração Universal dos Direitos	199
18.2 Dos Direitos e Garantias Individuais	200
18.3 Dos Direitos à Educação	201
18.4 Do Voto	201
18.5 Dos Deveres dos Cidadãos	201
18.6 Do Serviço Militar	202
19. Formulário Eclesiástico	203
19.1 Carta de Transferência	203
19.2 Carta de Notificação	204
19.3 Carta de Recomendação	204
19.4 Convocação de Concílio Para Ordenação de Ministro	205
19.5 Requerimentos	205
19.5.1 Requerimento de habilitação para officiar cerimônia religiosa com efeito civil	205
19.5.2 Requerimento para cerimônia religiosa com efeito civil	206
19.5.3 Requerimento ao pastor	206
19.5.4 Requerimento ao Registro Civil	207
19.5.5 Requerimento para isenção de impostos	207
19.6 Modelo de procuração	207

TERCEIRA PARTE

20. O Pastor e Sua Vida	211
20.1 O Pastor e Sua Vida Espiritual	211
20.2 O Pastor e o Seu Lar	212

21. O Pastor e Suas Finanças	213
21.1 Pastores Que Não São Mordomos	214
21.2 Pastores Que Atuam Como Mercenários	214
21.3 Pastores Que Não Pagam as Dívidas	214
21.4 Utilização de Dinheiro da Igreja em Negócios Pessoais	214
22. O Pastor e a Denominação	217
23. O Pastor Como Conselheiro	219
24. O Pastor e a Bênção	221
24.1 Como Pronunciar a Bênção	221
25. O Pastor e a Cerimônia de Casamento	223
25.1 Como Realizar uma Cerimônia de Casamento	223
25.1.1 Preliminares	223
25.2 Realização da Cerimônia	223
25.2.1 Preâmbulo	223
25.3 Cerimônia de Casamento	225
25.4 Cursos Para Noivos	227
26. O Pastor e a Cerimônia de Bodas de Prata e de Bodas de Ouro	231
27. O Pastor e as Cerimônias Fúnebres	237
28. O Pastor e a Sua Ética	239
29. O Pastor e Seu Fichário	243
29.1 Divisões do Fichário	243
29.2 As Fichas	243
29.3 Modo de Arquivar o Material	243
29.4 A Mobília	244
29.5 Sugestões Finais	244
29.6 A Informática a Serviço do Senhor	245
30. O Pastor e a Sua Clínica Pastoral	247
30.1 Clínica Pastoral	247
30.2 As Visitas e a Ética	247
30.3 Audiências Pastorais	248
31. O Pastor e os Livros	249
31.1 Por Que o Pastor Deve Aplicar-se à Leitura de Bons Livros?	250
31.1.1 Para aumentar seu cabedal de conhecimento	250
31.1.2 Para tornar-se um exemplo, principalmente para os jovens ..	250
31.1.3 Para ter maiores oportunidades de servir	250

31.1.4 Para manter uma influência em geral	251
31.2 Fatores Que o Impedem de Ler	251
31.2.1 Falta de tempo	251
31.2.2 Preguiça	252
31.2.3 Falta de recursos financeiros	253
31.3 Conclusão	253
32. Resumo Histórico dos Batistas	255
32.1 Os Batistas na Inglaterra	256
32.2 Os Batistas na América do Norte	257
32.3 Os Batistas no Brasil	258
Súplica do Pastor Jovem	261
Súplica de um Velho Pastor	267
Textos Bíblicos Para Várias Ocasões e Circunstâncias	269
Hino Oficial dos Ministros Batistas do Brasil	273
O Monte do Senhor	274
Bibliografia	275

APRESENTAÇÃO

Eis uma obra de grande utilidade para pastores e obreiros de um modo geral. Seu título* causa estranheza à primeira vista, mas é apropriado, pois a obra é muito mais ampla do que um simples manual. Dividida em três partes, podem-se encontrar, nesta obra, uma multiplicidade de assuntos relacionados às práticas eclesiológicas, que vão da própria natureza da igreja neotestamentária até à própria vida do pastor.

Há um forte sentido de ligação entre a teoria e a prática. Os aspectos teológicos relacionados à igreja, sua missão, seus oficiais são complementados por uma série de sugestões práticas a respeito do seu funcionamento. Esta parte prática, sem dúvida alguma, valoriza a obra, haja vista a falta de informações semelhantes que estivessem reunidas em um único volume de fácil localização e manejo. As igrejas e obreiros que atentarem para as sugestões exaradas neste volume evitarão, sem dúvida alguma, muitos aborrecimentos.

O valor da obra torna-se ainda maior quando lembramos que existe, por esse Brasil imenso, um sem-número de igrejas cuja liderança é destituída de um preparo específico para tanto. Outras há que possuem obreiros com suficiente preparo secular, entretanto sem devido preparo eclesiológico. Neste sentido, o referido volume serve como veículo de consolidação e uniformização do trabalho batista no Brasil.

A obra, como qualquer outra, possui limitações. O grande número de assuntos tratados tornou praticamente impossível ao autor fazer explanação mais detalhada sobre certos aspectos. Mas, pelo título, percebemos que isso foi intencional da parte do autor.

O autor é sobejamente conhecido no cenário denominacional e evangélico por outras publicações e pela sua atuação na obra batista como um todo. Suas qualificações recomendam a obra, que muitos têm denominado de *almanaque* de orientação para as igrejas e os obreiros.

Darci Dusilek

* O título da primeira edição era *Vade-Mécum do Obreiro e da Igreja*, substituído pelo atual : *Manual da Igreja e do Obreiro*.

PREFÁCIO À 1.^a EDIÇÃO

Esta obra é fruto de muitos anos de labor intenso. Nela há sangue, pois muitas madrugadas foram gastas em lucubrações e pesquisas.

Ao lê-la, o leitor encontrará, em cada capítulo, parte da alma de quem vive para o ministério, ama-o com todas as suas forças e divulga-o.

As experiências de vinte anos de pastorado em várias igrejas — igrejas da zona rural e igrejas citadinas — bem com as experiências de professor de ensino teológico por dez anos, lecionando, principalmente, Eclesiologia, no Seminário Batista Fluminense, do qual é diretor desde a sua fundação — são as principais credenciais que encorajam o autor a produzir este *Vade-Mécum*.

O autor achou de bom alvitre enfeixar, neste livro, matérias atinentes à Eclesiologia, à Administração Eclesiástica, à Psicologia Pastoral, à Deontologia Pastoral, à Teologia Pastoral e às Leis.

A falta de uma obra deste jaez, o estímulo recebido de várias partes e o sentimento de contemplar obreiros com poucas experiências eclesiológicas, claudicando, freqüentemente, por falta de uma orientação no campo da teologia pastoral, constituíram a motivação primacial para que o autor se abalançasse a trazer a lume este trabalho.

Outro motivo que compeliu o autor a escrever esta obra foi o desejo de ajudar os obreiros antigos que, após pugnares leoninamente no ministério, hoje estão aposentados, recebendo parcas pensões, o que não lhes dá a condição de gozarem *otium cum dignitate*. Grande parte do lucro desta publicação será revertida em benefício daqueles intemoratos obreiros, que hoje, com as forças exauridas, passam privações, porque não tiveram o privilégio, que gozam os novos, de uma inscrição no INPS. Comprando-a, o leitor está cooperando, embora com pequena parcela, com os obreiros necessitados.

O autor achou por bem transcrever alguns trabalhos de obreiros e entidades, por considerá-los úteis à Causa geral, tendo solicitado permissão aos mesmos.

Se esta obra preencher as finalidades que a determinam, o autor dar-se-á por compensado do esforço.

Campos, agosto de 1973

O Autor

PREFÁCIO À 2.^a EDIÇÃO

É-me grato dar a lume a 2.^a edição desta obra. A primeira apareceu com o nome de *Vade-Mécum do Obreiro e da Igreja* (ou *Manual da Igreja e do Obreiro*).

Esgotou-se antes do tempo esperado.

Para se aquilatar a sua aceitação, diga-se o seguinte: adotaram-no doze seminários, além do IBER, SEC e vários institutos bíblicos. Adotaram-no também os menonitas e muitos pastores pentecostais, que até promoveram cursos, consoante cartas ao autor.

Nesta edição fizemos algumas supressões e alguns acréscimos. Muitos dos assuntos são apresentados em resumo, em doses homeopáticas, pois, de acordo com os latinos, *sit brevis et placebit*. Não fora o cuidado em sintetizar muitos assuntos e dar-lhes um tratamento didático, e a obra teria mais de 500 páginas.

Com a alma genuflexa diante do altar do Sumo Pastor, apresento-lhe a oblata de gratidão pelos favores que ele tem-se dignado de cumular nosso ministério pastoral e docente.

Desejo consignar aqui meus sinceros agradecimentos ao Dr. Werner Kaschel, que ofereceu valiosas sugestões e correções.

A Deus toda a glória e honra.

O Autor

PREFÁCIO À 7.^a EDIÇÃO

A notícia de que esta obra já ia para a 7.^a edição encheu-nos o coração de muito contentamento.

Outrossim, soubemos que em Portugal, Angola e Moçambique este livro é usado para o doutrinamento de seus líderes e no fortalecimento de suas igrejas.

Desta feita, houve tempo de ampliá-la. A matéria já existente foi revisada, desenvolvida, enriquecida. Aí está ela: A Igreja e Sua Missão, Carta de Transferência, Liberdade Religiosa, A Igreja e Seus Departamentos, Assistência aos Decididos, O Pastor e as Cerimônias de Bodas de Prata e Bodas de Ouro.

Novas partes, sugestões, nova matéria foram incluídas: Culto Cantado, Dedicção de Crianças, Ministérios Paralelos, A Igreja e seus Funcionários, A Biblioteca da Igreja, Ficha de Visitante, Carta Para Novos Convertidos, Termo de Posse de Pastor, sugestões de cultos especiais e outras.

Praza aos céus que este *Manual* continue a realizar a obra que lhe compete de instruir, doutrinar, fortalecer na fé e prática nossas igrejas e seus líderes, por esses brasis afora, como o Senhor tem permitido até agora.

O Autor

SE...

**Página dedicada aos meus colegas do ministério cristão,
no DIA DO PASTOR. Imitação do poema do mesmo título,
de Rudyard Kipling.**

Meu nobre colega do ministério cristão,
meu companheiro, colaborador e irmão:
SE tu podes viver dia após dia a vida comum
dos comuns deveres
sem te irritares, sem te entediares,
nem murmurares, e a paciência não perderes,
trabalhando, ensinando, pregando, orando —
e não mais tu viveres, mas Cristo em ti viver;
SE, quando de ti pensarem mal e te julgarem mal,
interpretando erradamente os teus motivos;
quando te não compreenderem e te disserem agruras,
tu puderes, nada obstante,
pensar bem e bem agir,
e continuar pensando
sempre e tão-somente
tudo o que é verdadeiro,
tudo o que é respeitável,
tudo o que é justo,
tudo o que é puro,
tudo o que é amável,
tudo o que é de boa fama,
tudo o que é virtuoso;
SE, nestes dias agitados de agitados “ismos”
— ideologismos, modernismos, ecumenismo e outros —
tu pregares firme o lídimo evangelho
— poder de Deus para a salvação do que crê —
mantendo do teu púlpito a pureza,
erguendo corações, almas remindo,
de tal modo que outros vejam Cristo em ti
— Cristo, o Caminho e a Verdade e a Vida;

SE, injuriado, jamais revidares
 ingratidão com ingratidão,
 maledicência com maledicência,
 leviandade com leviandade —
 mas perdoares, e sofreres, e esqueceres;

SE, tentado a perder o domínio,
 porque te injusticaram e te humilharam,
 tu te lembrares da lei do amor
 — o amor, o adorno desta vida,
 o amor que tudo sofre, tudo crê,
 tudo espera, tudo suporta,
 porque o amor é paciente, é benigno,
 não arde em ciúmes;
 não se ufana e não se ensoberbece;

SE, quando outros prosperarem e tu ficares pobre,
 tu te lembrares que és levita de Jeová,
 — é tua herança o ministério do Senhor;

SE, amando a igreja de que és pastor,
 mais e mais a amares,
 quer recebas compensação ou ingratidão;

SE, em sombrios sulcos do pastoreio,
 não perdes a meta da tua vocação,
 e nos dias felizes, radiantes,
 tu caminhas sempre humilde como dantes;

SE, sob a nuvem de dia
 ou a coluna de fogo
 pelas caladas da noite,
 sentes da Mão Divina o contato
 — aquela mão que te norteia o passo,
 até seres recolhido ao lar celestial;

SE, depois de teres sido sóbrio em tudo,
 e teres sofrido as aflições,
 e feito a obra de um evangelista,
 e cumprido o teu ministério,
 aguardares confiante a Sua chamada,
 e prosseguires dando o teu melhor a Cristo
 nos poucos dias que te restam ainda;
 então, dileto amigo e meu colega,
 cooperador no santo Ministério:
 terás do Senhor o justo galardão
 quando ali chegares,
 porque foste, aqui na Terra,
 um fiel ministro do evangelho,
 tu foste um Homem, meu irmão,
 e mais, tu foste UM HOMEM DE DEUS!

Almir dos Santos Gonçalves
 (Do livro *Antes de Atravessar o Rio*, CPB, 1972)

A DIFÍCIL MAS GLORIOSA VIDA DOS MINISTROS DE DEUS

Extraído de: *Cartas às Igrejas Novas* (J. B. Phillips e Antônio Fernandes. Edição Vida Nova.)

- 1 — Como cooperadores de Deus, queremos pedir-vos que não deixeis de aproveitar a graça de Deus.
- 2 — Assim diz a Palavra de Deus : “Ouvi as tuas preces num tempo aceitável, e corri em teu socorro num dia de salvação; este é o tempo aceitável, e hoje mesmo é o dia da salvação.”
- 3 — Quanto a nós, não pretendemos interpor-nos no caminho de ninguém, nem queremos desacreditar o ministério que Deus nos deu.
- 4 — O que temos é de ser autênticos ministros do Senhor, embora sofrendo muito, dissabores, calamidades,
- 5 — açoites, prisões, trabalhos, tumultos, fomes, insônias.
- 6 — Tudo arrostamos com sinceridade e paciência, embora com conhecimento perfeito, e ainda com bondade pura e o auxílio do Espírito Santo, com perfeito amor.
- 7 — Falando sempre a verdade e vivendo pela graça de Deus. A única defesa, a nossa única arma, é uma vida de integridade,
- 8 — sejamos ou não honrados, censurem-nos, ou não. Se nos apelidarem de embusteiros, falemos sempre a verdade;
- 9 — se nos considerarem seres apagados, apareçamos mais em público. Perto da morte, vivendo ainda, e embora tenhamos de suportar, por ela não seremos vencidos.
- 10 — Conhecemos a tristeza, mas é inexorável a nossa alegria. Somos pobres, mas da nossa pobreza aliviámos a miséria de muitos. Sem um centavo, é certo, mas, na realidade, nada nos falta.

PRIMEIRA PARTE

A IGREJA

1.1 — Quando Teria Surgido a Igreja de Cristo?

Não há, na Bíblia, um texto que mostre a organização da igreja como nós a conhecemos hoje. Daí a pergunta: Quando teria ela surgido?

E. G. Robinson sugere que Cristo tenha fundado a Igreja prolepticamente. Assim ele observa: “Cristo fundou uma igreja somente prolepticamente. Em Mateus 18.17, *ekklesia* não é usada no sentido técnico. A igreja é um prolongamento da sinagoga judaica, não obstante seu método e economia sejam diferentes. Houve pouca ou nenhuma organização no princípio. Cristo mesmo não organizou a Igreja. Isto foi trabalho dos apóstolos, após o Pentecostes. Contudo, o germe já existia antes. Três pessoas podem constituir uma igreja e podem administrar as ordenanças.”

As opiniões divergem quanto à organização da Igreja. Teria sido quando Cristo convocou os primeiros discípulos? Teria sido quando o colégio apostólico estava constituído? Teria sido no dia de Pentecostes? Depois?

Fisher destaca três períodos na vida da Igreja: 1) *O pré-natal*. Neste, a Igreja tem a presença corporal de Cristo ; 2) *o da infância*, quando a Igreja ainda está vivendo como que sob a tutela de Cristo, mas preparando-se para ter uma vida independente; 3) *o da maturidade*. Neste, a Igreja já tem o seu corpo de doutrinas, já possui oficiais e se mostra apta para dirigir-se.

O grande teólogo Strong é de opinião que a Igreja existia antes do Pentecostes. Deste modo, ele argumenta:

A Igreja existia em germe antes do Pentecostes. De outro modo, aqueles que se converteram não podiam ser “acrescentados” a nada (At 2.47) (adicionados). Entre os apóstolos, regenerados como eram, unidos a Cristo pela fé e nela batizados (At 19.4) sob a instrução de Cristo e empenhados em trabalhos comuns para ele, já havia os começos de organização. Havia um tesoureiro da organização (Jo 13.29), e, como um corpo, celebraram, pela primeira vez, a Ceia do Senhor (Mt 26.26-29). Para todos os efeitos e propósitos, constituíam uma igreja, embora a Igreja não estivesse ainda completamente equipada para a sua obra pelo derramamento do Espírito Santo (At 2) e pela eleição de pastores

e diáconos. A Igreja existia sem oficiais, como nos primeiros dias subseqüentes ao Pentecostes.

Realmente, a Igreja existia antes do Pentecostes, porém em forma embrionária. O Dr. Mullins, o magnífico teólogo, expõe :

A Igreja do Novo Testamento surgiu em resultado de um processo vital. Não foi constituída mecanicamente por Jesus, mediante mandamentos formais ou mediante um código legislativo, à maneira do tabernáculo do Velho Testamento. Os primeiros cristãos foram guiados pelo Espírito. A Igreja foi edificada com elementos formais e vitais. O batismo, a ceia e a organização visível eram os elementos formais, e a vida regenerada e o culto e esforços sociais eram elementos vitais. Esses elementos foram empregados a um e um, à medida que a Igreja avançava, por uma espécie de integração vital, como as células de um organismo. Nenhum deles se achava expressamente prescrito como material para edificar a Igreja. Estavam todos implícitos. O que temos no Novo Testamento é, pois, um processo espiritual construtivo, que se vai desenrolando à nossa vista. É a vida redimida e regenerada, sob a direção do Espírito de Deus, adaptando-se à sua renovada natureza ; são os homens salvos exprimindo, de um modo prático, o impulso salvador. O resultado foram a Igreja e as suas ordenanças. Ou, para expressar a mesma verdade numa linguagem um pouco diferente, era o reino de Deus atuando sob um impulso duplo, o do amor que redime e o da própria conservação. A Igreja é, por assim dizer, o expediente para a realização de ambos estes ideais do reino. O reino é como a corrente elétrica no fio telegráfico. A Igreja é como o aparelho na estação onde a corrente está localizada, onde o reino se manifesta. O reino é como a luz solar percorrendo os noventa milhões de milhas que separam o Sol da Terra, a fim de alumiar e abençoar. A Igreja corresponde às flores e frutos que a luz solar cria, para que a sua longa jornada não seja inútil. Para que os raios solares não sejam inteiramente desperdiçados, a natureza tem de manifestar-se de formas concretas e visíveis. Para que a energia do reino não resulte infrutífera, as igrejas devem reuni-la e reproduzi-la.

1.2 — A Origem do Termo Igreja

O termo igreja vem de *ekklesia*, do verbo *kalein*, que significa chamar. Entre os gregos, o termo referia-se a uma assembléia do povo regularmente convocada para algum lugar público, com o fito específico de deliberar sobre alguma coisa (At 19.32, 39, 41). É o sentido no grego clássico. Veja-se Tucídides II, 22, e Platão, Górgias.

Usavam os gregos o termo *sullogos*, que designa também uma reunião. Porém é reunião fortuita, ocasional. O termo *ekklesia*, portanto, foi o usado pelos escritores neotestamentários, porque expressa a noção de convocação, que se enquadra na finalidade da Igreja de Cristo.

Os hebreus usavam o termo *kahal*, para denotar as suas assembléias. Entre os textos em que aparece o termo, podemos citar Deuteronômio 23.1-3, Neemias 13.1 e Lamentações 1.10. A Septuaginta traduziu por *ekklesia* as expressões hebraicas *kahal Israel* ou *kahal Iahavé*, mostrando que o povo de Israel se apresentava solenemente diante de Deus.

Kahal significa a congregação total de Israel. Outras palavras que traduzem a mesma idéia de *kahal*, mas que ocorrem poucas vezes, são: *edhab*, *sibbur* e *keneseth* (sinagoga). Esta última aparece apenas uma vez.

Ekklesia significa congregação, assembléia.

Nos Evangelhos, só há três referências à Igreja. Encontram-se em Mateus 16.18 e 18.17.

1.2.1 — O uso do termo igreja

Cento e quatorze vezes ocorre o termo *ekklesia* no Novo Testamento. Somente cinco vezes o termo aparece com o sentido secular, como nos textos de Atos 7.38; 19.32,39,41; Hebreus 2.12; 12.23.

Das 109 vezes em que o termo é empregado no sentido cristão, podemos dizer que, referindo-se à igreja como um grupo de crentes, aparece 95 vezes. Nas outras 14 vezes, o sentido é universal.

1.2.2 — O reino e as igrejas

Cumprir distinguir as palavras reino e igreja. O Reino sempre existiu antes da Igreja. O Reino é invisível, consiste no domínio de Cristo na vida dos seus súditos. Mas, por ser invisível, o Reino não deixa de ser espiritual, pessoal e social.

Andrews apresenta a seguinte distinção entre o Reino e a Igreja:

- 1) A Igreja começou com Cristo; o Reino começou muito antes;
- 2) O Reino inclui todos os filhos de Deus; a Igreja se confina aos crentes no Cristo histórico;
- 3) O Reino não pertence a este mundo; a Igreja pertence a este mundo (no que tange às relações etc);
- 4) O Reino é invisível; a Igreja é visível;
- 5) O Reino não tem caráter orgânico; a Igreja é um organismo local.

1.3 — Igrejas, e Não “A Igreja”

O romanismo é o culpado pela concepção, que se arraigou no povo, de “A Igreja”, como se só houvesse uma. Para poder fundamentar o dogma do papado, o romanismo ensina que só há a Igreja Apostólica Romana. Que disparate!

À luz do Novo Testamento, no entanto, tal pretensão não acha guarida, pois são muitos os textos que mostram o uso do plural do vocábulo.

Temos referências como: “as igrejas de Cristo” (Rm 16.16), “as igrejas de Deus” (ICo 11.16; 2Co 1.1; 1Tm 3.5), “as igrejas dos gentios” (Rm 16.4), “as igrejas dos santos” (ICo 14.33), “as igrejas da Macedônia” (2Co 8.1), “as igrejas na Judéia”, (Gl 1.22) “as igrejas da Galácia” (Gl 1.2), “as igrejas da Ásia” (ICo 16.19).

Escrevendo aos gálatas, Paulo diz: “Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Não era conhecido de vista das igrejas de Cristo na Judéia” (Gl 1.21, 22).

De Romanos 16.5-15, depreende-se que mesmo em Roma havia várias igrejas. Uma seria na casa de Áquila e Priscila e outras estariam em outras partes da cidade.

Não fora costume o uso do plural (igrejas), e o autor do Apocalipse não teria escrito as suas famosas cartas “às sete igrejas que estão na Ásia” (Ap 1.4).

1.3.1 — A igreja e seus nomes

As igrejas receberam nomes de acordo com o lugar em que estavam localizadas. Desta maneira encontramos referências à Igreja de Antioquia (At 13.1; 14.26; 15.3), à Igreja de Jerusalém (At 8.1; 11.22; 15.4), à Igreja de Cencréia, que ficava num subúrbio de Corinto (Rm 16.1), à Igreja de Éfeso (At 20.17), à Igreja de Esmirna (Ap 2.8), à igreja dos laodicenses (Cl 4.16), à igreja dos tessalonicenses (1Ts 1.1; 2Ts 1.1).

1.3.2 — A organização das igrejas

As igrejas eram organizadas segundo os princípios que encontram expostos no Novo Testamento. Elas eram organizadas para funcionarem como agências do reino de Deus.

Muitas igrejas foram organizadas em casas particulares. Na casa do excelente casal Aquila e Priscila existiu uma igreja. Paulo não se esqueceu de enviar as suas palavras de saudação à mesma. Por isso escreveu: “Saudai também a igreja que está na casa deles” (Rm 16.5). Também na casa de Gaio existia uma igreja (Rm 16.23). Escrevendo aos colossenses, Paulo envia saudações a muitos e, principalmente, a Ninfas e à igreja que está em sua casa (Cl 4.15). Escrevendo a Filemom, ele faz também referência à igreja que se reúne em sua casa (Fm 2).

1.4 — A Igreja e a Sua Missão

Qualquer entidade, quando se organiza, se propõe a realizar um trabalho, uma tarefa, um objetivo. Porém a igreja não é qualquer entidade, mas a suprema entidade, a sublime organização que nosso Senhor se dignou de organizar com o fim de propagar os seus ideais salvíficos e promover os fins do reino de Deus.

A Igreja de Cristo, como organismo espiritual, realiza funções básicas que lhe dão vitalidade. Essa vitalidade espiritual surge em decorrência das funções basilares e essenciais que ela executa, tais como *adoração*, *evangelização*, *educação* e *ação benéfica*, esta expressa, principalmente, no serviço social, tão descuidado por maioria de nossas igrejas, que colocam em seus orçamentos uma quantia ínfima para a realização dessa importante missão da igreja — atendimento à obra de assistência social, que é o teste ácido para muitos crentes que só lêem e ouvem a Parábola do Samaritano, mas não conhecem nem praticam o *amor* do samaritano.

A *adoração* é a relação vertical da criatura com Deus. É o culto, é o íntimo sublimar-se, é o contato da alma com o Criador, objetivando seu crescimento espiritual. Jesus declarou à mulher samaritana, junto ao poço de Jacó: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (Jo 4.23).

A adoração a Deus, o culto que se lhe presta, não estará completo, eficiente, eficaz, se o crente não buscar a relação *horizontal*, que é, justamente, a proclamação do amor de Deus (de que ele se nutre na adoração) ao seu próximo. O moço rico cultuava a Deus, respeitava os seus mandamentos e era, perante a lei, irrepreensível. Mas o culto que prestava parecia querer atender unicamente à posição *vertical*. Por isso, Jesus o encaminhou ao *culto prático* para que ele pusesse o seu *amor* em *ação*, distribuindo com os pobres seus bens (Mt 19.16-24). Jesus queria que o moço já aprendesse que o verdadeiro culto tem em mira a *cruz*, que mostra as duas dimensões, as duas coordenadas eternas: a *vertical* (Deus descendo ao Calvário para perdoar o homem pecador) e a *horizontal* (Jesus amando o pecador, morrendo em seu lugar). Essas duas dimensões colocadas juntas formam a cruz (+), o emblema do amor. A *adoração* do moço rico só queria atingir a coordenada, a dimensão *vertical*, como fez o fariseu, no templo, que desprezou o seu próximo, o publicano, que, ao fundo do templo, humilde, se mantinha em atitude penitencial (Lc 18.9-14).

A adoração verdadeira envolve o culto interno e o culto externo. Este é prático, dinâmico.

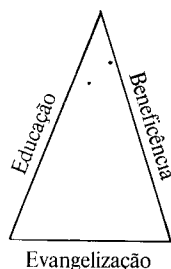
Cristo procura “adoradores que o adorem em espírito e em verdade”, e a manifestação dessa adoração verdadeira, desse culto real, se expressa em uma trilogia: *evangelização*, *educação* e *ação benéfica*, trilogia que reflete a parte do culto prático, da *praxis* teológica, em consonância com a dimensão *horizontal*.

Como decorrência do culto verdadeiro, a missão precípua da igreja é evangelizar. A evangelização é poderosa. É objetiva. É dinâmica. O sucesso das igrejas repousa no seu ardor evangelístico, no seu testemunho, na divulgação das boas-novas. A igreja compete evangelizar o mundo. Jesus ordenou: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28.19,20).

A evangelização começa na localidade onde está a igreja. Logo depois, se estende ao país e atinge outras partes do mundo. Assim a igreja está em sintonia com o que disse nosso Senhor: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra” (At 1.8).

A evangelização é feita pessoalmente, ou de dois a dois (Mt 6.7; Lc 10.1) ou em equipes, ou em campanhas (At 2.1-41). Ela pode ser realizada através do testemunho dos crentes, pelos sermões dos púlpitos, pelos cultos nas casas, nas ruas, nas praças, estádios etc.

A igreja deve usar todos os meios de comunicação que estiverem ao seu alcance: amplificador de som, rádio, televisão, videocassete, comunicação escrita, periódicos etc.



Embora seja a evangelização a principal parte da trilogia referida — base do triângulo isósceles que pode retratá-la, fundamento do dinamismo da expansão da igreja e do Reino, as outras partes não devem ser relegadas a plano inferior. Ao lado da *evangelização*, devem ir a *beneficência* e a *educação*. O ministério de Cristo foi um ministério holístico. Ele andou fazendo o bem, curando e realizando beneficência. Ele ensinou. Ele é o Mestre por excelência. Na famosa comissão entregue aos apóstolos e discípulos, ele sublinha: “Portanto ide, (...) ensinando-os (...)” (Mt 28.19).

A obra de beneficência vai ser o resultado do amor que a igreja devota aos perdidos. Será, na realidade, a prática do que ela ensinou. Realizando-a, a igreja estará ensinando aos seus membros a obra do bom samaritano, em contraste com a do sacerdote e a do levita.

Com a *ação benéfica*, o crente concretiza, materializa o que suas palavras pregaram, isto é, ele sai do campo da teoria e passa à prática; ultrapassa o idealismo e consubstancia o *kérigma*, passando a realizar boas obras porque ele é *feitura de Deus*, “criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10).

Não praticamos boas obras para a salvação. Mas, porque somos salvos, devemos praticá-las, para a honra e glória de Deus e para o bem de nosso próximo.

As igrejas devem estar engajadas neste grande ministério. Devem manter creches em suas dependências, para atender as crianças de mães que precisem trabalhar fora; devem manter o multiministério que visa a muitos objetivos, entre eles, o de evangelizar; devem manter escolas, principalmente de alfabetização; devem criar albergues

para amparar os desabrigados que vivem ao relento frio; devem providenciar alimentos para os que passam fome e roupas para os que não as têm.

A obra da educação, do ensino, é também um atestado eloqüente do poder de nossas vidas salvas. Temos que ensinar ao povo, educá-lo, doutriná-lo e prepará-lo intelectual e moralmente para ser responsável pelo desenvolvimento da pátria como bons cidadãos.

A educação, seja ela secular ou religiosa, é de responsabilidade da igreja. É verdade que ela não pode realizar sozinha essa tarefa. No que tange à educação secular, os batistas foram, em muitos lugares, no Brasil, pioneiros com suas escolas anexas, isto é, junto ao templo. Hoje podemos encontrar políticos, magistrados e pessoas da Denominação que foram alunos dessas escolas. Grandes colégios batistas, como o Colégio Batista de Belo Horizonte, com quase 8 mil alunos, como o Colégio Batista de São Paulo, Campos, Vitória, Recife, Maceió, Fortaleza, Manaus, São Luís, Rio de Janeiro, Jaguaquara, Carolina e outras dezenas estão desempenhando grande papel na instrução do nosso povo.

A igreja de Cristo deve, ardentemente, pugnar para que todos recebam a educação religiosa. A Escola Bíblica Dominical é a organização principal da igreja. Uma Escola Bíblica bem organizada, que atende aos crentes, seus filhos e aos moradores de seu bairro, pode ser uma poderosa agência de transformação moral, social, intelectual e espiritual.

O grande juiz de Direito, que atuou no Rio de Janeiro, e foi cognominado de “o bom juiz”, Dr. Eliézer Rosa, é filho do Pr. Joaquim Rosa, um dos pioneiros do trabalho batista no Estado do Rio de Janeiro. Ele tem uma página admirável sobre o valor da Escola Bíblica Dominical:

A Escola Bíblica Dominical faz vidas úteis, constrói homens, forma caracteres, instrui verdadeiramente para a vida. Alguém estudado nestas coisas algum dia escreverá com muito aproveitamento uma sociologia da Escola Bíblica Dominical. É, quanto a mim, a belíssima das instituições evangélicas. Nenhuma outra se lhe compara em resultados práticos, na preparação dos jovens para uma vida útil, fecunda e harmoniosa. É aquela escola uma saudável janela aberta sobre o mundo, da qual pode o jovem devidamente instruído ter uma visão realista da vida e precaver-se contra os males que o esperam, quando entrar em competência com os problemas do seu cotidiano social. Ela incontestavelmente prepara homens para a dura batalha do mundo. O melhor que guardo até hoje de recordações da igreja, tenho de afirmar que é devido à Escola Bíblica Dominical. Sou produto da igreja em que me criei, mas, em verdade, filho espiritual da Escola Bíblica Dominical. Orgulhosamente o digo.*

1.5 — O Que É uma Igreja Batista

1. É uma congregação local, composta de pessoas regeneradas e batizadas que, voluntariamente, se reúnem sob as leis de Cristo, e procuram estender o Reino de Deus não só em suas vidas, mas nas de outros.

2. Cristo é o cabeça e seu único chefe supremo.

3. Em matéria de fé e prática, a igreja se subordina, unicamente, às Santas Escrituras.

4. Uma igreja é absolutamente livre e independente, não se sujeitando hierarquicamente, ou de qualquer outra forma, a nenhuma organização denominacional.

5. Uma igreja batista é completamente competente para dirigir seus próprios atos e ações de acordo com os ensinamentos de Cristo.

6. O governo da igreja é democrático. Cabe à congregação julgar os seus próprios atos.

7. A igreja é essencialmente separada do Estado, em virtude de seu caráter e de suas funções espirituais.

8. Todos os membros possuem direitos e privilégios iguais.

9. Cada cristão é o seu próprio sacerdote.

10. Cada cristão tem completa liberdade de consciência.

11. Uma igreja batista não possui sacramentos, mas aceita o Batismo e a Ceia como ordenanças.

12. O pastor e os diáconos, como oficiais bíblicos, não têm autoridade sobre a igreja, a não ser aquela da sua vida moral ilibada. Eles são despenseiros, servos da própria igreja.

1.6 — Algumas Doutrinas Distintivas dos Batistas

1.6.1 — A soberania de Cristo

Os batistas não se fundamentam em credos, embora reconheçam neles valor, mas se fundamentam na absoluta autoridade de Cristo. Nossa base é: “Jesus Cristo é Senhor” (Fp 2.10,11). Ele é o cabeça da Igreja. A Igreja, que é o seu corpo, se subordina a Cristo; a mais ninguém.

1.6.2 — A autoridade e a suficiência da Palavra de Deus

Os batistas aceitam o Novo Testamento como sua única regra de fé e prática. Nós não apelamos para qualquer autoridade eclesiástica, em matéria de doutrina ou prática, mas unicamente fazemos a pergunta escriturística: “Que diz a Escritura?” (Rm 4.3). Só nos baseamos no que a Bíblia ensina. Ir além disso é trair a Cristo. Conhecer a Bíblia, encarná-la e aplicá-la à vida pessoal é o dever de cada crente. Nenhuma autoridade religiosa, por mais competente que seja, pode tomar o lugar da autoridade que é a Palavra de Deus revelada na Bíblia.

1.6.3 — A competência de cada alma

Crêem os batistas que cada pessoa é competente para aproximar-se de Deus, não necessitando de intermediários humanos, pois a Bíblia diz: “Porque há (...) um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5). Esta doutrina condena o batismo infantil, a crença por procuração etc, e se coaduna com a Bíblia, que diz: “(...) cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12). Alguns inventaram a doutrina da transferência ou procuração, pela qual alguém pode, na terra, interceder pelo homem junto a Deus e perdô-lo. Isso é invencionice. Cada crente é, perante Deus, o seu próprio sacerdote, não necessitando de intermediário.

1.6.4 — A igreja se compõe de pessoas convertidas

O requisito essencial para que alguém se torne membro de uma igreja batista é a sua regeneração. O Novo Testamento nos ensina que os membros das igrejas primitivas ouviam as boas-novas, arrependiam-se dos seus pecados, de bom grado

* ROSA, Eliézer. *Hora Sexta em Sicar*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970, p. 41.

aceitavam a Palavra de Deus, sendo batizados e tornando-se membros da igreja: “E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos” (At 2.47).

1.6.5 — A igreja é uma democracia

Todos os membros de uma igreja batista têm os mesmos privilégios, os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades. A igreja é que julga os seus próprios atos, estando sujeita unicamente a Cristo.

1.6.6 — O simbolismo das ordenanças

O batismo e a ceia não são sacramentos, mas apenas ordenanças. Estas ordenanças não conferem atos de graça. Assim como o batismo simboliza o começo da vida cristã, a inauguração pública, a ceia simboliza a sua continuação.

1.6.7 — O batismo é administrado só a crentes

O batismo só é administrado àquelas pessoas que nasceram de novo. De acordo com a Bíblia, só eram batizados os que criam e confessavam os seus pecados. Diz Atos 8.12 que os homens e mulheres “quando creram (...) batizavam-se (...)”. Uma criancinha não tem capacidade para crer. Por isso, é um erro *batizá-la*, ou melhor, *aspergi-la*, pois água na cabeça não é *batismo*.

1.6.8 — Somente a imersão é batismo

Os batistas não são intransigentes, mas são coerentes com o que a Bíblia ensina. Muitos são os exemplos escriturísticos sobre a imersão. Eles não deixam margem a outras interpretações. Jesus foi batizado *em água* (Mt 3.16). O eunuco foi batizado *em água* (At 8.38). João, apelidado “o Mergulhador” (o Batista), dizia: “(...) vim batizando *em água*” (Jo 1.31). A Bíblia diz que ele batizava também em Enom, perto de Salim, porque havia ali *muitas águas*; e o povo ia e era batizado (Jo 3.23). Além dos exemplos citados, temos ainda o argumento do simbolismo. O batismo simboliza morte e ressurreição (Rm 6.4,5).

1.6.9 — A ceia do Senhor

A ceia é um *memorial*, de acordo com o que Cristo disse e de acordo com o que se acha em ICoríntios 11.25: “Fazei isto, (...) em memória de mim”.

De modo algum ela é eucaristia ou sacramento. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira define: “Eucaristia (*eucharistia*), s.f. Um dos sete sacramentos da Igreja Católica, no qual Jesus Cristo, segundo a crença, está presente, sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade.” As teorias da transubstanciação, consubstanciação e presença mística não encontram base bíblica.

Ao celebrarmos a ceia, estamos nos lembrando do amor e da morte vicária de Cristo no Calvário, ao mesmo tempo que podemos renovar-lhe nosso amor e lealdade.

1.6.10 — Perseverança e preservação

Crêem os batistas que os crentes verdadeiros perseverarão, pois estão guardados pelo poder de Deus e sabem em quem têm crido e estão certos de que ele é poderoso para guardar o seu depósito até o dia final (2Tm 1.12).

Mesmo que alguns sejam tentados e caiam no pecado, nele não permanecerão, “porque sete vezes cai o justo, e se levanta” (Pv 24.16). Jó diz que “(...) o justo prossegue no seu caminho” (Jó 17.9).

1.6.11 — Absoluta liberdade religiosa

A liberdade tem sido um troféu dos batistas através dos séculos. A sua luta tem sido notável. George Brancroft assim se refere: “A liberdade de consciência, a liberdade absoluta, foi, desde o princípio, um troféu dos batistas.”

A primeira pura democracia do mundo foi organizada por Roger Williams, em 1643. Ele viera da Inglaterra para a Nova Inglaterra, em busca de liberdade religiosa, porque em sua pátria havia muita intolerância em matéria de religião.

Antes de Roger Williams, já tinham ido para a Nova Inglaterra puritanos que buscavam a mesma liberdade que ele. Porém, tendo chegado à Nova Inglaterra em 1631, Roger Williams logo teve que enfrentar o mesmo problema, porque os puritanos adotavam o princípio de uma Igreja oficial do Estado. Como se opusesse tenazmente a esta doutrina política, Roger Williams foi preso, julgado pelo tribunal de Boston e condenado ao desterro em 1635.

Roger Williams não desanimou e, em 1638, fundou uma colônia em Rhode Island, que recebeu o significativo nome de *Providence*. Os fundadores da nova colônia, que viria a manter a liberdade religiosa e de consciência para todos, assinaram o seguinte pacto:

Nós, cujos nomes estão abaixo assinados, querendo habitar na cidade de Providence, prometemos submeter-nos em obediência ativa e passiva a todas as ordens das agências que se estabelecerão para o bem público da corporação, da ordem, pelo consentimento da maioria dos habitantes presentes, chefes de famílias, incorporados na municipalidade, e tais outros que admitirão na mesma, *somente em coisas civis*.

Coube, pois, a Roger Williams, um batista, fundar o primeiro governo do mundo com o princípio de liberdade para todos.

1.7 — Requisitos Para Ser Membro de uma Igreja Batista

Três são os requisitos que qualquer pessoa precisa preencher para ingressar numa igreja batista:

1.7.1 — Requisito espiritual

O candidato deve dar provas de que realmente é regenerado pelo poder de Deus. Ele precisa ser convertido, e não somente convencido. A mensagem de João e de Cristo era: “*Arrependei-vos*” (Mt 3.2), mudai de mente, de pensar.

1.7.2 — Requisito social

É preciso que o candidato à *membresia* ou a membro da igreja se apresente perante esta mostrando-se desejoso de entrar no seu rol. Após o exame, que será feito publicamente, concernente à sua crença, à sua fé, a igreja decidirá sobre sua aceitação ou não. Toda pessoa é livre para pertencer ou não à igreja, como a igreja também é livre para aceitar ou rejeitar qualquer candidato ao batismo.

Na aceitação de um novo membro exige-se unanimidade. Se houver um voto contrário, o candidato não será aceito. Se o oponente à aceitação do candidato não

tiver razão para impugnar a entrada do postulante a membro da igreja, esta poderá desprezar o seu voto e aceitar o candidato, não deixando, porém, de exortar o oponente quanto à sua atitude.

1.7.3 — Requisito formal

Os batistas não são ritualistas. Têm apenas duas ordenanças. Se elas podem ser consideradas como ritos, então o neoconverso, para filiar-se à igreja, precisa preencher o *requisito ritual* ou formal, isto é, precisa submeter-se ao batismo, como o fez Jesus (Mt 3.13-17).

1.7.4 — Outras maneiras de filiar-se à igreja

As igrejas batistas adotam ainda outras maneiras de admissão em seu rol de membros (se já tiverem sido preenchidos os requisitos acima aludidos):

1.7.4.1 — Carta de transferência

Um crente, quando se muda de uma cidade para outra, ou mesmo de lugar, na mesma cidade, deve, para pertencer a outra igreja batista, solicitar a sua “Carta de Transferência”. Esta regula o intercâmbio de membros entre as igrejas.

A carta de transferência deve ser mandada diretamente à igreja solicitante, a fim de evitar-se a anomalia de crentes receberem cartas de transferência e ficarem com elas “no bolso”. É um erro que deve ser evitado.

A principal razão por que um membro não deve levar a sua carta de transferência em mãos é esta: ele pode acostumar-se com ela “no bolso” e ficar visitando igrejas aqui e ali, como e quando desejar. A igreja não terá mais qualquer controle sobre sua vida espiritual. Ele poderá ir perdendo a espiritualidade, deixará de dar o dízimo e sua família poderá ir se esfriando na fé e ir adquirindo hábitos mundanos, principalmente quando se mudam do interior para as grandes metrópoles.

Por que deve a carta de transferência ser enviada diretamente à igreja à qual o membro pretende filiar-se?

1. A carta de transferência regula o intercâmbio fraternal entre as igrejas batistas da mesma fé e ordem.

2. A carta de transferência é um método de cortesia entre as igrejas.

3. A carta de transferência não pertence ao membro, mas à igreja.

Qualquer membro, em plena comunhão com a igreja, tem o direito de solicitar sua transferência para outra igreja da mesma fé e ordem quando julgar conveniente, e a igreja tem o dever de enviar à igreja à qual o membro deseja se unir a carta de transferência, que é o documento que o apresenta à coirmã como crente que tem estado em plena comunhão com ela até aquela data. A carta de transferência não passa de uma *recomendação*, de um atestado de idoneidade moral e espiritual, para que o crente seja aceito noutra igreja da mesma fé e ordem.

1.7.4.2 — Reconciliação

Uma igreja aceita, por reconciliação, a pessoa excluída quando se verifica que, de fato, está plenamente restaurada e que nada há que a impeça de voltar à comunhão.

1.7.4.3 — Declaração ou aclamação

Esta forma de recebimento de membro de igreja só é empregada em casos especiais, como, por exemplo, quando uma igreja já se dissolveu ou quando, após solicitar, por mais ou menos um ano, a carta de transferência a alguma igreja que se ache localizada em lugar bem distante, não obtiver nenhuma resposta.

1.7.5 — Cancelamento de membros

O cancelamento de membros do rol de membros pode ser feito quando ocorrer um dos casos seguintes:

a) *Por exclusão*. A exclusão demonstra que a igreja zela pelo seu corpo e tem uma disciplina bíblica.

b) *Por morte*. Ao morrer, o crente deixa de pertencer à igreja militante aqui na terra e vai incorporar-se à igreja celestial.

c) *Por transferência* para outra igreja batista da mesma fé e ordem.

1.8 — O Que a Igreja Deve a Seus Membros

1. *Amor* — Todos os membros de uma igreja devem se amar mutuamente.

2. *Oração* — Devem os crentes se aplicar à oração intercessória.

3. *Instrução* — A igreja foi constituída para ensinar e doutrinar aqueles que dela fazem parte.

4. *Fortalecimento e compreensão* — Cada crente está sujeito a falhas. Por isso, a igreja deve tratar o irmão com brandura e ajudá-lo a fortalecer-se na fé.

5. *Auxílio* — Os membros da igreja devem se auxiliar mutuamente nas doenças, nas dificuldades financeiras etc.

6. *Laços de fraternidade* — A igreja deve se preocupar em manter e desenvolver os laços da unidade entre seus membros (Rm 12.18; 14.19; Ef 4.3; 1Ts 5.13).

1.9 — O Que um Membro Deve à Sua Igreja

Entre as responsabilidades e deveres do crente para com a sua igreja, destacamos os seguintes:

1. *Lealdade* — O membro deve ser leal à igreja a que pertence, não deixando de cooperar com seus trabalhos.

2. *Generosidade* — O crente deve ser um contribuinte generoso, indo além do dízimo.

3. *Serviço* — O membro de igreja deve ser laborioso e infatigável, pois deve estar empenhado na realização do maior e melhor serviço deste mundo.

4. *Amor* — Eis a chave do sucesso da vida do crente e da igreja. Impulsionado pelo legítimo amor, o crente terá uma igreja poderosa.

5. *Oração* — O crente deve manter uma vida de oração em favor da igreja, dos perdidos e de si próprio.

1.10 — Forma de Governo da Igreja

Durante os séculos, surgiram várias formas de governo de uma igreja, mas todas elas carecem de base bíblica. Vejamo-las:

1.10.1 — O tipo monárquico

Este é o tipo de governo seguido pela Igreja Romana. Aceita como seu chefe supremo o papa, que, falando *ex-cathedra*, é infalível. Pobre infalibilidade! As decisões são tomadas pela hierarquia e o povo só tem que ouvir e obedecer. É famosa a frase *Roma locuta est, causa finita est*, isto é, Roma falou, está falado.

1.10.2 — O tipo episcopal

Várias denominações adotam este tipo de governo. É o bispo que tem a autoridade de administrar todas as coisas na igreja. As denominações principais que adotam este tipo de governo são a Episcopal e a Metodista.

1.10.3 — O tipo oligárquico

Um pequeno grupo, uma elite, controla toda a congregação. Os membros não se pronunciavam sobre os assuntos que cabem a todos discutir. São os presbíteros que governam a igreja.

1.10.4 — A forma bíblica

Os batistas adotam a forma de governo congregacional, que é encontrada na Bíblia. Ninguém é chefe. Ninguém manda. À congregação cabe o direito de gerir os seus negócios dentro da pura democracia. Em suas relações para com Deus, a igreja é uma teocracia. Em suas relações para com seus membros, é uma democracia. São os crentes que decidem, em assembleias, respeitam a decisão da maioria e aceitam a decisão da igreja como a ação final.

Todos os membros têm direitos iguais. Os oficiais eleitos pela igreja apresentam-lhe relatórios de suas atividades quando solicitados e todos podem opinar sobre eles.

1.11 — Funções Congregacionais da Igreja

A igreja como uma congregação aceita e elimina membros de sua comunhão através do voto.

Em 2Coríntios 2.6,7, temos uma prova de como a igreja executava a sua disciplina. Pelo voto da maioria, foi excluído um membro da comunhão. Com sabedoria, Paulo, verificando que o excluído se arrependera, exorta a igreja a perdoar-lhe a ofensa e a restaurá-lo.

É a igreja quem decide. Não é um grupo. É a congregação reunida que vota, decide e julga. A igreja é o juiz de seus membros. Não há nenhuma outra corte de apelação. Ela é a última. Jesus declarou, enfaticamente: “Tudo quanto ligares na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligares na terra será desligado no céu” (Mt 18.18).

Quando os apóstolos sugeriram aos crentes que escolhessem homens para cuidarem da obra, eles procederam como lhes foi sugerido e escolheram, pelo voto, os sete varões que ficaram conhecidos como os primeiros diáconos (At 6.2-5).

1.12 — As Funções do Governo

Na igreja existem as três funções: legislativa, executiva e judicial. A função legislativa, nas igrejas, compete só a Cristo. Seus ensinamentos estão contidos em o Novo Testamento. É ele o único capaz de legislar para suas igrejas.

A função executiva é exercida pelo ministro, que, investido da autoridade que a igreja lhe outorgou, com a imposição das mãos, realiza todos os atos oficiais e preside os trabalhos em geral. Quando a igreja toma deliberações congregacionais, ela está também exercendo a autoridade executiva.

À igreja compete a função judicial. É ela quem admite e demite membros, quem julga faltas dos membros e quem reconcilia os eliminados que se restauram. Toda autoridade judicial compete somente a ela.

1.13 — Disciplina Eclesiástica

1. Nos tempos apostólicos a disciplina eclesiástica era muito rígida, haja vista o caso de Ananias e Safira e do incestuoso de Corinto, além de outros (At 5.1-11; 1Co 5.1-6).

2. Três são as leis que devem orientar a vida dos discípulos:

- 1) A lei do amor;
- 2) A lei da confissão de faltas;
- 3) A lei do perdão.

O Mestre exortou-nos a que devíamos *amar* uns aos outros (Jo 15.12), a que devíamos *confessar* nossas faltas antes de querermos prestar-lhe culto (Mt 5.24,25) e a que *perdoássemos* aos que nos ofendem (Lc 17.3,4).

3. Há duas espécies de ofensas:

- 1) *Ofensas particulares*
- 2) *Ofensas públicas*

As *ofensas particulares* devem ser tratadas de acordo com o que Jesus disse em Mateus 5.23,24; 18.15,16. No primeiro passo bíblico referido, Cristo disse: “Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta.” Já no segundo passo bíblico aludido, Jesus declara: “Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada.”

4. Quanto às *ofensas públicas*, o modo de tratá-las se encontra em 1Coríntios 5.3-5 e em 2Tessalonicenses 3.6. O incestuoso de Corinto não poderia ficar na igreja, participando da comunhão. Isso seria uma aberração. Deixar no seio da igreja um membro que cometeu tal ofensa pública seria comprometer o seu caráter. Por isso, Paulo escreveu: “Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que cometeu este ultraje. Em nome de nosso Senhor Jesus, congregados vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus.” Mas a norma apostólica é bem rígida. E só assim poderia ser mantida a pureza nas igrejas. Escrevendo aos tessalonicenses, Paulo exorta-os: “Mandamo-vos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebestes” (2Ts 3.6).

1.13.1 — O valor da disciplina

A disciplina visa a manter a igreja dentro da pureza apostólica. Sem disciplina, ela vai se tornando, dia a dia, corrompida. Há muitas igrejas que não exercem disci-

plina entre seus membros. Há uma grande frouxidão. Resultado: a vida espiritual cai. Se não se cuidar, estará fadada a receber a mesma repreensão que sofreu a igreja em Laodicéia (Ap 3.14-22). Em muitas igrejas, Jesus já está do lado de fora, batendo à porta e dizendo: “(...)se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Ap 3.20).

1.13.2 — Tipos de disciplina

Disciplina é uma palavra que se origina do latim e significa “ação de instruir, educação, ensino”. A função da igreja é ensinar. Uma igreja disciplinada é uma igreja instruída, educada, ensinada.

1.13.2.1 — A disciplina formativa

O neoconverso entra para a igreja como uma criança entra para a escola. Precisa de tudo: apoio, cuidado, instrução e amor. Os crentes recebem a disciplina formativa através das pregações, das exortações, dos estudos, através da Escola Bíblica Dominical, da União de Treinamento etc. Esta disciplina tem a finalidade de formar o caráter e a consciência dos crentes. Pecam as igrejas que não propiciam esse tipo de disciplina aos seus membros.

1.13.2.2 — A disciplina corretiva

Todos os crentes estão sujeitos a falhas. Quando alguém incide em algum erro ou em algumas falhas, deve ser corrigido. Paulo expõe esta obrigação nestas palavras: “Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal (...)” (Gl 6.1).

Ao aplicar a disciplina correccional, a igreja deve fazê-lo com mansidão e brandura. Alguns crentes, quando compõem uma comissão para falar com um irmão faltoso, ao invés de ganhá-lo, de restaurá-lo, o afastam ainda mais da igreja. É que o espírito com que vão tratar com o faltoso é de superioridade, e, às vezes, meio farisaico. Paulo recomenda que aquele que foi surpreendido nalguma ofensa seja encaminhado pelos “espirituais” com espírito de mansidão. E Paulo vai além, dizendo: “(...) e olha por ti mesmo, para que também tu não sejas tentado” (Gl 6.1).

Alguns crentes não podem fazer parte de uma comissão de membros, porque só pensam em olhar para o “argueiro no olho do irmão”. Mas Jesus diz: “Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mt 7.4,5).

Há muitos pecados que devem ser corrigidos. Alguns não parecem de grande dano e, no entanto, causam grande embaraço à obra do Senhor. Um desses pecados é a *avareza*:

Paulo exorta: “Mas a prostituição, e toda impureza ou *avareza*, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos” (Ef 5.3). Escrevendo aos colossenses, Paulo afirma que a *avareza* é *idolatria* (Cl 3.5). Ora, o Reino de Deus requer um coração largo. A avareza produz um coração fechado. O espírito de avareza está ligado à idolatria, porque o homem faz de seu dinheiro o seu deus e não vê a Causa, não vê o progresso do Reino de Deus.

Outro pecado grave que precisa ser corrigido é o da *maledicência*. Tiago profliga ardorosamente este pecado (Tg 3.1-11). Compara a língua a um fogo. Há crentes incen-

diários. Com a língua incandescente pelo fogo da maledicência, provocam uma fogueira na igreja, que só a muito custo é apagada. Há muitos vivos-mortos, pois foram mortos moralmente por alguns maledicentes.

Outros pecados, como o espírito faccioso, a inveja, o orgulho, o mundanismo etc, precisam ser corrigidos. Não pode haver complacência.

1.13.2.3 — A disciplina cirúrgica

Os médicos amputam as partes do corpo que o estão prejudicando. É melhor perdê-las do que deixar que todo o corpo fique deteriorado. O mesmo ocorre com a igreja. Ela é um corpo, e se um membro está sendo um perigo para a sua saúde espiritual, deve ser cortado. Quando os pecados trazem escândalo e ofensas públicas à moral, a igreja não deve mostrar complacência. Excluir é o caminho. Aplicando a disciplina, a igreja demonstra que ama o irmão e não pactua com o pecado.

1.14 — Como Organizar uma Igreja

1.14.1 — Do método

1. Evitar, o quanto possível, organizar em igrejas grupos facciosos.
2. Evitar insinuar ou mesmo orientar a se organizar em igreja congregações, pontos de pregação, membros esparsos de outras igrejas etc.
3. Igrejas sem pastor e que desejam promover a organização em igreja de alguma congregação sua devem convidar um obreiro experimentado para orientá-las.
4. A organização de uma igreja pode se verificar quando uma congregação já se acha bem doutrinada e tem capacidade administrativa e econômica para se dirigir.

1.14.2 — Do concílio

1.14.2.1 — Sua convocação

Um concílio não tem outra função que a de dar conselhos a uma igreja e é composto de igrejas batistas. Para se proceder à convocação de um concílio, os seguintes passos são aconselháveis:

a) Escrever cartas às igrejas vizinhas, convidando-as a se fazerem representar para a formação do concílio. Na carta devem estar bem claros o nome da congregação, o local, a data e a hora.

b) Publicar um edital ou convocação nos órgãos regionais, no estadual ou no nacional, com as mesmas informações do item *a*. A igreja que se quiser fazer representar pode convocar uma sessão extraordinária (caso não haja tempo para esperar a sessão regular) e nomear o seu pastor (se o tiver) e outros membros para a representar no concílio convocado. Deverão ir munidos de uma carta assinada pelo pastor e pelo secretário, declarando que foram nomeados pela igreja para tomarem parte no dito concílio.

1.14.2.2 — Sua constituição e atribuições

1. Constituirão o concílio membros de igrejas batistas que estejam credenciados para tanto.

2. As igrejas representadas, após a abertura, escolherão o presidente, o secretário, o examinador geral (ou examinadores), o responsável pela oração de organização, o responsável pela leitura do Pacto, o responsável pelo sermão à novel igreja.

3. O secretário do concílio procederá, então, à chamada dos membros organizandos. Estes poderão responder simplesmente *Presente* ou com um versículo bíblico.

4. O presidente concederá a palavra ao examinador, para realizar a sua tarefa. Será sempre bom que os organizandos se sentem juntos em um lado do templo, bem na frente. O exame deverá versar principalmente sobre os seguintes assuntos: conceito de igreja batista, a natureza congregacional de uma igreja; ministro, governo, ordenanças e o código de uma igreja batista; requisitos para admissão em uma igreja, métodos de admissão e demissão, dependência e interdependência de uma igreja, disciplina etc. Se a congregação não souber responder às perguntas sobre os tópicos citados, melhor será aconselhá-la a adiar a organização.

5. Feito o exame, o presidente submete o assunto à apreciação do concílio, a fim de que os conciliares se manifestem se recomendam ou não a organização. Se for possível, seguir-se-ão as demais partes.

6. Tendo o concílio votado aprovar a organização da congregação em igreja, o presidente transmite aos organizandos essa decisão e indaga deles se ainda persistem no desejo de se organizarem em igreja. Sendo afirmativa a resposta, o presidente, após proposta aprovada, declarará, em nome da Trindade, organizados em igreja os ditos irmãos e convidará para fazer a oração consagratória a pessoa que tiver sido escolhida para isso.

7. Poderá haver um hiato no concílio, se o grupo quiser escolher nesse mesmo dia o nome para a igreja, sua diretoria ou somente o pastor. O presidente declarará suspensos, por alguns minutos, os trabalhos do concílio, enquanto a parte referida é realizada.

8. Minutos depois, o presidente reabrirá os trabalhos.

9. Ouve-se o discurso de entrega da Bíblia. Deve ser breve, porém pensado.

10. Procede-se à leitura do Pacto das Igrejas Batistas, estando os componentes da novel igreja de pé e acompanhando a leitura. Finda a mesma, o presidente do concílio perguntará se aqueles irmãos estão dispostos a cumprir fielmente aquele pacto. Aqui, ou no final do programa, poderá ser cantado o hino “O Estandarte” (n.º 456 do *Cantor Cristão*).

11. Segue-se o sermão. Há casos em que é nomeada uma pessoa para dar conselhos à recém-organizada igreja, além daquela que deverá entregar o sermão oficial. Entretanto, uma só poderá ser suficiente, pois a escolhida pelo concílio deve ser capacitada para proferir sermão que atinja as finalidades do momento.

12. Finda esta parte, o presidente declarará dissolvido o concílio.

13. Com música por um conjunto, pelo coral ou pela congregação, e com os agradecimentos de praxe e a bênção apostólica, encerram-se os trabalhos.

1.15 — Roteiro Para a Organização de uma Igreja Batista

1.15.1 — Abertura Preliminar

1. Cânticos
2. Oração
3. Leitura Bíblica
4. Oração

1.15.2 — Organização do concílio

1. O secretário da igreja fará a chamada das igrejas representadas.
2. Verificando o número de igrejas representadas e o número de mensageiros, o pastor fará comunicação do fato ao plenário.
3. Será apoiada proposta para a organização do concílio.
4. Será eleita a diretoria do concílio, dela constando os seguintes cargos e procedimentos:
 - 1) Presidente
 - 2) Secretário
 - 3) Examinador
 - 4) Oração em favor da organização
 - 5) Leitura do Pacto
 - 6) Entrega da Bíblia
 - 7) Sermão oficial
5. O secretário fará a chamada dos irmãos portadores de carta de transferência.
6. O examinador realizará sua parte.
7. Outros pastores, diáconos e quaisquer irmãos poderão, se o quiserem, fazer perguntas à congregação.
8. O coro cantará.
9. Finda esta parte, de acordo com a palavra do examinador, o presidente ouvirá a decisão do concílio, aprovando ou não a organização em igreja da congregação que acaba de ser examinada.
10. O presidente transmitirá aos irmãos organizandos a decisão do concílio. Se essa for favorável, perguntar-lhes-á se ainda insistem em querer se organizar em igreja.
11. Após a proposta apoiada, o presidente declarará organizados em igreja os ditos irmãos, em nome da Santa Trindade, e chamará para orar a pessoa para isso escolhida.
12. O coro cantará.

1.15.3 — Um hiato do concílio

1. O presidente declarará suspensos, por alguns minutos, os trabalhos do concílio, enquanto a nova igreja escolhe sua diretoria, ou, se assim quiser, somente o seu pastor.

1.15.4 — Reabertura dos trabalhos do concílio

1. Ouve-se o discurso de entrega da Bíblia.
2. A leitura do Pacto das Igrejas Batistas é feita.
3. O sermão é entregue à novel igreja.

São feitos os agradecimentos de praxe e os avisos.

1.15.5 — Dissolução do concílio

1. Coro
2. Bênção Apostólica

1.16 — Pacto das Igreja Batistas

Tendo sido levados, como cremos, pelo Espírito de Deus, a aceitar o Senhor Jesus Cristo como nosso único e suficiente Salvador, e, tendo sido batizados, sob a nossa fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora, na presença de Deus, dos anjos e desta congregação, muito solene e alegremente, entramos no seguinte pacto, como um corpo em Cristo.

Comprometemo-nos, com o auxílio do Espírito Santo, a andar juntamente no amor cristão; a trabalhar para o progresso desta igreja, no conhecimento, na santidade, no conforto e na espiritualidade; a sustentar os seus cultos, suas doutrinas, suas ordenanças e a sua disciplina; a contribuir liberal e regularmente para o sustento do ministério, para as despesas da igreja, para o auxílio dos pobres e para a promoção do evangelho em todas as nações. Comprometemo-nos, também, a manter uma devoção particular e familiar, a educar religiosamente os nossos filhos, a procurar a salvação de todos, especialmente dos nossos parentes, amigos e conhecidos; a ser corretos em nossas transações, fiéis em nossos compromissos e exemplares em nossa conduta; a ser industriais nos trabalhos seculares, a evitar a detração, a difamação e a ira e a ser zelosos em nossos esforços para estender o reino do nosso Salvador.

Além disso, comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros; a lembrar-nos uns dos outros nas orações, a ajudar uns aos outros nas enfermidades e nas necessidades; a cultivar as relações francas e a delicadeza no trato; a não sentir logo as ofensas, mas a estar sempre prontos a perdoá-las e a buscar, quanto possível, a paz com todos os homens.

Finalmente, comprometemo-nos, quando sairmos deste lugar para outro, a unir-nos a uma outra igreja, da mesma fé e ordem, em que possamos observar os princípios da Palavra de Deus e o espírito deste pacto.

O Senhor nos abençoe e proteja, para que possamos ser fiéis e sinceros até a morte. Amém.

1.17 — A Simplicidade das Igrejas Apostólicas

As igrejas apostólicas viviam uma vida de simplicidade. Os crentes esperavam a volta iminente de Cristo. Viviam nessa atmosfera. Chegaram a criar uma comunidade de bens, pois “todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos. E se repartia a qual-quer um que tivesse necessidade” (At 4.34,35).

Este tipo de “comunismo” é muito diferente daquele que foi imposto pela União Soviética. E as razões são simples: 1) ele não era para todos, senão para a igreja somente; 2) não era compulsório, mas surgiu espontaneamente, pois cada um distribuía de acordo com os seus sentimentos; 3) ele serviu para um período de emergência ou crise em Jerusalém. Foi, portanto, temporário. Afora o texto de Atos, não se fala mais em tal comunidade na Bíblia. Crê-se que foi logo abolido o costume. Ele não é encontrado em nenhuma outra igreja, nem mesmo sob outra forma.

O princípio da ajuda mútua, de socorros em necessidade, não deixou de ser praticado (At 11.29; ICo 16.3).

Os cultos eram realizados sem qualquer ritualismo. Os crentes viviam sob a inspiração do Espírito Santo, de modo que tudo era feito com o máximo de simplicidade.

O Dr. Step escreve:

Os cultos consistiam de reuniões em casas, subterrâneos, sinagogas, ao ar livre, numa floresta e nas catacumbas. As igrejas não possuíam locais construídos para o culto cristão até o tempo do imperador Décio, cerca de 250 d.C. Os trabalhos eram muito simples. Constituíam-se do cântico dos hinos da fé cristã, duma leitura do Antigo Testamento, dos livros que possuíam do Novo Testamento e de oração. Os cultos da igreja primitiva eram despojados de todo ritualismo. Não obstante, nos séculos posteriores, se desenvolveram, em torno do Batismo e da Ceia do Senhor, algumas cerimônias, criadas sem dúvida como resultado de influências pagãs. Entre os demais dias de culto, o domingo veio a ser o dia principal dos cultos cristãos antes do fim do primeiro século.

1.18 — As Duas Mais Importantes Igrejas dos Tempos Apostólicos

Cada igreja, nos tempos apostólicos, realizou a sua missão, sendo que umas se distinguiam mais que outras. Entre as igrejas do período apostólico, podemos fazer referência à localizada em Jerusalém e à de Antioquia.

1.18.1 — A igreja em Jerusalém

Esta foi a igreja-mãe. Se o Novo Testamento ensinasse a doutrina de uma hierarquia, então a sede do papado deveria ser Jerusalém, e não Roma. A igreja em Jerusalém apresenta fatos, circunstâncias e desenvolvimento eclesiológico de maior relevância do que as igrejas em Roma.

Teria iniciado com os *doze*? Em pouco tempo o número cresceu para 120 (At 1.15). E, 50 dias após a ressurreição de Cristo, já eram 3 mil (At 2.41). Não muito depois, com o ardor evangelístico, já eram mais de 5 mil (At 4.4). Quando se deu a prisão de Paulo em Jerusalém, o número dos crentes já ia a dezenas de milhares (At 21.20).

O autor chega a afirmar que foi a mais de 50 mil o número de crentes daquela igreja. Do trabalho evangelístico deles teriam surgido as igrejas de Samária, da Galiléia e de Damasco (Gl 2.9).

Eram os apóstolos que dirigiam a comunidade no princípio. Mais tarde, Tiago se tornou a figura mais proeminente da igreja em Jerusalém (At 15.13).

1.18.2 — A igreja em Antioquia

Antioquia da Síria era a capital proconsular da província. A igreja de Antioquia foi o fruto do trabalho dos cristãos hebreus helenizados que foram dispersos em virtude da perseguição que sucedeu por causa de Estêvão (At 11.19).

O cronista evangélico Lucas comenta: “Havia, porém, entre eles alguns ciprios e cirenenses, os quais, entrando em Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles, e grande número creu e se converteu ao Senhor” (At 11.20,21).

Antioquia foi o berço do trabalho entre os gentios. Foi ali que os “discípulos pela primeira vez foram chamados cristãos” (At 11.26). Foi de lá que partiu o grande surto missionário entre os gentios (At 13.1-52).

Foi lá também que surgiu o conflito entre os cristãos acerca do rito mosaico (At 15).

Nessa igreja vemos claramente aplicado o princípio da autonomia. Ela não consultou a igreja em Jerusalém sobre o envio de missionários aos gentios, mas, obediente ao Espírito Santo, enviou Barnabé e Saulo (At 13.1-13) a outras terras.

Outro fato que demonstra sua independência foi o seu protesto contra os que tinham descido da Judéia e ensinavam aos irmãos: “Se não vos circuncidardes, segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15.1.)

O exemplo dessa igreja, convocando a assembléia de Jerusalém (um concílio) para tratar a respeito do rito mosaico, é importante.

Lendo-se todo o capítulo 15 de Atos dos Apóstolos, verifica-se que o Concílio de Jerusalém foi utilíssimo não só àqueles crentes, mas até para nós, hoje.

1.19 — Aliança Batista Mundial

A Aliança Batista Mundial, fundada em 1905, em Londres, é uma associação voluntária, através da qual os batistas de todo o mundo operam juntos para o cumprimento da grande comissão.

Ela se reúne de cinco em cinco anos, e a ela estão filiados mais de 150 convenções batistas. É um organismo que não tem qualquer ingerência nas convenções nem nas igrejas, de qualquer modo. Sua finalidade precípua é trazer os batistas de todo o mundo ligados pelo mesmo laço de fraternidade, serviço e cooperação.

Além disso, a Aliança, como um órgão internacional, tem procurado defender a liberdade religiosa e lutado pela liberdade de muitos crentes que sofrem em países totalitários. Tem atuado muito também no campo da filantropia, socorrendo onde tem havido catástrofes, guerras, epidemias etc.

Cinco brasileiros já tiveram a honra de pertencer à diretoria da Aliança Batista Mundial. São eles os Drs. Manoel Avelino de Souza, João Soren, Rubens Lopes, Nilson do Amaral Fanini e José dos Reis Pereira. O Dr. João Soren, depois de ter sido um dos vice-presidentes, foi eleito presidente da Aliança, no ano de 1960, no Rio de Janeiro. Ele teve o privilégio de ser o orador oficial da Aliança quando se reuniu, em Londres, em 1955, para celebrar o seu Jubileu de Ouro. Além dos citados, têm feito parte do General Council, da Aliança Batista Mundial, os seguintes: Ebenézer Soares Ferreira, Irland Pereira de Azevedo, Orivaldo Pimentel Lopes, Charlotte Estelle Vaughan. Também têm participado de comissões (embora não fossem membros) da ABM os pastores: Joaquim de Paula Rosa, Joelcio Rodrigues Barreto, Werner Kaschel, David Gomes, Merval Rosa, Edelson Barreto Antunes, Norton Riker Lages, Zaqueu Moreira, Celso Gonçalves de Oliveira, Ophir Pereira de Barros (do Men's Department), Fausto Aguiar de Vasconcelos, Oliveira de Araújo, Miguel Madeira e Silva, Arthur Alberto da Motta Gonçalves, Erno Engelsdorf, Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, Waldemiro Tymchak, César Thomé.

Eis a relação dos Congressos da Aliança com as datas e os locais em que se realizaram: em 1905, em Londres (Inglaterra); em 1911, em Filadélfia (EUA); em 1923, em Estocolmo (Suécia); em 1928, em Atlanta (EUA); em 1947, em Copenhague (Dinamarca); em 1950, em Cleveland (EUA); em 1955, em Londres (Inglaterra); em 1960, no Rio de Janeiro (Brasil); em 1965, em Miami (EUA); em 1970, em Tóquio (Japão); em 1975, em Estocolmo (Suécia); em 1980, em Toronto (Canadá); em 1985, em Los Angeles (EUA); em 1990, em Seul (Coreia do Sul).

1.20 — Organizações dos Batistas Brasileiros

Os batistas brasileiros organizaram, no dia 22 de junho de 1907, na Bahia, a Convenção Batista Brasileira, cuja finalidade é, de acordo com o Art. 2º dos seus estatutos, “servir às igrejas que com ela cooperam, coordenando o seu trabalho coope-

rativo em âmbito nacional, buscando desenvolver a obra de evangelização e missões, a ação social, e educação e a literatura cristã”.

A Convenção não legisla para as igrejas. Não é órgão hierárquico controlador, pois, consoante o parágrafo 1º do seu artigo 2º, “a Convenção recomenda às igrejas nela arroladas a maneira pela qual podem cooperar com seus trabalhos, respeitando sempre a autonomia das igrejas”.

A Convenção, que começou com 45 mensageiros, representando 39 igrejas, hoje já conta com mais de 4.700 igrejas, com quase 1 milhão de membros.

1.20.1 — Relação dos presidentes da CBB, desde o seu início até agora

De 1907 para cá, têm ocupado a curul presidencial: Francisco F. Soren (1907-1909, 1916), Joaquim N. Paranguá (1910, 1911), Joaquim F. Lessa (1912-1914), W. E. Entzminger (1915), Manoel Avelino de Souza (1918, 1925, 1928, 1929, 1941, 1942, 1945), Antônio Ernesto da Silva (1920, 1927), Orlando Rego Falcão (1922), Munguba Sobrinho (1926, 1932, 1936, 1947), José Nigro (1933, 1934, 1940), José de Souza Marques (1935), João Filson Soren (1938, 1939, 1946, 1955-1957, 1966, 1967, 1974, 1975, 1982), Rubens Lopes (1948, 1951-1954, 1958, 1961-1965, 1968, 1970, 1978), Carlos Dubois (1949), David Mein (1959), Ebenézer Soares Ferreira (1969, 1971), Nilson do Amaral Fanini (1972, 1973, 1976, 1977, 1979, 1980, 1984, 1986, 1990), Irland Pereira de Azevedo (1981, 1985, 1986), Samuel Cardoso Machado (1987, 1988), Paulo Roberto Seabra (1989), Fausto Aguiar de Vasconcelos (1991, 1992).

1.20.2 — Organizações batistas

Quem compõe as organizações batistas? São as igrejas? Não. As igrejas são superiores a elas.

Para esta resposta, damos a palavra ao eminente Dr. Taylor:

As organizações em que as igrejas se fazem representar são constituídas dos enviados das igrejas, não das próprias igrejas. Uma organização composta de igrejas seria, necessariamente, superior a qualquer uma de suas partes. Isto é axiomático. A autonomia das igrejas e sua natureza congregacional tornam-se nulas logo que se conceba a idéia antibíblica de que as igrejas fazem parte orgânica de qualquer organização superior. Esta idéia é a negação completa do princípio batista. As organizações gerais da Denominação são compostas de indivíduos, mensageiros de igrejas batistas competentes, que nelas se fazem representar.

Dr. Howard B. Foshee, em seu Broadman Church Manual (Manual da Igreja), p. 19, declara: “Igrejas que seguem a verdadeira norma *congregacional* não enviam *delegados* a associações, convenções estaduais ou nacionais. Tampouco a igreja tem membresia nesses grupos, que são igualmente autônomos. A igreja designa membros para participarem das reuniões nesses grupos (associações, convenções etc) e eles votam individualmente e não como *delegados* da igreja.

1.20.3 — Juntas da Convenção Batista Brasileira

1.20.3.1 — JUERP (Junta de Educação Religiosa e Publicações)

É uma entidade que promove a impressão e a divulgação da Bíblia, edita e vende livros de sua especialidade, com a finalidade de não só ajudar às igrejas no

treinamento de seus membros, como também na promoção de um programa completo de educação religiosa.

O Jornal Batista, que é órgão oficial dos batistas, está sob a égide da JUERP. É incalculável a obra desta Junta.

Endereço: Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — Caixa Postal 320
21370-360 — Rio de Janeiro — RJ

1.20.3.2 — Junta de Missões Nacionais

Esta Junta realiza, há anos, trabalhos de evangelização dos brasileiros, dos mais distantes sertões aos centros das grandes cidades. Coopera, também, com alguns campos onde seus serviços têm sido solicitados. Mantém 3 orfanatos, 2 colégios, 2 dispensários, 1 centro de recuperação de viciados, trabalho de capelania em 3 hospitais, 3 centros comunitários e trabalha com 8 tribos brasileiras. Na área de evangelização a Junta tem 212 obreiros trabalhando, e na área social, 59. Também a Junta dá apoio a 140 obreiros que trabalham em projetos de Juntas estaduais etc. É uma obra de fé.

A revista *A Pátria Para Cristo*, que é editada pela referida Junta, não deve faltar em nenhum lar batista.

Endereço: R. Barão do Bom Retiro, 1621
20715-001 — Rio de Janeiro — RJ

1.20.3.3 — Junta de Missões Mundiais

Esta Junta mantém missionários na Bolívia, no Paraguai, em Portugal, Moçambique, Uruguai, Argentina, Venezuela, Açores, Espanha, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guiana Inglesa, Angola, Ásia, Zimbábue, Peru, República Dominicana, Chile, Itália, Leste Europeu, Romênia, África do Sul.

Realiza uma obra notável. A revista *O Campo É o Mundo* é uma preciosidade. Todos devem lê-la.

Endereço: Rua Senador Furtado, 56 — Cx. Postal 468
20270-020 — Rio de Janeiro — RJ

1.20.3.4 — JURATEL — Junta de Rádio e Televisão

Esta Junta tem um bem montado estúdio, onde organiza os programas radiofônicos, ou de televisão, que são mantidos pela CBB, pelas convenções estaduais ou por igrejas em particular.

Muitas igrejas que mantêm programas radiofônicos se utilizam dos préstimos desta Junta para a preparação e montagem dos mesmos, pois ela tem uma técnica especializada neste setor.

Endereço: Caixa Postal 1635
13001-970 — Campinas — SP

1.20.3.5 — JUMOC — Junta de Mocidade

A Junta de Mocidade é a entidade responsável pela divulgação dos trabalhos do Senhor entre a juventude. Ela promove encontros, conferências e o Congresso da Mocidade. Edita folhetos, livros e as revistas *Juventude*, *Juventude Liderança*, *Campus*, *Casal Feliz*, *Líder Capaz* e *Sensação*. Desenvolve também projetos especiais

para evangelização, edificação e treinamento de todos os jovens, incluindo jovens casados, universitários e adolescentes, em todo o Brasil.

Endereço: R. Eduardo Lane, 270 — Jd. Guanabara
13075-050 — Campinas — SP

1.20.3.6 — Conselho de Planejamento e Coordenação da Convenção Batista Brasileira

O Conselho de Planejamento e Coordenação da Convenção Batista Brasileira, sucessor da Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira, é um órgão de natureza religiosa e sem fins lucrativos, que planeja, coordena e avalia o trabalho cooperativo global realizado pela Convenção Batista Brasileira e executa as decisões desta, ressalvadas as atribuições das demais Juntas e entidades da convenções.

O Conselho de Planejamento e Coordenação da Convenção Batista Brasileira rege-se sempre por princípios rigorosamente cristãos de orientação evangélica batista, seguindo fielmente as normas da Convenção Batista Brasileira, a cujas assembléias apresenta relatórios anuais dos seus trabalhos, seus planos para o novo exercício e balanço de suas contas.

O Conselho tem por fim:

1. Representar a Convenção;
2. Planejar o trabalho global da Convenção;
3. Coordenar a elaboração de planos e estudos que visem ao desenvolvimento da obra batista, cuja execução dependa da aprovação da Convenção;
4. Coordenar a execução do planejamento das diversas áreas de atividades da Convenção;
5. Harmonizar as atividades de interesse comum da Convenção;
6. Zelar pelo cumprimento das determinações da Convenção;
7. Servir como órgão de consulta para as entidades da Convenção;
8. Coordenar a elaboração do orçamento da Convenção;
9. Acompanhar e avaliar, pelos meios mais eficazes, a seu critério, a execução do planejamento global da Convenção;
10. Contabilizar as contribuições para o Plano Cooperativo e as ofertas que lhe forem encaminhadas, distribuindo-as rigorosamente conforme a sua destinação, observadas as normas estabelecidas pela Convenção;
11. Examinar se os balanços das entidades da Convenção estão acompanhados dos pareceres de auditoria de profissionais devidamente habilitados e promover a auditoria dos referidos balanços;
12. Responsabilizar-se pelos registros de história e estatística da Convenção;
13. Apresentar às assembléias da Convenção relatórios das atividades desenvolvidas no exercício findo e o planejamento global para o novo exercício;
14. Zelar pelos interesses e pelo patrimônio da Convenção, no que não couber às demais entidades;
15. Coordenar a preparação das assembléias da Convenção, elaborar o seu programa e tomar todas as demais providências necessárias para a realização das assembléias;
16. Promover a mordomia cristã e o Plano Cooperativo no âmbito da Convenção;
17. Publicar o Livro da Convenção contendo as atas, relatórios, pareceres e anexos, bem como publicar periodicamente o Guia de Endereços, com relação atualizada dos endereços das entidades da Convenção, das igrejas e dos pastores que cooperam com a Convenção;

18. Executar as decisões da Convenção que não sejam da alçada de qualquer outra de suas entidades;

19. Manter atualizado o rol das igrejas que cooperam com a Convenção;

20. Promover a realização das Conferências de Relações Cooperativas;

21. Servir como órgão de ação social da Convenção.

Endereço: Rua Senador Furtado, 56

20270-020 — Rio de Janeiro — RJ

Além dessas entidades, fazem parte da Convenção Batista Brasileira as seguintes associações, que são órgãos auxiliares da CBB: Associação Brasileira das Instituições Batistas de Ensino Teológico, Associação de Editores Batistas, Associação de Educadores Religiosos, Associação dos Músicos Batistas do Brasil e Associação Evangélica Denominada Batista no Rio de Janeiro, que está em vias de liquidação.

1.20.3.7 — União Feminina Missionária Batista do Brasil

Esta organização começou cedo no Brasil. Seus objetivos são múltiplos: promover o trabalho das senhoras no Brasil, e também das moças, das adolescentes e crianças, através de suas organizações; preparar a liderança feminina, quer através de suas duas casas de preparo ministerial (IBER e SEC), quer através da preparação de literatura adequada, e promoção e apoio a congressos e eventos a nível nacional, estadual e local, entre outras atividades.

Endereço: Rua Uruguai, 514 — Tijuca

20510-060 — Rio de Janeiro — RJ

1.20.3.8 — União Masculina Missionária Batista do Brasil

Esta entidade tem os seguintes objetivos principais: promover o trabalho da União Masculina no território nacional, promover e dinamizar o trabalho de evangelismo e missão através dos homens batistas do Brasil.

Endereço: Rua 1.º de Março, 125 — Centro

20010-000 — Rio de Janeiro — RJ

1.20.4 — Instituições de ensino secular teológico

1.20.4.1 — Ensino secular

Os batistas têm, no Brasil, várias instituições de ensino secular, sob a direção de Convenções Estaduais, associações etc.

Dirigidas por Convenções Estaduais há as seguintes: Colégio Batista Americano (Recife), Colégio Batista de São Paulo (SP), Colégio Batista Shepard e Colégio Batista Brasileiro (Rio de Janeiro), Colégio Batista de Campos (RJ), Colégio Batista de Vitória (ES), Colégio Batista de Belo Horizonte (MG), Colégio Batista do Rio Grande do Sul, Colégio Batista Taylor-Egídio (Jaguaquara — BA), Colégio Batista de Alagoas, Colégio Batista de Manaus, Colégio Batista Daniel de La Touche (MA), Instituto Batista de Corrente (PI), Colégio Santos Dumont (Fortaleza, CE) Colégio Batista de Natal (RN).

Além desses, há colégios batistas dirigidos por associações ou outras entidades com personalidade jurídica. Eis alguns deles: Colégio Batista de Volta Redonda, Colégio de Campinas, Colégio Batista de Laranjal (Igreja Batista de Laranjal, RJ) etc.

1.20.4.2 — Ensino teológico

1.20.4.2.1 — Entidades dirigidas pela CBB

A Convenção Batista Brasileira mantém três seminários, que são administrados por três juntas, que são por ela nomeadas. São eles:

1. Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

Rua José Higino, 416 — Tijuca

20520-200 — Rio de Janeiro — RJ

2. Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil

Rua Padre Inglês, 243

50050-230 — Recife — PE

3. Seminário Teológico Batista Equatorial

Caixa Postal 89

66017-970 — Belém — PA

1.20.4.2.2 — Entidades pertencentes à União Feminina Missionária

1. Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER)

Rua Uruguai, 514 — Tijuca

20510-060 — Rio de Janeiro — RJ

2. Seminário de Educadoras Cristãs (SEC)

Rua Padre Inglês, 143 — Boa Vista — Cx Postal 29

50050-230 — Recife — PE

1.20.4.2.3 — Entidades pertencentes às Convenções Batistas Estaduais e particulares

1. Faculdade de Teologia do Amazonas

Rua Paraíba, 447 — Adrianópolis

69057-020 — Manaus — AM

2. Faculdade Teológica Batista de Brasília

Av. L-2 Norte SGAN — 611 — Módulo B — Cx. Postal 03685

70084-970 — Brasília — DF

3. Faculdade Teológica Batista de Campinas

R. Dr. Quirino, 930 — Cx Postal 1704

13015 — Campinas — SP

4. Faculdade Teológica Batista do Grande ABC

R. São Vicente, 38 — Centro

09090-410 — Santo André — SP

5. Faculdade Teológica Batista d'Oeste do Brasil

R. das Garças, 270 — Cx. Postal 455

79010-020 — Campo Grande — MS

6. Faculdade Teológica Batista de São Luís

R. 17, Quadra 29 n.º 66 — Cohatrac IV

65065 — São Luís — MA

7. Faculdade Teológica Batista de São Paulo

R. João Ramalho, 466 — Perdizes — Cx Postal 1084

01059-970 — São Paulo — SP

8. Faculdade Teológica Batista de Bauru
R. Virgílio Malta, 7-49 — Cx Postal 963
17015-220 — Bauru — SP
9. Seminário Teológico Batista de Ijuí
Cx. Postal 262
98700-000 — Ijuí — RS
10. Seminário Teológico Batista do Nordeste
R. Bartolomeu de Gusmão, 714 — Sobradinho — Cx. Postal 272
44020-240 — Feira de Santana — BA
11. Seminário Teológico Batista do Tocantins
Cx. Postal 24
65980-000 — Carolina — MA
12. Seminário Teológico Batista da Bahia
R. Leovigildo Filgueiras, 72 — Garcia
40100-000 — Salvador — BA
13. Seminário Batista do Cariri
Cx. Postal 51
63011-970 — Juazeiro do Norte — CE
14. Seminário Bíblico Batista do Rio de Janeiro
Av. Meriti, 1470 — Vila da Penha
21220-201 — Rio de Janeiro — RJ
15. Seminário Teológico Batista Ana Wollerman
R. D. João VI, 2850 — Jd. Aidê
79831-340 — Dourados — MS
16. Seminário Teológico Batista do Espírito Santo
R. Loren Reno, 17
29015-570 — Vitória — ES
17. Seminário Teológico Batista Fluminense
Av. Dr. Alberto Torres, 249
28035-580 — Campos — RJ
18. Seminário Teológico Batista do Mato Grosso
Cx Postal 3048 — Coxipó da Ponte
78060-200 — Cuiabá — MT
19. Seminário Teológico Batista Mineiro
Rua Ponte Nova, 605
31110-150 — Belo Horizonte-MG
20. Seminário Teológico Batista de Niterói
R. Marquês de Paraná, 225
24030-210 — Niterói — RJ
21. Seminário Teológico Batista do Paraná
Av. Silva Jardim, 1869 — Cx. Postal 7510
80250-200 — Curitiba — PR
22. Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul
R. Conde de Porto Alegre, 136
90220-210 — Porto Alegre — RS
23. Seminário Teológico Batista de São Paulo
R. Antônio B. Coutinho, 186
06013-050 — Osasco — SP

24. Seminário Teológico Betel
Av. Marechal Rondon, 1020 — Rocha
20950-000 — Rio de Janeiro — RJ
25. Seminário Teológico Batista de Goiânia
R. 230 n.º 168 — Setor Universitário
74605-110 — Goiânia — GO
- * 26. Seminário Teológico Batista do Ceará
Igreja Batista Alvorada
Av. Pe. Antônio Tomas, 2083 — Aldeota
60140-160 — Fortaleza — CE
27. IBETE — Instituto Batista de Educação Teológica por Extensão
R. Joaquim Távora, 618
04015-011 — São Paulo — SP

1.21 — A Contribuição dos Batistas ao Mundo

Inestimável é a contribuição dos batistas ao progresso da civilização. Esta contribuição consiste em:

1.21.1 — Grandes missionários

1) William Carey, o “pai das missões modernas”, realizou uma obra monumental na Índia. Tornou-se lingüista e traduziu a Bíblia, ou parte dela, para várias línguas.

2) Adoniran Judson realizou um dos maiores trabalhos missionários de que já se tem notícia.

Além dessas duas figuras exponenciais, não podemos deixar de mencionar os nomes de Lottie Moon, a missionária cuja vida continua sendo grande inspiração, e William B. Bagby, o pioneiro do trabalho batista no Brasil, cuja obra ainda não pôde ser de todo avaliada.

1.21.2 — Grandes paladinos da liberdade

Grande é a contribuição dos batistas à causa da liberdade. Entzminger escreve:

Através da sua história, os batistas têm-se assinalado nas lutas pelas liberdades humanas. Na Inglaterra, nas guerras contra a tirania e opressão, eles representaram um papel de grande destaque, merecendo, do grande Cromwell, elogios sem reserva, pelo seu brilhante serviço nas aguerridas fileiras por esse general comandadas, lutas essas que tiveram por desfecho a queda do absolutismo de Carlos I, rei da Inglaterra.

Do mesmo modo, os batistas na América do Norte tomaram a dianteira nas guerras pela liberdade e pela independência. Inspirados no nobre sentimento de liberdade ou morte, eles se houveram com tanta intrepidez, nas suas pugnas pelos direitos humanos no Novo Mundo, que conseguiram concorrer grandemente para o estabelecimento de uma civilização, a mais adiantada e equitativa que já existiu, e que é hoje o modelo para os outros povos. Foi um batista que primeiro fundou no mundo um estado político sobre o princípio da liberdade de consciência, em toda a sua plenitude. Foi o célebre Roger Williams que criou o Estado Livre de Rhode Island, em junho de 1636, tendo por capital a cidade de Providence, e desse jeito deu o primeiro exemplo na história humana de uma igreja livre num Estado livre, em que cada cidadão poderia exercer, sem nenhum constrangimento, o sagrado direito de adorar e servir a Deus segundo os ditames da sua própria consciência. Foram também os batistas que, cem anos depois da fundação de Rhode Island, com lutas

titânicas, conseguiram a separação da Igreja Anglicana do Estado de Virgínia, e a reorganização do mesmo sob o princípio de Igreja livre em Estado livre. Sim, foram os mesmos incessantes pugnadores pelo direitos de todos os homens que alcançaram que fosse adicionada a primeira emenda à Constituição da Federação Americana, emenda essa que tornava inconstitucional a união da Igreja com o Estado, em qualquer parte do seu território, bem como as perseguições sob qualquer forma, por motivo de consciência.²

E que dizer de Baltazar Hübmaier, que foi martirizado, e de Jonh Bunyan, que foi encarcerado, por defenderem o princípio de liberdade de consciência?

1.21.3 — Grandes pregadores

Henry Cook assevera: “Os batistas estão realmente orgulhosos dos seus gigantes no púlpito: Bunyan no século 17, Robert Hall no 18, e Spurgeon, McLaren e Clifford no 19.” Mas nós poderíamos ainda acrescentar os nomes de George Truett, que foi pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, por mais de três décadas, e o de Billy Graham, o maior evangelista de todos os tempos depois do apóstolo Paulo.

1.21.4 — Grandes teólogos

Strong é um dos maiores teólogos do mundo. Sua monumental *Systematic Theology*, em três volumes, tem sido recomendada em seminários de várias denominações. Outros grandes teólogos: E. Y. Mullins, autor das preciosas obras *Why is Christianity True?* e *The Cristian Religion in its Doctrinal Expressions*. A. T. Robertson, reconhecido como a maior autoridade em grego e comentador primoroso. Com sua monumental gramática grega (“gramática-monstro”) e com o comentário *Word Pictures*, além de muitas obras, ele se revelou um dos mais proeminentes teólogos. Além desses, poderíamos citar Sampey, B. H. Carrol, J.M. Pendleton, Conner, Broadus, Rauschenbusch, A. J. Gordon e F. B. Meyer.

1.21.5 — Grandes obras educacionais

Coube ao batista Henry Dunster a honra de ter sido o primeiro presidente do Harvard College. Foi ele quem lançou os alicerces para que aquela instituição viesse a tornar-se na monumental universidade norte-americana que é.

Outra grande instituição que foi fundada por batistas é a Brown University (1764), que se distinguiu, em vários aspectos, pelos seus métodos de ensino.

John Clark é o pioneiro do sistema de escolas públicas. Por sua inspiração foram organizadas numerosas escolas públicas, que têm sido de imensurável valor para o fortalecimento da democracia americana. Vassar foi o primeiro colégio organizado para a educação superior das mulheres. O primeiro colégio que surgiu nos estados centrais foi o Judson College.

Hoje há mais de duas dezenas de seminários (alguns deles com milhares de alunos e com fama internacional) e mais de 150 colégios e universidades.

O maior seminário do mundo é o Fort Worth, Texas, que arrola mais de seis mil alunos. Nele estudaram os brasileiros A. N. Mesquita, Walter e Werner Kaschel, Olavo Feijó, David Gomes, Zaqueu Moreira, José Roberto de Brito, Paulo Wailler da Silva, Nilson Fanini, Murilo Cassete, Joelcio R. Barreto, Renato Zambrotti, Uiraci Gusmão, Daniel Paixão, este autor e muitos outros.

1.21.6 — Grandes escritores

A literatura mundial tem recebido a contribuição de muitos escritores batistas. O seu número é bem apreciável. Entre os escritores notáveis, salientamos os nomes seguintes:

1. John Bunyan, autor de várias obras, entre elas *O Peregrino* (*The Pilgrim's Progress From This World to That Which is to Come*). “É um monumento da prosa inglesa, e numerosas expressões usadas por Bunyan entraram definitivamente na língua.”

2. Freeman, que foi escritor laborioso. Escreveu muitas obras e artigos sem conta para a *Saturday Review*. Publicou uma obra de história, a *History of the Norman Conquest* (15 volumes), que revela muita tenacidade.

3. Defoe, D., que publicou centenas de panfletos e muitos livros. Entre eles, citamos: *O Capitão Singleton*, *O Coronel Jack*, *As Memórias de um Cavaleiro*, *Roxana* e *Robinson Crusoe*. Este é o seu monumento literário.

4. Milton, J., famoso, poeta inglês. Entre suas obras, citamos: *Da Reforma em Inglaterra*, *História da Grã-Bretanha*, *De Doctrina Christiana*, *Poesias Latinas e Inglesas*. Mas a obra que o imortalizou foi seu *Paraíso Perdido*. Esta obra ficou completa quando ele publicou o *Paraíso Restaurado*.

1.21.7 — Outras grandes contribuições

O Dr. Rout Porter apresenta, ainda, as seguintes contribuições:

“1. John Clark, sábio pregador batista, começou a primeira escola gratuita do mundo em Rhode Island, em 1670, antecipando, assim, o nosso sistema americano de escola gratuita.

“2. Joseph Hughes, pregador batista, dirigiu a organização da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Londres, em 1804.

“3. B. F. Jacobs, leigo batista de Chicago, começou o sistema internacional das lições da EBD uniformes.

“4. Os batistas imprimiram o primeiro jornal da EBD para os jovens nos EUA; foi chamado *O Jovem Ceifeiro*.

“5. Marshall A. Hudson, leigo batista em Rochester, Nova York, começou o movimento da Classe Baraca.

“6. Os batistas começaram o primeiro Rol de Berços. A idéia originou-se com a Sra. Alonzo Petter e foi, mais tarde, desenvolvida por sua irmã, Sra. Juliet Dudley, professora de classe infantil na Igreja Batista Central de Elizabeth, Nova Jersey.

“7. Os batistas têm dado ao mundo alguns dos maiores filantropos. Por exemplo: John Hoeard, John B. Stetson, William Colgate, John D. Rockefeller, Sr. e John D. Rockefeller, Jr.

“8. Os batistas têm dado ao mundo alguns dos maiores estadistas. Lares batistas deram à América Abraham Lincoln, Jefferson Davis, Henry Clay e William Jennings Bryan. Lloyd George e o presidente do tribunal, Charles E. Hughes, orgulhavam-se em se declarar batistas. O presidente Warren G. Harding era batista. Também Harry Truman, William Tolbert (Libéria, África) e Jimmy Carter.

“9. Os batistas têm enriquecido nossa hinologia com centenas de nossas mais doces canções. B. B. McKinney escreveu mais de mil hinos. Além disso, mais de mil e quinhentos hinos têm sido escritos por mais ou menos mil e cem autores batistas. Entre os mui amados hinos e canções evangélicos compostos por batistas estão os seguintes:

² W. E. Entzminger — *Os Batistas no Passado, no Presente e no Futuro*, p. 36 e 37.

America (Pátria Brasileira, em português), S. F. Smith; *Uma Casa Sobre a Rocha* (Favoritos Evangélicos, vol. 1), de R. Keene; *Firmeza*, de Edward Mote; *Nome Precioso*, de Lydia Baxter; *Consagrar Tudo*, de S. D. Phelps; *Alegria Perene*, de Samuel Medley; *Rio da Vida*, de Robert Lowey; *Jesus Como Guia*, de J. H. Gilmore; *Necessitado*, de Annie S. Hawks; *Quase Induzido*, de Philip Paul Bliss; *Ebenézer*, de Robert Robinson; *Laços Benditos*, de John Fawcett. Não haveria tempo para se citar a quantidade de canções religiosas de batistas, tais como E. O. Sellers, B. B. McKinney e outros. Os batistas são um povo que canta.”

1.21.8 — A opinião do grande teólogo Dr. Mullins

O Dr. Mullins apresenta as seguintes contribuições que os batistas fizeram à civilização americana:

- “1. Os batistas têm sido os únicos intérpretes competentes da Reforma.
- “2. Os batistas têm fornecido à civilização americana a mais espiritual interpretação do cristianismo que o mundo já viu.
- “3. Os batistas têm exibido à civilização americana o mais notável exemplo da unidade denominacional.
- “4. Os batistas deram à civilização americana a completa idéia de liberdade.”

1.22 — Os Batistas e o Ecumenismo

O ecumenismo é insidioso. Está penetrando em muitos arraiais. Tem encontrado muitos tributários em crentes nominais e em outros anêmicos, espiritualmente falando.

Há denominações que estão esperando o toque da marcha nupcial para a realização de seu casamento com a Igreja Católica. O ecumenismo esteve disfarçado, mas hoje está bem patente, a todos, quais são os seus propósitos. Ninguém pode alegar desconhecer os fins desse movimento. Os corifeus do ecumenismo desejam uma religião ou um “cristianismo ecumênico”, englobando todas as seitas sob um só rótulo e sob o “báculo” do papa.

O ecumenismo é uma traição. O ecumenista é um traidor dos princípios neotestamentários, é um trãnsfuga das hostes evangélicas, se é que realmente foi crente um dia.

Os batistas constituem um dos poucos grupos que lutam tenazmente contra a avalanche terrível do ecumenismo. Os ecumenistas querem levar de roldão todos os incautos. Querem pisá-los, massacrá-los como um rolo compressor, embora escondam esta tendência, apresentando “fraternidade”, “coleguismo” “união”, “espírito arejado”.

No discurso que tive a honra de proferir, já na 49.^a Assembléia da Convenção Batista Brasileira, em Belo Horizonte, em 1967, sob o título “Os Perigos Atuais que Ameaçam a Obra Batista no Brasil”, salientei, entre outros perigos, o ecumenismo. Como eu estava seguro de não ter dado sonido incerto, transcrevo aqui a parte referente ao ecumenismo, a fim de que os batistas legítimos, de espinha dorsal, se mantenham sempre em suas trincheiras.

O ecumenismo é hidra de sete cabeças no meio de cristianismo ilegítimo. Seus propósitos são incorporar toda a cristandade debaixo de um só manto, para que satisfaça a esperança escatológica, subentendida nas palavras do Senhor Jesus, expressas na oração sacerdotal: “...para que sejam um”.

Desejam, ardentemente, a união de todos. Esforços ingentes têm sido feitos para que os ideais se colimem. Os métodos usados são os mais astutos e sagazes possíveis. Usam de uma linguagem carinhosa, blandiciosa, que engana os incautos. São solertes: sua ação sub-

reptícia é tremenda. Convidam-nos para “o diálogo”. Estão prontos a reformular seus dogmas, a fim de que ninguém fique de fora. Os batistas são os que maiores resistências têm oferecido. Mas constatamos, e com tristeza, que há líderes aceitando o “diálogo”, esposando a técnica e os mesmos chavões que caracterizam os corifeus do ecumenismo.

Em uma de nossas Convenções, transitou matéria que visava atrelar nossa Convenção, de um modo sorrateiro, indiretamente, ao movimento ecumênico, através da Confederação Evangélica.

Os batistas, porém, demonstraram sua virilidade, repudiando tal matéria. Foi um grande tento lavrado. Mas não foi a vitória de todo ganha, pois os ecumenistas se fazem sentir em nosso meio. Seus tentáculos se espalham. Rechacemo-los, combatamo-los heroicamente. Os “dialoguistas” não desejam outra coisa senão ir minando o terreno, solapando a área, enfraquecendo nosso arsenal, para que, aos poucos, seus ideais se consubstanciem.

Calha bem aqui lembrar o “diálogo” havido entre uma raposa e o galarote Cantaclaro, narrado por um grande fabulista:

Notou a raposa que, para poder abocanhar o galarote, teria que usar de inusitada astúcia. Matreira, como só ela o pode ser, aproximou-se de mansinho, com ares de quem já tinha perdido a voracidade.

— Cantaclaro — falou ela — todos os animais agora concertaram viver como se fossem uma única família. Nós apreciamos os dotes uns dos outros, exaltamos as virtudes e fazemos tudo em perfeita harmonia.

Cantaclaro, que ouviu tão alvissareira notícia, se emocionou e não pôde perceber que a raposa, enquanto dirigia palavras tão comoventes, estava se aproximando dele.

Novamente, antes que ele se recobrasse da emoção, a raposa dirige-lhe outras palavras encomiásticas, que têm a função de desviar-lhe a atenção:

— Amigo Cantaclaro — tornou ela — conheci seu pai. Era um cantador primoroso. Você, porém, não segue a mesma técnica usada por ele. Ao preparar-se para o lindo canto ele ficava nas pontas dos pés, abria as asas, levantava o bico e fechava os olhos.

Cantaclaro, envaidecido, experimentou a técnica. Enquanto fechava os olhos, a raposa o abocanhou.

Meus irmãos, o ecumenismo usa das manhas da raposa e de sua técnica se utiliza para poder julgar aqueles que lhe dão ouvidos. Nada de diálogos. Marchemos sozinhos.

A IGREJA E O CULTO

2.1 — O Culto

O culto é tão antigo como o homem. Vemo-lo no Éden. Caim e Abel nos dão mostras dos dois tipos de adoradores; aquele é ritualista, este é prático; aquele é hipócrita, este é sincero; aquele é adorador por tradição, este o é de coração. Estes dois tipos ainda existem.

A respeito do culto formalista falam muito os profetas. O profeta Isaías, por exemplo, profliga os erros daqueles que cultuavam a Deus só de lábios.

A mulher samaritana perguntou a Jesus onde era o lugar em que se devia adorar a Deus. Muitos estão presos a lugares, a marcas, a tradições. Mas Deus é imensurável. Não tem fronteiras. É o Deus do culto, pois “habita no meio dos louvores”. O culto pode ser prestado no fundo dos mares, nas altas montanhas, nas maiores alturas, nos aviões, nos foguetes, na Lua etc. Respondendo à mulher samaritana, Jesus afirmou: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (Jo 4.23).

Mas o culto foi degenerando a tal ponto de haver homens que prestavam “culto aos anjos” (Cl 2.18) e culto aos demônios. O culto racional, segundo Paulo, é a apresentação de nossos “corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12.1).

2.2 — O Que É o Culto?

1. O culto é como uma gota de orvalho em busca do oceano do amor divino.
2. É uma alma faminta diante do celeiro espiritual.
3. É uma terra sedenta clamando por chuva.
4. É uma ovelha tresmalhada no deserto, balindo em busca do Bom Pastor.
5. É um coração faminto em busca de amor.
6. É a alma buscando a sua contraparte.
7. É o filho pródigo correndo para a casa do seu pai.
8. É o homem subindo as escadas do altar de Deus.
9. É a vela no ato de ser acesa.

10. É a alma do poeta extasiada diante do pôr-do-sol.
Segundo Blackwood, o culto é a resposta do homem à revelação de Deus.
O culto é honra, reverência e louvor que a criatura dedica à divindade.
No Antigo Testamento, há várias palavras usadas para o culto:

1. *Chatah* — Inclinar (Ex 4.31).
2. *Shâhah* — Prostrar-se (Gn 19.1; Js 23.7).
3. *Ebed* — Trabalho, labor, serviço (2Rs 10.19-21).
4. *Azeb* — Adoração (Jr 44.19).

No Novo Testamento, aparecem cinco palavras para culto:

1. *Proskunéo* — Adoração (Mt 4.9, 10; Jo 4.21-24)
2. *Sebomai* — Temer (Mt 15.9).
3. *Latréuo* — Servir, ministrar publicamente (Rm 1.25).
4. *Therapéo* — Servir, curar (At 17.25).
5. *Neokóros* — Zelador, zelar (At 19.35).

2.3 — O Que o Culto Oferece ao Indivíduo

1. Coloca-o em relação pessoal com Deus.
2. Concede-lhe instrução e luz para o viver cotidiano.
3. Concede-lhe oportunidade de purificação da consciência.
4. Provê-lhe estímulos morais e desafios para a vida.
5. Retempera-lhe a fé, aumenta-lhe a esperança e lhe afervora o amor.
6. Coloca-o em comunhão com os irmãos.

2.4 — Simbolismo do Culto

Vários símbolos foram usados na Antigüidade pelos cristãos. Podemos citar os seguintes:

1. A *cruz* — Este é o símbolo por excelência.
2. O *peixe* — Dizem que este foi o primeiro símbolo reconhecido pela cristandade. Naqueles tempos de grandes perseguições, os cristãos usavam códigos ou símbolos para se identificarem. Dizem que, ao se defrontar um cristão com outro, traçava um peixe no chão ou no ar e logo o outro o reconhecia. As letras da palavra “peixe” correspondiam às iniciais da frase: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.
3. As *letras IHS* — Elas significavam “Jesus, Salvador dos homens”. Ou *INRI* — Jesus Nazareno, Rei dos Judeus (*Jesus Nazareus Rex Iudeorum*).
4. *XP* — Estas letras significam Cristo.
5. $\alpha \Omega$ — Alfa e ômega — o começo e o fim. Estas letras gregas são muito encontradas nas catacumbas de Roma.

Quando preguei na Espanha, tive ocasião de ver que a Primeira Igreja Batista de Madri não tinha templo, pois a lei não permitia a construção de templos evangélicos. Também não havia nenhuma frase na frente do prédio em que a igreja se reunia que pudesse identificá-la. Mas duas letras gregas — *Alfa* e *Ômega* — estavam bem visíveis na porta. Foi o que me ajudou a encontrar a casa dos cultos.

2.5 — Tipos de Cruz

Como a cruz se tornou o símbolo por excelência do cristianismo, foram aparecendo, entre os cristãos, vários tipos de cruz:

1. Cruz latina
2. Cruz grega
3. Cruz de Santo André
4. Cruz de Malta
5. Cruz céltica

2.6 — Alguns Símbolos Usados no Culto das Igrejas Evangélicas

1. A cruz — sacrifício de Cristo
2. A mesa da Ceia do Senhor — memorial
3. O púlpito — testemunho
4. A Bíblia — revelação de Deus
5. A lira ou a harpa — louvor
6. O batistério — ressurreição

2.7 — O Perigo dos Símbolos

1. Os símbolos trazem o perigo de serem tomados pelas coisas por eles simbolizadas.
2. Às vezes, os símbolos perdem o seu significado e vão se tornando superstições.
3. Muitos símbolos podem tornar as igrejas muito litúrgicas.
4. Ainda o apego aos símbolos pode trazer a tendência de exaltação às coisas externas, quando, na realidade, o essencial é o interno, o espiritual. O uso de imagens e pinturas trouxe as controvérsias iconoclastas famosas.

2.8 — A Liturgia

Liturgia é palavra de origem grega. É usada com referência à forma prescrita do culto.

Algumas igrejas são litúrgicas. Como exemplo, citamos a Católica Apostólica Romana, a Luterana, a Episcopal. Outras são semilitúrgicas, como a Presbiteriana e a Metodista. A Igreja Batista, os Discípulos de Cristo, a Igreja de Cristo, os “Holiness” etc não usam liturgia no culto. Realizam o culto bem simples, mas com ordem e reverência.

Algumas igrejas realizam um culto com muita ostentação, mas não apresentam vida.

Quanto mais as igrejas batistas se conservarem afastadas da liturgia, do ritualismo oco, tanto mais fortes serão. Igrejas litúrgicas são igrejas agonizantes. São como vela que já se queimou.

2.9 — Ordem do Culto

Eis um modelo de ordem de culto usado pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, num culto matutino, de que foi mensageiro o autor desta obra. A cópia lhe foi cedida pelo Dr. João F. Soren, então pastor daquela igreja, uma vez que, na época, a ordem do culto não era divulgada através de boletim impresso.

1. Carrilhão — convocação ao culto
2. Prelúdio — órgão

3. Doxologia — hino n.º 4 — *Cantor Cristão* — com “Amém” coral
4. “A Palavra de Deus”, com responso coral
5. Oração invocatória, com “Amém” coral
6. Interlúdio
7. Avisos
8. Hino n.º 451 — *Cantor Cristão*
9. Texto bíblico, com “Amém” coral
10. Interlúdio suave
11. Oração com “Amém” coral
12. Antena Coral
13. Sermão — Dr. Ebenézer Soares Ferreira
14. Hino n.º 62 — *Cantor Cristão*
15. Oração com responsivo coral
16. Bênção Apostólica, com “Amém” coral
17. Oração silenciosa, com melopéia
18. Recessional — Poslúdio

Outro exemplo:

Prelúdio — “Deus É a Salvação” — Bach

Convocação à adoração (pelo pastor)

“Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

Hino de louvor — “Santo” — n.º 9 do *Cantor Cristão* — J. G. Rocha

Invocação pelo pastor

Hino de devoção — “Pastor Divino” — n.º 152 do *Cantor Cristão*

Boas-vindas aos visitantes

Leitura da Bíblia (responsiva)

Oração pastoral (inclui gratidão, confissão, petição e intercessão)

Antena (pelo coro, solo, dueto ou outra música especial)

Ofertório (leitura de Tiago 1.17)

+ Apresentação dos dízimos recolhidos e oração de gratidão

Hino de Afirmação — “Redenção” — n.º 125 do *Cantor Cristão* — S. Ginsburg

Sermão (pelo pastor)

++ Hino de apelo — “Consagração” — n.º 296 do *Cantor Cristão* — L. Silva

Bênção Apostólica

Poslúdio (órgão)

+ Este é um modelo para as igrejas que costumam recolher os dízimos durante o culto.

++ Se este modelo de ordem de culto for usado para culto vespertino, poderá ser escolhido um dos muitos hinos próprios para apelo: 250, 252, 258, 259 etc, do *Cantor Cristão*; ou 250, 252, 254, 256, 257, 259, 262 do *Hinário Para o Culto Cristão*.

2.10 — Programa de um Culto de Ação de Graças

Processional — órgão

1. Invocação

- 1) Hino “Exultação” — n.º 15 do *Cantor Cristão* — Congregação
- 2) Leitura devocional alternada — Salmo 150

3) Oração pastoral

4) Meditação

2. Edificação

1) Música especial — quarteto

2) Saudação aos formandos

3) Música especial

4) “Doxologia” — hino n.º 8 do *Cantor Cristão* — Congregação

3. Ação de Graças

1) Hino pelo coro da igreja

2) Sermão gratulatório

3) Hino pelo coro da igreja

4) Bênção apostólica

5) Amém coral

4. Poslúdio — órgão

Exultação

A Deus demos glória com grande fervor;

Seu Filho bendito por nós todos deu;

A graça concede ao mais vil pecador,

Abrindo-lhe a porta de entrada no céu.

Estrilho

Exultai! Exultai! Vinde todos louvar

A Jesus, Salvador, a Jesus, Redentor;

A Deus demos glória, porquanto do céu,

Seu Filho bendito por nós todos deu.

Oh! graça real, foi assim que Jesus,

Morrendo, seu sangue por nós derramou!

Herança nos céus, com os santos em luz,

Comprou-nos Jesus, pois o preço pagou.

A crer nos convida tal rasgo de amor,

Nos merecimentos do Filho de Deus;

E quem, pois, confia no seu Salvador,

Vai vê-lo sentado na glória dos céus.

(Hino n.º 15 do *Cantor Cristão*)

Salmo 150

(O Salmista exorta toda criatura a louvar ao Senhor.)

Oficiante — Louvai ao Senhor! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder!

Congregação — Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza!

Oficiante — Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa!

Congregação — Louvai-o com adufe e com danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flauta!

Oficiante — Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes!

TODOS — Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor!

Adoração (Doxologia)

A Deus, supremo Benfeitor,
Vós anjos e homens dai louvor;
A Deus o Filho, a Deus o Pai,
A Deus Espírito, glória dai.

(Hino n.º 8 do *Cantor Cristão*)

NOTA: O programa, sendo impresso, e contendo as letras dos hinos e as leituras bíblicas, não só agrada mais, como também leva os visitantes a participarem e ajuda na reverência. O modelo dado acima foi usado num culto de ação de graças por uma formatura, na Primeira Igreja Batista de Niterói.

2.11 — As Principais Partes do Culto

2.11.1 — Os hinos

Que seria o culto sem os hinos? Seria como um corpo sem vida. Os hinos dão vitalidade ao culto, pois, através deles, o adorador pode extravasar os seus sentimentos de louvor e gratidão a Deus com a harpa de seu coração agradecido.

Os hinos refletem nossa convicção, nossa esperança, nossa fé e o nosso amor. Paulo e Silas “cantavam hinos a Deus”, no cárcere, até “pela meia-noite” (At 16.25).

Os cristãos primitivos cantavam muito. Herdaram esse costume dos judeus. Plínio, escrevendo ao imperador, a respeito do culto dos cristãos, acentua: “Eles estão sempre cantando(...)”. Os Salmos constituem uma antologia de louvores a Deus. Eles são como que um florilégio musical. A história israelita é a mais alta expressão de seu louvor e gratidão a Jeová. Os Salmos constituem a mais bela e fecunda coleção de hinos dos tempos antigos. Nenhuma se lhe pode comparar.

Os anjos, ao trazerem ao mundo o anúncio do nascimento do Salvador, o fizeram “louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens de boa vontade” (Lc 2.13, 14).

E que dizer dos primeiros hinos que Lucas registra no seu Evangelho, como *A Anunciação* (Lc 1.30-33), o *Magnificat* (Lc 1.46-55), o *Benedictus* (Lc 1.68-70), o *Gloria in Excelsis* (Lc 2.14), o *Nunc Dimittis* (Lc 2.29-32), *A Entrada Triunfal* (Lc 19.38; Mt 21.15)?

Na última ceia (Mt 26.30), nosso Senhor e os discípulos cantaram. Que hino foi? Supõe-se que tenha sido um trecho do “Hallel” (Sl 113—118), que era comumente cantado naquela época.

Além das referências feitas, ainda podemos citar outras no Novo Testamento. Em Atos 4.24-30, aparece a letra de um dos hinos que cantavam os cristãos e que muito os encorajava nas perseguições. É um hino-oração e vem da poesia do Salmo de número 2.

Em Efésios 5.19, Paulo comenta que os crentes deviam falar uns aos outros “em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no (...) coração”. Também aos colossenses ele recomenda: “A palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda a sabedoria; ensinaí-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações” (Cl 3.16).

Na Bíblia, encontramos muitos textos líricos que muitos consideram como sendo citações de hinos antigos dos primeiros cristãos. Ei-los: Ef 5.15; 1Tm 3.16; 6.15,16; 2Tm 2.11-13.

Assim, podemos dizer que, dos Evangelhos ao Apocalipse, a música cristã é citada. O “cântico novo” que aparece no Apocalipse é para nós uma grande bênção (Ap 5.9, 10).

Porque a religião cristã é alegre, ela está cheia de hinólogos e hinógrafos. O nosso *Cantor Cristão* é o repositório das melhores jóias literárias musicadas. Nomes como os de Lutero, Carlos Wesley, Fanny Crosby, Ira Sankey, Mozart, Doane, Haendel, Haydn, R. Pitrowsky, Salomão Ginsburg, Sarah Kalley, W. E. Entzminger, Manoel Avelino de Souza e centenas de outros autores de letras e compositores de música nunca serão esquecidos por aqueles que têm manuseado o nosso hinário e por todos que dele venham a fazer uso em seu louvor cantado ao Senhor.

Quando está sendo reeditado este Manual, em sua sétima edição, acaba de ser entregue ao povo batista brasileiro o seu mais novo hinário — *Hinário Para o Culto Cristão*. Nele estão contidas verdadeiras pérolas para o louvor a Deus. Servos do Senhor, como Joan Larie Sutton, Stela Câmara Dubois, João Filson Soren, Werner Kaschel, A. B. Deter, A. L. Dunstan, João Wilson Faustini, Hiram Rollo Júnior, Marcílio de Oliveira Filho, Almir Rosa, Ivo Augusto Seitz e muitos outros prestam a sua colaboração à hinódia cristã evangélica, através dessa obra de grande vulto.

Cantar é bom. Cantar é alegrar o coração, é encher a alma de fragrância. Cantemos, pois, sempre muitos hinos ao Senhor em nossos cultos. Cantemo-los com melhores acompanhamentos musicais que pudermos ter. Cantemos, pois a música é uma terapia. Os cientistas, em alguns países, recomendam, em muitos casos, a meloterapia. E nós possuímos a melhor música para a terapia de que necessita a alma enferma.

2.11.2 — Tipos de hinos (exemplos)

1. **De adoração e louvor** — “Santo” e “Coroai” (n.º 8 e n.º 60 do *Cantor Cristão*).

2. **Devocionais** — “Hora Bendita”, “Comunhão” e “Minha Oração” (n.º 148, n.º 151 e n.º 159 no *Cantor Cristão*)

3. **Didáticos ou temáticos** — “Deus dos Antigos”, “Ao Contemplar a Rude Cruz” e “A Vinda do Senhor” (n.º 34 e n.º 127 do *Hinário Para o Culto Cristão*; n.º 114 do *Cantor Cristão*)

4. **Dedicação ou Convite** — “Tal Qual Estou” e “Manso e Suave” (n.º 266 e n.º 222 do *Cantor Cristão*).

Bibliografia

Os que quiserem fazer um estudo sobre os hinos podem buscar informações nas seguintes obras:

1. Norbert Guy McCutchan — *Our Hymnody* — Nashville: Abingdon Press, 1937.

2. Alexander MacMillan — *Hymns of the Church* — Toronto: United Publishing, Horese, 1948.

3. Erik Routleu — *The Church and Music* — London: Duck Worth, 1950.
4. Henriqueta Fernandes Braga — *História da Música Sacra Evangélica no Brasil* — Rio: Livraria Kosmos Editora, 1961.
5. Edmond D. Keith — *Hinódia Cristã*, Vols. 1 a 4, Rio: Casa Publicadora Batista, 1969.
6. Bill Icther — *Se os Hinos Falassem*, Vols. 1 a 4, Rio: Casa Publicadora Batista, 1970-1979.

2.11.3 — A leitura da Bíblia

A leitura da Bíblia deve ocupar um lugar de destaque num culto público. Os crentes devem estar com suas Bíblias para poderem acompanhar a leitura do texto escolhido. Temos dito que crente que vai à igreja sem a Bíblia é como um soldado que entra na guerra sem sua arma. O crente que leva sua Bíblia aos cultos não só dá testemunho por onde passa de que ele é “um bíblia”, “um crente”, como também estimula outros a amarem e a carregarem a Palavra de Deus.

Por muitos anos, o autor tem adotado o costume de ler um ou dois capítulos da Bíblia no culto. É leitura alternada. Antes, porém, de anunciar o texto, solicitamos que todos os crentes suspendam o braço direito com a Bíblia. Nossos olhos correm ligeiramente sobre todo o auditório. Se observarmos que alguém deixou sua Bíblia em casa, logo dizemos com palavras carinhosas e de estímulo: “Que houve, irmão fulano, sua Bíblia não veio?”. Usamos também várias expressões com o fito de mostrar aos crentes, aos visitantes, às crianças, o grande valor da Bíblia no culto cristão. Desse modo, verificamos que, ao pedirmos que levantem as Bíblias, um grande exército mostra suas armas.

Assim, os crentes participam juntos da mais santa e benéfica leitura e recebem inspiração para suas almas.

Os judeus liam muito, no culto público, a Palavra de Deus. Quando Jesus foi à sinagoga, lhe deram o Rolo para ler. E o texto que leu era o profeta Isaías.

Quando o autor esteve na Palestina, teve o privilégio de assistir a uma reunião numa sinagoga, num dia de sábado. Como dão valor à leitura do Antigo Testamento! Logo que entrei, deram-me uma cópia do livro deles e um solidéu do tamanho do que os padres usam na cabeça. A cabeça de quem participa daquela solenidade religiosa não pode ficar sem aquele acessório. Em outro lugar, tive que colocar o lenço na cabeça. Cobria-a com ele, ou então não seria admitido no recinto...

Entre as muitas partes que foram apresentadas naquela ocasião, destaco a da leitura do Livro Sagrado. Uma comissão, depois de ter lavado as mãos, foi ao altar e, ali, depois de abrir as cortinas, retirou um dos Rolos. Trouxeram-no com muita reverência até o centro do salão, onde havia uma mesa bem grande. Um homem, com uma ponteira comprida, apontou o texto onde se deveria ler. Outro foi fazer a leitura. Todo o texto era lido e cantado. Depois dessa parte, seguiu-se o comentário feito por um rabino alto, magro, com barbichas brancas e compridas, todo de preto, com um chapéu, também preto. Com um olhar circunspecto, voz de uma autoridade, gestos comedidos, ele comentou o texto. Em seguida, passou à iniciação de dois meninos que já tinham atingido a idade exigida pela lei. Após várias perguntas sobre sua criação como judeus, seus propósitos e sua vida, ele começou a enumerar as características dos judeus. Colocou sobre os ombros dos meninos pesadas responsabilidades: “Agora vocês são judeus aqui ou alhures. Se não guardarem estes preceitos serão amaldiçoados.” Fiquei até arrepiado.

As mulheres não assistem dentro do salão, mas ouvem tudo do outro lado de um biombo. Somente meninas, aos dez anos, creio, podiam assistir à reunião com os homens. Dessa idade para cima são proibidas.

Esta referência a uma reunião numa sinagoga judaica é para mostrar o valor da leitura do texto bíblico. Se os crentes lessem sempre a Palavra de Deus nos cultos, talvez houvesse maior interesse pela mesma e maior número de conversões.

O salmista declara: “Oh! quanto amo a tua lei! ela é a minha meditação o dia todo” (Sl 119.97). Pelo desejo que tinha de conhecer melhor a Palavra de Deus, o mesmo salmista exclama: “Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). Amemos de toda a nossa alma a Palavra de Deus. Leiamos-la, não só em casa, mas no serviço, nos cultos públicos, nas reuniões, nas festas etc. Façamos de sua leitura a melhor em nosso culto. Com o grande cantor de Israel, digamos: “A tua palavra é fiel a toda prova, por isso o teu servo a ama” (Sl 119.140).

2.11.4 — A oração

A oração é a respiração da alma. Ela é a janela da alma, pela qual vemos e falamos com Deus. O Antigo Testamento é um repositório imenso de orações. Ali achamos as orações de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Ana, Daniel e de centenas de outros servos de Deus.

A oração deve ocupar um lugar saliente no culto. É o momento quando a alma se descobre perante o Criador e lhe invoca as bênçãos. Ela é a chave que abre o coração de Deus, donde saem as inumeráveis bênçãos para nossas almas. Orar, então, é estar em contato com Deus. É debruçar-se ante a sua face augusta, para ouvir-lhe as repreensões, para sentir-lhe os apelos, para receber dele as bênçãos.

A oração é a alavanca que levanta as montanhas das dificuldades, que impulsiona os corações, que soergue os desanimados e abatidos.

Oração não é discurso como faziam os fariseus. Não é reza, como o fazem muitos. Não é um disco repetido. Não é memorização. Oração é a cabeça inclinada e o coração na boca; aquela demonstrando humildade e esta proferindo o que é real, o que o coração sente. Oração da boca sem o coração é a seta que sai em direção a alvo errado.

Muitas são as orações que encontramos no Novo Testamento. Jesus deixou-nos belos modelos de oração e de como orar. Também verberou os hipócritas, que faziam orações extensas e vazias de sentimento. O publicano saiu do templo justificado; o fariseu desceu condenado. Rui Barbosa já dizia que “a oração é o íntimo sublimar-se de alma pelo contato com Deus”. Guardemos, com Tiago: “A súplica de um justo pode muito na sua atuação” (Tg 5.16).

As orações, quanto às suas qualidades, devem ser: 1) *objetivas*; 2) *compreensivas*; 3) *concisas*.

Quanto à sua classificação, elas podem ser: 1) *de adoração*; 2) *de confissão*; 3) *de súplica*; 4) *de intercessão* etc.

Quando ao seu propósito, elas devem incluir: 1) *adoração*; 2) *confissão*; 3) *agradecimento*; 4) *súplica*; 5) *submissão*.

Bibliografia

Apresentamos aqui uma bibliografia selecionada de livros sobre oração, a fim de que os leitores procurem fazer maiores estudos sobre tão importante assunto:

1. W. E. Entzminger — *A Prática da Oração* — Rio: Casa Publicadora Batista, 1942.
2. James H. McConkey — *A Oração* — Rio: Casa Publicadora Batista, 1968.
3. R. A. Torrey — *Ensina-nos a Orar* — Rio: Casa Publicadora Batista, 1942.
4. J. C. McClure — *Intercessory Prayer* — Chicago: Moody Press, 1902.
5. C. M. Leymon — *Great Prayers of the Bible* — Cincinnati: The Methodist Church Literature Headquarters, 1947.

2.11.5 — A pregação

A mensagem é a parte central do culto. Que responsabilidade a do pregador! Ele é o transmissor das verdades do eterno Deus. A ele cabe comunicar aos ouvintes a mensagem do coração amoroso de Deus ao pecador.

O Dr. Manoel Avelino de Souza, em seu livro *O Pastor*, p. 122, declara:

A função principal e por excelência do pregador é entregar a mensagem. A pregação do evangelho, ou o sermão, deve ocupar o lugar supremo da sua vida, dos seus propósitos, dos seus interesses, das ocupações, dos seus estudos e esforços. Tudo o que está ligado à sua vida submete-se à sua função de pregar.

É aí daquele que se apresenta ao mundo como um mensageiro de Cristo e faça do seu púlpito um lugar de divertimentos, de passatempo, de exibições ambiciosas; lugar de chicana e política, de manipulação simplesmente literária, secundária, sem qualquer responsabilidade!

Ele não pode fazer do ministério sagrado de anunciar a salvação de Deus, aos pecadores, um campo de intrigas, de explorações, sejam quais forem, de vantagens financeiras e sociais, de oportunidades especiais para misteres passageiros e particulares. Não. Se o fizer, sua queda será inevitável e fatal; seu testemunho negativo e sáfaro: sua obra, inútil e prejudicial a Cristo e à sua Causa; será ele uma estrela cadente no céu ministerial, uma nuvem sem água no espaço donde caem os aguaceiros da graça divina. Os tais são nódos, máculas negras e negregandas no ministério da pregação. A pregação revela o propósito de Deus aos homens, transmite graça, sabedoria, poder e vida. Por essa razão, ela é, para o mundo da consciência, um *sopro de vida*. Quando ela diminui, o povo perece, por falta de visão e do conhecimento de Deus; quando desaparece, as trevas cobrem os corações e as almas se perdem; por falta de luz, por falta de verdade, as trevas substituem a luz, o mal substitui o bem, o pecado, a santidade, a morte, a vida, a incredulidade, a fé, o ódio, o amor, a vingança, o perdão.

O Dr. Shepard, em sua grande obra *O Pregador*, p. 49 e 50, inculca:

O método de propaganda por excelência do cristianismo é a pregação, cujo auge é atingir os confins do mundo.

Desde o início, o cristianismo tem usado a pregação como método mais eficiente. O evangelho foi pregado antes de ser escrito. A Causa de Cristo, nos tempos apostólicos, se expandiu pela pregação da Palavra de Deus. Paulo, Pedro, João e muitos outros apóstolos viajavam evangelizando e fundando igrejas por meio da pregação. Nos séculos subsequentes, os grandes missionários, como Columba, entre os bretões, Agostinho, entre os povos anglo-saxões, Bonifácio, no meio dos gauleses, e assim outros, seguiram a mesma orientação. No movimento missionário dos tempos modernos, os mensageiros de Deus seguem o mesmo método. Judson, em Burma; na China, Morrison e Yates; Carey e Duff, na Índia; na África, Moffat; e Brainerd, entre os índios da América do Norte; todos esses se dedicaram à pregação da Palavra.

Os tempos de refrigério têm sido exatamente os de grandes movimentos religiosos promovidos pela pregação. A Inglaterra necessitava do pão espiritual; morria, quando os Wesley principiaram uma grande campanha de pregação. Whitefield, Moody e outros evangelistas famosos dos tempos modernos revivificaram as igrejas com a pregação. Milhares de almas têm sido chamadas das trevas para a luz pela pregação de grandes evangelistas, como Spurgeon, Robertson, Beecher e outros. Por ela as igrejas se edificam na vida cristã. A exposição da Palavra de Deus, feita habilmente do púlpito por um grande pregador como Alexandre Maclaren, leva sua influência aos confins do mundo. A palavra de um Lutero, de um Calvino ou de um Knox derruba impérios, destrói reinos, transforma nacionalidades e orienta correntes da história. Quem pode medir o poder da pregação?

2.12 — Culto Cantado

Culto cantado é um culto especial, geralmente com uma ênfase central, em que, em sua maioria, as partes são hinos — tocados ou cantados, com a participação da congregação, de solistas, de duetos, coros e conjuntos musicais. Pequenas mensagens, alusivas ao tema central, podem integrar um culto cantado.

Damos a seguir dois exemplos de cultos cantados que podem servir de modelos para elaboração de outros.

2.12.1 — O CANTOR CRISTÃO

I. O CANTOR CRISTÃO CANTA O LOUVOR

Prelúdio	Órgão
Hino 13 do CC — “Adoração a Deus” — W. E. Entzminger	Coro
Oração invocatória	Pastor
Leitura bíblica alternada — Salmos 117	Congregação
Hino 15 do CC — “Exultação” — Joseph Jones	Congregação

II. O CANTOR CRISTÃO CANTA A SALVAÇÃO

Hino 129 do CC — “Bendita Luz” — S. L. Ginsburg	Coro
Leitura bíblica uníssona — João 1.1-5; 10-14	Coro
Mensagem — “O Cantor Cristão Prega a Salvação”	Pastor
Hino 361 do CC — “Por Mim” — M. A. Souza	Congregação

III. O CANTOR CRISTÃO CANTA A ALEGRIA

“A Cega Talentosa” (1)	Narrador
“Vivo Feliz, Pois Sou de Jesus” — Arr. Roger Wilson (2)	Coro
Leitura bíblica — Isaías 35.10	Pastor
Hino 405 do CC — “Gozo e Paz” — M. A. Souza	Congregação

IV. O CANTOR CRISTÃO CANTA A SEGURANÇA

“Chuvas de Bênçãos” — Arr. H. Cou (3)	Conjunto Feminino
“Um Homem Marcado Pela Tragédia” (4)	Narrador
Hino 155 do CC — “O Grande Amigo” — Catarina Taylor ..	Congregação
Leitura bíblica alternada — Romanos 8.31-39	Pastor e Congregação
Meditação: “O Cantor Cristão Canta a Segurança”	Pastor

V. O CANTOR CRISTÃO CANTA O CONFORTO

“Salva Sozinha” (5)	Narrador
Hino 398 do CC — “Sou Feliz” — W. E. Entzminger	Congregação
Leitura bíblica uníssona — Salmos 46	Coro
Hino 344 do CC — “Deus Cuidará de Ti” — S. L. Ginsburg	Congregação

VI. O CANTOR CRISTÃO CANTA A ESPERANÇA

Meditação: “O Cantor Cristão Canta a Esperança Para o Crente” ...	Pastor
Hino 500 do CC — “Glória Pra Mim” — Ginsburg ...	Conjunto Feminino
Leitura bíblica uníssona — Apocalipse 21.1-7	Congregação
Hino 521 do CC — “A Cidade Santa” — Moreton ..	Solista e Congregação
Oração e Bênção Apostólica	Pastor
Poslúdio	Órgão

- (1) “Se os Hinos Falassem”, Vol. I — p.37.
- (2) “Hinário da Campanha Nacional de Evangelização” — p. 64.
- (3) “Novos Acordes para Vozes Femininas”, Vol.I, Redijo — p.12
- (4) “Se os Hinos Falassem”, Vol. I — p.25.
- (5) “Se os Hinos Falassem”, Vol. III — p. 87.

2.12.2 — SEDE AGRADECIDOS

Prelúdio	Órgão
Leitura bíblica — Salmos 107.1	Congregação
Hino 16 do CC — “Vinde Adorar” — Henry M. Wright	Congregação
Oração Invocatória	Pastor
Recitativo bíblico — Colossenses 3.15	Congregação

GRATIDÃO PELAS BÊNÇÃOS

Hino 419 do HCC — “Graças Dou por Minha Vida” — Denysczuk —	Congregação
Leitura bíblica uníssona — Salmo 103	Congregação
Hino 128 do CC — “A Redenção” — W. E. Entzminger	Solista
Meditação: “Sede Agradecidos Pelas Bênçãos”	Pastor
Hino 444 do HCC — “Conta as Bênçãos” — Elisa Smart	Congregação

GRATIDÃO PELA SALVAÇÃO

Leitura bíblica uníssona — Romanos 5.1-8	Regente
Hino 372 do CC — “Salvo Estou” — João Dieners	Congregação
Meditação: “Sede Agradecidos Pela Salvação”	Pastor
Hino 361 do CC — “Por Mim” — M. A. Souza	Congregação

GRATIDÃO PELAS VITÓRIAS

Leitura bíblica alternada — Salmos 136	Regente e Congregação
Hino 454 do CC — “Vitórias nas Lutas” — M. A. Souza	Congregação
Meditação: “Sede Agradecidos Pelas Vitórias”	Pastor
Hino 426 do CC — “Gratidão na Luta” — S. L. Ginsburg	Solista

GRATIDÃO E DEDICAÇÃO

Leitura bíblica alternada — Salmos 90	Pastor e Congregação
Momento de dedicação: Hino 295 do CC — “Tudo Entregarei” — S.L.G. Todos	
Oração e Bênção Apostólica	Pastor
Poslúdio	Órgão

2.13 — O Dia do Senhor

O Dia do Senhor (*Kuriake hemera* — Ap 1.10) deve ser guardado com toda a honra e dignidade. Deve ser santificado. Ninguém deve profaná-lo.

Fazer compras no domingo, passear, ir à praia, ficar em casa vendo televisão etc são coisas que constituem profanação do Dia do Senhor. Temos seis dias para trabalho. Mas o domingo, o Dia do Senhor, é para descansar. É para louvor, para pregação, para testemunho, para santificação.

Mas por que guardamos o domingo, e não o sábado?

Não guardamos o sábado pelas seguintes razões:

1. *Há uma profecia sobre a abolição do sábado.* Deus dissera por Oséias: “(...) farei cessar (...) os seus sábados” (Os 2.11).

2. *O sábado fazia parte da lei.* Era mandamento. Não estamos sujeitos à lei. Paulo escreve: “De modo que a lei se tornou nosso aio, para nos conduzir a Cristo, a fim de que pela fé fôssemos justificados. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio” (Gl 3.24, 25). Logo, se a lei não pode ser aplicada, não o pode também o sábado.

3. *Cristo não guardou o sábado como mandava a tradição.* Assim, diziam os fariseus: “Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado” (Jo 9.16). Jesus violou sete vezes a lei.

4. *Não existe mandamento no Novo Testamento para guardar o sábado.*

Por que guardamos o domingo?

1. *Porque foi nesse dia que o nosso Senhor ressuscitou* (Mc 16.9).

2. *Porque foi o dia em que se deram fatos memoráveis para os cristãos*, como: a aparição de Jesus aos discípulos, a impetração de sua bênção, a descida do Espírito Santo, a ressurreição de muitos dos seus discípulos, que apareceram até na cidade a muitos, a sua grande comissão, a sua ascensão aos céus.

3. *Porque se tornou o dia de culto dos cristãos primitivos* (At 20.7).

4. *Porque era o dia em que a Ceia era celebrada*

5. *Porque relembra o dia de nossa redenção*, assim como o sábado relembra o dia da criação.

6. *Ao guardar o domingo, estamos guardando o 4.º mandamento*, pois o texto pode ser lido assim: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar” (Ex 20.8). O importante é que no domingo, que significa Dia do Senhor, a idéia fundamental da palavra hebraica sábado é encontrada.

7. *Os cristãos da era apostólica sempre guardavam o domingo*, e não o sábado, e o mesmo fizeram aqueles outros que os seguiram.

Eis as palavras de alguns escritores:

Inácio de Antioquia, que viveu no final do primeiro século, chama o Dia do Senhor de “o príncipe entre os demais dias”. Barnabé, lá pelo ano 120, em sua Epístola de Barnabé, declara: “Guardamos com alegria o oitavo dia, o dia também em que Jesus ressurgiu da morte.” Clemente afirma: “De acordo com o evangelho, um

cristão observa o Dia do Senhor, glorificando, dessa maneira, a ressurreição de Cristo.” Irineu, já no segundo século, testificava: “No Dia do Senhor, todos nós, os cristãos, guardamos o Dia do Repouso, meditando na lei e regozijando-nos nas obras de Deus.” Justino Mártir acentua: “Mas o domingo é o dia em que todos nós temos nossa assembléia comum.” Eusébio declara: “O dia da ressurreição, ou seja, o Dia do Senhor, era observado em todo o mundo.”

2.14 — Dedicção de Crianças

É comum ao casal crente, quando lhe nasce uma criança, levá-la ao templo para dedicá-la ao Senhor, logo nos seus primeiros meses de vida.

Nas igrejas batistas, a criança não é batizada quando nasce porque a Bíblia diz que o batismo é para o que crê. A criancinha não tem essa capacidade. Ela não pode, ainda, fazer o uso da razão como os adultos.

O fato de os pais levarem seus filhinhos ao templo para serem dedicados ao Senhor demonstra que eles nutrem esperanças de que, ao crescerem, eles procurarão seguir os retos caminhos divinos.

O próprio Senhor Jesus, quando nenê, foi dedicado por seus pais num templo. Levaram-no ao templo em Jerusalém (Lc. 2.22-24) para sua apresentação ao Senhor.

Como deve ser conduzida a cerimônia de dedicação de crianças

1. Os pais vão à frente, conduzindo a criancinha.
2. Em ali chegando, o pastor tomará a criancinha em seus braços.
3. O pastor poderá ler Números 6.22-27 ou Deuteronômio 6.4-7.
4. Em seguida, o pastor dará uma breve palavra sobre o valor da dedicação da criança ao Senhor.
5. Depois o pastor se dirigirá aos pais e dirá: “Vocês aqui vieram trazendo seu filhinho com o desejo de apresentá-lo publicamente à igreja e esperando a bênção do Senhor. Agora, lhes pergunto: Vocês prometem, na presença de Deus, o Criador, e desta igreja, criar esta criança nos retos caminhos do Senhor?” Os pais responderão: “Sim, prometemos”.

O pastor pedirá à congregação que se ponha de pé e, segurando em seus braços a criancinha, dirá aos pais: “Já que vocês (poderá citar o nome dos pais) se comprometem, publicamente, diante de Deus, e desta igreja, a dedicar este(a) menino(a) ao Senhor, responsabilizando-se pela criação dele(a) nos sagrados ensinamentos bíblicos, como ministro do evangelho apresento o(a) menino(a) (citar o nome da criança) ao trono da graça para que o Senhor a abençoe”.

Em seguida, orará: “Ó Deus Supremo, Senhor da vida e de todo o mundo, a ti dedicamos (fulano de tal). Rogamos-te que o(a) ajudes em seu crescimento físico, intelectual, moral e espiritual. Concede, Senhor, graça e sabedoria aos seus pais para que possam criá-lo (a) como tu mesmo desejas. Que seus pais se submetam à tua vontade e criem, em casa, um ambiente espiritual que venha a influenciar esta criança para ser um grande servo em tua Causa”.

6. Após a oração, o pastor beijará a criancinha e a devolverá à sua mãe, encerrando, assim, a cerimônia.

NOTAS

1. Em sua palavra, o pastor poderá citar, entre outros, os seguintes textos escolhidos:
“Assim, pois, não é a vontade de vosso Pai celeste que pareça um só destes pequeninos” (Mt 18.14).
Jesus abençoa os pequeninos (Mt 19.13-15).
“E, tomando-as nos braços, e impondo-lhe as mãos, as abençoou” (Mc 10.13-16).
2. Ainda poderá usar as seguintes passagens bíblicas: Mt 18.5, 10, 14; Sl 127.3-5; Lc 2.25-40; 9.46-48; Cl 3.20, 21; Ef 6.1-9; 1Sm 1.24.

A IGREJA E SUAS RELAÇÕES

3.1 — A Relação da Igreja com as Coirmãs

Uma igreja deve manter a mais estreita relação fraternal com suas coirmãs. Problemas surgirão durante os anos, quem sabe, mas ela deve esforçar-se para que as relações fraternais não sejam rompidas.

Os casos mais comuns de estremecimento das relações fraternais são oriundos de desentendimento entre um membro e outro, ou entre um membro e o pastor. Às vezes, o desentendimento é mais por causa de questões administrativas. Quando não podem entender-se, surge o impasse. Para solucionar o problema, algumas igrejas têm usado os seguintes expedientes:

1. Dar ao querelante uma “carta compulsória” para que ele vá para a igreja que quiser;
2. Prender a carta de transferência do solicitante, provocando, assim, reação da igreja para a qual ele solicitou sua carta.

As igrejas deviam evitar criar problemas quanto à concessão de cartas de transferência. O membro tem o direito de pertencer à igreja que desejar. Uma igreja tem também o direito de rejeitar a transferência de um membro que ela saiba ser problemático. Igrejas há que não levam em conta estas coisas. Aceitam membros por transferência, mesmo que tenham criado problemas anteriormente, em outras igrejas. Estão armazenando situações dificultosas para si mesmas.

Há igrejas que têm agido, em certos casos, com vingança. Essa atitude é incompatível com o espírito cristão. Às vezes, um grupo discorda de certos pontos de vista da direção da igreja e procura mostrar o que considera certo. Mas a igreja não aceita um diálogo. Resultado: ou o grupo se humilha, ou é excluído. Outra igreja, vendo um grupo que não cometeu nenhum pecado e foi excluído injustamente, só porque discordou de pontos de vista administrativos, apóia o grupo e o aceita em seu rol de membros por aclamação. Logo depois, patrocina a organização daquele grupo em igreja num local onde já estejam se reunindo para isso.

Às vezes, igrejas chegam até a cortar a fraternidade com outras, não mantendo nenhum intercâmbio com elas.

Isso é triste e doloroso. Um pouco de tato, em muitos casos, poderá evitar grandes divisões, decepções e escândalo para o evangelho. Urge, pois, que cada igreja compreenda que o espírito de fraternidade deve ser uma grande tônica em suas relações com as coirmãs.

Mesmo que sofram muito para isso, é conveniente para a igreja e para o pastor evitar choques, melindres, divisões e escândalos, a fim de que a Causa não sofra. É preciso muita renúncia, muito tato e bom senso. Mas vale a pena! O salmista proclama: “Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!” (Sl 133.1).

3.2 — A Igreja e os Concílios

1. Os concílios são formados de igrejas batistas da mesma fé e ordem.
2. Os concílios não têm autoridade sobre as igrejas. As suas decisões são apenas recomendações, que podem ser aceitas ou não.
3. Os concílios podem ser *ex-parte* ou *mútuo*. No caso de haver problemas em algumas igrejas e só uma delas convocar um concílio, temos o concílio *ex-parte*. Quando as partes em litígio concordam em convocar um concílio, para ajudá-las na solução de seus problemas, temos o *concílio mútuo*.
4. Concílios podem ser convocados para assuntos como os seguintes: a) Organização de novas igrejas; b) ordenação de um pastor; c) ordenação de diáconos; d) estudo de problemas surgidos entre igrejas; e) estudo de problemas de heresias etc.
5. A igreja que convoca um concílio deve, além de expor os motivos, indicar o local, data, hora, e pedir que as igrejas convidadas enviem seus membros com credenciais para participarem do mesmo.
6. Ao organizar-se, o concílio deve escolher um presidente e um secretário, se for o caso de concílio para dirimir dúvidas ou solucionar problemas. Em seguida, o presidente exporá o motivo da organização do concílio. Depois, anunciará que as partes em litígio têm seus representantes, que estão por elas credenciados para exporem os seus argumentos e as suas razões.
7. O concílio poderá nomear uma comissão especial que, em outra sala, estudará os argumentos, analisará o problema em todos os seus aspectos e, em seguida, preparará o seu parecer para ser apresentado ao concílio.
8. Enquanto a comissão se reúne, o plenário poderá ouvir músicas, ter um período de oração, ler a Bíblia e ouvir alguma exortação se o desejar.
9. Concluída a sua tarefa, a comissão lerá, perante os conciliares, o seu parecer. O concílio vai estudá-lo. Se lhe agrada, aceita-o e torna-o sua recomendação às igrejas envolvidas no litígio.
10. As igrejas, por questão de consciência e bom senso, devem acatar as decisões do concílio, afinal, elas pediram conselhos. É uma questão até de ética. Um concílio, julgando com isenção de ânimos, poderá agradar a uma parte e até mesmo às duas. Mas as igrejas devem reconhecer que Deus nos fala através de muitas maneiras, para o nosso próprio bem.
11. Findo o trabalho do concílio, este se dissolverá. O secretário poderá publicar a ata, ou apenas o extrato da reunião, em algum órgão denominacional, se o concílio julgar conveniente.

3.3 — Os Batistas e as Outras Denominações

1. Os batistas defendem a liberdade de consciência, o direito de escolher a maneira de servir a Deus como o indivíduo desejar. Defendem esse direito para todos. Esse é um dos seus distintivos através dos séculos.
2. Os batistas não recebem nem expedem cartas de transferência a igrejas de outras denominações. A troca de cartas de transferência só se processa entre igrejas batistas da mesma fé e ordem.
3. Embora os batistas não se relacionem com igrejas de outras denominações, no que tange à admissão de membros por transferência, contudo, reconhecem que há campos e esferas da obra do Senhor em que podem cooperar juntos. Por exemplo, na publicação e divulgação da Palavra de Deus, em campanhas contra o analfabetismo, contra os entorpecentes, contra a união de Igreja e Estado etc.
4. Os batistas não aceitam convites para filiação a qualquer organização que vise à união das denominações. Os batistas são visceralmente contrários ao *ecumenismo*, por causa de seus princípios, que têm sido mantidos através dos séculos.
5. Crêem os batistas que cada igreja é independente e autônoma, completamente competente para dirigir seus próprios negócios consoante com os ensinamentos neotestamentários. Os batistas, como um grupo ou Convenção, nunca aceitarão convite para se unirem ao Conselho Mundial de Igrejas. Isto implicaria uma autoridade eclesiástica, o que falece à Convenção e a qualquer outra organização batista.

3.4 — A Relação Entre a Igreja Local e as Associações, Convenções etc

1. As associações e Convenção Estadual e as organizações batistas são formadas de indivíduos, e não de grupos de igrejas.
2. Todas essas organizações acham-se no mesmo pé de igualdade. Não há controle de uma sobre as outras. Onde dizer-se que uma associação é tão soberana como uma convenção e ambas terem os mesmos direitos.
3. É o espírito de cooperação que leva os batistas a criarem as citadas organizações. Uma igreja local, em muitos casos, está limitada para realizar determinado empreendimento. Por isso, unida a outra, pode ver tornar-se mais fácil a consubstanciação dos seus ideais.
4. Este “princípio de expediência” de modo algum interfere na soberania da igreja local. O Novo Testamento no-lo apresenta. Cristo comissionou seus discípulos a irem pregar o evangelho por todo o mundo. Sós, não podem ir. Unem-se, e através da cooperação, criam entidades, como as juntas e outras, que mais facilmente realizam a empresa proposta.
5. A igreja não delega nenhum poder de seus membros, quando em associação, convenção ou em outra qualquer entidade, para falar em seu nome. A igreja, sim, envia mensageiros a tais reuniões. As resoluções tomadas pelo organismo não obrigam a igreja a aceitá-las. A igreja é livre para aceitá-las, ou não. No caso das associações ou convenções, as suas deliberações são trazidas à igreja como mensagens, como sugestões, que podem ou não ser acatadas.

3.5 — A Igreja e o Estado

1. A Igreja é essencialmente separada do Estado por causa do seu caráter espiritual.

2. Reconhecemos, contudo, que cada membro deve respeitar as autoridades constituídas. Somente em casos que envolvem a consciência cristã pode o crente deixar de realizar as ordens do Estado.

3. É dever do Estado manter a ordem para o bem de todos. A igreja contribui, na sua esfera, para ajudar o Estado a desenvolver o indivíduo intelectual, moral e espiritualmente.

4. Os batistas são defensores intransigentes da separação entre a Igreja e o Estado. A ordem de Cristo é: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”

5. O cristão, como cidadão de duas pátrias, deve zelar para que seja, também aqui na terra, um cidadão exemplar.

4

A IGREJA E SEU TEMPLO

4.1 — Passos Para a Construção de um Templo

Precisa-se de muita habilidade para se edificar um templo. Dos primeiros passos depende o sucesso do mesmo.

Assim, podemos enumerar os seguintes passos para a construção de um templo:

1. **Oração** — É o passo primordial, indispensável, pois a oração é a alavanca de todo o trabalho da igreja. Sem ela, tudo é infrutífero, sem valor. A oração é a arma do crente que, fraco nas possibilidades, tem nas orações a força das possibilidades eternas.

A Bíblia é fértil em exemplos que nos mostram que a oração é indispensável para qualquer obra, seja ela de pequeno ou grande porte.

2. **Campanha** — No Antigo Testamento encontramos inúmeros exemplos de campanhas. Na construção dos muros, na construção do templo, o povo sempre foi conclamado a uma campanha de dedicação das posses, campanha dos dízimos e das ofertas alçadas. Ao pensar em construir um templo, o pastor deve, após a Campanha da Oração, promover a Campanha Financeira, fazendo com que todo crente sinta o dever e o prazer de construir um templo em que Deus possa ser cultuado com melhores possibilidades. A campanha pode ser só dos dízimos, mas pode ser também de ofertas especiais, ofertas de gratidão, de reconhecimento. Nessa campanha, podem os crentes receber donativos dos amigos do evangelho e dos que são crentes, mas ainda não estão integrados à igreja.

Alcançada uma quantia significativa, deve a igreja adquirir um terreno. A escolha da área a ser comprada deve ser feita com muito cuidado, com muita habilidade. O lugar deverá ser:

a) Acessível — “Não se coloca a candeia embaixo do alqueire, mas no velador (...)”

b) Atraente — Um lugar que chame a atenção do transeunte.

c) O terreno deve ser grande, pois, no futuro, com o desenvolvimento do trabalho, a igreja precisará de mais espaço.

d) Deve-se sondar a formação do terreno.

Comprada a área e observados estes quesitos, a igreja não deve terminar a sua campanha. Ela deverá continuar a investir o dinheiro para que, rendendo juros, ele possa fazer face às despesas futuras.

Quando, então, for o tempo da edificação, a igreja deverá observar o seguinte:

a) Contratar um engenheiro competente (de preferência crente e que tenha prática em construção de templos).

b) Fazer ver a ele a necessidade de sua cooperação pedindo os seus serviços, não graciosos, mas por um preço módico. Assim, ele deverá elaborar a planta do templo, que deverá ser aprovada pelos líderes, ou mesmo por toda a igreja.

Uma boa igreja deve ter um bom templo, e um bom templo deve ser funcional. Na construção do santuário, deve-se observar:

a) Proporção

b) Tamanho

c) Ventilação

d) Galerias

e) Local do coro

f) Batistério

g) Assoalho

h) Gabinete pastoral

i) Visibilidade

j) Acústica

l) Iluminação

Dependências — A igreja tem diversas organizações que pedem lugar para se reunirem, como União de Mocidade, União de Adultos, União de Adolescentes, Escola Bíblica Dominical, Sociedade de Crianças etc. Por isso ela deve observar o tamanho do terreno e aproveitá-lo bem, pois, além do santuário, ela precisa do prédio de *Educação Religiosa*.

A Escola Bíblica Dominical tem departamentos como:

a) Infância

b) Principiantes

c) Primários

d) Juniores

e) Adolescentes

f) Jovens

g) Adultos

Há outras dependências, tais como: biblioteca, sanitários, gabinetes etc.

O material a ser usado deve ser o melhor possível, pois se trata de uma casa edificada para Deus. Deus merece de nós as melhores coisas.

Assim, temos visto que, para a construção de um templo, são precisos passos espirituais e administrativos.

Podemos dizer que os passos são:

1) Espirituais; 2) Econômicos; 3) Técnicos; 4) Estéticos.

4.2 — Lançamento da Pedra Fundamental

Quando uma igreja resolve construir um templo, ela pensa logo na cerimônia de lançamento da pedra fundamental. Por quê? Primeiro, porque é uma solenidade

que desperta no crentes maior interesse pela obra a ser erigida; segundo, porque é uma grande oportunidade de pregar-se o evangelho; terceiro, porque será um momento psicológico, quando, não só os crentes daquela igreja, como os de outras, e mesmo amigos, se acham presentes, podendo haver oportunidade para se apresentar o plano da obra e apelar aos que desejarem auxiliar financeiramente a construção, fazendo doação de determinada quantia; quarto, porque será uma oportunidade concedida aos crentes que desejam colaborar com documentos, fotos, publicações etc para serem colocados na urna.

4.2.1 — Preliminares

1. O terreno já deve encontrar-se bem limpo.

2. A urna deverá estar pronta em algum lugar próximo do local onde será realizada a cerimônia. A urna poderá ser de metal ou mesmo um grande jarro.

3. Os documentos a serem colocados na urna devem ser selecionados com bastante antecedência.

4. O local do terreno onde será colocada a urna poderá ser cavado antes da cerimônia. Se se quiser dar relevo a esse ato, dentro da solenidade, esse poderá ser cavado na hora da cerimônia.

5. Em cidades onde houver jornal, a notícia da solenidade a ser realizada deve ser divulgada, tendo-se o cuidado de colocar-se na urna um exemplar do dito periódico.

6. Fotografias devem ser tiradas, não só para o histórico da igreja, mas para serem depositadas na urna. No futuro, se for escavado o local, serão encontrados ali os documentos juntamente com as fotos.

7. O secretário da igreja deverá fazer uma Ata Histórica do momento.

4.2.2 — O ato

1. A parte devocional poderá constar de doxologia, oração e leitura bíblica, como o texto de Atos 17.22-31.

2. Expondo as razões da reunião, o presidente da solenidade repetirá Salmos 127.1 — “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.”

3. O presidente poderá ler, ou pedir que alguém leia, textos bíblicos alusivos ao costume antigo de edificar-se. Textos como o de 1Coríntios 3.10-15 (sobre o “fundamento” e o “sábio contrutor”); 1Pedro 2.6-10 (sobre a “principal pedra angular”); Efésios 2.19-22 (sobre “o fundamento” e a “pedra de esquina”) podem ser lidos. Eles são bem apropriados para o momento.

4. O hino 367 do *Cantor Cristão* — “Firme na Rocha” — se presta muito para a solenidade.

5. No momento de tomar a urna para introduzi-la no local para isso reservado, o presidente poderá convidar alguns membros mais antigos da igreja e os pastores presentes na ocasião para participarem desse ato.

6. Poderão ser colocados na urna os documentos que se desejarem. Assim, por exemplo, a Bíblia usada no início do trabalho naquele local; relação dos pastores que tenham pastoreado a igreja; ata da organização da igreja; fotografia do antigo templo (se for o caso); fotografia e ata da cerimônia de lançamento da pedra fundamental (para isso, a urna não pode ser definitivamente lacrada no dia da solenidade); relação nominal dos atuais membros da igreja; cópia de algum sermão; moedas e cédulas da época; jornais; e outros documentos que se queira acrescentar.

Ao colocar a urna no lugar apropriado, o presidente poderá dizer: “Assim como o nosso Senhor Jesus Cristo é a pedra angular de nossa liberdade e salvação, assim como o Espírito Santo no-lo há revelado, e assim como o Pai, no seu grande amor, concebeu o plano da redenção da raça humana, eu coloco esta pedra fundamental da Igreja Batista de, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

8. Voltando-se para a congregação, ainda o presidente dirá: “Que a pedra angular da vossa fé seja sempre Cristo Jesus, o Filho de Deus, nosso Salvador”.

4.3 — O Templo Funcional

Pastor Ernâni de Souza Freitas

Há membros de igreja que já são “doutores” neste assunto, ou seja, em matéria de templo funcional, porque assistiram a palestras proferidas pelo Dr. Alberto Del Nero, o engenheiro evangélico que se especializou na construção de templos assim. Tais membros não terão muito o que aproveitar deste estudo, mas ele será bastante útil àqueles que ainda não são senhores do assunto. Cremos, contudo, que “doutores” e leigos gostarão de guardar este estudo impresso.

O Dr. Alberto Del Nero usa um acróstico formando a palavra *VIVA*, para expor, de maneira clara, as vantagens do templo funcional. Assim é que a primeira letra desse vocábulo, o “V”, representa a palavra *visibilidade*. A letra “I” representa *iluminação*. A outra letra “V” representa *ventilação*. e a letra “A” representa *acústica*. Claro está que acústica, que, no acróstico, vem em último lugar, é o item mais importante, embora, os outros quesitos do templo funcional não devam ser desprezados.

Focalizaremos, então, os quatro característicos distintivos do templo funcional.

4.3.1 — Visibilidade

Reunimo-nos no santuário para o culto a Deus. No culto, sem dúvida alguma, a parte mais importante é a mensagem da Palavra de Deus. O ouvinte deseja ouvir a mensagem. Mas ele não quer somente ouvir; tem necessidade, também, de ver o pregador. Se a visibilidade não for boa, o ouvinte se cansará no esforço que fará para ver o mensageiro. Dentro de pouco tempo, estará cansado e sobremaneira prejudicado na recepção da mensagem. No templo funcional (dada à inclinação que se verifica no piso), o pregador é visto livremente, qualquer que seja o lugar em que o ouvinte se situar. Sem qualquer esforço (sem esticar o pescoço e sem torcer a cabeça para os lados), o ouvinte verá o pregador, seguindo-lhe os gestos que acompanham a entrega da mensagem. Não nos esqueçamos disto: há necessidade de ver o pregador e não somente de ouvi-lo.

4.3.2 — Iluminação

Em geral, a iluminação de nossas casas de oração é deficiente e imprópria, por ser fraca e mal disposta (eis que tudo é feito mais ou menos de improviso, sem estudo sério e responsável). Um dos erros muito comuns neste ponto é colocar-se luzes sobre a cabeça do pregador, luzes essas cujos raios incidem diretamente sobre os olhos dos ouvintes. Mesmo que estes queiram prestar atenção ao mensageiro, dentro de pouco tempo estarão cansados, obumbrados pela iluminação falha. No templo

funcional a iluminação é indireta (não se vê nenhuma lâmpada), e projetada cientificamente, de maneira que o ouvinte não terá que fazer qualquer esforço especial para ver o pregador, nem este terá que franzir o cenho para ler a Palavra de Deus ou para contemplar as reações fisionômicas de seus ouvintes. Tal iluminação, além de descansar a visão de todos, conferirá, ao ambiente do santuário, uma nota de alegria, pois esta é amiga da luz, tanto quanto a tristeza é amiga das trevas. Iluminação bastante não é luxo: é necessidade. Como filhos da luz que somos, soldados que lutam contra as trevas espirituais, devemos zelar no sentido de que os nossos santuários tenham uma iluminação que, em seu mutismo, proclame nosso amor à luz.

4.3.3 — Ventilação

Numa cidade de clima quente, a ventilação devida do santuário é problema que deve ser solucionado, se quisermos prestar um culto racional ao nosso Deus. Não é possível concentrar a mente no trabalho, quando o corpo sofre os efeitos da canícula. O mal que os abanadores trazem à reverência do culto é prejuízo que somente os pastores sabem avaliar com precisão. No templo funcional consegue-se, sem o uso de ventiladores, a temperatura que o termômetro acusar à sombra, fora do templo. Com aberturas ao rés do chão, permite-se a entrada do ar exterior; esse ar sofre o aquecimento proveniente da respiração das pessoas que se encontram ali e, aquecido, sobe ao teto; lá no teto, outras aberturas permitem a expulsão do ar quente para o exterior. Assim, há uma permanente renovação do ar, o que se torna bastante higiênico, além de confortável. O processo é tão eficiente que, quanto maior for o número de pessoas no salão, tanto melhor será a ventilação do ambiente (precisamente o contrário do que acontece se não houver esse tratamento técnico). E ninguém pense que isto fará com que o santuário seja um lugar muito frio no inverno, porque o interior do templo funcional é agradável em qualquer estação do ano; no verão, não será quente demais, e no inverno ninguém sofrerá frio demasiado.

4.3.4 — Acústica

Aqui chegamos ao ponto mais importante do nosso estudo. Já dissemos que a parte mais importante do culto é a mensagem da Palavra de Deus. As pessoas adentram o santuário para prestar culto a Deus e no culto estão interessadas na recepção do recado santo. Mas, como ouvirão, se o barulho não lhes dá essa permissão? Ouvir o pregar exige um esforço quase sobre-humano da parte do ouvinte. E o esforço despendido pelo pregador para se fazer ouvir rouba-lhe energias que lhe fazem falta para a entrega espiritual da mensagem. No santuário de muitas igrejas, as pessoas que tomam assento do meio do salão para trás ouvem mais ruídos da rua do que a palavra do púlpito. Como podem acompanhar a mensagem, ouvindo-lhe apenas alguns fragmentos? As orações não podem ser ouvidas. E os membros da igreja dizem “amém” àquilo que alguém disse a Deus apenas porque confiam cegamente no fato de que ninguém pedirá ao Senhor algo que não seja para o bem da Causa (do contrário, teriam dúvida em dizer “assim seja”). Mas, no templo funcional, o tratamento acústico de som é tão perfeito que, assim como vê o pregador, o ouvinte tem facilidade para ouvi-lo, seja qual for o lugar que ocupe no santuário. E isto, é bom que se note, sem o uso de qualquer tipo de amplificador (instrumento que o técnico de som condena acerbamente num salão de cultos). Usa-se, sim, um alto-falante na sala das mães, porque elas precisam ouvir a mensagem, sem que o barulho feito por suas crianças

prejudique a reverência do culto. Haverá silêncio no templo funcional para se ouvir a Palavra de Deus entregue pelo mensageiro, e — o que é mais importante — para ouvir-se diretamente a voz de Deus, falando-nos aos corações. No templo funcional, o ambiente favorecerá de tal maneira a reverência, que não haverá necessidade de se lutar contra a irreverência. Não se pedirá silêncio porque o ambiente silencioso será natural.

Em conclusão, vamos responder a uma pergunta que muitos estarão fazendo: Para se construir um templo funcional as despesas não serão bem maiores do que aquelas que se teriam com a edificação de um templo comum? Resposta: Não. O fato de ser funcional não encarece a construção em um centavo sequer. Assim, se uma igreja planeja construir um templo novo, não se compreende que esse templo não seja edificado funcionalmente.

4.4 — Programa de Inauguração e Dedicção de um Templo

Prelúdio	Órgão
Hino n.º 9 do CC — “Santo” — João Gomes da Rocha	Congregação
Boas-Vindas	Comissão de Recepção
Hino 588 do HCC — “Entoemos Hinos de Louvor” — D. W. Hodges. Congregação	
Leitura bíblica uníssona	Salmos 122
Oração	Diácono
Hino 34 do HCC — “Deus dos Antigos” — João Wilson Faustini	Coro
Sermão oficial	Pastor

Ato de dedicação:

Pastor:

Para a glória de Deus, Pai,
Para a honra de Jesus Cristo, seu unigênito Filho, nosso Salvador e
Para louvor do Espírito Santo, nosso Consolador ...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a adoração espontânea em oração e louvor;
Para a pregação fervorosa da Palavra de Deus;
Para a celebração do batismo e da Ceia do Senhor...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a convicção e perdão do pecador;
Para a consagração e purificação do crente;
Para a promoção perpétua de crescimento na graça da parte do crente inteiramente santificado...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a evangelização profícua e total da vizinhança;
Para exemplificação de paixão e pureza cristãs;
Para o acolhimento de todos os que desejem ser novas criaturas em Cristo Jesus...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para o conforto daqueles que estão aflitos;
Para o fortalecimento dos que se encontram fracos;
Para o auxílio dos que estão sendo tentados...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a edificação da família;
Para a instrução e orientação de crianças e jovens;
Para a formação do caráter e encorajamento de todos os corações...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para o desenvolvimento da consciência moral;
Para suprimir o mal em todas as suas formas e em todo lugar;
Para apressar a vinda e estabelecimento do Reino de Deus na terra...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a preparação de pastores, obreiros e leigos,
com o fim de cumprir a Grande Comissão de Cristo...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para a propagação das verdades do evangelho por meio da palavra impressa;
Para a alfabetização de crianças e adultos;
Para a promoção do apreço da boa literatura...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Pastor:

Para o engrandecimento da Pátria,
mediante desenvolvimento espiritual, intelectual e cultural;
Para a promoção da paz mundial...

Congregação:

...dedicamos este edifício ao Senhor nosso Deus.

Todos:

Nós, os membros da Igreja,
juntamente com esta congregação de irmãos e amigos,
Agora, afirmando de novo a nossa congregação,
Dedicamos, sim, dedicamos de coração, todo este edifício,
em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo! Amém.

Oração dedicatória Pastor convidado
Hino 589 do HCC — “Este Templo Dedicamos” — João S. Fonseca. Congregação
Bênção Apostólica Pastor

A IGREJA E SUAS ORDENANÇAS

5.1 — Como Realizar a Cerimônia do Batismo

Os batistas não têm ritos como outras denominações nem consideram o Batismo e a Ceia como sacramentos. O Batismo e a Ceia são considerados como ordenanças. Provas? “Portanto, *ide*... batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19); “...*fazei* isto em memória de mim” (1Co 11.24). *Ide* e *fazei* não são imperativos? Não são ordens?

5.1.1 — Preliminares

O ato em si mesmo depende de certos atos preliminares, que merecem atenção:

1. Aceito o candidato para batismo (depois de já haver passado pela classe de instruções, como estabelecem algumas igrejas), ele deve ser instruído sobre o significado dessa ordenança.

2. Orientação deve ser-lhe oferecida quanto à roupa para o batismo. Isto é indispensável, por já termos observado candidatos que comparecem só de calção, e moças só com duas peças. Molhada a capa, agarra-se ao corpo, desenhando sua forma, o que não deixa de trazer certo constrangimento para o oficiante e para os que ajudam no ato.

3. As capas devem ser, de preferência, brancas. Os cristãos primitivos, dizem historiadores, faziam roupas brancas só para o batismo. Queriam assim demonstrar, pelos vestidos, a alvura de sua nova vida. É que o branco é símbolo da pureza, da candura, da paz.

4. Uma comissão composta de quatro pessoas (dois homens e duas mulheres) deve ser designada para encaminhar os candidatos à sala onde trocarão as roupas. A comissão servirá também para apresentar-lhes palavras animadoras, pois muitos se sentem nervosos nesse dia: 1) por terem que enfrentar as águas batismais; 2) por terem que ser vistos pelos circunstantes.

5. Orientação pode ser dada pelo ministro, antes ou na hora do batismo (com as cortinas fechadas), sobre a posição em que deverá o candidato ficar, a fim de auxiliar o oficiante no ato do batismo. Dirá o ministro que ele deverá ter as mãos cruzadas sobre o peito, que os pés deverão estar juntos e que deverá prender a respiração no momento

em que for imerso. Esta técnica é indispensável. Conhecemos pastores que não puderam batizar algumas pessoas porque não seguiram esta técnica, principalmente a de conversar com o candidato antes de imergi-lo. Há pessoas nervosas que têm medo de entrar n'água. Verificando o ministro que há, entre os batizando, alguém assim, deve agir com muito cuidado. Poderá permanecer alguns minutos esperando a pessoa acalmar-se. Depois poderá fazer uma espécie de ensaio (tendo as cortinas ainda fechadas). Fará de conta que vai levar o candidato até a imersão. Ele já terá acalmado. Entendeu como será realizada a cerimônia. O restante será fácil. Não haverá mais problemas.

6. Quanto se tratar de pessoa muito alta, o ministro poderá pedir que ela se ajoelhe. Isto tornará mais fácil para o oficiante o ato da imersão, principalmente, se ele é de pequena estatura.

5.1.2 — O ato

O ministro poderá seguir as seguintes instruções:

1. Com a mão esquerda sobre seu coração, e a mão direita levantada acima da cabeça do candidato, ele proferirá, com os olhos fechados, as palavras: “Meu prezado irmão. Como ministro do evangelho, eu te batizo em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém”. Ou, então, uma fórmula maior, após interrogar o candidato, o oficiante dirá: “Meu prezado irmão (fulano de tal), segundo a tua profissão de fé, como ministro do evangelho oficiante deste ato, por ordem desta igreja, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

2. Em seguida, colocando a mão direita sobre as mãos do batizando (elas já se acham cruzadas sobre o peito), e a esquerda às suas costas, vai, aos poucos, imergindo o candidato. Entre o tempo de imersão e emersão, o oficiante poderá pronunciar as seguintes palavras: “Sepultados com Cristo no batismo, nele também ressuscitastes pela fé (...)” (Cl 2.12).

3. A fim de evitar que o candidato inspire algum pouco d'água, o oficiante poderá ter na mão direita um lenço branco ou um lenço de papel. No momento em que o candidato for imerso, quando seus cabelos tocarem à água, o oficiante usará o lenço para vedar-lhe o nariz.

5.1.3 — A música

Não são muitos os hinos especiais para batismos encontrados em nossos hinários. Podemos achar, no *Cantor Cristão*, os números 145, 147, 274, 282, 306; e, no *Hinário Para o Culto Cristão*, os de número 465, 510, 511, 512 e 513. Outros há que, não sendo especialmente escritos para essa cerimônia, podem ser usados na ocasião.

O organista poderá ir executando uma música apropriada até à hora da chegada dos candidatos ao bastitério. Entre um batismo e outro, a congregação poderá cantar uma estrofe dos hinos citados. Temos observado que os hinos mais cantados, em momentos como esse, são os de número 274 e 145 do *Cantor Cristão* — “Coro Santo” e “Batismo”.

5.1.4 — Parte devocional

É indispensável a parte devocional. Primeiro, porque traz à memória dos fiéis o dia do seu batismo; segundo, porque lhes dá fortalecimento espiritual; terceiro, os não-crentes e as crianças, que observam, vão entender melhor o ato a ser realizado.

Os textos que poderão ser considerados clássicos para parte devocional são: Mateus 3.13-17; Atos 8.26-39; Romanos 6.3-5.

Deve-se ressaltar o significado do batismo. Mostrar que ele representa um drama em três atos, como já observou um autor. O primeiro ato — a *imersão* — simboliza o homem velho. O espaço e o tempo entre deitar o candidato e mergulhá-lo representa o primeiro ato. É o homem velho que vai sendo conduzido como morto. E, como nenhum morto permanece insepulto, ele será sepultado. Realiza-se, então, o segundo ato do drama, com a *submersão*. É o sepultamento. Paulo interpreta o ato desta maneira: “Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte(...)” (Rm 6.4). O terceiro ato se processa com a *emersão*. É o ato de levantar o candidato da água. Morto que tinha estado em pecado e delitos, pelo poder de Cristo ressuscitou. É o que Paulo diz em Colossenses 2.12 (“Tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.”) O clímax é a *emersão*, que simboliza a ressurreição. Ressurge, para andar em “novidade de vida”(Rm 6.4).

5.2 — Testemunhos de Autoridades Sobre o Significado do Batismo

Se fossem somente autoridades batistas que afirmassem que batismo significa imersão, poderia pairar alguma dúvida sobre a assertiva, pois poderia parecer um empenho proselitista.

Acontece que autoridades em grego, pertencentes a diversas denominações, confirmam o que os batistas têm ensinado através dos séculos.

5.2.1 — Lexicógrafos

1. Moulton e Milligan, na sua obra *Vocabulary of the Greek New Testament, from the Papyri and Other Non-Literary Sources*, Tomo II, 0.102, declara:

“βαπτίζω — até o 4.º século d.C a palavra se encontra num papiro mágico P. Ond 46 69 (=I, p. 67) a respeito de um bote submergido... βαπτίζομαι só pode significar ‘afogado’ ou *submergido* em calamidades. βαπτισμός...em distinção de βάπτισμα em que se inclui o resultado, βαπτισμός é o ato de *imersão*.”

Moulton é metodista, e Milligan, congregacionalista.

2. Herman Cremer — *Biblico Theological Lexicon of New Testament Greek*. Tradução de D. W. Simom. Assim ele explica: “imersão, submergir. O sentido peculiar do NT, ou sentido cristão da palavra, significa *imersão*, *submersão* para um fim religioso: batizar”.

5.2.2 — Reformadores

1. *Lutero* — O termo batismo é grego; em latim, pode ser traduzido por *mersio*, uma vez que imergirmos qualquer coisa em água, para que o todo seja coberto pela água (*Works*, Vol. I, p. 71).

2. *João Calvino* — Pelas palavras de João (cp. 3.23) pode-se inferir que o batismo era administrado por João e por Cristo, mediante *mergulho* de corpo inteiro na água (*Coment.* sobre João 3.23).

5.2.3 — Historiadores

Fischer — “O modo ordinário de batismo era por imersão” (*História da Igreja Cristã*, p.41).

Mosheim— “Nesse século [o primeiro], o batismo era administrado em lugares convenientes, fora das assembléias públicas e mediante a *imersão* total do candidato em água” (*Ecclesiastical History*, Ent. I, Part. II, Cap.4).

Neander— “No que respeita à forma do batismo, estava em conformidade com a instrução original e com o sentido original do símbolo, sendo realizado por imersão, como sinal do batismo integral no Espírito Santo, e deve haver sido integralmente penetrado pelo mesmo” (*Cristian History*, Vol. I, p. 310).

5.2.4 — Enciclopedistas e Dicionaristas

1. A *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, que teve como colaborador, entre outros, o padre Júlio Maria, assim declara:

“Até o século XIV, os pintores representavam o batismo de Jesus por imersão” (Vol. II, p. 1190).

2. O *Dicionário de Teologia*, sob a direção de Heinrich Fries (5 vol.), Edições Loyola, 1970, assim afirma, no verbete próprio: “O significado fundamental de βαπτίζαν (imersão), o modo de administrar o batismo por parte de João, que até Jesus recebera, a descrição do rito vigente na igreja primitiva como ablução (I Co 6.11; At 22.16; Hb 10.22) e ainda mais claramente como banho (Ef 5.26; Tt 3.5), e, finalmente, a sua interpretação simbólica como sepultura (Rm 6.4; Cl 2.12), nos levam a concluir que a forma ideal e normal do batismo era a de imersão.”

5.2.5 — O batismo e a arqueologia

Consultando-se a *Grande Enciclopédia Delta Larrousse*, no verbete “Batistério”, lê-se o seguinte: “S.m. Lugar de culto onde se conferia o batismo. Pequeno edifício construído para esse fim perto das basílicas (os primitivos batistérios destinavam-se ao batismo por imersão). Os primeiros foram erigidos no século IV. Cada cidade episcopal possuía o seu. inicialmente, em forma de torre, adotaram depois o plano poligonal. Citam-se os de Ravena, Verona, Pisa, Florença, São João de Latrão (Roma), São João (Poitiers) e Saint-Front (Périgueux).”

5.3 — Casos de Salvação sem Batismo no Novo Testamento

Quem diz que o batismo salva está laborando em grande erro. O batismo é um grande símbolo. Ele é necessário para darmos um testemunho público da nossa fé.

Há, na Bíblia, muitos exemplos de pessoas que foram salvas sem o receberem. Eis alguns casos:

5.3.1 — Zaqueu

Ao entrar em Jericó, Jesus se defronta com Zaqueu, o publicano, que era odiado pelos seus concidadãos. Jesus se convida para visitá-lo. Zaqueu acede. E não faz só isso. Mostra-se arrependido de seu passado. As provas do seu arrependimento estão nas atitudes que manifestou no seu encontro com Jesus: 1) ofereceu metade dos seus bens para os pobres; 2) estava disposto a restituir quadruplicado a quem, porventura, ele tivesse defraudado.

Em virtude de seu arrependimento, e de ter demonstrado fé, foi salvo, pois Cristo lhe declarou: “Hoje veio a salvação a esta casa” (Lc 19.9)

Foi salvo sem ser batizado. A conversão foi total, pois até o seu bolso se transformou ou se “converteu”.

5.3.2 — O ladrão convertido na cruz

Ele era um homem que vivera uma vida desregrada. Tornou-se salteador. Um dia foi preso. Depois foi condenado a morrer na cruz. Para a cruz, só iam os malfetores, pois a pena da crucificação era horrenda.

Segundo a tradição, esse salteador chamava-se Dimas. Junto com Gestas, o outro salteador, e a multidão, ele dirigia improperios e escarnecia de Cristo (Mt 27.44)

A certa altura dos acontecimentos, ele mudou de atitude. Diz Lucas que ele passou a repreender o outro salteador e, depois, voltando-se para Jesus, lhe rogou: “Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino” (Lc 23.42). Jesus imediatamente lhe respondeu: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43).

Um desgraçado, a quem a lei condenara a morrer num suplício terrível, um miserável que não tinha qualquer mérito, resolve apropriar-se dos méritos de Cristo. Ele não pode ser batizado e Jesus não lhe exigiu nada, mas declarou-lhe que o paraíso lhe estava garantido naquele dia.

5.3.3 — A mulher pecadora

Um fariseu convidou Jesus para jantar com ele. Quando ele estava jantando, “(...) uma mulher pecadora que havia na cidade, quando soube que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo; e estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas e os enxugava com os cabelos da sua cabeça: e beijava-lhe os pés e ungia-os com bálsamo” (Lc 7.37,38).

Jesus, então, disse-lhe enfaticamente: “Perdoados são os teus pecados.” E depois acrescentou: “A tua fé te salvou; vai-te em paz” (Lc 7.48-50).

Porventura não foi ela salva? Jesus não lho declarou? E o batismo? Teria ela sido batizada depois? Se assim não ocorreu, ainda esta é a verdade: foi salva sem batismo.

Há vários outros casos da salvação sem batismo no Novo Testamento. O leitor poderá examinar os seguintes: João, o Batista (Mt 3.14); Simeão (Lc 2.25-32); a casa de Cornélio (At 10.47,48); o mendigo Lázaro (Lc 16.20-30)

Aqueles que procuram fazer do batismo um sacramento estão pervertendo o ensino bíblico, pois a Bíblia é bem clara.

5.4 — Como Celebrar a Ceia do Senhor

“Ceia” ou “Ceia do Senhor” são os nomes usados para a cerimônia instituída por Cristo quando estava, por poucas horas, neste mundo com os discípulos.

Como o Batismo, é a Ceia uma ordenança. Não tem valor sacramental.

5.4.1 — Quando realizá-la?

Não temos determinações. A Bíblia não diz as vezes em que pode ser realizada. Verificamos que os cristãos do Novo Testamento a realizavam com frequência. Plínio, governador da Bitínia, escrevendo, refere-se ao costume dos cristãos de celebrarem a Ceia. Mas não temos uma norma estabelecida sobre de quanto em quanto tempo devemos realizá-la. Por isso, alguns sugerem que seja mensal a celebração, outros, de três em três meses, e outros, ainda, só aos quintos domingos.

A maioria das igrejas parece adotar a praxe de celebrar a Ceia de três em três meses. De mês em mês, leva a igreja a se acostumar à prática, o que poderá tornar a celebração uma prática meramente mecânica.

5.4.2 — Por que realizá-la?

A celebração da Ceia do Senhor traz os seguintes benefícios:

1. Leva o crente a recordar o sacrifício de Cristo.
2. Contribui para despertar nos assistentes ao culto de celebração um sentimento de submissão.

5.4.3 — Preliminares

Várias providências devem ser tomadas antes da celebração da Ceia:

1. O pão e o vinho devem ser comprados com certa antecedência. Igrejas há em que, à última hora, está o diácono procurando, aqui e ali, os elementos necessários à celebração da Ceia.

2. O vinho deve ser o suco de uva. Em alguns lugares outro tipo de vinho é adotado. Mas é preferível esforçar-se por usar o suco de uva, pois foi o vinho de uva que Cristo usou na primeira Ceia. Quanto ao pão, alguns preferem que seja sem levedura. É difícil encontrá-lo, porém. Se puder ser achado facilmente, será melhor. Não sendo esse encontrado, não há mal em que o pão usado seja de outro tipo. É verdade que os judeus usavam os pães ázimos. Mas eram para a Páscoa.

3. As bandejas e os cálices devem estar bem lavados. A toalha para cobri-los deve ser branca e estar bem limpa.

4. Uma mesa deve ser colocada à frente do púlpito. Nela serão colocadas as bandejas. Igrejas há que têm uma bonita mesa, com inscrição: “Em memória de mim”, o que chama a atenção dos participantes para o significado da cerimônia.

5. Cinco cadeiras ou mais devem ser colocadas junto à mesa. Na do centro, sentar-se-á o ministro oficiante, quando estiverem sendo distribuídos os elementos da Ceia. Nas demais cadeiras sentar-se-ão os diáconos. Dois diáconos distribuirão o pão, e dois outros, o vinho. Na igreja onde não houver diáconos, o pastor poderá convidar irmãos que gozem de certa autoridade moral junto aos crentes para realizarem essa tarefa.

6. De maneira muito cortês, o oficiante avisará que a Ceia é só para os membros da igreja que estejam em plena comunhão com ela. Por questão de cortesia, participam também membros de outras igrejas batistas da mesma fé e ordem, que estejam em plena comunhão com elas.

5.4.4 — A cerimônia

Com os equipamentos já dispostos e os elementos em ordem, como dissemos, ao som de música suave e própria para o momento, os crentes estarão contemplando sobre a mesa as bandejas, estando já em grande reverência, por reconhecerem que aquela é hora soleníssima.

5.4.5 — O anúncio

Após haver convidado o corpo diaconal para compor a mesa (se assim o quiser, pois poderá apenas convidar alguns diáconos), o pastor iniciará a cerimônia dizendo: “Estamos diante da mesa do Senhor! Aproximemo-nos desta mesa com fé, com a alma contrita, mas ao mesmo tempo jubilosas, esquecidos das ofensas, repletos de amor, unidos num só sentimento, dispostos a uma vida mais pura e consagrada, que se alimenta em Cristo, o Pão da Vida.”

5.4.6 — A exposição

Em seguida, o pastor lerá um dos dois textos clássicos sobre a Ceia — Lucas 22.7-22 e 1Coríntios 11.23-32. Fará uma exposição sobre o significado do ato, levando os ouvintes a sentirem que aquele é um momento de muito respeito e reverência. Sua palavra deverá fazer com que os ouvintes se transportem mentalmente à cena da Ceia original e ao Calvário.

Alguns pastores usam ter o pão inteiro num prato, e, quando iniciam a pregação sobre o sofrimento de Cristo, tomam-no e vão, vagarosamente, quebrando-o em pequenos pedaços. É uma forma psicológica de fazer com que o ouvinte vá sentindo toda a mensagem. Outros, porém, preferem que os diáconos tragam o pão já partido em pedacinhos.

Após isto, o oficiante poderá dizer: “Diz-nos a Bíblia que nosso Senhor, tomando o pão, deu graças. Oremos.” O pastor fará a oração. É uma súplica que deve expressar, realmente, o grande significado do ato.

5.4.7 — Distribuição dos elementos

Em seguida, tomando as bandejas ou os pratos com os pães, entregá-los-á aos diáconos, para que os repartam com os membros da igreja. Acabada a distribuição, os diáconos colocarão os pratos sobre a mesa. Tomando um desses pratos, o pastor servirá aos diáconos e a si mesmo. Em seguida, poderá ler João 6.58: “Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.”

Outros, no entanto, preferem ler: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou pão; e, havendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é por vós; fazei isto em memória de mim” (1Co 11.23). Após a leitura deste texto, o oficiante dirá: “Participemos, irmãos, do pão”. Seguem-se momentos de silêncio e música suave. Em seguida, o pregador indicará um hino, relacionado com o momento, para ser cantado pela congregação: *Cantor Cristão* — 142, 143, 144; *Hinário Para o Culto Cristão* — 124, 125, 127, 128, 132, 134, 358.

Alguns minutos depois, o oficiante entregará as bandejas com os cálices a outros diáconos, para realizarem a distribuição do vinho. Depois de distribuído esse segundo elemento da Ceia, o pastor servirá aos diáconos e a si mesmo. Lerá, então: “Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7).

No lugar deste texto, poderá ler o seguinte: “Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fazei isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim” (1Co 11.25). Após a leitura e oração, o oficiante dirá: “Participemos, irmãos, do vinho!” Poderá, então, ser cantado um dos hinos acima indicados.

Como uma das finalidades da Ceia é “anunciar a morte de Cristo até que venha”, o oficiante fará uma espécie de apelo aos não-crentes para meditarem sobre o sacrifício de Cristo no Calvário. Deve ser um dos momentos mais tocantes. E os ouvintes, principalmente as crianças, receberão como um impacto em suas vidas.

5.4.8 — Dois termos

1. Terminando, o oficiante dirá: “Diz a Palavra do Senhor que, após celebrada a Ceia, os discípulos cantaram um hino antes de se retirarem do cenáculo (Mt 26.30; Mc 14.26). Cantemos o hino... (um hino dos da relação acima mencionados) e todos, após oração silenciosa, saiamos para nossos lares.”

2. Terminando, o oficiante fará uma exortação mais ou menos assim: “Irmãos que participastes da Ceia do Senhor, guardai convosco as experiências destes momentos. Que em vossa vida se manifestem os frutos maravilhosos desta comunhão com nosso Redentor. Segui a paz, fortalecei-vos com o alimento espiritual que vem de Deus. Brilhe a vossa luz diante de todos e o vosso amor seja manifesto no lar, na sociedade e na igreja, a fim de que Deus seja glorificado em muitas vidas. Amém.”

Textos apropriados para serem lidos antes da celebração da Ceia:

Mateus 5.3-12; 26.26-28; Marcos 14.22-26; Lucas 22.19-22; João 6.35-53; 14.15-21; 17.1-10; Romanos 8.28-30, 35, 37-39; 12.1-3; 9-13; 1 Coríntios 11.23-26; 12.27-31; Efésios 3.20; 6.10-18; Filipenses 2.1-11; 3.7-11; Colossenses 3.15-17; Hebreus 11.1-3; 12.1, 2; 1 Pedro 1.3-9; 5.6-11; Apocalipse 22.14-17, 20, 21.

5.5 — Ceia Livre, Restrita e Ultra-Restrита

Tem havido, através dos séculos, três posições entre os evangélicos, no que tange à participação da Ceia:

1. **Ceia livre** — Advogam algumas denominações que a Ceia deve ser dada a membros de qualquer seita. Opinam, também, que ela pode ser dada fora da igreja, em casos particulares, aos enfermos nos leitos, em reuniões sociais etc.

2. **Ceia restrita** — Ela só deve ser dada aos membros da Denominação Batista da mesma fé e ordem. Isto quer dizer que um membro de alguma igreja batista que não for da mesma fé e ordem daquela que está celebrando a Ceia não poderá participar da mesma. Numa igreja batista a Ceia só será dada aos membros que estiverem em plena comunhão com ela, e, por uma questão de cortesia, a algum crente visitante que pertença a uma igreja batista da mesma fé e ordem. *The Episcopal Recorder* publicou: “A comunhão restrita das igrejas batistas é apenas a consequência necessária da idéia fundamental na qual se baseia sua existência. Nenhuma igreja cristã receberia, voluntariamente, em sua comunhão, até mesmo o mais humilde e verdadeiro crente que não fosse ainda batizado. Para os batistas somente a imersão é batismo, e, portanto, necessariamente, excluem da mesa do Senhor todos quantos não tiverem sido imersos. Faz parte essencial de seu sistema; é a execução legítima de seu credo.”

3. **Ceia ultra-restrita** — Só participam da Ceia os membros da igreja local. É uma posição bem sensata porque a Ceia é para a igreja. Dela só devem, então, participar seus membros. Não há nisso nenhuma descaridade, mesmo porque os que esposam este ponto de vista reconhecem que a Ceia não transmite nenhum ato de graça ao participante. O autor defende a Ceia restrita.

5.6 — Pontos de Vista Quanto ao Simbolismo da Ceia

1. **Transubstanciação** — É a doutrina católica. Eles crêem na transformação das substâncias do pão e do vinho nas substâncias do corpo e do sangue de Cristo pelo efeito da consagração eucarística. É uma grande heresia.

2. **Consustanciação** — É o ponto de vista dos luteranos. Eles crêem que o participante dos elementos, após a consagração, realmente come a carne e bebe o sangue de Cristo, embora os elementos não se modifiquem.

3. **Presença mística** — Crêem muitas igrejas reformadas que a união é espiritual, de modo que, onde o sacramento é recebido com fé, a graça de Deus o acompanha.

4. **Memorial** — Este é o ponto de vista dos batistas. Cristo instituiu a Ceia como um memorial. O crente não recebe nenhuma graça especial quando participa da Ceia. Ela o leva a rememorar o sacrifício de Cristo por nós na cruz.

A IGREJA E SEU PASTOR

6.1 — Três Títulos Para um Só Ofício

No Novo Testamento encontramos três títulos que expressam o ministério pastoral. Não são três categorias de oficiais, como ensinam algumas denominações. Os títulos expressam, sim, idéias bíblicas do ministério e suas funções.

O texto de Atos 20.28 é bem claro: “Cuidai(...)de todo o rebanho [ofício pastoral] sobre o qual o Espírito Santo vos constitui bispos, para apascentardes [exercer o pastorado] a igreja de Deus.”

Escrevendo a Timóteo, Paulo acentua que a ordenação de um pastor é feita pela imposição das mãos do “presbitério” (1Tm 4.14).

Na carta a Tito, Paulo, orientando-o sobre a ordenação de presbíteros, chama-os bispo (Tt 1.5-7). Estes textos provam, sobejamente, esta verdade: há três títulos, porém um só ofício.

Os Títulos

6.1.1 — Presbítero — termo de dignidade

É o ancião. Sempre os anciãos merecem respeito, em virtude de suas experiências da vida. Não só respeito, mas honra também. O termo ocorre em Atos 11.30, Tiago 5.14 etc.

Os juízes e os conselheiros eram escolhidos entre pessoas que tivessem grandes experiências na vida. Por isso, os anciãos, diante do acervo de suas experiências, eram convocados para servirem como juízes e conselheiros.

Os anciãos, diante de suas vivências com o ambiente, com os problemas, com a história, estão mais capacitados para aconselhar, para ajuizar. Este termo, consoante com o notável Dr. W. C. Taylor, indica a *dignidade do ofício*.

6.1.2 — Bispo — termo de superintendência

É o administrador, o curador. O termo vem do grego *epískopos*.

O termo *epískopos* era dado àqueles que tinham a função de vigiar, fiscalizar,

principalmente as embarcações. Os gregos e os romanos usavam este termo para designar superintendente de obras profanas e em sentido sagrado.

No Novo Testamento, o termo é usado no sentido de guardião de almas. Escreve A. R. Crabtree:

O bispo, como o pastor, tem a responsabilidade de ver que o serviço de outras pessoas seja bem feito. Não se encontra no Novo Testamento qualquer posição superior entre os obreiros cristãos. Em virtude da sua relação íntima com Cristo e das instruções que receberam diretamente de Cristo, os doze ocuparam uma posição especial nas organizações eclesiásticas, como se vê no estudo das igrejas, segundo o livro de Atos (caps. 1, 6, 11, 15 e em vários outros lugares na Bíblia). Não se encontra no Novo Testamento o uso do vocábulo *bispo* no sentido de um oficial eclesiástico que tem autoridade sobre outros ministros do evangelho. Pastor, trabalhador, heraldo, evangelista, mestre, presbítero e bispo são termos que se referem às funções dos mensageiros de Deus, sem a mínima indicação de que qualquer um destes tivesse autoridade eclesiástica sobre qualquer outro” (*A Doutrina Bíblica do Ministério*, p.21 e 22).

Portanto, o pastor, quando superintende, administra, está realizando a tarefa de bispo. Dr. W. C. Taylor diz que “o bispo é o organizador, diretor e presidente dos membros da igreja”.

6.1.3 — Pastor — termo de ternura

O nome mais antigo é o de plesbítero, mas o que mais se arraigou é o de pastor, embora ocorra apenas uma vez nas epístolas do Novo Testamento, com a significação que conhecemos. É em Efésios 4.11.

Jesus é o sumo pastor das ovelhas (Hb 13.10) e é descrito por Pedro como “Pastor e Bispo” de nossas almas (1Pe 2.25). Jesus declarou que ele é o “Bom Pastor” (Jo 10.11).

Ora, todas as referências feitas a Cristo como pastor mostram que ele tem um afeto, um cuidado especial pelas ovelhas.

A função de apascentar, de pastorear, exige ternura, afetividade, renúncia e amor.

Quando Cristo perguntou a Pedro, após a negação, se ele o amava realmente, após este o ter confirmado, Jesus lhe ordenou: “Pastoreia as minhas ovelhas” (Jo 21.16).

Cremos que por ser o povo judeu um povo pastoril, a figura do guia espiritual como um pastor calhava melhor. O Salmo 23 é um atestado de que o povo preferia esta figura. Os profetas Isaías (40.11) e Ezequiel (37.24) falam do pastor que apascentaria o rebanho. Essa idéia, então, foi a que predominou. O termo pastor é o que mais alto fala da missão do guia do rebanho.

Mas o obreiro do Senhor, na sua missão, realiza as funções de presbítero, de bispo e de pastor.

Ele deve agir como um presbítero criterioso, dando sábios conselhos, tornando-se respeitado e mostrando a dignidade do cargo que ocupa. Como bispo, ele preside os trabalhos, as reuniões, organiza e supervisiona tudo, pois ele é o superintendente de todos os trabalhos de sua igreja. Como pastor, ele apascenta o rebanho, preparando-lhe pastagens verdejantes (sermões espirituais vitais) e guiando-o a águas tranquilas, proporcionando-lhe um ambiente espiritual alegre.

6.2 — Como Consagrar um Pastor

6.2.1 — Requisitos exigidos

6.2.1.1 — Quanto às qualidades:

Reconhecemos que Deus é quem chama o obreiro para o ministério. A igreja o reconhece como tal. Mas, até chegar a este ponto, já deverá ter preenchido os requisitos indispensáveis:

1. Espirituais:

- a) É mister que ele demonstre uma experiência de conversão genuína.
- b) Que seja pessoa dotada de virtudes cardiais, que formem a tessitura espiritual, como fé, amor e humildade.

2. Morais:

- a) Que possua alto padrão de caráter.
- b) Que demonstre o testemunho dos de fora quanto à sua vida moral (1Tm 3.7).

3. Intelectuais:

- a) Que seja pessoa de reconhecida capacidade intelectual, apta para ensinar, para exortar.
- b) Que seja estudioso e procure sempre desenvolver-se intelectualmente.

6.2.1.2 — Quanto à experiência:

1. **Período probatório** — Evitar a pressa. Já diz o brocardo que a pressa é a inimiga da perfeição. Um período de um ou dois anos, a fim de que o candidato, trabalhando com igrejas, possa ser observado, e se verifique se ele preenche as exigências de 1Timóteo 3.1-7, será aconselhável.

Ocorre, vez por outra, que algumas igrejas, na ânsia de aproveitar o candidato logo, sem o necessário período de prova, promovem, de afogadilho, sua consagração, e, tempos depois, experimentam dificuldades.

2. **Período de licenciatura** — No Brasil não se usa este método. Se houve algum caso, foi raro. Conhecemos, nos Estados Unidos, muitos jovens que eram licenciados para pregar. Era-lhes concedido um Certificado de Licenciatura para pregar, principalmente durante o período em que estudavam. Algumas igrejas limitam o prazo.

Ora, uma ou outra maneira é aconselhável. O próprio Apóstolo Paulo ordena: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos(...)” (1Tm 5.22).

6.2.2 — Preparativos ou encaminhamento

Cabe à igreja, quando descobrir que uma pessoa é realmente vocacionada, encaminhar a sua ordenação, pois o candidato, embora sinta que Deus o chamou, não deve, por questões de ética, propor sua consagração. É para desconfiar de candidatos que começam a assoalhar sua consagração ou vão, aos poucos, minando terreno em igrejas, visando ao beneplácito de alguns irmãos, para recomendá-los. O Deus que chama coloca, na hora exata, em sua obra o seu servo. Oferecer-se, além de infringir um princípio ético, pode ser demonstração de espírito de mercenarismo. Homens como Moisés e Jeremias, para citar apenas dois exemplos bíblicos, devem ser modelos para aqueles que desejavam ser investidos do múnus ministerial.

6.2.2.1 — Da cerimônia ordenatória

1. Preliminares

Havendo a igreja encaminhado a consagração do candidato para assumir o seu pastorado (ou de outra que lhe tenha solicitado tal formalidade, em vista de ser o seu templo mais central ou de melhor acesso), deverá seguir os seguintes trâmites:

a) Expedir cartas às igrejas de sua região, convocando-as a participarem do concílio. Tem havido casos em que o candidato convida pastores aqui e ali, e deixa de convidar outros porque teme ser reprovado nos exames. Isto não é justo.

b) Da carta circular devem constar todos os pormenores, como local, data, horário, meio de acesso ao templo e indicação de que se aguardará qualquer impugnação, que deverá ser feita com antecedência.

c) Enviar ao jornal regional e ao nacional cópia da carta para que haja a mais ampla divulgação.

d) Estes preliminares devem ser feitos com vários meses de antecedência, a fim de serem evitados os atropelos de última hora.

e) Uma ótima medida é dividir o trabalho da consagração em duas partes. Não é aconselhável que o exame e a cerimônia de imposição das mãos sejam na mesma noite. Fica sendo exame *pro forma*, pois tudo já está preparado: o orador convidado, Bíblia com o nome do candidato já impresso, festa, e os conciliares comparecem apenas para “dizer amém”. É, pois, de bom plano marcar-se o exame com antecedência (talvez de alguns meses) e, se aprovado o candidato, marca-se a cerimônia de consagração. Esta prática oferece maior oportunidade ao examinador e aos participantes de ficarem sabendo dos conhecimentos teológicos do candidato e de suas convicções doutrinárias. Em caso especiais, mas com os devidos cuidados, exame e consagração podem ser feitos no mesmo dia — o exame, à tarde, e a ordenação, à noite.

Ao exame, devem comparecer os pastores convocados e os membros da igreja promotora. O que deve pesar na balança, na decisão do concílio, não são os conhecimentos que o candidato conseguiu, às vezes de última hora, decorando compêndios teológicos, mas as suas convicções doutrinárias. Se não for aprovado, a igreja que encaminha a consagração acatará a decisão dos examinadores e a adiará, *sine die*.

Se a decisão do concílio for favorável, a igreja poderá, então, comunicar às coirmãs o fato e convidá-las para o ato de consagração.

6.2.2.2 — A cerimônia de consagração

1) A igreja promotora poderá imprimir convites já com o programa da cerimônia. Um modelo deste convite vai a seguir (ponto 6.3).

2) Após a parte devocional, é constituído o concílio ou o presbitério. Se não houve o exame particular, eleger-se-ão, para esta solenidade, o presidente, o secretário e os examinadores, que são três, um para cada uma das seguintes partes: Experiência e Chamada, Teologia Geral e Eclesiologia; o responsável pela oração consagratória, o responsável pela exortação à igreja e ao recém-consagrado.

3) Os examinadores procederão ao exame. Casos há em que são poucos os obreiros presentes. Isto porque não os há em número suficiente no estado. Por isso, apenas dois poderão realizar o exame ou até mesmo um só.

4) Findo o exame, o concílio votará se recomenda ou não o candidato. Essa votação deve ser feita em secreto.

5) Se for favorável o parecer dos conciliares, seguir-se-á a “imposição das mãos”, ato do qual só devem participar os ministros. É momento soleníssimo. Ajoelhado o candidato, em atitude de prece, circundá-lo-ão os ministros, e, com as mãos levantadas sobre sua cabeça, ouvirão a oração consagratória, que será feita pelo obreiro para isso escolhido.

6) Em seguida, ouvir-se-á o solo de um hino apropriado para o momento.

7) O responsável pela entrega da Bíblia ao novo pastor desincumbe-se de sua tarefa, apelando ao novo ministro que faça da Bíblia o seu arsenal contra o pecado, celeiro de onde recolherá alimento para o seu rebanho, bússola pela qual se orientará. Deverá lembrá-lo de que na Bíblia estão escritos os nomes dos componentes do concílio, fato que, no futuro, lhe trará muitas recordações.

8) O pregador (que pode ter sido avisado com antecedência) deverá proferir uma mensagem que chame a igreja à responsabilidade de rebanho do Senhor, de agência do Reino de Deus etc, e exorte o novo ministro quanto à missão que tem de, daquele momento em diante, desempenhar.

9) Terminada esta parte e feitos os agradecimentos de praxe, o novo pastor proferirá a “Bênção Apostólica”, com o que estará encerrada a cerimônia.

10) Após a cerimônia, o secretário e o presidente poderão entregar ao recém-consagrado o Certificado de Consagração e cópia da ata da cerimônia. São documentos de valor, que devem ser conservados com carinho.

6.3 — Programa-Convite de um Concílio de Consagração

6.3.1 — Concílio Examinatório

Local:

Endereço:

Data: Horário:

6.3.2 — Consagração ao Santo Ministério

Data: Horário:

Programa:

1. *Prolusão*

Prelúdio instrumental

Abertura

Leitura Bíblica — 1Timóteo 3.1-7

Hino pelo coral da igreja

Oração

Música instrumental

2. *Constituição do Presbitério*

Leitura do relatório do Concílio Examinatório

Imposição das mãos pelos ministros presentes

Oração consagratória

Entrega da Bíblia

Solo

Sermão

3. Encerramento

Hino pelo coral da igreja
Bênção Apostólica — pelo novel pastor
Poslúdio instrumental

6.4 — Comissão de Sucessão Pastoral

Na igreja, todas as comissões são importantes. Mas esta exige de seus componentes uma grande dose de bom senso, de compreensão do alto significado do ministério.

O Novo Testamento não estabelece as normas a respeito do assunto. Espera-se, no entanto, que a igreja e a Comissão de Púlpito sejam guiadas pelo Espírito Santo. Se o Espírito Santo não as guiar, igreja e comissão estarão errando redondamente.

O semanário *Western Recorder* de 22.03.1951 publicou um artigo de B. J. Mune, em que focaliza, com acuidade, o assunto:

Certa vez uma igreja, necessitada de pastor, recebeu carta de uns setenta pretendentes à vaga e, entre estes, muitos dizendo “terem plena certeza da chamada de Deus para o referido pastorado”. A igreja, simplesmente, jogou fora as cartas de todos estes pretendentes e convidou para seu pastorado um obreiro que alguém lhe havia recomendado, mais ou menos nestes termos: Ele vai bem na igreja onde está. Não tem necessidade de sair. Talvez aceite o convite. Sereis felizes se o conseguirdes.

O *Baptist Standard* publicou, em 1963, um interessante trabalho da autoria de E. S. James, focalizando o assunto “A Comissão de Púlpito”. Por achá-lo de valor relevante, transcrevemo-lo:

Poucas comissões da igreja têm uma responsabilidade tão grande como a Comissão de Sucessão Pastoral. Outros grupos têm tarefas importantes. Têm que encarar problemas, tomar decisões e cumprir deveres que a maioria dos membros evita. Contudo, normalmente, podem encontrar ajuda nos precedentes estabelecidos, no critério antes seguido e nas práticas aprovadas. Os membros de outras comissões não são ordinariamente molestados por parte de outras pessoas que consideram que são mais capazes de dirigir a Comissão. Se outras comissões se equivocam, seu erro pode ser corrigido sem dividir a igreja. A igreja não espera que as demais comissões sejam infalíveis. Mas não é assim a Comissão de Sucessão Pastoral.

Com pouca frequência, figura em dita comissão um membro que tenha experiência da tarefa. Em algumas igrejas não faz falta tal Comissão por mais de duas ou três vezes numa geração. Geralmente, a Comissão começa o seu labor com um conceito muito inadequado do que deve fazer ou como proceder. Antes que possa organizar-se, a Comissão é inundada de cartas e chamadas telefônicas, recomendando amigos e parentes como o possível pastor. Logo alguns na igreja se tornam impacientes e procuram saber por que a Comissão não encontrou ainda o homem que Deus tem para pastor.

Iniciada a tarefa, a igreja promete orar, enquanto a Comissão busca o homem e os membros da Comissão se põem a trabalhar, tratando de ouvir os que são sugeridos. Às vezes, cruzam a metade do Continente, para ouvir um homem mui recomendado... Voltam à casa e saem em outra direção no domingo seguinte. As semanas chegam a ser meses, e, contudo, seguem na procura. Alguns crêem que tenham encontrado o homem e outros não estão convencidos disso. Voltam a iniciar tudo de novo. Às vezes, a Comissão está confundida e a igreja se impacienta, a pressão de fora aumenta, os membros se esquecem de orar e todos perdem o entusiasmo.

Quando, depois de muito tempo e trabalho, a Comissão se põe de acordo com um nome para recomendar como pastor, descobre que ele não está disposto a considerar o convite. Fazem outra tentativa, e ele não aceita. Bastam algumas de tais experiências para convencer os componentes da Comissão que talvez não sejam eles as pessoas indicadas para o trabalho, mas não podem renunciar. Entregou-se-lhes uma tarefa e ela ainda não foi concluída. Finalmente, quando a igreja convida e o novo pastor aceita, a Comissão está tão cansada que apenas pode assistir aos cumprimentos de boas-vindas. Tinham-se ausentado tanto dos cultos, em seu trabalho, que apenas recordam quais os bancos que costumavam ocupar.

Tais acontecimentos ingratos não são sempre a experiência da “Comissão para Conseguir Pastor”, mas sucede assim com demasiada frequência. Tem que resultar nesta forma? Deus não chama mais homens para lugares específicos de trabalho? Não pode o Deus que chamou Paulo à Macedônia também chamar o obreiro moderno ao lugar para onde ele quer que venha? Cremos que sim. Mas a dificuldade é que, às vezes, temos mais interesse em selecionar o pastor de acordo com o nosso gosto do que em buscar o homem que Deus quer que a igreja tenha. É absurdo pensar que a vontade de Deus se faz neste assunto. Se assim fora, por que há tantas igrejas e pastores que não podem andar e trabalhar em harmonia?

Algumas sugestões são apresentadas em seguida que servirão bem à tarefa de qualquer Comissão de Sucessão Pastoral.

1. Passar duas ou três semanas com reuniões de oração cada noite, sem mencionar sequer um possível nome para o lugar.
2. Se se quiser dados quanto a um homem recomendado à Comissão, busque-se de alguém que o conheça bem, não necessariamente de um amigo.
3. Visitar sua própria igreja para ouvi-lo pregar, ou em outra onde esteja realizando uma série de conferências. Não se trata de fazê-lo sem ser reconhecido. Por sua vez, ele verá os membros da Comissão na congregação. Devem-se-lhe apresentar à saída, ainda que não faça falta indicar que estão ali em comissão.
4. Se há indicações de que ele é o homem para o lugar, a Comissão deve apresentar-lhe o assunto, bem como à sua esposa, convidá-los a visitar a cidade ou o bairro em que está localizada a igreja, fazer e também responder a perguntas pertinentes, indicar as coisas tanto más como boas da igreja e do local. Convém pedir que ele, de sua parte, fale claramente à Comissão quanto à sua experiência de conversão, chamada ao ministério, seu conceito sobre a Bíblia, sua atitude quanto à posição e à obra batista e suas idéias quanto ao que deve a igreja ser e fazer.
5. Se, depois de tudo isso, a Comissão estiver segura de que ele é o homem de Deus para o lugar, deve fazê-lo conhecer os diáconos e talvez alguns outros líderes da igreja. Se todos estão de acordo de que é o escolhido, deve ser convidado a visitar a igreja, esclarecendo-se que o será, tendo em vista um possível convite pastorado.
6. Se os membros da Comissão e da igreja que a nomeou podem evitar *ser tropeço* no caminho e podem seguir a direção que Deus indicar para buscar o homem que ele quer, haverá pouca possibilidade de que Satanás possa impedir a relação entre pastor e membros, que é tão necessária para se cumprir a vontade de Deus. Tal relação é, depois de tudo, o propósito único da tarefa da Comissão.

6.5 — Como Afastar do Ministério Pessoas sem Idoneidade Para Exercê-lo

Sendo o ministério de origem divina e a função do ministro do mais alto apreço, não se pode conceber que no mesmo entrem elementos que não reúnem os requisitos bíblicos para receber o múnus ministerial.

Infelizmente (dizemo-lo com tristeza), têm entrado para o ministério elementos que não satisfazem às exigências exaradas em Timóteo e Tito. Dai termos verificado igrejas sofrendo com “pastores problemáticos”, com elementos inescrupulosos, que

manipulam a seu jeito formas, a fim de se ajustarem na direção de igrejas. Aqueles que entram para o ministério sem darem provas sobejas de vocação estão fadados a fracassar. Não só eles se arruinam, como levam à ruína muitas ovelhas. O Sumo Pastor já disse que lobos vorazes entrariam no meio do rebanho.

Incalculável é a desgraça trazida sobre o trabalho do Mestre por elementos do jaez referido. Urge, no entanto, uma tomada de posição. Precisamos pôr cobro a esta onda de consagrações promovidas por leviandade.

Ministério é coisa séria, santa e pura. Aventureiros devem ser observados e barrados. O apóstolo Paulo diz que devemos provar os espíritos.

Infelizmente, há obreiros e igrejas que, direta ou indiretamente, contribuíram e estão contribuindo para este estado de coisas. Há pouco tempo, perguntava uma pessoa não-crente: “Não há jeito de se cassar o mandato desses pastores que se portam assim?”

Não podemos assistir impassíveis a estes desaires do ministério. Mister se faz prevenir as igrejas da necessidade de observar rigorosamente os requisitos para a investidura ministerial. A seção da Ordem dos Pastores pode ser consultada quando uma igreja quiser consagrar alguém ao pastorado.

6.5.1 — A soberania da igreja

Soberana é a igreja nos seus atos. Ela ordena o candidato, mas nunca o faz sozinha. Por isso convoca as suas coirmãs para se formarem em concílio examinatório e consagratório. O pastor não será consagrado só para aquela igreja, mas o será para o ministério em geral. Soberana a igreja, dizíamos, nos seus atos, deve esforçar-se ao máximo para acertar em todas as suas decisões. Acontece que membros, não obstante a espiritualidade de que se revestem, estão sujeitos a claudicar, sendo iludidos em sua boa fé.

Mas porque errou quando da consagração de um elemento, ou porque este, que parecia encarar as virtudes indispensáveis ao exercício do pastorado, deu lugar à tentação e caiu, não está a igreja sujeita a ficar com ele na mesma categoria dos demais ministros que permaneceram fiéis.

A igreja, que coube a iniciativa da consagração, cabe também o dever de reparar o erro. Como lhe foi reconhecida autoridade para promover a ordenação, é-lhe reconhecida autoridade para promover a anulação do ato consagratório. A ela cabe o direito de admitir membros e de excluí-los quando não se portam de acordo com o padrão neotestamentário. Ela é o único tribunal. É a única corte de apelação. *Mutatis mutandis*, à igreja cabe a responsabilidade da depuração ministerial.

6.5.2 — Como promover a anulação da ordenação

Os trâmites a serem seguidos não vão diferir em muito dos trâmites para a consagração. A diferença principal estará no *animus*. Na consagração, os conciliares se alegravam com a investidura de um que, tudo indicava (nem em todos os casos “tudo indicava”), seria vocacionado para o Santo Ministério. Na anulação, a disposição de alma é de tristeza, por um lado, porque foi reconhecido publicamente desqualificado para o ministério um que tentou andar, como Judas, no meio dos discípulos, e de regozijo, porque um grande mal foi reparado, dando-se, assim, à Denominação e ao público uma satisfação.

6.5.3 — Duas maneiras

Duas maneiras, pelo menos, podem ser usadas no que respeita a este assunto:

1. A igreja poderá reunir as mesmas pessoas que compuseram o concílio consagratório e, com elas, após a exposição dos motivos, proclamar anulado o seu ato consagratório. Parece-me que a Igreja Batista de Belford Roxo, RJ, procedeu desta maneira. Esse ato foi por ela publicado em *O Jornal Batista*.

2. A igreja que promoveu a consagração de determinado pastor poderá, em sessão extraordinária, reconsiderar o seu ato de consagração do elemento implicado, e, mediante o argumento de que o mesmo não está correspondendo à responsabilidade da investidura, votar a anulação do ato que o levou à função de ministro.

6.5.4 — Com a Ordem dos Ministros

A Ordem dos Ministros deverá cassar a carteira de sócio de elemento cuja ordenação foi invalidada, e, para tanto, fará publicar um edital no órgão competente.

Isto é zelo. Quem cala consente. Quem não se levanta para combater o erro torna-se conivente.

6.5.5 — É melhor prevenir do que remediar

Querendo evitar que se multipliquem os casos escabrosos, alguns estados já têm comissões indicadas pela Ordem dos Ministros (do próprio estado) para proceder à sindicância quando alguém se apresenta como candidato ao ministério ou quando alguma igreja ou pastor deseja promover a sua consagração.

Os interessados se dirigem à comissão, e esta faz um exame *in loco* da situação, examina a vida pregressa do elemento, suas qualidades sob todos os pontos de vista, as circunstâncias etc. É comissão idônea, zelosa. Os opinionários dão relatório à igreja. Esta, que deseja o bem da Causa, aceita o relatório.

Urge que façamos tudo para evitar introduzir no episcopado elementos desclassificados, que só trarão prejuízo à Causa.

6.5.6 — Recondição ao ministério

Quando excluído do rol de membros da igreja o pastor perde a investidura ministerial.

Os metodistas cassam a Carteira de Pastor daquele que foi eliminado de sua grei, ficando, desse modo, impedido de usar o título de pastor.

Entre os batistas, quando é eliminado do rol de membros da igreja, por falta de decoro ministerial, o pastor perde automaticamente a investidura ministerial que lhe dava autoridade para exercer o pastorado.

Isso não devia ocorrer. Mas infelizmente ocorre. Judas, que gozava de grande prestígio entre os doze do colégio apostólico, não permaneceu fiel: traiu o Mestre. Entre nós tem havido aqueles que, lamentavelmente, caem em pecado, traindo o Mestre e o ministério sagrado.

6.5.7 — Quando pensar em recondição

Quando o ex-pastor se mostra realmente arrependido do que praticou (e que trouxe não só escândalo aos incrédulos, mas também decepção e afastamento de

alguns crentes) e tem dado provas cabais disto perante as igrejas, a família e a sociedade, durante um bom tempo, é possível sua recondução ao ministério. Dizemos um bom tempo, porque é necessário que as igrejas e a sociedade reconheçam que ele voltou a merecer a confiança que antes nele depositavam como obreiro do Senhor.

Não deve haver precipitação em reconduzir um obreiro ao ministério. O açodamento é perigoso. É mister que o indivíduo seja bem provado. Deve-se verificar se ele é, realmente, chamado para a obra ou entrou no ministério sagrado por algum interesse que não o de atender ao chamado do Senhor. Se isso não for observado, ele poderá cair novamente, pois não sendo vocacionado pelo Senhor não permanecerá fiel e ficará, por algum tempo, à frente do rebanho como enganador.

6.5.8 — Como realizar a recondução

Quando uma igreja deseja reconduzir alguém ao ministério pastoral, deve tomar as seguintes providências:

1. *Consultar a Ordem dos Pastores Batistas* a respeito de seu desejo. Se a Ordem opinar favoravelmente à recondução do obreiro, então a igreja terá respaldo para prosseguir em seu intento.

2. *Convocar um concílio.* A igreja deve publicar em *O Jornal Batista*, e no periódico estadual, uma convocação às coirmãs para a formação de um Concílio de Recondução de Pastor ao Ministério, indicando dia, local e hora da realização da reunião.

3. *O concílio será constituído de representantes das igrejas presentes.* O concílio é formado de igrejas e não de pastores. Os pastores formam o *presbitério* que surge no andamento do concílio. Há casos específicos em que se deve pedir às igrejas, ao nomearem representantes seus para participarem na formação de um concílio, que lhes dêem uma credencial para ser exibida no ato da organização do concílio.

4. O obreiro da igreja que fez a convocatória é, costumeiramente, o responsável pela instalação do concílio. Esse obreiro deverá saber quais igrejas credenciaram representantes para a organização do concílio. Feita a contagem do número de igrejas e de seus representantes credenciados, o dirigente perguntará se eles estão dispostos a formarem o concílio para tratar da *Recondução ao Ministério* do irmão... Obtendo resposta favorável, ele declarará formado o concílio.

5. O concílio deverá ter uma diretoria composta de um presidente e de um secretário, que funcionará só para este ato. É comum ser indicado para presidente o próprio pastor da igreja que convocou o concílio, mas nada impede que um irmão, com experiência em assuntos denominacionais, venha a ser o presidente do concílio se a igreja estiver sem pastor. Para secretário poderá ser indicada qualquer pessoa que saiba redigir com facilidade.

6. Em seguida, nomear-se-á o examinador do candidato. O exame pode versar sobre doutrina em geral, prática pastoral etc e experiência sobre sua reabilitação moral e espiritual. Quando o concílio for convocado para recondução de pastor que foi excluído por *desvios doutrinários*, o exame deve ser especialmente direcionado sobre suas crenças. Além do examinador escolhido, qualquer pessoa poderá fazer perguntas ao candidato. Eleger-se-ão ainda o que proferirá a oração consagratória e o que proferirá o sermão ocasional. Não é preciso nomear alguém para a entrega da Bíblia porque ele já a recebeu na primeira imposição de mãos. Mas se a igreja quer repetir o ato pode fazê-lo.

7. Após o exame do candidato, os pastores poderão se retirar para alguma sala para discutirem sobre se recomendam ou não a *recondução* do irmão ao ministério.

8. Voltando os pastores, o presidente declara aos conciliares qual a opinião firmada por eles. Se é favorável à recondução, as demais partes serão executadas normalmente. Se for o contrário, o concílio caminhará para o fim já nessa parte.

9. Mas se foi favorável o parecer do concílio, o presidente declarará ao plenário a decisão de recondução e, após isso, convidará o candidato para ajoelhar-se na frente do auditório. Os pastores, formando o presbitério, circundá-lo-ão, estendendo suas mãos sobre sua cabeça, enquanto um pastor já previamente escolhido impetrará a bênção de Deus sobre o obreiro reconduzido ao ministério sagrado.

10. Neste ponto, o presidente poderá declarar que o irmão em causa se acha plenamente restaurado e reinvestido no ministério sagrado.

11. O pregador escolhido para proferir o sermão ocasional, desincumbindo-se de sua tarefa, proferirá uma mensagem apropriada ao momento, exaltando o caráter sagrado do ministério pastoral.

12. Chegando ao final, o presidente declara dissolvido o concílio. Se a ata estiver pronta, poderá ser lida. Após isso, o pastor reconduzido proferirá a bênção apostólica. A ata deve ser publicada em *O Jornal Batista* ou no periódico regional.

NOTA

A recondução de obreiros excluídos por adultério e por outros pecados graves só se deve processar em casos especialíssimos e, assim mesmo, depois de vários anos de comprovação de que o postulante à recondução ministerial se acha realmente *restaurado* e em condições de *exercer com autoridade moral* o ministério pastoral.

No campo batista fluminense houve a recondução ao ministério do pastor Benedito Borges Botelho, que pastoreou em São Fidélis. Só depois de mais de 15 anos de ocorrência a exclusão foi ele reintegrado ao ministério. O mesmo ocorreu com o pastor Evódio Pinto de Queiroz, que pastoreou em Neves. Depois de mais de 15 anos de afastamento do ministério ele foi reintegrado pela Primeira Igreja Batista de Niterói. Eles caíram, mas não ficaram prostrados. Ao se levantarem, vieram com grande ânimo. Passados os anos já referidos, as igrejas viram neles condições morais para assumirem o pastorado de uma igreja. E deram provas cabais, até à morte, de serem obreiros dignos do Senhor.

6.6 — Sessão Solene e Termo de Posse de Novo Pastor

Ao dar posse a um pastor, a igreja deve promover uma assembléia solene para esse fim especial. O dirigente dirá, ao abrir a reunião, que aquela é uma solenidade de posse do novo pastor e que a igreja está, naquele momento, em assembléia. A assembléia é necessária para que haja a lavratura de uma ata da ocorrência da solenidade. Isto é feito não só para fins históricos, mas, também, para registrar, em cartório, a ata, a fim de que os documentos que o pastor tiver que assinar, dali em diante, em nome da igreja, possam produzir os efeitos legais desejados.

Termo de posse

“Aos dias do mês de
de, tomou posse no pastorado da Igreja Batista

cujo templo está situado na Rua
nesta cidade, em substituição ao pastor
o pastor
que foi eleito em Assembléia da Igreja, realizada no dia..... de de
em conformidade com o que prescreve o artigo do Estatuto da mesma.

O pastor empossado leu e assinou o seguinte *Térmo de Posse*:

“Eu, Pr.
....., portador da Carteira
(nacionalidade) (estado civil)
de Identidade n.º, expedida em
pelo(a), e do CIC n.º
residente na Rua
assumo o pastorado desta igreja de conformidade com o seu estatuto e, sob a égide
do Espírito Santo, prometo honrar e dignificar o Ministério que me é confiado nesta
grei, de acordo com o que está exarado na Palavra de Deus.

6.7 — Ministérios Paralelos

Igrejas há que tanto se desenvolveram que chegaram ao ponto de ser necessário distribuir responsabilidades entre o ministério pastoral e os ministérios paralelos. Assim é que algumas delas já contam com a atuação de um ministro de educação religiosa e de um ministro de música sacra.

A igreja deve reconhecer que tanto o ministro de música como o de educação religiosa precisam ganhar um salário condigno a fim de que possam se entregar ao trabalho da igreja sem dependerem de outras fontes de sustento. Com um sustento condigno, eles poderão dar tempo integral às múltiplas atividades que seus departamentos exigem.

O ministério de educação religiosa é relativamente novo nas igrejas batistas do Brasil. Aos poucos, ele vai conquistando a visão de nossas igrejas. Sua necessidade se faz sentir pelo desenvolvimento da obra de educação religiosa que, alcançando espaço definido, passa a requerer pessoas qualificadas que possam se envolver no trabalho de estruturar, coordenar, planejar e levar à execução o programa de educação cristã na igreja.

O ministro de educação religiosa deve ser uma pessoa que tenha relativo conhecimento de educação em geral, e, principalmente, de educação religiosa. Deve, principalmente, ter amor ao ensino. Deve estar sempre buscando se atualizar em assuntos relativos à educação e, essencialmente, em relação à educação religiosa.

Para exercer suas funções com certa autoridade, a igreja promove a ordenação do ministro de educação religiosa (ou coordenador de educação religiosa). Sua ordenação se dá para significar que ele tem grandes e específicas responsabilidades.

Principais responsabilidades do ministro de educação religiosa:

1. Trabalhar junto ao Departamento de Educação Religiosa.
 2. Recrutar pessoas que tenham vocação e capacidade para ensinar.
 3. Promover o treinamento e reciclagem dos professores.
 4. Formar liderança nova.
 5. Supervisionar os registros da Escola Bíblica Dominical, da Escola de Treinamento e da Escola de Missões.
 6. Levar os professores a se sentirem responsáveis por visitar os alunos de suas classes.
 7. Desenvolver a biblioteca e incentivar os alunos a freqüentá-la.
 8. Estimular e prover recursos para o uso de material audiovisual pelos professores.
 9. Estabelecer programas especiais visando a alistar novos alunos.
 10. Promover o crescimento cristão dos membros da igreja e o seu desenvolvimento, visando atingirem “a estatura de Cristo”.
- Paralelamente a esse, há igrejas que já chegaram a instituir também o ministério de música, através do qual há toda a coordenação do trabalho de música na igreja. Também o ministro de música deve ser ordenado pela igreja, como o ministro de educação religiosa.

O ministro de música deve ser, primeiramente, alguém realmente convertido, dedicado e firme em suas convicções, conhecedor de suas responsabilidades quanto ao reino de Deus e sua chamada. Deve ser íntegro, amoroso, paciente, humilde e também equilibrado. É necessário que seja pessoa de oração.

É preciso que o ministro veja a música como um dos principais recursos para louvor e adoração a Deus, e, também, para evangelização, edificação e crescimento da igreja.

É importante, também, que ele esteja sempre atento às necessidades da igreja enquanto realiza seu trabalho, bem como às sugestões que lhe forem oferecidas.

Principais responsabilidades do ministro de música sacra:

1. Descobrir novos talentos e discipliná-los.
2. Desenvolver uma consciência de unidade entre o ministério de música e os demais departamentos da igreja, trabalhando na mais perfeita harmonia com os mesmos.
3. Colaborar com as atividades do pastor, procurando sempre prestigiá-lo.
4. Criar condições satisfatórias para a atuação da membresia nos coros, conjuntos, bem como participações especiais.
5. Planejar os alvos do departamento tendo em vista todo o trabalho da igreja.
6. Elaborar os cultos segundo a necessidade da igreja e as prioridades pastorais.
7. Dar assistência espiritual e organizacional a todos os grupos da igreja.
8. Desenvolver um projeto de coros graduados.
9. Levar a igreja a investir no departamento de música, para a formação da biblioteca de música, aquisição de partituras para os coros, aquisição de instrumentos musicais, envio de pessoas a cursos, congressos e outros eventos musicais etc.
10. Estar ciente de seus direitos e deveres na igreja onde atua.

A IGREJA E OS DIÁCONOS

7.1 — O Ministério Diaconal

Os oficiais bíblicos de uma igreja batista são pastor e diáconos. O pastor é ordenado por uma igreja, após ser examinado por um concílio, para servir ao ministério da palavra. Sua investidura é vitalícia, a menos que a igreja que o ordenou lhe casse as prerrogativas, em virtude de faltas graves (heresias, apostasia, adultério etc).

O diácono é escolhido pela igreja para o ministério da benevolência. Sua área de ação se circunscreve à sua igreja, ao passo que a do pastor se estende por toda a Denominação.

7.2 — Qualificações Para o Diaconato

7.2.1 — Qualificações para o diaconato de acordo com Atos 6.1-6

1. Os diáconos devem ser moralmente equipados (“de boa reputação”).
2. Os diáconos devem ser espiritualmente equipados (“cheios do Espírito Santo”).
3. Os diáconos devem ser mentalmente equipados (“cheios de sabedoria”).

7.2.2 — Qualificações para o diaconato de acordo com 1Timóteo 3.8-13

1. Honesto e sábio nas decisões.
2. Não de língua dobre.
3. Temperante.
4. Bom administrador das possessões.
5. Deve ser primeiro testado se dá para o cargo.
6. Deve ser homem de fé.
7. Irrepreensível.
8. Monógamo.
9. Deve governar bem seus filhos e sua própria casa.

7.3 — Deveres dos Diáconos

7.3.1 — Servir às mesas:

1) **Do Senhor.** Aos diáconos tem cabido a responsabilidade de funcionar na distribuição da Ceia do Senhor. Não há ordem explícita a este respeito no Novo Testamento, mas a prática já consagrou este costume. Isto, no entanto, não impede que o pastor escolha um outro membro da congregação que goze da simpatia da mesma para exercer esta função.

2) **Do Pastor.** Tratar do sustento pastoral é um dos deveres mais honrosos do diácono. O pastor, por uma questão de escrúpulo, não se dirige à igreja para dizer-lhe o de que ele necessita. Mas aos diáconos compete fazer um estudo minucioso das condições econômicas da igreja e das necessidades do ministro para manter-se condignamente na função ministerial “com alegria, e não gemendo” (Hb 13.17).

Infelizmente, tem havido diáconos que têm sido “pedra no sapato” de muitos pastores, inclusive congelando por anos o seu salário, quando algum ato da administração pastoral não está de acordo com o seu pensar.

Graças a Deus que, na sua maioria, as igrejas têm tido, no diaconato, homens probos, humildes, conscientes, amigos do pastor, e que têm honrado o ministério para que foram escolhidos — o de *servir*.

3) **Dos pobres.** Os problemas social e filantrópico de certas igrejas absorvem muitíssimo o tempo do pastor. Por isso, a igreja, a exemplo do que fizeram os crentes primitivos, elegem homens da sua congregação para “servirem às mesas” (At 6.2), a fim de que os pastores não fiquem sobrecarregados e possam dedicar-se mais ao ministério da Palavra de Deus.

Grande ministério realizam os diáconos que reconhecem sua verdadeira função!

Um diácono já estava desanimado. Procurou o pastor, dizendo que iria depor o cargo nas suas mãos. O pastor disse-lhe: “Antes que o irmão assim proceda, por favor, leve uma oferta a uma senhora pobre em determinada favela e converse com ela sobre os problemas dela.” Ele aceitou a palavra. Foi. Ao voltar, era outro homem. Então, disse ao pastor que não queria deixar a função. O cumprimento da sua real função lhe deu mais ânimo e mais vitalidade espiritual.

7.3.2 — Outras responsabilidades que os diáconos podem exercer

1. Ajudar a igreja no levantamento das finanças.
2. Ajudar o pastor nas visitas.
3. Ajudar o pastor na disciplina eclesiástica.
4. Visitar os neoconvertidos e os doentes nos hospitais.
5. Se o pastor não está presente e não há alguém escalado para substituí-lo, um diácono pode ficar na direção dos trabalhos.
6. Os diáconos devem ficar à disposição durante o trabalho da igreja para ajudá-la em qualquer serviço.

7.4 — O Método de Rotação ou Rodízio

Por quanto tempo um diácono deve exercer a sua função? Alguns têm sido eleitos por anos. Outros, porém, são eleitos por um período menor.

Atualmente, está mais em voga o sistema de rodízio. O diácono servirá por determinado tempo, de acordo com sua atuação. Algumas igrejas elegem diáconos para atuarem por um ano apenas. Outras, por dois ou três anos. Quais os motivos para esse sistema?

1. Desenvolve maior número de homens.
2. Traz nova vida e novo sangue.
3. Possibilita a ordenação de outros.
4. Dá aos jovens inspiração para servirem no diaconato.
5. Educa maior número de homens no trabalho.
6. É a maneira mais fácil de se eliminar da função aqueles que não se adaptam bem à mesma.
7. Permite o afastamento de alguns da função diaconal, sem embaraços.
8. É uma maneira democrática e dá à igreja o direito de escolher os seus próprios diáconos.
9. Dá aos diáconos um bom descanso da função, pelo menos, durante alguns anos.
10. Faz do diaconato uma função muitíssimo distinta.

Um bom diácono é uma grande alavanca na igreja, uma esperança e um estímulo para o pastor e para os membros em geral. Mas o diácono que exorbita de suas funções é uma pedra de tropeço, um tipo do Diótrefes, um peso morto, uma decepção.

É melhor não ter diáconos a tê-los sem que eles preencham os requisitos bíblicos exigidos. Só devem ser eleitos aqueles que realmente tenham o dom de ministrar ou servir.

A IGREJA E OS LÍDERES EXTRABÍBLICOS

O estabelecimento de alguns critérios auxiliam a igreja na escolha de seus obreiros. Já o insigne sábio advertia: “Quando não há sábia direção, o povo cai; mas na multidão de conselheiros há segurança” (Pv 11.14).

1. O líder deve ser um crente ativo.
2. O líder deve ser um crente espiritual.
3. O líder deve ser um bom mordomo de sua vida e de seus talentos.
4. O líder deve ser leal: 1) à igreja; 2) ao pastor; 3) aos companheiros; 4) à Denominação.
5. Tanto quanto possível, o líder deve residir próximo à igreja.

8.1 — Quanto à Duração do Cargo

1. A permanência de um líder num cargo deve ter a duração de um ano, podendo ele ser reeleito, se a igreja assim o desejar.
2. Algumas pessoas, quando são substituídas por outras, muitas vezes se ofendem. Isso não deve acontecer, uma vez que o cargo está acima das pessoas e torna-se ele numa oportunidade e privilégio para qualquer membro da igreja que denote capacidade para a função.
3. Alguns têm permanecido num cargo durante anos a fio porque têm sabido corresponder à confiança da igreja.
4. Consideram alguns, no entanto, que a permanência de um líder em determinado cargo por muitos anos vem resultar em menos receptividade às idéias novas.
5. Não havendo renovação de liderança, poderá o programa da igreja se tornar estereotipado.
6. Ainda, a permanência de muitos líderes num mesmo cargo, por muitos anos, impede o surgimento de outros valores.

8.2 — O Secretário da Igreja

Muito do progresso da igreja depende do trabalho zeloso de um secretário. Um ótimo secretário é um grande auxiliar da igreja e do pastor.

8.2.1 — Suas qualificações

1. Deve ter boa redação.
2. Deve escrever legivelmente.
3. Deve ser uma pessoa de maturidade.
4. Deve ter boa educação.
5. Deve ser zeloso.

8.2.2 — Suas responsabilidades

1. Redigir as atas das sessões da igreja — sessões regulares, extraordinárias e solenes — e passá-las para o livro competente.
2. Expedir toda a correspondência da igreja (cartas de transferência, convites etc).
3. Trazer sempre em dia o movimento estatístico da igreja.
4. Zelar pelo fichário da igreja, cuidando para que todas as informações sobre cada membro esteja em dia.
5. Caso não haja na igreja uma comissão de assistência ao decididos, cumprimentar, cordialmente, todas as pessoas que se manifestarem nos apelos, anotando-lhes o nome, idade, endereço etc.
6. Ainda nesse caso, lidar diplomaticamente com todos os decididos, bem como com os visitantes, caso não haja uma comissão especialmente nomeada para isso.

8.2.3 — Secretária de tempo integral

Há igrejas que se têm desenvolvido tanto, tanto progresso têm obtido em seu número de membros e no volume de suas atividades eclesiais, que estão a exigir uma secretária de tempo integral.

A secretária (ou secretário, pois nada impede que seja um homem a preencher essa função) é de grande utilidade à igreja. Seu trabalho, se feito com eficiência, trará grande ajuda ao desenvolvimento da igreja e grande apoio ao trabalho pastoral.

Quais seriam as características de uma secretária da igreja? Vejamos:

1. Deve ser crente, tendo experiência de vida cristã.
2. Deve ser alguém de comprovado caráter cristão.
3. Deve ser membro da igreja em que trabalha.
4. Deve ser pessoa que irradie simpatia, pois irá tratar com muita gente.
5. Deve ser uma pessoa de capacidade e iniciativa.
6. Deve ser eficiente datilógrafa.
7. Deve ser bem organizada. Deve saber trabalhar com arquivos.
8. Deve conhecer, pelo menos em parte, leis trabalhistas e previdenciárias.
9. Deve ser discreta, de confiança, capaz de lidar com assuntos confidenciais.

Isso é de extrema importância. Muitas cartas e assuntos internos passarão por suas mãos, devendo ficar só ali. De modo algum ela deverá propalar assuntos referentes à vida da igreja.

São suas atribuições:

1. Arquivar cartas, documentos, boletins, certificados etc. Tudo o que for de interesse para os arquivos da igreja.
2. Responder, assessorada pelo pastor, a todas as cartas que forem enviadas à igreja e que forem da competência da secretária.
3. Cuidar da correspondência do pastor.
4. Providenciar o envio de cartões de aniversário para os membros da igreja e para interessados.
5. Felicitar a igreja e entidades denominacionais, quando de comemorações especiais.
6. Preparar o boletim da igreja.
7. Manter em dia o rol de membros e o fichário com informações sobre os mesmos, incluindo registro de batismos, funerais, casamentos etc.
8. Providenciar as cartas de transferência, enviando-as às igrejas competentes.
9. Preparar a agenda anual da igreja, bem como outros informativos e publicações.
10. Fazer o trabalho de mecanografia necessário à secretaria da igreja.
11. Receber as chamadas telefônicas, encaminhando-as segundo o necessário.
12. Efetuar as ligações telefônicas necessárias ao trabalho do pastor, e outras que lhe sejam solicitadas.
13. Preparar os relatórios da igreja para as sessões de negócios.
14. Auxiliar o pastor na marcação de sua agenda.
15. Ajudar os líderes da igreja na preparação de materiais necessários ao seu trabalho.

Certamente, será de grande valia para o bom andamento do trabalho a função da secretária de tempo integral. Especialmente nas igrejas de maior porte. São inúmeras as áreas em que ela pode atuar.

Obs.: A secretária de tempo integral não deve ser confundida com o(a) secretário(a) de atas. São cargos que funcionam independentemente um do outro.

8.3 — O Tesoureiro da Igreja

O cargo de tesoureiro da igreja é de grande responsabilidade e importância. Por isso, muitas igrejas lutam com dificuldade para encontrar um membro que queira desempenhar tal função.

Em muitas igrejas, este cargo está entregue a um diácono.

Hoje, o cargo de tesoureiro está ficando cada vez mais espinhoso, pelas exigências legais que, dia após dia, crescem e se tornam mais complexas.

8.3.1 — Qualidades que devem ser requeridas do tesoureiro

1. Deve ser uma pessoa educada.
2. Deve ser uma pessoa desembaraçada.
3. Deve ser uma pessoa que tenha, pelo menos, noções de contabilidade.
4. Deve ser uma pessoa fiel.
5. Deve ser assíduo às reuniões da igreja.
6. Deve ser fiel dizimista.

8.3.2¹ — Funções do tesoureiro

1. Receber o dinheiro vindo das várias fontes, distribuindo-o entre os diversos fins, de acordo com o estipulado pela igreja.
2. Liderar a elaboração do plano financeiro da igreja.
3. Ter sempre em mãos o material para fornecer aos novos membros da igreja: cartões e envelopes de contribuição, a fim de incentivá-los à contribuição.
4. Liderar campanhas de mordomia lançadas pela igreja.
5. Manter os livros da tesouraria sempre em ordem.
6. Fornecer, a quem solicitar, a Declaração de Contribuições, para fins de Imposto de Renda.
7. Depositar nos bancos o dinheiro de dízimos e ofertas.
8. Assinar cheques com o pastor ou outra pessoa nomeada para isso pela igreja.

8.4. — O Historiador Eclesiástico

Igrejas há que, para feitura de sua história, dependem quase que exclusivamente das suas atas, pois não têm outras fontes a que recorrer. Outras, no entanto, que publicam boletins e divulgam notícias em periódicos denominacionais ou seculares, publicam o Relatório Anual, e, esporadicamente, alguma matéria atinente ao seu trabalho, devem eleger um historiador, a fim de que vá escrevendo, anualmente ou de período em período, a sua história.

8.4.1 — Qualificações do historiador

1. O historiador deve ser sincero e leal.
2. O historiador deve ser uma pessoa interessada em história.
3. O historiador deve ter habilidade para despertar o interesse de todos para o assunto.

8.4.2 — Deveres do historiador

1. Estar sempre em contato com o secretário da igreja, a fim de acompanhar o desenvolvimento dos principais fatos acontecidos na igreja.
2. Coletar todas as publicações da igreja e outras que a ela se refiram.
3. Entrevistar os membros da igreja, em particular os mais antigos, a fim de conseguir com eles dados sobre a igreja que não tenham sido publicados.
4. Coletar fotografias, flâmulas e qualquer material de interesse histórico.
5. Coletar os exemplares dos jornais batistas (nacional, estadual, regional).
6. Ouvir o atual pastor e os ex-pastores da igreja, a respeito dos períodos em que estiveram à frente do pastorado da igreja.
7. Compulsar os livros da tesouraria, para fazer uma avaliação do progresso financeiro da igreja. O mesmo fazer com os livros de atas, a fim de levantar o seu progresso numérico.
8. Entrar em contato com a comissão de construção, ou com os elementos que dela participaram, a fim de ouvir deles a respeito do *romance* da construção.
9. Anotar os fatos que vão acontecendo na igreja e que servirão como fonte histórica.

8.5 — Outros Líderes

Outros líderes extrabíblicos há que podem implementar o programa de uma igreja local: diretor de educação religiosa, diretor de música, diretor de evangelismo e missões, diretores das escolas sugeridas pelo *Programa de Educação Religiosa*, diretores departamentais, professores da Escola Bíblica Dominical etc. Suas qualificações e deveres podem ser encontrados em manuais especificamente preparados para cada uma dessas organizações. Esses podem ser encontrados em livrarias da JUERP, que é a junta de nossa Convenção responsável pelo preparo desse material especificamente orientador.

O número de líderes e suas funções podem variar de igreja para igreja. As necessidades e possibilidades, a realidade da igreja local, é que devem determinar o número e a qualidade de obreiros necessários à execução do trabalho e ao desenvolvimento da igreja.

8.6 — A Igreja, Seus Funcionários e a Lei

O funcionamento e o desenvolvimento da igreja requer um certo número de funcionários. Com esses, a igreja deve ser zelosa no cumprimento das leis trabalhistas e previdenciárias a fim de que eles gozem de todos os direitos que lhes são garantidos.

Por terem descurado da observância rigorosa das leis referidas, algumas igrejas têm sofrido conseqüências danosas para o seu orçamento e para seu bom nome.

Houve igrejas, no passado, que não cumpriram, por exemplo, todos os deveres exigidos por lei, para com seu zelador. Resultado: quando houve um agastamento entre as partes, a igreja foi acionada e perdeu na justiça, tendo que vender até imóveis para fazer face às despesas decorrentes de indenizações trabalhistas, correção monetária etc.

A igreja deve, então, ao admitir um funcionário, tomar as seguintes providências:

1. Pedir sua Carteira Profissional e o atestado de sanidade físico-mental.
2. Registrá-lo no livro competente.
3. Preencher a Carteira Profissional com o salário que a lei requer.
4. Manter sempre em dia os registros no livro competente, bem como na Carteira Profissional, atualizando-os anualmente, no que diz respeito a férias e salários. A Carteira Profissional não pode ficar em poder do empregador por mais de 48 horas.
5. Recolher todas as obrigações trabalhistas e previdenciárias, como INSS, FGTS etc.
6. Conceder férias ao funcionário, que as tirará, quanto à época, de acordo com os interesses da igreja.
7. Ao sair de férias, o funcionário deverá receber seu salário, mais 30% sobre o mesmo, como estabelece a lei.
8. Pagar o 13.º salário da seguinte forma: até 30 de novembro, a 1.ª parcela, e a segunda, até 20 de dezembro.

A IGREJA E SUA ADMINISTRAÇÃO

9.1 — Assembléias da Igreja

Chamam-se assembléias reuniões em que os crentes deliberam a respeito de seus trabalhos. As assembléias podem ser regulares e extraordinárias. Regulares são aquelas que se realizam nos dias já estabelecidos com antecedência, e extraordinárias, aquelas que se realizam conforme necessidades circunstanciais, para tratar de algum assunto que, pela sua urgência, não pode esperar até a assembléia regular.

Igrejas há que têm duas assembléias regulares: as de negócios e as espirituais. Naquelas são tratados todos os assuntos referentes a finanças, problemas etc, e nestas, só profissão de fé e admissão de membros.

9.1.1 — Preliminares

O sucesso das assembléias depende não só da maneira de dirigi-las, mas do preparo anterior. O pastor que gosta que tudo seja bem preparado e corra bem não irá para uma assembléia sem antes conhecer os assuntos a serem tratados. Por isso é que se deve ter a reunião de obreiros, onde os assuntos que serão levados à assembléias poderão ser ventilados. Ao serem levados ao plenário, tais assuntos já estarão como que “mastigados”. Alguns planos do pastor que poderiam causar problemas ou que não seriam facilmente aceitos pela igreja serão com maior facilidade resolvidos e entendidos se tiverem sido apresentados na reunião de obreiros, anteriormente.

9.1.2 — Agenda

As assembléias da igreja devem ser sempre anunciadas, ou do púlpito, ou por boletim, ou por outro meio. Logo que for convocada uma assembléia o moderador, que, na maioria das vezes, é o pastor, deve preparar uma agenda dos trabalhos. Nela podem constar os seguintes pontos:

1. Devocional

- 1) Hino
- 2) Leitura de um texto bíblico apropriado
- 3) Oração

2. Abertura

- 1) Declaração de que, não havendo impedimento, a assembléia se acha aberta.
- 2) Leitura da agenda.
- 3) Inclusão de algum outro item na agenda, se for requerido.

3. Expediente

- 1) Leitura da ata anterior
- 2) Leitura da correspondência chegada.
- 3) Movimento de membros (pedidos e chegadas de cartas de transferência, reconciliações etc).

4. Relatórios

- 1) Relatório financeiro da igreja
- 2) Relatório financeiro das organizações

5. Informações

- 1) Dos trabalhos evangelísticos das organizações
- 2) Das atividades pastorais

6. Profissões de fé

7. Assuntos gerais (ou específicos, se os houver)

8. Encerramento

9.1.3 — A técnica para a condução dos trabalhos

1. O moderador deverá conhecer as regras parlamentares, a fim de conduzir com sabedoria os trabalhos da assembléia. No final deste livro, acha-se cópia das Regras Parlamentares em uso em nossas igrejas e convenções.

2. Antes de submeter uma proposta a votação, deve-se enunciar-lá com muita clareza, para que os membros não fiquem confusos na hora de votar.

3. Quando se notar que algum assunto merece ser mais elaborado, esse deve ser encaminhado com argúcia e entregue a uma comissão.

4. Antes de se lançar algum assunto para apreciação do plenário, é recomendável fazê-lo preceder de algumas considerações. Isto não só poupa tempo gasto em discussões estereis, como evita, talvez, problemas futuros.

9.2 — Modelo de Ata

Ata nº ... da assembléia regular da Igreja Batista
sita na Rua nº realizada
no dia do mês de de Abertura — Às 20 horas
é iniciada a reunião, sob a presidência do pastor
que faz a leitura do Salmo e convida o irmão

para orar a Deus em favor da reunião. *Ordem do Dia* — O pastor apresenta a ordem do dia e pergunta se há algum outro assunto de interesse da igreja que se deseja incluir na pauta dos trabalhos. *Ata anterior* — É lida a ata anterior, de nº, da sessão realizada no dia, que foi aprovada com as seguintes emendas:

1); 2); etc.
(Se a ata não tiver emendas, basta dizer-se que foi aprovada como lida.) *Expediente* — Foram lidas duas cartas, uma da igreja e outra de, comunicando que já foram expedidas as cartas demissórias dos irmãos e *Relatórios financeiros* a) da igreja

— O irmão tesoureiro apresentou o seu relatório, que é o seguinte: Entradas por contribuições e dízimos: Cr\$; por ofertas: Cr\$ Total de entradas: Cr\$ Saídas: 1) Para pagamento da dívida com a Junta

Cr\$; 2) Para luz: Cr\$; 3) Para honorário pastoral: Cr\$ 4) Para Beneficência: Cr\$ 5) Para Cooperação: Cr\$ 6) Total de saídas: Cr\$ Saldo: Cr\$ b) *Relatório da Caixa de Beneficência* — Entrada: Cr\$ Saída Cr\$ — Saldo: Cr\$ c) *Relatório da União de Adultos* — Entrada: Cr\$ Saída: Cr\$ Saldo: Cr\$ d) *Relatório da SFM* — Entrada: Cr\$ Saída: Cr\$ Saldo: Cr\$

[Assim por diante, se a igreja o desejar, cada organização ou departamento apresentará o seu relatório financeiro.] *Relatórios Sociais e Evangelísticos* — *Comissão de Evangelismo*: Cultos realizados:; Assistentes:; Visitas feitas:; Folhetos distribuídos:; Novos Testamentos entregues:; Bíblias dadas: *Escola Bíblica Dominical*: Cultos realizados:; Assistentes:; Visitas feitas:; Folhetos distribuídos: [Assim por diante, cada organização deve dar o seu relatório das atividades sociais e evangelísticas realizadas.] *Disciplina* — A igreja nomeou uma comissão para dar assistência aos seguintes irmãos:, ... e O caso do primeiro ficou sobre a mesa. Foi proposta e apoiada a exclusão dos dois outros.

Profissão de fé — Apresentaram-se para dar profissão de fé os seguintes candidatos:, estado civil, nacionalidade, com anos, sabe ler e escrever, reside na Rua nº, nesta cidade, brasileira, solteira, não sabe ler, com anos, residente na Rua nº, nesta cidade. Ambos os candidatos, depois de argüidos pelo pastor sobre sua fé em Cristo, foram aceitos pela igreja, para serem batizados na primeira oportunidade. *Carta demissória* — Apresentou-se perante nossa igreja, pedindo sua carta demissória da igreja, no Estado do Rio, para esta igreja, a irmã, brasileira, casada, sabe ler e escrever e reside na Rua nº, nesta cidade. A irmã pediu sua carta desta igreja para a Igreja, no Estado de São Paulo. Por proposta e apoio, foram atendidos esses dois pedidos. *Novos Planos* — O pastor expôs os seguintes planos:

- 1) Organização de uma Escola Bíblica Dominical em
- 2) Realização de um Instituto Bíblico, em setembro; 3) Lançamento da campanha para cada crente ganhar uma pessoa para Cristo. Todos estes planos foram aceitos pela igreja. *Encerramento* — Não havendo mais a tratar, foi a sessão encerrada às

21 horas, com uma oração pelo irmão Eu, primeiro-secretário,
lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e pelo pastor.
1.º secretário — Pastor —
Rio de Janeiro, ... de de

9.3 — A Igreja e Seus Departamentos

Desde os primórdios, a igreja tem sido e será a mesma. No entanto, os métodos de trabalho, a maneira de se desenvolver o seu programa de evangelismo, de educação cristã, o programa de ação social, ou outros quaisquer alvos que ela tenha para seus membros e para a comunidade em que está inserida, dependem de suas próprias necessidades e de seus próprios objetivos. Partindo dessa afirmativa, cada igreja deve, frente à sua própria realidade, elaborar seu programa de ação e a maneira de como vai desenvolvê-lo.

Como sugestão, damos a seguir o exemplo de uma igreja, de porte médio, administrada através de departamentos. Essa estrutura tem por objetivo dividir tarefas e impulsionar o trabalho. Quanto mais o trabalho estiver dividido, tanto mais fácil será sua execução. Quanto mais pessoas estiverem envolvidas na execução do programa para a igreja, tanto mais atuante será essa igreja.

Na sugestão aqui oferecida, os departamentos têm a principal função de levar à execução as tarefas que lhes estão afetas. Cada departamento tem à sua frente um diretor e tantos membros quanto o seu trabalho exigir. Na composição dos departamentos deverá ser levada em conta a experiência dos membros nomeados para cada um. Por exemplo, na medida do possível, para o departamento que tratará da parte financeira da igreja, devem ser indicadas pessoas que tenham experiência nessa área: contadores, bancários, empresários. No departamento que orientará a educação religiosa, devem ser usadas, o quanto possível, pessoas com experiência na área pedagógico-educacional: professores, supervisores e orientadores educacionais, educadores religiosos, seminaristas e estudantes teológicos. No departamento de assistência jurídica devem atuar pessoas que tenham um certo conhecimento na área: advogados, escrivães, escriturários. Assim por diante, sempre levando-se em conta as possibilidades da membresia da igreja. Há, naturalmente, departamentos que, para o desenvolvimento do seu trabalho, lhes serão requeridos apenas, mas principalmente, o amor e a dedicação ao trabalho do Senhor. Essas qualificações, no entanto, deverão ser também encontradas nos membros dos departamentos para os quais serão buscadas qualificações específicas, como as acima colocadas.

Segue-se a estrutura do trabalho de uma igreja através de departamentos:

1. Departamento de Educação Religiosa. Sob a égide da igreja, esse departamento estruturará todo o programa de educação cristã para os seus membros, procurando, também, através desse programa, atingir a comunidade. Coordenará, levará à execução, avaliará, buscando, se necessário, adaptações para este programa. O programa de educação religiosa de uma igreja deve ser elaborado, todo ele, a partir das necessidades de seus membros, levando-se em consideração as possibilidades da própria igreja: liderança, tempo, espaço físico.

Em nosso país, as igrejas batistas encontram, em literatura publicada pela sua editora, a JUERP, a sugestão de um programa de educação religiosa, executado através de quatro escolas — a Escola Bíblica Dominical, a Escola de Treinamento, a Escola

de Missões e a Escola de Música. Esse programa, apresentado através de manuais e outra literatura publicada pela JUERP, deve ser visto pelas igrejas como uma sugestão, como um ponto de partida. A partir do que aí é apresentado, levando em consideração a sua própria realidade, as igrejas devem estruturar e levar à execução o seu programa.

Um fator que jamais deve ser desprezado na elaboração, na execução e avaliação de um programa de educação religiosa é a *flexibilidade*. Os membros do Departamento de Educação Religiosa devem ter sempre em mente o fato de que, mais importante que um programa elaborado pelo departamento e aprovado pela igreja, é o alcance das pessoas, seu crescimento cristão, suas próprias necessidades. Esses, sim, devem ser o alvo principal das pessoas que se engajam na educação cristã de uma igreja. Ai das igrejas cujos programas de educação cristã são um fim em si mesmo! Benditas aquelas que têm como um meio de assistir, em seu preparo e fortalecimento cristão, os seus membros!

2. Departamento de Evangelismo. O Departamento de Evangelismo deve atuar comprometidamente com o Departamento de Educação Religiosa. Se este provê o crescimento cristão dos membros da igreja, aquele busca os que, tendo aceito Cristo como Salvador, tornam-se no seu objeto de ação.

Métodos de evangelização pessoal, em grupo e em massa, podem ser estudados e escolhidos pelo Departamento de Evangelismo. Depois de planejadas as atividades e escolhidos os métodos, o departamento deve se esforçar por envolver toda a igreja na execução desse planejamento. Ainda aqui devem ser lembradas as realidades da igreja. Muitas vezes, encontramos líderes que tentam aplicar em suas igrejas métodos usados por outras que vivem realidade completamente diferente. É necessário lembrar que cada igreja tem suas características próprias. E o trabalho do Senhor deve ser feito, como todas as suas esferas, levando-se em consideração essas características. Sem isso, os esforços serão em vão.

O programa elaborado pelo Departamento de Evangelismo pode e, às vezes, até deve, ser executado através das organizações de educação religiosa. Vai depender da habilidade desses dois departamentos o êxito no alcance dos alvos conjuntos.

3. Departamento de Assistência Médico-Social. Esse departamento é responsável por sondar, sentir e prover, no que é possível à igreja, as necessidades sociais de seus membros e da comunidade. Médicos, enfermeiras, assistentes sociais, dentistas são usados no afã de atender o povo. Durante a semana ou aos domingos, o departamento estará engajado em visitação às famílias da igreja e às casas da comunidade, com o propósito de sentir quais são e atender às suas necessidades em matéria de assistência alimentar, médica, aconselhamento etc.

Muito conhecido no meio batista, já se tornou o que é chamado de ministério comunitário cristão. Esse programa procura atingir exatamente esse tipo de necessidade. Usando o edifício da igreja, com suas acomodações, seu espaço físico, a igreja atinge suas famílias e as da comunidade em suas necessidades sociais. Ambulatórios, creches, gabinetes médicos e dentários, classes de assistência escolar, classes de cursos rápidos, datilografia, primeiros socorros são maneiras de a igreja atingir necessidades do seu povo e da sua comunidade.

NOTA — A União Feminina Missionária Batista do Brasil tem publicado o livro *Ministério Comunitário Cristão*, de Catherine Chapell, que traz toda a orien-

tação necessária para esse tipo de trabalho. Esse livro pode ser adquirido nas lojas da JUERP ou diretamente nos escritórios da UFMBB (Rua Uruguai, 514 — Tijuca — 20510, Rio de Janeiro, RJ).

4. Departamento de Música. Há igrejas que preferem que a música fique a cargo de um departamento específico. As que assim preferirem devem desvincular do Departamento de Educação Religiosa todo planejamento, elaboração de programas e execução de atividades dentro dessa área.

O Departamento de Música deverá elaborar e coordenar tudo o que se referir à música na igreja — parte musical dos cultos, institutos de música, classes de música, escalas de regentes, instrumentistas e coros, aquisição de biblioteca de música necessária ao trabalho rotineiro da igreja, manutenção de instrumentos, provisão de música para os programas especiais, continuidade dos ensaios dos diversos corais.

Fazem parte deste departamento todas as pessoas diretamente responsáveis pela música na igreja: regentes, pianistas, organistas, instrumentistas em geral, eleitos pela igreja.

A conservação de todo o material usado na música da igreja — hinários, instrumentos, becas — é de responsabilidade deste departamento.

5. Departamento de Finanças. A elaboração do orçamento anual da igreja, o planejamento de campanhas financeiras, a estipulação de alvos para ofertas, a abertura de concorrências públicas para compras, a compra de material para a construção e para todo o trabalho da igreja, tudo deve ser responsabilidade do Departamento de Finanças. Na medida do possível, deve ser composto por pessoas que tenham capacidade de controle financeiro, que possuam uma “mente financeira”, sabendo e podendo lidar com o assunto.

6. Departamento de Assistência Jurídica. Estará a cargo deste departamento a assistência à igreja, diante das suas responsabilidades e questões jurídicas. Tudo o que é exigido por leis e pelo governo será de incumbência deste departamento. Ele poderá se encarregar, ainda, de cuidar da parte civil de casamentos e escrituras, além de oferecer às famílias dos membros orientações em suas questões jurídicas.

7. Departamento de Introdutores. Trata este departamento da recepção e introdução dos visitantes e de toda a congregação no santuário. Deve este departamento estruturar este trabalho, estudando os melhores meios de fazê-lo muito discreta e simpaticamente.

8. Departamento de Comunicação. Este departamento trata de todo o programa executado com o objetivo de comunicar o evangelho. Envolve ele os programas de rádio, televisão, publicações impressas etc.

Pessoas capazes de se comunicar bem, elaborar programas de edificação e evangelização através dos meios de comunicação, podem compor este departamento.

Pode estar afeto a este departamento também toda a implantação e manutenção do equipamento de som do santuário e dos trabalhos externos da igreja. Aparelhagem de som, microfones, projetores de filmes, de *slides*, videocassetes, tudo pode estar sob os cuidados deste departamento.

Uma igreja de maior porte, que queira envolver um maior número de pessoas, subdividindo as tarefas, poderá fazer, deste, dois departamentos: Departamento de Comunicação e Departamento de Som.

9. Departamento de Relações Públicas. Tem este departamento a responsabilidade de, em ocasiões especiais, entrar em contato, convidar e recepcionar os visitantes ilustres e autoridades.

10. Departamento de História. É atribuição deste departamento supervisionar o arquivo de membros e o registro de atas da igreja, com o objetivo de conservar em dia os dados que formarão a história da igreja. Deve este departamento arquivar todas as publicações referentes à igreja, arquivar programas, boletins e lembranças das organizações e festividades, elaborar histórico anual, documentar os acontecimentos da igreja.

11. Departamento de Ornamentação. Este departamento é responsável pela ornamentação do santuário para a realização dos cultos dominicais e semanais. Pode ser encargo deste departamento, também, a confecção de painéis alusivos às ênfases mensais da igreja.

12. Departamento de Zeladoria. Este departamento vai supervisionar a conservação e limpeza do templo e das suas dependências, que deverá ser feita por uma pessoa paga pela igreja para esse trabalho: o zelador.

13. Departamento de Patrimônio. É responsabilidade deste departamento a conservação de toda a construção e propriedades da igreja. Reformas, pintura, consertos, qualquer coisa que se refira a edifícios, prédios, é trabalho deste departamento.

14. Departamento de Construção. Igrejas que estão em fase de construção de seus templos, ou do edifício de educação religiosa, ou ainda de templos para congregações ou missões, devem nomear um departamento que se torne responsável pela compra de material, contratação de pessoal e supervisão de todo o trabalho de construção.

Outros departamentos podem ser criados em igrejas de porte maior, que tenham maiores oportunidades ou que queiram ver mais dividido seu trabalho:

a. **Departamento de Almoxarifado.** Este departamento é responsável pela guarda, suprimento e controle de todo o material, de uso rotineiro ou esporádico, em todas as organizações da igreja. Pode ser ele o responsável, também, pelo cadastramento de todos os bens (patrimônio) da igreja.

b. **Departamento de Viaturas.** Este departamento é responsável por cuidar da manutenção, abastecimento e locomoção das viaturas que pertencem à igreja. Deve elaborar um regulamento para o uso dessas viaturas.

c. **Departamento de Cantina.** Este departamento coordena e fiscaliza o funcionamento da cantina, cuidando da guarda, conservação e manutenção de todo o equipamento e material que a ela pertence.

Por outro lado, dois ou três dos departamentos aqui sugeridos podem ser fundidos num só, com o intuito de tornar mais simples o funcionamento da igreja e de se usar menor número de pessoas em sua execução.

Comum a qualquer tipo de igreja, diante do funcionamento de seus departamentos, deve ser o seguinte procedimento:

a. Os departamentos devem prestar relatório à igreja. Eles não são autônomos. A igreja é e está sobre eles. Mensalmente, bimestralmente, ou como desejar a igreja, os departamentos devem trazer, em sessão, aquilo que foi por eles realizado.

b. No orçamento da igreja, uma verba mensal deve ser reservada para cada departamento. Todo trabalho envolve despesas e os departamentos têm seus gastos próprios para a execução de seu trabalho. É a igreja a responsável por sustentar e possibilitar esse trabalho. Naturalmente, há departamentos que, pela sua estrutura e objetivos, podem lançar, esporadicamente, campanhas entre os membros da igreja, para que cumpram os seus planos: campanha de remédios, campanha de alimentos, campanha de roupas e calçados etc.

c. A supervisão do trabalho dos departamentos deve ser feita pelo pastor da igreja. Num acompanhamento sistemático, o pastor deve procurar assistir os diretores dos departamentos em suas necessidades, em seus planos e atividades. Uma palavra de incentivo, uma observação positiva, ou uma chamada de atenção, quando se fizer necessário, deve ser responsabilidade do pastor.

9.4 — A Biblioteca da Igreja

Cada igreja deve se esforçar para possuir sua biblioteca. A biblioteca da igreja deve ter livros que atendam às idades dos membros e também de seus filhos menores.

É verdade que ela não pode começar grande porque há igrejas que não têm recursos para adquirir muitos livros logo no início. Mas isso não importa. O que é necessário é que a igreja comece a comprar livros e, aos poucos, de acordo com suas posses, vá colocando no seu orçamento um verba destinada a esse fim. Deste modo ela terá, em pouco tempo, uma biblioteca útil a todos os seus membros.

Uma forma prática de aumentar o acervo da biblioteca de uma igreja é através de campanhas para doação de livros, novos ou usados. Já é conhecida em nosso meio a Festa do Livro. Em programação sociocultural, a igreja participa da festa em que é reservado o momento quando são oferecidos, pelos participantes, livros para a biblioteca. Essa e outras atividades semelhantes não só ajudam na formação da biblioteca, mas podem também servir de incentivo à boa leitura.

Que livros devem compor a biblioteca da igreja? Os primeiros livros a fazerem parte da biblioteca de uma igreja devem ser os evangélicos. Muitos são as editoras evangélicas — JUERP, Betânia, Vida, Fiel. Naturalmente, os livros editados pela editora da Convenção Batista Brasileira — JUERP — não devem faltar na biblioteca de uma igreja batista no Brasil. Livros de outras editoras, no entanto, podem enriquecer em muito o acervo bibliográfico de nossas igrejas. É difícil encontrar uma cidade no Brasil em que não haja uma livraria evangélica, onde esses livros possam ser adquiridos.

Mesmo pertencendo à igreja, a biblioteca não deve limitar os seus volumes a livros evangélicos. Os de cultura geral, que se prestam a auxiliar os membros da igreja em suas pesquisas, e até em seu entretenimento, devem também fazer parte da biblioteca da igreja.

Os comentários bíblicos que há em português devem ser adquiridos, pois eles sempre serão muito úteis a todos, principalmente aos professores da Escola Bíblica Dominical.

A IGREJA E A SUA PROGRAMAÇÃO

10.1 — Comissão de Indicações

Por que uma comissão de indicações? A resposta é fácil: 1) para ganhar tempo; 2) para evitar problemas ou indicação de pessoas desqualificadas para determinados cargos; 3) para facilitar aos crentes a votação de nomes que realmente possam preencher os cargos.

Seria difícil, numa sessão, escolher bem. A comissão, com bastante antecedência, pode estudar e examinar cada nome e dar à igreja a sua sugestão.

10.1.1 — Composição

Devem compor esta comissão:

1. Pessoas que sejam, comprovadamente, consagradas ao Senhor.
2. Pessoas que denotem ardente desejo de ajudar a igreja.
3. Pessoas que sejam receptivas.

10.1.2 — Modelo de sugestões

A comissão poderá mimeografar as suas sugestões e, no dia da eleição, distribuí-las, a fim de ajudar os votantes. Se forem apresentados, por exemplo, três nomes para cada cargo, pode-se deixar espaço para o votante escrever o nome de outra pessoa que ele considere mais indicada para o cargo.

MODELO

Igreja Batista de
Eleições para o ano eclesiástico de

COMISSÃO DE INDICAÇÕES

- Para vice-moderador: 1. José Augusto Neto
2. Manoel Peixoto Júnior

3. Benedito Silva

4.

Para 1.º secretário: 1. Jonas Coelho
2. Pedro Carvalho
3. Antônio Pereira
4.

Para 2.º secretário: 1. Fausto Gomes
2. Joaquim Barreto
3. Pedrinho Cerqueira
4.

Para 1.º tesoureiro: 1. Osvaldo Beraldi
2. Nely Silva
3. Francisco Gomes
4.

Para 2.º tesoureiro: 1. Ricardo Nascimento
2. Josete Figueira
3. Afonso P. Medeiros
4.

Os outros cargos devem ser também considerados. Para se economizar espaço, apresentamos apenas esse resumo do que deve ser o relatório da comissão de indicações.

10.2 — Calendário Anual de Atividades

O Calendário Anual é de grande utilidade para as igrejas, pois ele prevê, com grande antecedência, todos os eventos e atividades anuais. Apresenta como que uma planta completa do que será executado pela igreja durante o ano eclesiástico. “Planejar” — disse Fayol — “já é executar”.

Um Calendário Anual poderá ser constituído dos seguintes elementos:

- a) palavra do pastor à igreja;
- b) relação da diretoria da igreja;
- c) relação das diretorias dos departamentos e organizações da igreja;
- d) metas a serem atingidas pela igreja durante o ano eclesiástico;
- e) orçamento anual, votado pela igreja;
- f) atividades dominicais, semanais e especiais da igreja;
- g) relação nominal e, se possível, endereço, telefone e data de aniversário dos membros da igreja;
- h) Pacto das Igrejas Batistas.

Um Calendário Anual mais simples poderá trazer somente as atividades dominicais, as semanais e as especiais.

Modelo de um Calendário Bem Simples

Atividades Regulares

1. Atividades Dominicais

6h — Culto de Oração

9h — Escola Bíblica Dominical

10h45m — Culto

13h30m — Programa Radiofônico

15h — Escola Bíblica Dominical nas Congregações

18h30m — Escola de Treinamento

20h — Culto Divino

2. Atividades Semanais

2.ª-feira — Descanso Pastoral

3.ª-feira — 19h — União Feminina Missionária

4.ª-feira — 19h30m — Culto de Pregação

6.ª-feira — 19h30m — Culto de Oração

Sábado — 19h30m — Ensaio do Coro

3. Atividades Mensais

1.º domingo — Realização de Batismos

2.º domingo — Celebração da Ceia do Senhor

2.º Sábado — Sessão Mensal de Negócios

3.º Sábado — Reunião de Obreiros

Atividades Especiais

Janeiro — Ênfase: Herança Denominacional

Dia 1.º — Fraternidade Universal

1.ª semana — Estudos Bíblicos

3.ª semana — Assembléia Anual da União Feminina Missionária Batista do Brasil

4.ª semana — Assembléia da Convenção Batista Brasileira

Fevereiro — Ênfase: Mordomia

Dia 13 — Dia da Aliança Batista Mundial

Congresso de Mordomia

Retiro de Carnaval

Acampamento da Mocidade

Semana em Foco da Sociedade de Moças

Março — Ênfase: Missões Mundiais

2.º domingo — Dia de Missões Mundiais

1.ª semana — Semana de Oração Pró-Missões Mundiais

2.º domingo — Programa Especial de Missões Mundiais

3.ª semana — Culto nos Lares

Abril — Ênfase: Escola Bíblica Dominical

Série de Conferências Durante a Semana Chamada Santa

2.ª semana — Estudo Missionário — Mensageiras do Rei

Último domingo — Dia Especial da Escola Bíblica Dominical

Promoção de Alunos Para Outras Classes.

Maio — Ênfase: Lar

Dia 1º — Dia do Trabalhador

1º domingo — Dia dos Filhos

2º domingo — Dia das Mães

3º domingo — Dia dos Pais

4º domingo — Dia do Lar

Semana em Foco da Sociedade Feminina Missionária

Junho — Ênfase: Integração

2º domingo — Dia do Pastor

Dia 23 — Dia de Educação Feminina (Dia de Oração Pró-Educação Feminina)

Classe Para os Novos Convertidos — 2ª fase

Julho — Ênfase: Literatura Cristã

2ª semana — Escola Bíblica de Férias

3ª semana — Estudo Bíblico

Semana em Foco das Mensageiras do Rei

Convenção Estadual

Agosto — Ênfase: Mocidade Cristã da Igreja

1ª semana — Cultos de Oração

2ª semana — Série de Conferências (todo o trabalho entregue aos jovens)

2º domingo — Dia do Homem Batista, Dia dos Pais

Setembro — Ênfase: Missões Nacionais

Dia 7 — Dia da Independência do Brasil

Semana que antecede o 2º domingo — Semana de Oração Pró-Missões Nacionais

2º domingo — Dia de Missões Nacionais

3ª semana — Série de Conferências

Outubro — Ênfase: Crianças Para Cristo

Dia 15 — Dia do Trabalho Batista no Brasil

Dia da Reforma

2º domingo — Dia das Crianças

Semana que precede o 2º domingo — Semana em Foco da Sociedade de Crianças

Audição do Coral

Novembro — Ênfase: Vocação

1ª segunda-feira — Dia de Oração Batista Mundial

Dia 15 — Proclamação da República

Dia 19 — Dia da Bandeira

3º domingo — Dia de Educação Teológica

Última sexta-feira — Dia de Ação de Graças

Dezembro — Ênfase: Reconsagração

2º domingo — Dia da Bíblia

Culto de Ação de Graças — Formaturas

Dia 25 — Natal

Dia 31 — Culto de Vigília

NOTA — O modelo de calendário que oferecemos aqui não está completo. O calendário de atividades de uma igreja deve prever, além das datas aqui citadas, as seguintes: aniversário da igreja, aniversário das organizações, aniversário do pastor, realização das assembléias da Associação, da Convenção Estadual, o Dia de Missões Estaduais etc.

10.3 — Relatório Anual

O *Relatório Anual* dá ao pastor e à igreja uma visão panorâmica de como foram realizados os trabalhos durante os 365 dias do ano. Serve também de grande fonte para o preparo da história da igreja, além de servir de estímulo e inspiração a todos.

O pastor deve ter uma agenda, onde irá escrevendo diariamente os fatos que ocorrem na vida da igreja, como: visitas, cultos, palestras, intercâmbios, cerimônias de casamento, cerimônias fúnebres, cerimônias de bodas de prata, de ouro, celebração de batismos, Ceia, reunião da junta diaconal, reuniões da diretoria da igreja, sessões administrativas, audiências, conferências evangelísticas, campanhas, entrada e saída de membros, audições do coro, correspondência expedida e recebida, relatório financeiro etc. Esses são alguns elementos que devem figurar no relatório.

Se a igreja tem vários departamentos, todos devem prestar relatório por escrito, que serão incorporados ao relatório anual. Esse pode ser elaborado pelo pastor ou por uma comissão por ele presidida.

No relatório dever-se-á, se for o caso, publicar as diretorias das organizações da igreja. Se as condições financeiras forem boas, pode-se publicar alguma foto de interesse geral de algum trabalho realizado ou de algum membro da igreja que tenha se destacado por sua atuação, desenvolvimento espiritual e dedicação à igreja e à Causa.

O pastor poderá fazer seu relatório separado, se assim o desejar. Geralmente, o relatório anual da igreja se compõe do relatório das organizações, das peças acima citadas e do relatório pessoal do pastor.

O relatório poderá ser mimeografado ou impresso, para distribuição a todos os membros e a entidades religiosas ligadas à vida da igreja.

Um belo relatório anual é um grande estímulo, não só para igreja e seu pastor, como um incentivo para as outras igrejas.

10.4 — Recenseamento Religioso

O recenseamento é um ótimo recurso para a igreja que tem a preocupação de ganhar almas para Cristo. Além de ajudar a manter em dia o fichário da secretaria da igreja, o recenseamento oferece preciosas informações quanto a familiares dos crentes que não são membros da igreja, tornando-os em grande desafio à ação evangelizadora da igreja.

10.4.1 — Modelo de uma ficha para ser usada num recenseamento religioso

RECENSEAMENTO RELIGIOSO							
Cartão n.º _____				Data _____			
Sobrenome da Família: _____							
Endereço: Rua _____ N.º _____							
Bairro: _____ Cidade: _____							
Nome de cada membro da família	Idade	Sexo	Cren- te?	Aluno da EBD?	Membro de igreja?	Onde?	Já visitou uma igreja evangélica?
Pai: _____							
Mãe: _____							
Filhos:							
1. _____							
2. _____							
3. _____							
4. _____							
5. _____							
Outros:							
1. _____							
2. _____							
3. _____							
Outras informações sobre a família: _____							
Nome da pessoa que preencheu este cartão: _____							

10.4.2 — Como usar o cartão de recenseamento religioso

A ficha acima foi preparada para o uso das igrejas e das Escolas Bíblicas Dominicais, no seu trabalho de localizar pessoas que poderiam a elas se filiar. Com essa ficha, qualquer igreja, através da Escola Bíblica Dominical, ou através de sua Comissão de Evangelismo, ou, ainda, através de uma comissão especialmente nomeada para isso, pode fazer um recenseamento, a fim de identificar futuros membros que podem ser descobertos.

Como preencher o cartão:

1. Sobrenome da família: o nome final, que é o mesmo para todos os membros da mesma família.
2. Endereço: o endereço da residência da família.
3. Idade: a idade atual.
4. Sexo: masculino ou feminino.

5. Membro de igreja? : nome da igreja, se é batista; se não, a denominação a que pertence.

6. Outra informação: qualquer outra informação que possa ser aproveitada pelo irmão que for designado para visitar a família, ou pela própria igreja.

Outras sugestões:

1. Usar somente um cartão para cada família.
2. Os professores da EBD deverão se responsabilizar pela visitação às famílias representadas em suas classes.
3. O recenseador deverá procurar preencher o cartão com letra bem legível.
4. Tão cedo quanto possível, devolver os cartões à pessoa que ficará responsável pela assistência aos membros daquela família.

10.4.3 — Consolidação do trabalho

Um recenseamento religioso só terá valor se, depois de sua realização, os cartões preenchidos forem usados devidamente para uma assistência pessoal àqueles cujos nomes deles fizerem parte. A igreja deve, depois de feito o recenseamento, escolher pessoas capazes de visitar, orientar, evangelizar as pessoas identificadas por essa atividade, procurando, assim, consolidar o trabalho que foi iniciado com o recenseamento.

Segundo idade, grau de cultura, sexo, ou outras características, as pessoas responsáveis podem encaminhar os nomes às classes da EBD ou a outra organização da igreja que esteja com a responsabilidade de assistir as pessoas contactadas.

A IGREJA E A INTEGRAÇÃO

11.1 — Recursos que a Igreja Pode Usar Para Atrair Interessados ao Evangelho

Como agência de Deus que é, a igreja deve procurar utilizar-se de todos os meios lícitos e psicológicos para atrair os homens ao evangelho. Citamos, a seguir, recursos de que uma igreja pode dispor para atrair pessoas a Cristo:

11.1.1 — Introdutores

À porta do templo devem ficar os introdutores, ou recepcionistas, pessoas de fino trato, simpáticas, que, com muito jeito, encaminharão aos lugares próprios as pessoas interessadas em assistir ao culto.

A função do introdutor é espinhosa, bem o reconhecemos. Mas é necessária e utilíssima. Aqueles que foram escolhidos para desempenhar tal função devem estar cômicos da responsabilidade do cargo.

Somente uma pessoa que irradie simpatia, que denote alegria, que seja acessível, bem-humorada, cortês, poderá dar a esta função o brilho que ela merece. O introdutor é aquela pessoa que, recebendo com agrado aqueles que chegam ao templo, convidados ou espontaneamente, lhes proporciona um ambiente acolhedor, a fim de que possam ouvir tranqüila e agradavelmente a Palavra de Deus.

Há igrejas onde tem ocorrido que pessoas que não preenchem estes requisitos, atuando com introdutores, têm afugentado os ouvintes, no lugar de atraí-los ao templo para outras visitas.

O introdutor deve ser um crente fiel, zeloso, sensato, pontual, reverente e cheio do desejo de levar almas aos pés de Cristo Jesus.

O número de introdutores depende do tamanho do templo. A igreja pode eleger uma equipe para atuar nos cultos durante a semana, e outra, nos cultos dominicais. Pode, ainda, nomear um coordenador das equipes, que terá a responsabilidade de elaborar escalas, orientar todo o trabalho dos introdutores e supervisionar sua atuação.

Para serem identificados, os introdutores podem usar determinada roupa, como uma espécie de uniforme, se assim o desejarem. Um crachá, usado na lapela ou no vestido, pode também identificá-los.

11.1.2 — Saudação aos visitantes

Nem todas as igrejas usam saudar os visitantes. Em algumas há um momento quando o pastor lhes dá as boas-vindas. Os diáconos, que já estarão de posse de cartões próprios e lápis, se aproximam das alas, buscando os lugares onde os visitantes, a pedido do pastor, estarão de pé. Nesse momento, os diáconos, ou outras pessoas para isso designadas, lhes entregarão o cartão, onde eles deverão colocar o nome, endereço, religião etc.

Recolhidas à porta do templo, após o culto, essas fichas, preenchidas pelos visitantes, deverão ser usadas para o envio de cartas e para visitação, o que pode servir de estímulo ao seu retorno à igreja. Esse é mais um meio eficaz de alcançar com o evangelho aqueles que, então, já terão ouvido a mensagem de Cristo.

11.1.3 — Modelo de Ficha do Visitante

Uma *Ficha do Visitante*, além de ser mais um meio de alcançar as pessoas não-crentes, é uma forma de tornar marcante o dia de sua visita à igreja. A ficha pode, fora as informações que serão dadas pelo próprio visitante, conter uma saudação, da parte da igreja, textos bíblicos que sirvam para a evangelização dos não-crentes e informações sobre os horários dos trabalhos semanais realizados pela igreja.

IGREJA BATISTA

FICHA DO VISITANTE

Nome: Sexo M () F ()

Faixa de idade: Criança () Adolescente () Jovem () Adulto ()

Endereço: Rua N.º

Ap. Bairro: Tel:

É a primeira vez que nos visita? Sim () Não ()

É membro de alguma igreja evangélica? Sim () Não

Qual?

Você gostaria de receber uma visita nossa? Sim () Não ()

Quais seriam os melhores dias para você?

E quais seriam os melhores horários?

Gostaria de receber alguma literatura pelo correio? Sim () Não ()

Tem um motivo especial de oração? Qual é?

Obs.: Por favor, destaque esta parte e entregue-a ao introdutor, à saída do templo.

..... DESTAQUE AQUI

Prezado visitante:

Sua visita muito nos alegra. Esperamos que você se sinta à vontade em nosso meio.

Gostaríamos que você pensasse nas seguintes verdades bíblicas:

1. Todos somos pecadores.

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3.23).

2. O pecado nos separa de Deus.

“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6.23).

3. A única solução para o problema do pecado é Jesus.

“Levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos pelos pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2.24)

4. Para alcançar a SALVAÇÃO, você precisa arrepender-se dos seus pecados, crer em Jesus e testemunhar de sua fé em Cristo.

“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados” (Atos dos Apóstolos 2.38).

5. O melhor tempo para você aceitar a Jesus é o único que lhe pertence: AGORA.

“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações” (Hebreus 3.7, 8).

PROGRAMA SEMANAL DA IGREJA:

Segunda-feira —

Terça-feira —

Quarta-feira —

Quinta-feira —

Sexta-feira —

Sábado —

Domingo —

11.1.4 — Cumprimentos à saída do templo

Um dos grandes costumes de muitos pastores é o de cumprimentar os crentes e visitantes na porta, à saída do templo, na hora em que termina o culto. Em assim fazendo, o pastor tem a oportunidade de defrontar-se pessoalmente com o visitante e lhe poderá dirigir uma palavra de encorajamento, para que volte outras vezes, pois a igreja, ele dirá, se alegrou muito com sua visita.

Com o pastor, podem ficar à porta outras pessoas, cumprimentando os irmãos e os visitantes. Esse costume mostra a hospitalidade e a fraternidade existentes entre os crentes.

Além desses quatro, a igreja poderá usar ainda os seguintes recursos:

1. Envio de cartas, com folhetos e convites.
2. Telefonemas aos visitantes, mostrando-lhes o contentamento da igreja em recebê-los, e convidando-os para voltarem.
3. Envio de uma comissão de visita aos interessados, para com eles conversar mais demorada e detalhadamente sobre a salvação.
4. Carta de conforto a pessoas que já visitaram a igreja, quando da perda de algum parente.

11.2 — Assistência aos Decididos

Devem ser alvo de toda a atenção da igreja, demonstração de interesse e assistência as pessoas que fazem decisão ao lado de Cristo Jesus. Na ocasião em que vão à frente, confessando que aceitam Jesus como seu Salvador pessoal, devem ser cercadas por alguém que com elas possa orar, dando-lhes a primeira assistência espiritual da parte da igreja, anotando-lhes também o nome e endereço, a fim de que recebam visita e correspondência da igreja, que lhes possam incentivar o prosseguimento na nova vida em Cristo Jesus.

A fim de que o trabalho de assistência aos novos decididos possa ser bem-estruturado, é ideal que a igreja nomeie uma comissão especial para isso. Pode ser permanente ou temporária. Mas deve ser cuidadosamente escolhida, composta de pessoas que, realmente, mostrem-se interessadas no ganhar almas para Cristo. O pastor deve se preocupar em oferecer a essa comissão uma orientação toda especial, pois dela dependerá a integração daqueles que, ouvindo a mensagem do evangelho, tomam decisão ao lado de Cristo, tornando-se em membros da igreja em potencial.

De que precisa o novo convertido, no momento de sua decisão? De oração, de uma palavra de estímulo e encorajamento, de incentivo espiritual, de orientação a respeito do Plano de Salvação e de mensagem que o levou a tomar aquela decisão. Ele necessita de alguém que, habilmente, lhe mostre que o início da vida cristã é difícil de ser vivido. Que muitos mostrarão descontentamento diante de seu último passo. O mundo não quer ver pessoas que se ponham ao lado de Cristo. Um neoconvertido, na maioria das vezes, encontrará dificuldades com parentes e amigos não-crentes, que se oporão à decisão por ele tomada. Assim, mais do que qualquer outra pessoa, ele necessitará de alguém que lhe empreste apoio espiritual para prosseguir em sua nova vida.

Visitas e cartas, da parte da igreja, estimularão e incentivarão o neoconvertido a manter acesa a chama desse seu primeiro amor. É de suma importância, de imenso valor para a igreja, esse ministério de solidificação de resultados.

11.2.1 — Modelo de uma carta para novos convertidos

....., ... de de 19.....

Prezad... amig...
Saudações cristãs.

Ficamos felizes com a decisão que você tomou, aceitando Cristo Jesus como seu Salvador pessoal. Alegres, queremos dizer-lhe que, diariamente, levaremos a Deus o seu nome, em oração, para que permaneça firme, cada vez mais, na fé, e não venha a voltar atrás na sua decisão.

O caminho do evangelho é áspero, é difícil, cheio de aperturas. Mas é de glórias. Importa que o homem deixe todos os seus vícios, toda inimizade, toda vaidade deste mundo e tudo que contribui para a destruição de vidas.

O Diabo é capaz de já lhe ter dito que não convém que você prossiga na sua resolução. Ele é ardiloso, cheio de enganos, e os que o amam estão nas suas garras. Quem, porém, é de Jesus está livre dele.

Eis alguns textos da Escrituras Sagradas que o auxiliarão:

“Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna” (Gálatas 6.7, 8).

“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça” (Isaías 41.10).

“O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei?” (Salmo 27.1).

Quando você se sentir desanimado, lembre-se da estrofe deste belo hino:

Se hesitante, vacilante,
Ouço a voz do tentador,
Tu me guias, me auxilias,
e me tornas vencedor. (*Cantor Cristão*, n.º 167)

Certa moça foi à igreja e, atendendo ao apelo do pregador, demonstrou ter aceitado Jesus Cristo como Salvador. Mas, como acontece, o Diabo colocou muitos obstáculos para que ela pudesse continuar em sua nova vida, inclusive a oposição de seus familiares. Ela não teve forças para reagir e mostrar-se firme em sua decisão. Foi deixando para mais tarde o assumir a vida cristã. Não muito tempo depois, ela adoeceu gravemente. Quando enferma, sua mãe, querendo consolá-la, lhe disse que logo que melhorasse poderia voltar a frequentar os cultos na igreja. Mas a moça, que fora retardando a sua firme decisão ao lado de Jesus, sentiu que os momentos de sua vida estavam terminando. Num gesto de quem já se considerava culpada por não ter enfrentado os problemas, disse então: “Mamãe, é tarde, muito tarde, pois sinto como que um fogo vindo pelos meus pés... Agora é tarde.” Momentos depois ela morria.

E você, meu amigo? Como se portará frente à decisão que fez diante de Deus? A Bíblia diz: “Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10.31). Esperamos que você se mantenha firme em sua decisão de seguir a Cristo Jesus.

Lendo a Bíblia Sagrada, ouvindo as mensagens da Palavra de Deus e orando ao Senhor, você estará alimentando a sua alma. Estará se fortalecendo espiritualmente para prosseguir no caminho que tem agora abraçado.

Oferecemo-nos para ajudá-lo a sanar suas dúvidas, a orar *por* você, a orar *com* você. Esperamos sua visita, novamente, em nossa igreja.

Com votos de felicidades, fraternalmente,

.....
Pastor

11.3 — Classe de Catecúmenos

Catecúmeno significa o iniciante. Uma igreja que deseja que seus membros sejam bem doutrinados e experientes não pode prescindir da classe de catecúmenos, para instruir aqueles que aguardam o batismo. Ela serve também para os crentes novos.

O púlpito, a Escola Bíblica Dominical e outras organizações contribuem para a formação espiritual e doutrinária do candidato, é bem verdade. Mas a Classe de Catecúmenos é mais específica: 1) porque é para um grupo mais ou menos homogêneo, no que tange aos conhecimentos bíblicos; 2) porque é menor o número de pessoas assistentes, o que facilita ainda mais a aprendizagem; 3) porque as lições, que devem ser apresentadas obedecendo a um plano didático, levam a matéria a ser ministrada de maneira a ser melhor recebida.

O próprio pastor poderá preparar as lições e distribuir apostilas. Poderá, ainda, adotar como base um folheto, como o de Varreto — *Como Tratar com os Que Querem Ser Batizados?* — ou o livreto de Darci Dusilek — *A Nova Vida em Cristo* (JUERP).

O curso para a Classe de Catecúmenos poderá ser assim estruturado: 1) *Doutrina* (rudimentos); 2) *Ética Cristã*; 3) *Testemunho*.

Dominicalmente, antes da Escola Bíblica Dominical, ou concomitantemente com ela, poderá reunir-se a classe. Deve dirigi-la, de preferência, o pastor, e, na sua falta, alguém de certa experiência. Um membro do grupo ou o próprio dirigente fará a chamada, a fim de controlar a frequência. Como estímulo, poderá ser oferecido aos alunos um certificado. Temos observado que os crentes que passaram pela Classe de Catecúmenos dificilmente decaem na fé.

Mantivessem todas as igrejas uma classe assim, e não teriam o problema de exclusões contínuas. A classe poderá durar uns três meses, mais ou menos. Se todos os que querem ser batizados fossem encaminhados a esta classe, seria de grande valia para as igrejas.

11.4 — Profissão de Fé

Profissão de Fé é a declaração que alguém faz de suas opiniões, crenças etc. Os democratas fazem profissão de fé da democracia, os filósofos fazem profissão de fé de suas opiniões, e assim por diante. O crente presta, perante a igreja, sua profissão de fé de sua crença em Cristo Jesus. Ela é pública.

11.4.1 — Como deve ser encaminhada a profissão de fé

No dia da sessão da igreja, deve haver oportunidade para as pessoas que desejam se unir à igreja prestarem a sua profissão de fé. É recomendável que, o quanto possível, os candidatos à profissão de fé tenham, se não a frequência à Classe de Catecúmenos pelo menos alguns encontros com o pastor da igreja para orientação doutrinária e conhecimento da convicção de fé do candidato.

É preciso que se diga que do professamento não se pode esperar declarações com terminologias teológicas. Muitos dos professandos, ao sentarem no banco da frente, já se sentem inibidos.

O pastor deverá, com uma boa dose de simpatia, procurar fazer o candidato sentir-se à vontade. Alguns candidatos (e não raros) são mais desembaraçados e poderão dar um relato de sua crença. Outros, porém, permanecerão cabisbaixos, fechados, com voz trêmula, receando o exame.

Não é o exame que vai dizer da sua crença. Suas experiências é que falarão alto. Por isso, o moderador procurará, aos poucos, ir penetrando em pontos básicos que poderão demonstrar a experiência religiosa do candidato.

11.4.2 — O que perguntar?

Já dissemos que as perguntas devem ser simples. As primeiras, bem simples mesmo. Aos poucos, numa gradação crescente, poderão ser formuladas outras, com as quais o candidato possa ter oportunidade de revelar conhecimentos bíblicos.

As perguntas devem versar sobre:

1) **Seu contato com o evangelho** — Sua conversão.

2) **Ética cristã** — O comportamento do crente, suas relações com os outros, suas atitudes. Evitar participação dos prazeres mundanos e os divertimentos cujo ambiente não seja conveniente ao bom testemunho.

3) **Mordomia cristã** — Uso do tempo, dos talentos, da influência e do dízimo. Essa é a prova ácida para muitos crentes. O evangelho que não atinge a bolsa não é completo. Zaqueu é exemplo de alguém em cuja bolsa o evangelho entrou ao mesmo tempo em que penetrou no coração.

4) **Oportunidades e privilégios que a igreja lhe oferece** — Ser considerado como irmão, instruir-se nas doutrinas através da frequência à Escola Bíblica Dominical, desenvolver-se através de organizações da igreja e cooperar nos cultos na sede, nos pontos de pregação e congregações.

11.5 — Recepção de Novos Membros

Após serem batizados, os neoconvertidos devem ser apresentados a toda a igreja, significando, assim, serem por ela recepcionados. Assim ficarão conhecidos e começarão a sentir os laços de fraternidade, que devem uni-los para sempre.

Há igrejas que fazem essa apresentação logo após o batismo. Outras preferem realizar essa cerimônia no domingo seguinte. O principal motivo para essa preferência é que, no dia do batismo, as pessoas estão com os cabelos muito molhados e podem ficar meio constrangidas com isso.

Seja após o batismo, no mesmo dia, ou no domingo seguinte, a cerimônia da recepção de novos membros deve ser realizada. Embora simples, ela é de grande valor para o começo de integração do novo convertido.

O procedimento poderá ser o seguinte:

1. O pastor convidará para vir à frente todos os que foram batizados e os que tiverem sido aceitos por transferência.

2. O pastor pedirá à Comissão de Membros para entregar a cada novo membro ali na frente o Pacto das Igrejas Batistas e um envelope contendo uma carta do pastor, um folheto sobre quem são os batistas e outro material que julgar conveniente, além de um exemplar de *O Jornal Batista*, para que possam ser incentivados a assiná-lo.

3. Após isso, o pastor lerá o Pacto das Igrejas Batistas e os novos membros o acompanharão na leitura.

4. Finda a leitura do Pacto, o pastor perguntará se eles, realmente, aceitam esse pacto.

5. Com a resposta afirmativa, o pastor orará.

6. Passa-se, então, à saudação fraternal. Os crentes se formarão em fila e passarão, cumprimentando cada novo membro da igreja, com palavras de boas-vindas e de votos de feliz vida cristã.

Para o novo crente essa cerimônia é de grande significação em sua vida. Para a igreja, não só é motivo de regozijo, mas é uma oportunidade de os crentes se conhecerem mais e de experimentarem mutuamente o seu amor.

11.6 — O Boletim Dominical

O boletim dominical tem as seguintes vantagens: 1) registra os anúncios da semana; 2) dá a ordem dos cultos do domingo; 3) publica a palavra do pastor; 4) serve como fonte histórica; 5) publica os trabalhos das organizações da igreja.

O boletim pode ser mimeografado ou impresso em tipografia. Algumas igrejas, de maior posse, o imprimem dominicalmente. O boletim serve também para publicar alguns fatos de interesse religioso.

Em algumas igrejas, quando se entra no templo, recebe-se do introdutor o boletim dominical. Nele o assistente tem tudo o que deverá ser anunciado. Isto ajuda na ordem e na reverência.

Há igrejas que, embora publiquem o boletim dominical, nele não fazem sair a ordem dos cultos. Aham que, no domingo, muitas vezes, pode-se precisar modificar a ordem elaborada, o que, se essa estiver impressa, será mais difícil de ser feito. Há, no entanto, grande vantagem na publicação da ordem de culto. A flexibilidade, porém, deve ser aplicada também nesse costume. A ordem dos cultos não é um fim em si mesma. Ela é um recurso para ser usado na ordem e reverência. Pode, então, estar sujeita a qualquer modificação que seja necessária, mesmo à hora dos cultos.

11.7 — Sistema de Conselheiros ou Aios

Aio é o mesmo que guia. Paulo diz que a lei nos serviu de aio, isto é, de guia, enquanto não chegou a plenitude dos tempos. O aio correspondia ao pedagogo grego. Ele era responsável pela instrução da criança. Levava-a à escola. Levava-a pela mão até a época quando ela pudesse andar sozinha.

O crente novo é uma criança no sentido espiritual. Uma criança não sabe se orientar sozinha. É dependente. É lactente, ainda, por isso precisa de ajuda, de auxílio, da direção de alguém já experimentado no evangelho.

Temos errado, muitas vezes, em colocar crentes novos em contato direto e imediato com crentes já maduros no evangelho, para esperarmos deles os mesmos frutos destes.

O Sistema de Aio que propomos visa a auxiliar na integração do crente no ambiente eclesiástico e na vida evangélica em geral.

A igreja poderá treinar pessoas que tenham capacidade para auxiliar os neoconvertidos, acompanhando-lhes os passos, auscultando-lhes os sentimentos, orando com eles, orientando-os quanto à realização dos cultos semanais, dos trabalhos de entidades denominacionais, do *modus vivendi* dos crentes, de como contribuir etc. Há muitas coisas que poderão ser ensinadas. Mas a pessoa vai dando ao jovem na fé sua atenção, seu apoio, sua simpatia, guiando, assim, os passos da “criança” no *jardim de infância* da experiência cristã. Depois que passar dessa fase, ela já se encaminhará para outras fases e atingirá a maturidade de acordo com o encaminhamento do aio, que se deve ter espelhado sempre no Supremo Guia.

Após a profissão de fé ou batismo, o pastor poderá chamar o neoconvertido e entregá-lo publicamente ou em particular aos cuidados espirituais do irmão “fulano”.

Este sistema não só redundará em benefício para o neoconvertido, como também em benefício para o aio, pois quem auxilia é sempre auxiliado também.

A IGREJA E SUAS FINANÇAS

12.1 — Comissão de Finanças

À Comissão de Finanças cabe a responsabilidade de estudar, cuidadosamente, as condições financeiras da igreja. São deveres dessa comissão:

1. Reunir-se mensalmente, e até em períodos mais curtos, se houver necessidade.
2. Estudar e recomendar o programa financeiro da igreja.
3. Promover campanhas financeiras na igreja.
4. Examinar pedidos de novas aquisições que não forem previstas no orçamento da igreja.
5. Supervisionar, mensal ou trimestralmente, o dinheiro, sob a guarda do tesoureiro.
6. Auxiliar o tesoureiro a solucionar os problemas que encontrar no desempenho de sua função.
7. Esforçar-se para que a igreja atinja o seu orçamento.

12.2 — O Orçamento da Igreja

(Extraído de um Boletim da Junta Executiva da CBB)

O programa e o trabalho da igreja estão diretamente ligados ao seu orçamento. Há igrejas que não têm feito um orçamento, nem sabem o que é isso. Por isso mesmo não apresentam um programa eficiente para o cumprimento do mandamento de Jesus que se acha em Atos 1.8 — “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra.”

12.2.1 — O orçamento é o espelho da igreja

O programa da igreja está intimamente ligado ao seu orçamento. Na preparação do seu orçamento, a igreja espelha o que deve fazer para a evangelização de

suas cercanias e do mundo. A igreja deve reconhecer que sua oportunidade não termina nas portas de seu templo. Será revelado o coração da igreja, composto dos membros e do pastor, seu interesse em missões; seu interesse pelos perdidos do mundo será bem conhecido quando da preparação do seu orçamento.

As duas grandes responsabilidades cristãs interdependentes são evangelismo e mordomia. A primeira responsabilidade, o evangelismo, é a divulgação do evangelho aos confins da terra, para que os perdidos sejam salvos; a segunda, a mordomia, é a participação de todos para cumprir o primeiro dever.

O orçamento indica não simplesmente os planos e desejos da igreja, mas também a dedicação que a igreja tem para com a Causa de Cristo. O orçamento não é para ser aceito na noite de vigília e esquecido no dia seguinte. Ao contrário, todos os membros devem aceitar o orçamento como um desafio. Todos devem trabalhar para cumpri-lo, pois representa a visão da igreja.

Mordomia cristã é a regra que usamos para medir nossa dedicação. Consideremos estes conceitos sobre mordomia cristã emitidos pelo Dr. Gaines Dobbins:

Mordomia cristã quer dizer possessão e o uso da vida e todos os seus valores sob a vontade de Deus, para a glória de Jesus Cristo. Em nossos negócios, dinheiro é vida transmutada em moeda corrente. Nada mais representa tão objetivamente vida em nossos dias como dinheiro. Dinheiro é a medida do tempo, do talento, da energia, do objetivo e da propriedade. A doutrina da mordomia cristã afirma que Deus é o Dono de todas as coisas e que a vida e propriedade estão nas mãos do homem como administrador, e nesta relação os direitos pertencem a Deus. Deus chama todos os crentes para serem bons mordomos de Jesus Cristo e cada crente deve prestar contas de sua mordomia. Teremos de apresentar a Deus justificação do uso do tempo, dons, energia, influência, propósito e possessões. Se o dinheiro representa todas estas coisas, é possível imaginar que não sejamos arguidos quanto à maneira de ganhá-lo e gastá-lo?

Nem todos podem servir em tudo, mas o contribuir é uma oportunidade que todos têm e da qual ninguém deve ser excluído. Há poucos que nada possuem, e 2Coríntios 8.12 dirige-se a este: "Porque, se há prontidão de vontade, é aceitável segundo o que alguém tem, e não segundo o que não tem." Quando o crente oferece sua contribuição, ele se coloca no altar da consagração. O sistema que as igrejas têm, de insistir em dízimos e ofertas, é papel de grande importância, é mais que prover as necessidades financeiras da igreja, é a maneira que Deus usa para fazer crescer e provar a fé e o caráter cristão. A contribuição do crente através da igreja para o sustento do trabalho local, nacional e estrangeiro é digna e comparável com qualquer outro grande princípio cristão e é o fruto da convicção, inspiração, satisfação, determinação e dedicação.

O orçamento é necessário na igreja para que as doutrinas batistas sejam cumpridas. Uma igreja batista é uma organização democrática. Todos os membros devem tomar parte na elaboração e aprovação do orçamento para determinarem a finalidade do emprego do dinheiro entregue à igreja e evitar a necessidade de poucos tratarem dos negócios da igreja. Esse emprego deve ser baseado nas doutrinas bíblicas e na missão da igreja. Se uma igreja tem alcançado o ideal nos planos orçamentários, pelo menos cinquenta por cento dos dízimos e ofertas serão empregados nos campos missionários além dos confins da igreja local, pois todo o trabalho feito pela convenção em base cooperativa será sustentado, em grande parte, pelos dízimos e ofertas de cada crente.

Também o tesoureiro da igreja precisa do orçamento para se orientar. O tesoureiro não tem direito de gastar nenhum centavo fora do orçamento ou sem a autorização da igreja.

Durante o estudo do orçamento, o pastor terá a oportunidade de ensinar o plano de mordomia que se acha na Bíblia. Os membros devem assumir suas responsabilidades junto a Cristo. Esta responsabilidade inclui a vida toda — tempo, talentos, influência, família, relações sociais, profissões e transações de negócios, propriedade e dinheiro.

12.2.2 — O orçamento e a missão da igreja

Não podemos fugir à idéia de que Jesus cuidou do indivíduo nos seus dias. Portanto, é nossa tarefa moldar as personalidades dos membros das nossas igrejas. Jesus pregava às multidões, mas reconhecia o valor de cada homem. Podemos citar os nomes de muitos com quem Cristo conversou e para com os quais mostrou compaixão e misericórdia. Pois bem, a parábola que mais toca em nossos corações é aquela que descreve o pastor deixando as noventa e nove ovelhas para procurar a perdida. Pela parábola, Jesus nos ensina o valor de cada alma.

Nossa doutrina ensina que Deus é acessível a todos. Como pregadores da Palavra de Deus e líderes em nossas igrejas, pregamos que todos têm o mesmo direito em relação a Deus e suas bênçãos. O pastor e líderes oferecem oportunidades pelas quais se torna mais fácil o contato com Deus. Nas experiências humanas com Deus, o Espírito Santo opera para a conversão de outros. O pastor pode orar em favor dos membros de sua igreja, mas não em lugar deles. O pastor pode dirigir o culto, mas não pode cultuar a Deus pelos crentes. O seu testemunho não substitui o do povo da sua congregação. O seu serviço não desobriga os membros de sua igreja de sua parte no trabalho do Mestre. A mordomia atinge o programa da igreja e cada um dos seus membros em particular. Não pense qualquer crente que a contribuição do dízimo o alivia da sua responsabilidade perante Deus e a igreja. A responsabilidade do pastor e dos líderes é desenvolver a personalidade espiritual dos crentes.

Todos devem estar cientes do plano bíblico para a evangelização do mundo. A responsabilidade começa com a salvação de nossas almas e só terminará depois da salvação da última alma no mundo. Se for dada a ênfase necessária e própria ao plano de Deus para salvar o mundo, a mordomia de bens materiais não trará preocupação para muitos dos líderes religiosos, como acontece nos dias de hoje.

Praticando a mordomia em todas as fases da vida cristã, a igreja fará o seu orçamento e cumprirá seu dever de evangelizar todos os povos. Ela não terá satisfação senão em repartir o Pão da Vida com as multidões que estão morrendo sem Cristo, a Única Esperança para os pecadores do mundo.

12.2.3 — O orçamento e a responsabilidade pessoal

Uma igreja cujos membros contribuem regular e dignamente é uma igreja cônica da sua mordomia. Há muitos crentes que, embora orientados quanto a outras doutrinas, precisam de um esclarecimento melhor a respeito de mordomia. Talvez eles tenham passado por alto, não reconhecendo que o programa financeiro é essencial para realizar a visão da igreja.

A prática da mordomia inclui muito mais do que o sustento financeiro da igreja e dos seus trabalhos. Dá realidade à profissão de fé e salienta o pacto da igreja. Através

da mordomia, os membros não somente confessam com os lábios que Jesus Cristo é o Salvador, mas provam, pelas suas vidas, que ele é realmente seu Senhor.

A igreja que providencia os meios para que seus membros pratiquem a doutrina central da vida em relação à mordomia está fazendo um serviço muito nobre para Cristo e seu povo.

Cada membro tem a responsabilidade de cooperar para atingir o alvo orçado, porque esse alvo representa o programa de toda a igreja. Todas as organizações da igreja devem se reunir para alcançar o mesmo objetivo, cumprindo a grande missão do nosso Mestre. O orçamento merece consideração especial, porque representa o desejo de todos os membros e organizações da igreja. Quando a igreja aprova o orçamento, torna-se este um desafio para todos, e cada membro deve apoiá-lo e sustentá-lo, fiel e regularmente, enquanto ele estiver em vigor.

12.2.4 — Como preparar o orçamento

1. Nomear uma comissão representativa de todas as organizações da igreja.
2. Dar o tempo adequado para a devida consideração do orçamento, nomeando com antecedência esta comissão. A comissão deve analisar bem as contribuições atuais, comparando-as com o potencial financeiro da igreja, se todos os membros forem dizimistas.
3. Incluir cada organização da igreja no orçamento, porque ele reflete a visão de toda a igreja. Devem ser incluídos no orçamento unificado da igreja os fins com os quais ela gasta o dinheiro.
4. Ampliar a visão missionária. Um novo orçamento deve prever uma porcentagem cada vez maior para missões. Assim, um aumento de dois a cinco por cento cada ano será recomendável. O avanço missionário é fator de estímulo para a igreja.
5. Apresentar o orçamento para a igreja, para a sua votação.

12.3 — Modelo de um Orçamento

O ORÇAMENTO

Orçamento atual por mês:	I. Programa Missionário (fins denominacionais)	Orçamento recomendado por mês:
	A. Plano Cooperativo	%
	B. Contribuição para a Associação	%
	C. Congregações da igreja	
	1. Salários dos obreiros	
	2. Aluguel	
	3. Zeladoria, luz, água etc	
	4	
	D.	
	TOTAL PARA O PROGRAMA MISSIONÁRIO	

Orçamento atual por mês:	II. Programa da Igreja (fins locais)	Orçamento recomendado por mês:
	A. Sustento de obreiros	
	1. Pastor	
	a. Salário	
	b. Aluguel	
	c. Aposentadoria	
	2. Auxiliar do pastor	
	a. Salário	
	b.	
	3. Zelador — Salário	
	4.	
	Subtotal para o sustento	
	B. Organizações internas	
	1. Escola Bíblica Dominical	
	a. Literatura	
	b. Escola Bíblica de Férias	
	c. Instituições	
	d.	
	2. Escola de Treinamento (Jovens, Adolescentes, União de Adultos etc)	
	a. Literatura	
	b. Cursos de treinamento	
	c. Sociabilidade	
	3. Sociedade de Homens	
	4. União Feminina Missionária (Sociedade Feminina, Sociedade de Moças, Mensageiras do Rei, Sociedade de Crianças)	
	5. Música (literatura, coro etc)	
	6.	
	7.	
	Subtotal para as organizações internas	
	C. Despesas Gerais	
	1. Boletim	
	2. <i>O Jornal Batista</i>	
	3. O jornal estadual	
	4. Propaganda	
	5. Despesas de escritório e correio	
	6. Biblioteca	
	7. Bolsas para obreiros	

Orçamento atual por mês:	II. Programa da Igreja (continuação)	Orçamento recomendado por mês:
	8. Evangelismo (concentração, séries de conferências etc)	
	a.	
	b.	
	9. Atividades especiais (estudos, promoção do orçamento, aniversários etc)	
	a.	
	b.	
	10. Programas radiofônicos	
	11.	
	Subtotal para as despesas gerais	
	D. Patrimônio	
	1. Manutenção	
	a. Luz, água, telefone, gás etc	
	b. Impostos, seguros etc	
	c. Equipamento (zeladoria, equipamento para a Ceia, batismo, coro, escritório, cozinha, alto-falante, educação visual, instrumentos musicais, móveis)	
	d. Prédios	
	e. Casa pastoral	
	f.	
	g.	
	2. Pagamento de dívidas	
	3. Fundo para construção	
	a. Templo	
	b. Edifício para Educação Religiosa	
	c. Casa pastoral	
	d. Reformas	
	e. Congregações	
	Subtotal para o patrimônio da igreja	
	TOTAL PARA O PROGRAMA DA IGREJA	
	TOTAL DO ORÇAMENTO	

12.4 — Modelo de Envelope de Contribuição

IGREJA BATISTA DE

Nome do contribuinte:

Residência:

ANO DE 19.....

MESES	DÍZIMOS	CONTRIBUIÇÕES	FUNDO DE CONSTRUÇÃO	OFERTAS ESPECIAIS	RUBRICA DO TESOUREIRO
Janeiro					
Fevereiro					
Março					
Abril					
Maio					
Junho					
Julho					
Agosto					
Setembro					
Outubro					
Novembro					
Dezembro					
TOTAIS					

**Modelo de envelope de contribuição
(verso)**

Não cole o envelope

Assinatura do contribuinte

.....

Data: / / 19

PELA GRÇA DE DEUS, contribuírei liberal, regular e alegremente para o sustento financeiro de minha igreja e desenvolvimento do evangelho de Cristo em minha Pátria e no estrangeiro. (Leia Mt 3.7-10; Mt 23.23; 2Co 8.1-5; 9.6,7; Pv 3.9; 11.24,25)

**DEVOLVA ESTE ENVELOPE MENSALMENTE À
TESOURARIA DA IGREJA**

O Plano Cooperativo é sistema financeiro adotado de comum acordo pelas igrejas, convenções estaduais e Convenção Batista Brasileira, para seu sustento e expansão das obras comuns de evangelização, missões, educação e beneficência.

Creio nesse plano porque é lógico, é racional. Uma vez compreendido, só pode merecer aprovação. É simples. É claro. É fácil de entender, e por isso mesmo tem sido aceito em toda parte.

Côncio de minha responsabilidade de mordomo, entrego meu dizimo ou contribuição regularmente à minha igreja, como parte de meu culto a Deus.

A igreja recolhe as contribuições de todos os membros e as aplica de acordo com o orçamento por ela aprovado. Uma parte do dinheiro contribuído fica com a igreja, para suas despesas, e a outra parte é encaminhada para diversos fins, através do Plano Cooperativo.

O tesoureiro da igreja envia, mensalmente, à Junta Estadual, a parte destinada ao Plano Cooperativo. As contribuições de milhares de crentes se reúnem aí, formando um verdadeiro caudal. Pelo voto dos mensageiros das igrejas locais, em assembléia da Convenção Estadual, aprova-se o orçamento, de modo que os fins estaduais são contemplados com seus quinhões, de acordo com certas porcentagens: evangelização, rádio, educação religiosa, orfanatos, jornal etc.

Do dinheiro que recebe, a Convenção Estadual separa uma parte para os fins estaduais. Pelo voto dos mensageiros das igrejas locais, reunidos em Convenção Nacional, o dinheiro enviado ao Conselho de Planejamento e Coordenação da Convenção Batista Brasileira é distribuído, de acordo com certas porcentagens, entre as seguintes agências: Missões Nacionais, Missões Mundiais, Seminários, Aliança Batista Mundial, O Jornal Batista e outras entidades.

Como se vê, este sistema é simples, lógico, funcional.

Creio no Plano Cooperativo também porque dá aos crentes uma visão da obra denominacional como um todo.

O estupendo crescimento da Causa de Cristo entre nós fez surgir um número regular de agências promotoras das diversas fases da obra, nos setores da evangelização, das missões, da beneficência e da educação religiosa dos crentes. A educação religiosa é realizada através da Escola Bíblica Dominical e das outras organizações da igreja.

As agências acima referidas, por meio da propaganda levada a efeito entre os crentes, procuram levantar o dinheiro necessário para a realização dos seus planos. Levados a contribuir por motivos sentimentais, por preferências pessoais ou pela intensidade da propaganda, os crentes podem incorrer no erro de olvidar certas instituições importantes que merecem tanto quanto as outras. Todavia, quando a igreja se acha integrada no Plano Cooperativo, o crente, através dela, estará contribuindo para a manutenção da obra como um todo, tanto no seu estado, como no Brasil e no estrangeiro.

Por uma terceira razão, creio no Plano Cooperativo, a saber, porque proporciona às igrejas a oportunidade de crescer na graça de cooperar efetivamente para a extensão do Reino além das fronteiras.

Quando Jesus ordenou a seus discípulos que fizessem outros discípulos em todas as nações, batizando-os e ensinando-lhes as coisas do evangelho, não especificou nenhum método particular para o financiamento de tão notável empresa.

Penso que o Plano Cooperativo nos tem sido apresentado por orientação do Espírito Santo, para a manutenção e ampliação da causa do evangelho.

Sugere-se, como ponto de partida, que cada igreja contribua com 10% de sua receita para o Plano Cooperativo. É pouco, na verdade, mas representa um início, e várias igrejas estão aumentando, gradativamente, esta porcentagem. Convém repetir que o dízimo da receita para o Plano Cooperativo não é o máximo nem o ideal; é o mínimo, o ponto de partida para uma colaboração mais em favor das causas que mantemos.

A obra batista só pode ser sustentada e ampliada à base da cooperação entre as igrejas, e o Plano Cooperativo lhes abre as portas dessas oportunidades. O Plano Cooperativo é, como se vê, um meio eficiente de coletar e distribuir as contribuições dos crentes, canalizando-as no sentido do cumprimento da comissão que Jesus nos deu, de fazer discípulos de todas as nações, educando-os nos princípios do evangelho.

A igreja que se acha integrada no Plano Cooperativo está educando seus membros de modo a ampliarem sua visão missionária. O que uma igreja sozinha não pode fazer muitas o conseguirão pela união de forças. E tenho a impressão de que não somos mais abençoados exatamente em razão do desinteresse manifestado pelas igrejas pequenas, que se omitem, à semelhança do servo de um só talento, que o enterrou, por desanimado e preguiçoso.

Creio ainda no Plano Cooperativo porque assegura uma distribuição justa do dinheiro destinado aos fins gerais da Denominação.

Os batistas brasileiros, como uma grande família, têm que viver à base de orçamentos. O Plano Cooperativo oferece uma base segura, sobre a qual as juntas e instituições podem fazer seus orçamentos e previsões.

Pelo Plano Cooperativo, entrosam-se e coordenam-se mais perfeitamente os trabalhos estaduais com os nacionais. Os orçamentos convencionais são beneficiados pela adoção do Plano Cooperativo. Estudados cuidadosamente por comissões, são depois aprovados em plenário, de modo que cada junta ou instituição receba, do todo, uma proporção justa, em que não só se tomam em consideração os interesses de cada uma em particular, mas também os de todas em conjunto. Nessas questões de dinheiro, não convém que se coloque o coração acima da cabeça.

Creio no Plano Cooperativo porque tem provado sua eficiência.

Este plano, adotado pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos desde 1925 e baseado no princípio neotestamentário da cooperação, tem surtido excelentes resultados na outra América, beneficiando o trabalho estadual, nacional e as missões mundiais, para nosso bem e para o bem de outros povos.

Entre nós, tem o Plano Cooperativo produzido seus frutos, que serão melhores e mais abundantes com o correr dos anos. Se é assim, prestigiemo-lo, enquanto não surgir outro, porventura melhor e mais adequado.

Pelas razões apresentadas acima, **CREIO NO PLANO COOPERATIVO**. Uma nova era de cooperação e expansão se abre diante dos olhos dos batistas brasileiros, nesta hora de tanta oportunidade para o evangelho. Doutrinemos as igrejas, esclareçamos os crentes quanto a seus sagrados privilégios de mordomos de Deus. E assim, cooperando crentes com crentes e igrejas, “em Deus faremos proezas”.

13

A IGREJA E O EVANGELISMO

Igrejas há que estão batizando muito pouco durante o ano. A percentagem é diminuta, irrisória. Qual o problema? Os problemas que resultam no baixo número de batismos numa igreja podem ser assim resumidos:

1. Perda de amor às almas perdidas.
2. Mundanismo.
3. Aceitação de idéias ecumênicas, que contribui fortemente para o enfraquecimento evangelístico.
4. Falta de emprego de métodos eficientes na evangelização.
5. Tolerância para com o pecado. Não exercendo disciplina, a igreja vai ficando fraca espiritualmente, e, conseqüentemente, sem visão das almas perdidas.
6. Falta de fé.

As igrejas mais alegres, mais abundantes em obras, mais fortes são aquelas que mantêm acesa a chama do evangelismo. Algumas igrejas só cuidam do evangelismo por ocasião das séries de conferências. Uma igreja viva é a que vibra com o evangelho durante o ano todo.

Manter cultos todas as noites (nos pontos de pregação, nos lares, nas congregações, na sede) deve ser meta de uma igreja que ama o evangelismo. Cultos só aos domingos e em um ou dois dias na semana não podem satisfazer a uma igreja empenhada em fazer todos trabalharem. Há igrejas que têm de dois a três cultos por noite, em lugares diferentes, durante a semana, mantidos por várias de suas organizações.

Uma igreja engajada no evangelismo traz os crentes sempre despertos e animados. O evangelismo é um antídoto contra a frieza espiritual, uma barreira contra o ecumenismo e uma muralha contra o mundanismo.

13.1 — Que Deve uma Igreja Fazer?

13.1.1 — Estimular cada crente a se tornar um ganhador de almas

A igreja de Cristo é viva. Cada crente deve ser um zeloso ganhador de almas. Se ele assim não procede, está perdendo a oportunidade de dar cumprimento à maior missão recebida do Senhor Jesus, como continuador de sua Obra no mundo.

Perguntaram, certa ocasião, ao grande batista na Alemanha, Guilherme Onken, quantos missionários os batistas tinham no mundo. Ele respondeu, citando o número total de membros de todas as igrejas batistas no mundo. O seu interlocutor ficou pensando. Ele lhe tornou: “É que cada batista é um missionário na sua própria terra”.

Esta é a lição que nos deu Jesus quando, após curar o endemoninhado gadareno, lhe ordenou: “Volta para tua casa, e conta tudo quanto Deus te fez” (Lc 8.39).

13.1.2 — Mostrar a cada crente a sua responsabilidade

O profeta Ezequiel nos fala da grande responsabilidade de testemunharmos. Suas palavras são incisivas e candentes. Ouçamo-lo: “Ao fim de sete dias, veio a palavra do Senhor a mim, dizendo: Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; quando ouvires uma palavra da minha boca, avisá-los-ás da minha parte. Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; se não o avisares, nem falares para avisar o ímpio acerca do seu mau caminho, a fim de salvares a sua vida, aquele ímpio morrerá na sua iniquidade; mas o seu sangue, da tua mão o requererei. Contudo se tu avisares o ímpio, e ele não se converter da sua impiedade e do seu mau caminho, ele morrerá na sua iniquidade; mas tu livraste a tua alma. Semelhantemente, quando o justo se desviar da sua justiça, e praticar a iniquidade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá; porque não o avisaste, no seu pecado morrerá, e não serão lembradas as suas ações de justiça que tiver praticado; mas o seu sangue, da tua mão o requererei. Mas se tu avisares o justo, para que o justo não peque, ele não pecará, certamente viverá, porque recebeu o aviso; e tu livraste a tua alma” (Ez 3.16-21).

13.1.3 — Apresentar aos crentes os exemplos dos crentes primitivos

Os crentes primitivos sabiam proclamar as boas-novas. Estavam como que embriagados da boa notícia e não podiam deixar de espalhá-la. Nós vemos, nos discípulos de Cristo, além de outras, as seguintes características evangelísticas:

13.1.3.1 — Tinham amor às almas perdidas

Quando Jesus enviou os doze, dois a dois, e depois os setenta, dois a dois, verificamos que eles saíram esfuziantes de alegria porque tinham amor às almas perdidas.

André, diz João, achou primeiro seu irmão Simão, e disse-lhe: “Havemos achado o Messias (que, traduzido, quer dizer Cristo). E o levou a Jesus (...)” (Jo 1.41, 42).

“Filipe achou a Natanael, e disse-lhe: Acabamos de achar aquele de quem escreveram Moisés na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José” (Jo 1.45).

Como André e Filipe, cada crente deve procurar os pecadores e levá-los a Jesus. A “Operação André” ou a “Operação Filipe” dará bom resultado, em qualquer igreja. É preciso estudar bons textos e aplicá-los.

13.1.3.2 — Tinham ousadia

As boas-novas precisam ser anunciadas com coragem. Nada de tristeza. O crente é um embaixador dos céus. Ele deve sentir que nada deve estorvar-lhe a missão.

Pedro e João foram conduzidos perante o sinédrio, para serem interrogados sobre o “abuso” que tinham praticado, pois estavam falando em nome de Jesus a

todos. Diante das autoridades, eles se comportaram com coragem. Dirigiu-lhes Pedro um discurso veemente. Tal foi a coragem deles, que o cronista Lucas declara: “Então eles, vendo a intrepidez de Pedro e João, e tendo percebido que eram homens iletrados e indoutos, se admiravam; e reconheciam que haviam eles estado com Jesus” (At 4.13).

Quando foram ameaçados pelo sinédrio, eles responderam: “Julgai vós se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido” (At 4.19, 20).

Sugestões Bibliográficas

Poderíamos escrever mais. Como o livro não é um estudo sobre o evangelismo, para ajudar o leitor citamos os nomes de algumas obras que poderão auxiliá-lo muito nesse assunto:

1. *Pescadores de Almas* — R. A. Torrey
2. *Um Estudo Sobre Modos de Ganhar Almas Para Cristo* — William Evans
3. *Como Ganhar Vidas Para Cristo* — P. E. Burroughs
4. *Paixão Pelas Almas* — Edwin F. Hallenbeck
5. *Guia do Ganhador de Almas* — Max E. Zimmermann
6. *Ganhando Vidas Para Cristo* — O. E. Goddard
7. *Como Edificar uma Igreja Evangelística* — Mack R. Douglas
8. *Paixão Pelas Almas* — Oswald J. Smith
9. *E o Levou a Jesus* — Santiago Canclini
10. *Aventuras no Evangelismo Pessoal* — Paulo C. Porter
11. *O Evangelismo em Cinco Pontos* — Delcy de Souza Lima
12. *Doutrina e Prática de Evangelização* — Delcy de Souza Lima

Com estas obras, o obreiro poderá se despertar e despertar a igreja para a magna tarefa do evangelismo.

13.2 — O Evangelismo Deve Ser Abrangente

1. O método primitivo era o *evangelismo pessoal*. Ele deve ter sempre prioridade. Jesus é encontrado onze vezes falando a uma só pessoa. Para ele, uma pessoa era um auditório. As igrejas devem despertar os crentes a praticarem o evangelismo pessoal.

2. A evangelização de massas também não deve ser negligenciada, principalmente nas grandes cidades, onde podem ser realizadas grandes cruzadas evangelísticas em estádios, por exemplo. As conferências simultâneas, em muitos estados, ou em muitas cidades, têm provado ser um ótimo meio de alcançar muitas pessoas.

3. A evangelização pode ser realizada também através de núcleos de estudos bíblicos nos lares.

4. Todos os grupos devem ser alcançados. Assim fez Jesus. Ele atingiu todas as classes: pobres, ricos, os deficientes de todos os tipos, os marginalizados pelos preconceitos de ordem racial (a samaritana), de ordem moral (a mulher apanhada em adultério), de ordem social (Zaqueu), de ordem política (Simão, o zelote).

5. Hoje temos um desafio ainda maior. Temos a incumbência de evangelizar as classes já referidas e ainda grupos que estão crescendo, dia a dia, como os hospitalizados, os presidiários, os alcoólatras, as prostitutas, os viciados nos tóxicos, os deficientes de toda espécie, os universitários, os que vivem nas ruas, os imigrantes e os migrantes.

6. Quanto aos métodos para alcançar cada grupo, podem ser mudados, mas a mensagem nunca. Ela é sempre a mesma.

7. A Junta de Missões Nacionais e a JUERP têm ótimo material para o uso em evangelismo de qualquer tipo. As igrejas podem e devem recorrer à sua ajuda.

14

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

I. ESCRITURAS SAGRADAS

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana⁽¹⁾. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens⁽²⁾. Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo⁽³⁾. Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus⁽⁴⁾. Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina⁽⁵⁾. Revela o destino final do mundo e os critérios pelos quais Deus julgará todos os homens⁽⁶⁾. A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens⁽⁷⁾. Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo⁽⁸⁾.

(1) Sl 119.89; Hb 1.1; Is 40.8; Mt 24.35; Lc 24.44, 45; Jo 10.35; Rm 3.2; 1Pe 1.25; 1Pe 1.21.

(2) Is 40.8; Mt 22.29; Hb 1.1, 2; Mt 24.35; Lc 24.44, 45; 16.29; Rm 16.25, 26; 1Pe 1.25.

(3) Ex 24.4; 2Sm 23.2; At 3.21; 2Pe 1.21.

(4) Lc 16.29; Rm 1.16; 2Tm 3.16, 17; 1Pe 2.2; Hb 4.12; Ef 6.17; Rm 15.4.

(5) Sl 19.7-9; Sl 119.105; Pv 30.5; Jo 10.35; 17.17; Rm 3.4; 15.4; 2Tm 3.15-17.

(6) Jo 12.47, 48; Rm 2.12, 13.

(7) 2Cr 24.19; Sl 19.7-9; Is 34.16; Mt 5.17, 18; Is 8.20; At 17.11; Gl 6.16; Fp 3.16; 2Tm 1.13.

(8) Lc 24.44, 45; Mt 5.22, 28, 32, 34, 39; 17.5, 11.29, 30; Jo 5.39, 40; Hb 1.1, 2; Jo 1.1, 2, 14.

II. DEUS

O único Deus vivo e verdadeiro é espírito pessoal, eterno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente e onipresente; é perfeito em santidade, justiça, verdade e amor⁽¹⁾. Ele é criador, sustentador, redentor, juiz e senhor da história e do universo, que governa pelo seu poder, dispondo de todas as coisas, de acordo com o seu eterno propósito e graça⁽²⁾. Deus é infinito em santidade e em todas as demais perfeições⁽³⁾. Por isso, a ele devemos todo o amor, culto e obediência⁽⁴⁾. Em sua triunidade, o

eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência⁽⁵⁾.

- (1) Dt 6.4; Jr 10.1; Sl 139; 1Co 8.16; 1Tm 2.5, 6; Ex 3.14; 6.2, 3; Is 43.15; Mt 6.9; Jo 4.24; 1Tm 1.17; Ml 3.6; Tg 1.17; 1Pe 1.16, 17.
- (2) Gn 1.1; 17.1; Ex 15.11-18; Is 43.3; At 17.24-26; Ef 3.11; 1Pe 1.17.
- (3) Ex 15.11; Is 6.2; Jó 34.10.
- (4) Mt 22.37; Jo 4.23, 24; 1Pe 1.15, 16.
- (5) Mt 28.19; Mc 1.9-11; 1Jo 5.7; Rm 15.30; 2Co 13.13; Fp 3.3.

1. DEUS PAI

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens⁽¹⁾. Historicamente ele se revelou primeiro como pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de sua graça⁽²⁾. Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a este mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção⁽³⁾. Aqueles que aceitam Jesus Cristo e nele crêem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina⁽⁴⁾.

- (1) Is 64.8; Mt 6.9; At 17.26-29; 1Co 8.6; Hb 12.9.
- (2) Ex 4.22, 23; Dt 32.6-18; Is 1.2, 3; Jr 31.9.
- (3) Sl 2.7; Mt 3.17; Lc 1.35; Jo 1.12.
- (4) Mt 23.9; Jo 1.12, 13; Rm 8.14-17; Gl 3.26; 4.4-7; Hb 12.6-11.

2. DEUS FILHO

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus⁽¹⁾. Nele, por ele e para ele, foram criadas todas as coisas⁽²⁾. Na plenitude dos tempos ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido de Virgem Maria, sendo em sua pessoa verdadeiro Deus e verdadeiro homem⁽³⁾. Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem⁽⁴⁾. Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e obedeceu a toda a vontade de Deus⁽⁵⁾. Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando as culpas de nossos pecados, conquanto ele mesmo não tivesse pecado⁽⁶⁾. Para salvar-nos do pecado morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno Supremo Sacerdócio⁽⁷⁾. Jesus Cristo é o Único Mediador entre Deus e os homens e o Único suficiente Salvador e Senhor⁽⁸⁾. Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na Igreja⁽⁹⁾. Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora⁽¹⁰⁾.

- (1) Sl 2.7; 110.1; Mt 1.18-23; 3.17; 8.29; 14.33; 16.16, 27; 17.5; Mc 1.1; Lc 4.41; 22.70; Jo 1.1, 2; 11.27; 14.7-11; 16.28.
- (2) Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16, 17.
- (3) Is 7.14; Lc 1.35; Jo 1.14; Gl 4.4, 5.
- (4) Jo 14.7-9; Mt 11.27; Jo 10.30, 38; 12.44-50; Cl 1.15-19; 2.9; Hb 1.3.
- (5) Is 53; Mt 5.17; Hb 5.7-10.
- (6) Rm 8.1-3; Fl 2.1-11; Hb 4.14, 15; 1Pe 2.21-25.

- (7) At 1.6-14; Jo 19.30, 35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; 1Co 15.4-8.
- (8) Jo 14.6; At 4.12; 1Tm 2.4-5; At 7.55, 56; Hb 4.14-16; 10.19-23.
- (9) Mt 28.20; Jo 14.16, 17; 15.26; 16.7; 1Co 6.19.
- (10) At 1.11; 1Co 15.24-28; 1Ts 4.14-18; Tt 2.13.

3. DEUS ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina⁽¹⁾. É o Espírito da Verdade⁽²⁾. Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras⁽³⁾. Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina⁽⁴⁾. No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, ele se manifestou de maneira singular e irrepetível, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do corpo de Cristo que é a Igreja. Suas outras manifestações constantes no livro de Atos confirmam a evidência da universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que crêem⁽⁵⁾. O batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à igreja⁽⁶⁾. Ele dá testemunho de Cristo e o glorifica⁽⁷⁾. Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo⁽⁸⁾, opera a regeneração do pecador perdido⁽⁹⁾, sela o crente para o dia da redenção final⁽¹⁰⁾; habita no crente⁽¹¹⁾; guia-o em toda a verdade⁽¹²⁾; capacita-o para obedecer à vontade de Deus⁽¹³⁾. Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do corpo de Cristo e para o ministério da igreja no mundo⁽¹⁴⁾. Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para a vida cristã vitoriosa e testemunhante⁽¹⁵⁾.

- (1) Gn 1.2; Jó 23.13; Sl 51.11; 139.7-12; Is 61.1-3; Lc 4.18, 19; Jo 4.24; 14.16, 17; Is 15.26; Hb 9.14; 1Jo 5.6, 7; Mt 28.19.
- (2) Jo 16.13; 14.17; 15.26.
- (3) Gn 1.2; 2Tm 3.16; 2Pe 1.21.
- (4) Lc 12.12; Jo 14.16, 17, 26; 1Co 2.10-14; Hb 9.8.
- (5) Jl 2.28-32; At 1.5; Lc 24.29; At 2.41; 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; 1Co 12.12-15.
- (6) At 2.38, 39; 1Co 12.12-15.
- (7) Jo 14.16, 17; 16.13, 14.
- (8) Jo 16.8-11.
- (9) Jo 3.5; Rm 8.9-11.
- (10) Ef 4.30.
- (11) Rm 8.9-11.
- (12) Jo 16.13.
- (13) Ef 5.16-25.
- (14) 1Co 12.7, 11; Ef 4.11-13.
- (15) Ef 5.18-21; Gl 5.22, 23; At 1.8.

III. O HOMEM

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme a sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade⁽¹⁾. Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar⁽²⁾. Seu espírito procede de Deus e para ele retornará⁽³⁾. O Criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada⁽⁴⁾. Criado para a glorificação de Deus⁽⁵⁾, seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com o seu Criador, bem como cumprir sua divina vontade⁽⁶⁾.

Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada e para tomar suas decisões em matéria religiosa sem a meditação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso⁽⁷⁾.

- (1) Gn 1.26-31; 18.22; 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26.
- (2) Gn 2.7; 3.19; Ec 3.20; 12.7.
- (3) Ec 12.7; Dn 12.2, 3.
- (4) Gn 1.21; 2.1; Sl 8.3-8.
- (5) At 17.26-29; 1Jo 1.3, 6, 7.
- (6) Jr 9.23-24; Mq 6.8; Mt 6.33; Jo 14.23; Rm 8.38, 39.
- (7) Jo 1.4-13; 17.3; Ec 5.14; 1Tm 2.5; Jó 19.25, 26; Jr 31, 3; At 5.29; Ez 18.20; Dn 12.2; Mt 25.32, 46; Jo 5.29; 1Co 15; 1Ts 4.16, 17; Ap 20.11-30.

IV. O PECADO

No princípio o homem vivia em estado de inocência e vivia em perfeita comunhão com Deus⁽¹⁾. Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado⁽²⁾. Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal⁽³⁾. Todo o pecado é cometido contra Deus, sua pessoa, sua vontade e sua lei⁽⁴⁾. Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo⁽⁵⁾. O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Cristo, o Filho de Deus, como Salvador pessoal⁽⁶⁾. Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus⁽⁷⁾. Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo⁽⁸⁾.

- (1) Gn 2.15-17; 3.8-10; Ec 7.29.
- (2) Gn 3; Rm 5.12-19; Ef 2.12; Rm 3.23.
- (3) Gn 3.12; Rm 5.12; Sl 51.15; Is 53.6; Jr 17.5; Rm 1.18-27; 3.10-19; 7.14-25; Gl 3.22; Ef 2.1-3.
- (4) Sl 51.4; Mt 6.14, 15; Rm 8.7, 22.
- (5) Mt 6.14, 15; 18.21-35; 1Co 8.12; Tg 5.16.
- (6) Jo 3.36; 16.9; 1Jo 5.10-12.
- (7) Rm 5.12-19; 6.23; Ef 2.5; Gn 3.18; Rm 8.22.
- (8) Rm 3.20, 23; Gl 3.10, 11; Ef 2.8, 9.

V. SALVAÇÃO

A salvação é outorgada por Deus, pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé, em Jesus Cristo, como único Salvador e Senhor⁽¹⁾. O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez, por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz⁽²⁾. A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser⁽³⁾. É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação⁽⁴⁾.

- (1) Sl 37.39; Is 55.5; Sf 3.17; Tt 2.9-11; Ef 2.8, 9; At 15.11; 4.12.
- (2) Is 53.4-6; 1Pe 1.18-25; 1Co 6.20; Ef 1.7; Ap 5.7-10.

- (3) Mt 16.24; Rm 10.13; 1Ts 5.23, 24; Rm 5.10.
- (4) Rm 6.23; Hb 2.1-4; Jo 3.14; 1Co 1.30; At 11.18.

A *regeneração* é o ato inicial da salvação, em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo, em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por ele selado para o dia da redenção final, e é liberto do castigo eterno dos seus pecados⁽¹⁾. Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador, e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador⁽²⁾. Nessa experiência de conversão, o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz⁽³⁾.

- (1) Dt 30.6; Ez 36.26; Jo 3.3-5; 1Pe 1.3; Tg 1.18; 1Co 5.17; Ef 4.20-24.
- (2) Tt 3.5; Rm 8.2; Jo 1.11-13; Ef 4.32; At 11.17.
- (3) 2Co 1.21, 22; Ef 4.30; Rm 8.1; 6.22.

A *justificação* que ocorre simultaneamente com a regeneração é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absolve no perdão o homem de seus pecados e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens⁽¹⁾. Essa graça é concedida não por causa de quaisquer obras meritórias praticadas pelo homem, mas por meio de sua fé em Cristo⁽²⁾.

- (1) Is 53.11; Rm 8.33; 3.24.
- (2) Rm 5.1; At 13.39; Mt 9.6; 1Co 1.30; 2Co 5.31.

A *santificação* é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita⁽¹⁾. Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo⁽²⁾.

- (1) Jo 17.17; 1Ts 4.3; 5.23; 4.7.
- (2) Pv 4.18; Rm 12.1-2; Fp 2.12, 13; 2Co 7.1; 3.18; Hb 12.14; Rm 6.19; Gl 5.22; Fp 1.9-11.

A *glorificação* é o ponto culminante da obra da salvação⁽¹⁾. É o estado final, permanente, de felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo⁽²⁾.

- (1) Rm 8.30; 2Pe 1.10, 11; 1Jo 3.2; Fp 3.12; Hb 6.11.
- (2) 1Co 13.12; 1Ts 2.12; Ap 21.3, 4.

VI. ELEIÇÃO

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça⁽¹⁾. Antes da criação do mundo, Deus, no exercício de sua soberania divina e à luz de

sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, predestinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr do tempos, aceitariam livremente o dom da salvação⁽²⁾. Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre-arbítrio de cada um e de todos os homens⁽³⁾. A salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus⁽⁴⁾. Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do amor de Deus em Cristo Jesus⁽⁵⁾. O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o dom do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação.⁽⁶⁾

- (1) Gn 12.1-3; Ex 19.5, 6; Ez 36.22, 23, 32; 1Pe 1.2; Rm 9.22-24; 1Ts 1.4.
- (2) Rm 8.28-30; Ef 1.3-14; 2Ts 2.13, 14.
- (3) Dt 30.15-20; Jo 15.16; Rm 8.35-39; 1Pe 5.10.
- (4) Jo 3.16, 36; Jo 10.28, 29; 1Jo 2.19.
- (5) Mt 24.13; Rm 8.35-39; 1Jo 2.27-29; Jr 32.40.
- (6) Jo 10.28; Rm 8.35-39; Jd 24; Ef 4.30.

VII. REINO DE DEUS

O reino de Deus é o domínio soberano e universal de Deus e é eterno⁽¹⁾. É também o domínio de Deus no coração dos homens que, voluntariamente, a ele se submetem pela fé, aceitando-o como Senhor e Rei. É, assim, o reino invisível nos corações regenerados, que opera no mundo e se manifesta pelo testemunho dos seus súditos⁽²⁾. A consumação do reino ocorrerá com a volta de Jesus Cristo, em data que só Deus conhece, quando o mal será completamente vencido e surgirão o novo céu e a nova terra para a eterna habitação dos remidos com Deus⁽³⁾.

- (1) Dn 2.37-44; Is 9.6, 7.
- (2) Mt 4.17; Lc 17.20; 4.43; Jo 18.36; 3.3-5; Mt 6.33; 1Pe 2.9, 10.
- (3) Mt 25.31-46; 1Co 15.24; Ap 11.15.

VIII. IGREJA

Igreja é uma congregação de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada, no maior número de vezes, nos livros do Novo Testamento⁽¹⁾. Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas, com a finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho⁽²⁾. As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo⁽³⁾. Há nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer sejam de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo⁽⁴⁾. Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja”, em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele

edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus⁽⁵⁾.

- (1) Mt 18.17; At 5.11; 20.17, 28; 1Co 4.17; 1Tm 3.5; 3Jo 9; 1Co 1.2, 10.
- (2) At 2.41, 42.
- (3) Mt 18.15-17.
- (4) At 20.17, 28; 6.3-6; 13.1-3; Tt 1.5-9; 1Tm 3.1-3; Fp 1.1; 1Co 3.16, 17; At 14.23; Pe 5.1-4.
- (5) Mt 16.18; Cl 1.18; Hb 12.22-24; Ef 1.22, 23; 3.8-11; 4.1-16; 5.22-32; Jo 10.16; Ap 21.2, 3.

IX. O BATISMO E A CEIA DO SENHOR

O Batismo e a Ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja, estabelecidas pelo próprio Senhor Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica⁽¹⁾. O Batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal⁽²⁾. Simboliza a morte e o sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos⁽³⁾. O Batismo, que é condição para se ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo⁽⁴⁾. A Ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho⁽⁵⁾. Nesse memorial, o pão representa o seu corpo, dado por nós no Calvário, e o vinho simboliza o seu sangue derramado⁽⁶⁾. A Ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo e sua celebração presuppõe o Batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes⁽⁷⁾.

- (1) Mt 3.5, 6, 13-17; 26.26-30; 28.19; Jo 3.22, 23; 4.1, 2; 1Co 11.20, 23-30.
- (2) At 2.41, 42; 8.12, 36-39; 10.47, 48; 16.33; 18.8.
- (3) Rm 6.3-5; Gl 3.27; Cl 2.12; 1Pe 3.21.
- (4) Mt 28.19; At 2.38, 41, 42; 10.48.
- (5) e (6) Mt 26.26-29; 1Cor 10.16, 17-21; 11.23-29.
- (7) Mt 26.29; 1Co 11.26-28; At 2.42; 20.4-8.

X. O DIA DO SENHOR

O domingo, dia do Senhor, é o dia do descanso cristão, satisfazendo plenamente a exigência divina e a necessidade humana de um dia em sete para o repouso do corpo e do espírito⁽¹⁾. Com o advento do cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus Cristo ressuscitado nesse dia⁽²⁾. Deve ser para os cristãos um dia de real repouso em que, pela frequência aos cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas, eles estarão se preparando para “aquele descanso que resta para o povo de Deus”⁽³⁾. Nesse dia os cristãos devem abster-se de todo trabalho secular, executando aquele que seja imprescindível e indispensável à vida da comunidade. Devem também abster-se de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais⁽⁴⁾.

- (1) Gn 2.3; Ex 20.8-11; 31.14-17; Is 58.13, 14; Mt 12.12; Hb 4.4.
- (2) Jo 20.1, 19, 26; At 20.7; Ap 1.10; 1Co 16.1, 2.
- (3) Hb 4.9, 10, 11; Ap 14.12, 13.
- (4) Ex 20.8-11; 31.15; Jr 17. 21, 22, 27; Ez 22.8; Mt 12.12.

XI. MINISTÉRIO DA PALAVRA

Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o seu reino, na medida dos seus talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo⁽¹⁾. Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial, para o serviço distinto, definido e singular do ministério da sua palavra⁽²⁾. O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens⁽³⁾. Cabe-lhe missão semelhante àquela realizada pelos profetas do Velho Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, tendo o próprio Jesus como exemplo e padrão supremo⁽⁴⁾. A obra do porta-voz de Deus tem uma finalidade dupla: a de proclamar as boas-novas aos perdidos e a de apascentar os salvos⁽⁵⁾. Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã⁽⁶⁾. Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocado pela igreja, impõe as mãos sobre o vocacionado⁽⁷⁾. O ministro da Palavra deve dedicar-se totalmente à obra para a qual foi chamado, dependendo em tudo do próprio Deus⁽⁸⁾. O pregador do evangelho deve viver do evangelho⁽⁹⁾. Às igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e de sustentar adequada e dignamente seus pastores⁽¹⁰⁾.

- (1) Mt 28.19, 20; At 1.8; Rm 1.6, 7; 8.28-30; Ef 4.1-4; 2Tm 1.9; Hb 9.15; 1Pe 1.15; Ap 17.14.
- (2) Mc 3.13, 14; Lc 1.2; At 6.1-4; 13.2, 3; 26.16-18; Rm 1.1; 1Co 12.28; 2Co 2.17; Gl 1.15-17; Ef 4.11, 12; Cl 1.21-26.
- (3) Ex 4.11, 12; Is 6.5-9; Jr 1.5-10; At 20.24-28.
- (4) At 26.19, 20; Jo 13.12-15; Ef 4.11-17.
- (5) Mt 28.19, 20; Jo 21.15-17; At 20. 24-28; 1Co 1.21; Ef 4.12-16.
- (6) At 13.1-3; 1Tm 3.1-7.
- (7) At 13.3; 1Tm 4.14.
- (8) At 6.1-4; 1Tm 4.11-16; 2Tm 2.3, 4; 4.2, 5; 1Pe 5.1-3.
- (9) Mt 10.9, 10; Lc 10.7; 1Co 9.13, 14; 1Tm 5.17, 18.
- (10) 2Co 8.1-7; Gl 6.6; Fp 4.14-18.

XII. MORDOMIA

Mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e Dono de todas as coisas⁽¹⁾. Todas as bênçãos temporais e espirituais procedem de Deus e por isso devem os homens a ele o que são e o que possuem e, também, o sustento⁽²⁾. O crente pertence a Deus porque Deus o criou e o remiu em Jesus Cristo⁽³⁾. Pertencendo a Deus, o crente é mordomo ou administrador da vida, das aptidões, do tempo, dos bens, da influência, das oportunidades, da personalidade, dos recursos naturais e de tudo o que Deus lhe confia em seu infinito amor, providência e sabedoria⁽⁴⁾. Cabe ao crente o dever de viver e comunicar ao mundo o evangelho que recebeu de Deus⁽⁵⁾. As Escrituras Sagradas ensinam que o plano específico de Deus, para o sustento financeiro de sua causa, consiste na entrega pelo crente de dízimos e ofertas alçadas⁽⁶⁾. Devem eles trazer à igreja a sua contribuição sistemática e proporcional, com alegria e liberalidade, para o sustento do ministério, das obras de evangelização, beneficência e outras⁽⁷⁾.

- (1) Gn 1.1; 14.17-20; Sl 24.1; Ec 11.9; 1Co 10.26.
- (2) Gn 14.20; Dt 8.18; 1Cr 29.14-16; Tg 1.17; 2Co 8.5.
- (3) Gn 1.27; At 17.28; 1Co 6.19, 20; Tg 1.21; 1Pe 1.18-21.
- (4) Mt 25.14-30; 31-46.
- (5) Rm 1.14; 1Co 9.16; Fp 2.16.
- (6) Gn 14.20; Lv 27.30; Pv 3.9,10; Ml 3.8-12; Mt 23.26.
- (7) At 11.27-30; 1Co 16.1-3; 2Co 8.1-15; Fp 4.10-18.

XIII. EVANGELIZAÇÃO E MISSÕES

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus⁽¹⁾. É dever de todo discípulo de Jesus e de todas as igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do evangelho, procurando fazer novos discípulos de Jesus Cristo em todas as nações, cabendo às igrejas batizá-los e ensiná-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou⁽²⁾. A responsabilidade de evangelização estende-se até aos confins da terra e por isso as igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a seara⁽³⁾.

- (1) Mt 28.19, 20; Jo 17.20; 20.21; At 1.8; 13.2, 3; Rm 1.16; 10.13-15; 2Co 5.18-20; 1Ts 1.8; 1Pe 2.9, 10.
- (2) Mt 28.18-20; Lc 24.46-49; Jo 17.20; At 1.8.
- (3) Mt 28.19; At 1.8; Rm 10.13-15.

XIV. EDUCAÇÃO RELIGIOSA

O ministério docente da igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo entre Jesus Cristo e o crente⁽¹⁾. A Palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã⁽²⁾. O programa de educação religiosa nas igrejas é necessário para a instrução e o desenvolvimento de seus membros, a fim de “crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”. Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesial, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas, no cumprimento da missão da igreja no mundo⁽³⁾.

- (1) Mt 11.29, 30; 23.10; Jo 13.14-17.
- (2) Jo 14.26; 1Co 3.1, 2; 2Tm 2.15; 1Pe 2.2, 3; 3.15; 2Pe 3.18.
- (3) Sl 119; 2Tm 3.16, 17; 4.2-5; Cl 1.28; Mt 28.19, 20; At 2.42; Ef 4.11-16; 6.10-20; Fp 4.8, 9; 2Tm 2.2.

XV. LIBERDADE RELIGIOSA

Deus e somente Deus é o Senhor da consciência⁽¹⁾. A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual⁽²⁾. Por força dessa natureza, a liberdade religiosa não deve sofrer ingerência de qualquer poder humano⁽³⁾. Cada pessoa tem o direito de cultuar a Deus, segundo os ditames de sua consciência, livre de coações de qualquer espécie⁽⁴⁾. A Igreja e o Estado devem estar separados por serem diferentes em sua natureza, objetivos e funções⁽⁵⁾. É dever do Estado garantir o pleno gozo e exercício da liberdade religiosa, sem favorecimento a qualquer grupo ou credo⁽⁶⁾. O Estado deve ser leigo e a Igreja livre.

Reconhecendo que o governo do Estado é de ordenação divina para o bem-estar dos cidadãos e a ordem justa da sociedade, é dever dos crentes orar pelas autoridades, bem como respeitar e obedecer às leis e honrar os poderes constituídos, exceto naquilo que se oponha à vontade e à lei de Deus⁽⁷⁾.

- (1) Gn 1.27; 2.7; Sl 9.7, 8; Mt 10.28; 23.10; Rm 14.4, 9, 13; Tg 4.12; 1Pe 2.16; 3.11-17.
- (2) Js 24.15; 1Pe 2.15, 16; Lc 20.25.
- (3) Dn 3.15-18; Lc 20.25; At 4.9-20; 5.29.
- (4) Dn 3.16-18; Dn 6; At 19.35-41.
- (5) Mt 22.21; Rm 13.1-7.
- (6) At 19.35-41.
- (7) Dn 3.16-18; 6.7-10; Mt 17.27; At 4.18-20; 5.29; Rm 13. 1-7; 1Tm 2.1-3; Tt 3.1; 1Pe 2.13-17.

XVI. ORDEM SOCIAL

Como sal da terra e luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive⁽¹⁾. Entretanto, o maior benefício que pode prestar é anunciar a mensagem do evangelho; o bem-estar social e o estabelecimento da justiça entre os homens dependem, basicamente, da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios do evangelho, na vida individual e coletiva⁽²⁾. Todavia, como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciões, aos enfermos e outros necessitados, bem como a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiça e opressões⁽³⁾. Isto faremos no espírito de amor, jamais apelando para quaisquer meios de violência ou discordantes das normas de vida expostas no Novo Testamento⁽⁴⁾.

- (1) Mt 5.13-16; Jo 12.35, 36; Fp 2.15.
- (2) Mt 6.33; 25.31-46; Mc 6.37; Lc 10.29-37; 19.8, 9; Jo 6. 26-29; Mt 28.19.
- (3) Ex 22.21, 22; Sl 82.3, 4; Ec 11.1, 2; Mq 6.8; Zc 7.10.
- (4) Is 1.16-20; Mq 6.8; Mt 5.9; Lc 3.10-14; At 4.32-35; 2Tm 2.24; Fm; Tg 1.27.

XVII. A FAMÍLIA

A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal⁽¹⁾. O propósito imediato da família é glorificar a Deus e prover a satisfação das necessidades humanas de comunhão, educação, companheirismo, segurança, preservação da espécie e bem assim o perfeito ajustamento da pessoa humana, em todas as suas dimensões⁽²⁾. Caída em virtude do pecado, Deus provê para ela, mediante a fé em Cristo, a bênção da salvação temporal e eterna e, quando salva, poderá cumprir seus fins temporais e promover a glória de Deus⁽³⁾.

- (1) Gn 1.27; 2.18-25; Js 24.15; 1Rs 2.1-3; Ml 2.15; Mc 10.7-9, 13-16; Ef 5.22, 23; 6.1-4; Cl 3.18-25; 1Tm 3.4, 8; Hb 13.4; 1Pe 3.1-7.
- (2) Gn 1.28; 2.18-25; Sl 127.1-5; Ec 4.9-13.
- (3) At 16.31, 34.

XVIII. MORTE

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez que, em consequência do pecado, a morte se estende a todos⁽¹⁾. A Palavra de Deus assegura a continuidade

da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a graça de Deus em Cristo, enquanto estão neste mundo⁽²⁾. Com a morte, está definido o destino eterno de cada homem⁽³⁾. Pela fé nos méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam “dormir no Senhor”⁽⁴⁾. Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, num estado de separação definitiva de Deus⁽⁵⁾. Na Palavra de Deus, encontramos claramente expressa a proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram⁽⁶⁾.

- (1) Rm 5.12; 6; 1Co 15.21, 26; Hb 9.27; Tg 4.14.
- (2) Lc 16.19-31; Hb 9.27.
- (3) Lc 16.19-31; 23.39-46; Hb 9.27.
- (4) Rm 5.6-11; 14.7-9; 1Co 15.18-20; 2Co 5.14, 15; Fp 1.21-23; 1Ts 4.13-17; 5.10; 2Tm 2.11; 1Pe 3.18; Ap 14.13.
- (5) Lc 16.19-31; Jo 5.28, 29
- (6) Ex 22.18; Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.10; 1Cr 10.13; Is 8.19; 38.18; Jo 3.18; 3.36; Hb 3.13.

XIX. JUSTOS E ÍMPIOS

Deus, no exercício de sua soberania, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final⁽¹⁾. Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória⁽²⁾. Os mortos em Cristo serão ressuscitados e os crentes ainda vivos, juntamente com eles, serão transformados, arrebatados e se unirão ao Senhor⁽³⁾. Os mortos sem Cristo também serão ressuscitados⁽⁴⁾. Conquanto os crentes já estejam justificados pela fé, todos os homens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se manifestam os frutos da fé ou da incredulidade⁽⁵⁾. Os ímpios condenados e destinados ao inferno lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus⁽⁶⁾. Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu, com o Senhor⁽⁷⁾.

- (1) Mt 13.39, 40; 28.20; At 3.21; 1Co 15.24-28; Ef 1.10; 2Pe 3.10.
- (2) Mt 16.27; 24.27-31; 26.64; Mc 8.38; Lc 17.24; 21.27; At 1.11; 1Ts 4.16; 1Tm 6.14, 15; 2Tm 4.1, 8; Tt 2.13; Hb 9.28; Ap 1.7.
- (3) Dn 12.2, 3; Jo 5.28, 29; 6.39, 40, 44; 11.25, 26; Rm 8.23; 1Co 15.12-58; Fp 3.20, 21; Cl 3.4; 1Ts 4.14-17.
- (4) Dn 12.2; Jo 5.28, 29; At 24.15; 1Co 15.12-24.
- (5) Mt 13.49, 50; 25.14-46; At 10.42; 1Co 4.5; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; Hb 9.27; 2Pe 2.9; 3.7; 1Jo 4.17; Ap 20.11-15; 22.11, 12.
- (6) Dn 12.2, 3; Mt 16.27; 18.8, 9; 25.41-46; Mc 9.43-48; Lc 16.26-31; Jo 5.28, 29; Rm 6.22, 23; 1Co 6.9, 10; 2Ts 1.9; Ap 20.11-15.
- (7) Dn 12.2, 3; Mt 16.27; 25.31-40; Lc 14.14; 16.22, 23; Jo 5.28, 29; 14.1-3; Rm 6.22, 23; 1Co 15.42-44; Ap 22.11, 12.

A IGREJA E AS REGRAS PARLAMENTARES

Para a conveniência de inúmeras igrejas, citamos o regulamento que tem servido para orientar as igrejas no Brasil há 60 anos. É tirado da obra, de edição esgotada, *Origem e História dos Batistas*. Não deve servir como lei dos medos e persas, mas é a origem dos costumes que já prevalecem nas igrejas batistas brasileiras e serve apenas de uma norma tradicional, que a experiência de cada igreja modificará ao seu gosto e a sabedoria coletiva melhorará de acordo com os costumes mais sazonados e democráticos de praxe nacional. Deve ser desnecessário dizer que tudo isto é, no terreno de costumes úteis, “coisas excelentes” (Fp 1.10) e não ordenanças divinas e imutáveis. As notas assinadas A. são do autor deste Manual.

REGULAMENTO

A harmonia e prosperidade duma igreja dependem muito da exatidão e pontualidade com que são dirigidos os seus cargos. Todas as suas reuniões para a transação devem ser revestidas de ordem e dignidade, e conduzidas mais propriamente pelo espírito de culto de voto, do que pelo negócio secular.

Aquela sabedoria que vem de cima deve ser invocada ansiosamente e permitida a prevalecer sobre todos os conselhos humanos. Frivolidade e contenção não devem ter lugar em ocasiões tão sagradas, enquanto cada um busca não as suas próprias, mas “as coisas que são de Jesus Cristo”.

NOTA 1 — O pastor, em virtude de seu ofício, é moderador de todas as reuniões da igreja. Mas, em sua ausência ou a seu pedido, um outro membro pode ser escolhido para preencher o lugar.

NOTA 2 — Cada igreja determinará o número que significará, para ela própria, o quórum; mas nenhuma decisão ou negócio importante devem ser tomados, ou realizados, sem que a maioria dos membros residentes esteja presente. (Esta regra é viável quando a igreja se situa numa aldeia; mas não o é quando está localizada numa grande cidade moderna ou da zona rural.)

1. ORDEM DOS NEGÓCIOS

1. A reunião será aberta com a leitura das Escrituras Sagradas, cântico e oração; o mesmo que é feito nas reuniões de culto. (Se já houve antes da assembléia, porém, não convém ter imediatamente outro culto, só para se cumprir esta “ordem de negócios”.A.)

2. Se houver pessoas para serem aceitas como membros da igreja, isso deve ser a primeira coisa a ser feita.

A experiência dos candidatos para batismo será ouvida, e os pedidos de carta de transferência de outra igreja da mesma fé e ordem serão lidos.

NOTA 3 — É costume que os candidatos se retirem, enquanto a igreja considera e vota sobre o seu pedido.

NOTA 4 — Na maior parte das igrejas, é também costume que todas as pessoas, exceto os membros da igreja, se retirem da reunião durante a assembléia, salvo se forem especialmente convidadas a assisti-la. (A assembléia, porém, deve ser realizada com portas e janelas abertas, porque é o espírito da lei do país; é essencial a boa ventilação e resultante atenção ao trabalho e, especialmente, evita que alguns crentes novos ou maus tomem liberdade que pela maledicência passe a ser desordem e calúnia. Lembremo-nos de Jó 3.18.A.)

3. Depois será feita a leitura das atas da última reunião. Isto é propriamente o primeiro item de negócios, mas é ordinariamente deferido, quando há candidatos para unir-se à igreja, até depois de sua recepção. Se há algum erro ou omissão nas atas, são corrigidos e aprovados, por votação ou sem ela, ninguém objetando.

4. Cartas de recomendação e demissão serão concedidas, estando em inteira comunhão os que desejarem unir-se a outra igreja da mesma fé e ordem.

5. Os negócios incompletos, deixados na última reunião, serão despachados ou considerados.

6. Os relatórios de todas as comissões, previamente nomeadas, serão ouvidos, em sua ordem.

7. Novos negócios, de qualquer espécie, serão apresentados. Qualquer membro pode lembrar ou propor qualquer novo negócio; mas, se este for de natureza especial e importante, o membro deve primeiramente consultar o pastor, diáconos ou outros irmãos judiciosos a este respeito.

NOTA 5 — Ainda que a igreja não deva fazer coisa alguma de que ela tenha medo ou vergonha do mundo saber, cada membro deve considerar-se obrigado, pela honra de um cristão, a não publicar ou repetir, àqueles que são de fora, os negócios particulares da igreja.

NOTA 6 — A ordem dos negócios estabelecida pode ser mudada, por conveniência, em qualquer reunião, por votação, ou sem ela, se ninguém fizer objeções.

2. REGRAS DE ORDEM

1.º) MOÇÕES

a) Todo negócio deve ser apresentado por uma moção, e por escrito, se assim for requerido. A moção deve ser feita por um membro e apoiada por outro.

b) Uma questão não pode ser discutida senão depois da moção, apoio e seu anúncio distinto pelo moderador.

c) Depois que uma moção está perante a igreja, o proponente não pode retirá-la, exceto por consentimento da maioria.

d) Uma moção deve incluir uma só proposição distinta ou questão. Se contiver mais de uma, deve ser dividida, a pedido de qualquer membro, e as questões devem ser tratadas separadamente.

e) Uma moção perante a igreja deve ser posta em votação, se for retirada, posta sobre a mesa ou deferida.

f) Uma moção perdida não deve ser registrada nas atas, exceto quando a igreja assim o deliberar.

g) Uma moção perdida não será renovada na mesma reunião, senão sob circunstâncias de necessidade peculiar (a boa ordem parlamentar só permite moção para reconsiderar se o proponente é uma pessoa que votou com a maioria). De outra forma, uma minoria pode perturbar a paz da igreja ou prolongar a sessão até saírem as pessoas de bem, aborrecidas com semelhante tática, e assim a minoria dominar a maioria por métodos vergonhosos.

h) Enquanto uma moção está em debate, nenhuma outra pode ser admitida, exceto uma moção para emendar, substituir, entregar a uma comissão, adiar, pôr sobre a mesa, para a prévia questão, ou para encerrar.

i) Estas últimas moções mencionadas não podem ser interrompidas por qualquer outra moção, exceto para emendar no sentido de especificar tempo, lugar ou propósito.

j) Nem podem ser admitidas essas moções para interromper ou invalidar qualquer outra, porém uma moção para encerrar está sempre em ordem (exceto enquanto alguma pessoa tem a palavra).

2.º) FALA

a) Qualquer pessoa falando sobre uma questão levantar-se-á e dirigir-se-á ao moderador.

b) Se dois membros levantam-se para falar ao mesmo tempo, dá-se ordinariamente a preferência àquele que está mais longe do moderador.

c) Ninguém deve ser interrompido enquanto está falando, exceto se ele estiver fora de ordem, ou para pedir, ou dar explicações.

d) Nenhuma linguagem áspera ou desairosa será pronunciada pelos relatores e oradores ou permitida pelo moderador.

e) Se qualquer membro usa linguagem imprópria, ou introduz assuntos impróprios ou fora de ordem, o moderador, ou qualquer outro membro, o chamará à ordem, e ele tomará seu assento, ou se conformará às regras.

f) Um orador ou relator pode conceder a outros o privilégio de fazer perguntas ou dar explicações; mas, se ele cede a palavra a outro orador, não terá direito a falar outra vez, sem de novo pedir a palavra.

3.º) EMENDAS

a) Podem ser feitas emendas às moções no sentido de entregar a matéria ao estudo de uma comissão ou para emendar ou substituir palavras ou sentenças.

b) As emendas poderão ser feitas, mas são raramente necessárias, e devem ser evitadas.

c) A emenda será discutida e votada primeiro, e, depois, a resolução original, como emendada.

d) Nenhuma emenda será feita, quando esta mudar essencialmente a natureza ou desígnio da resolução original.

e) Mas um substitutivo poderá ser oferecido no tocante a qualquer moção ou emenda sob debate, mesmo que venha a mudar a significação da mesma.

4.º) COMISSÕES

a) As comissões são nomeadas pelo moderador, a pedido da igreja, ou pela própria igreja, e sua nomeação pode ser confirmada por votação, se a igreja quiser.

b) Qualquer assunto, ou negócio, em debate poderá ser entregue a uma comissão, com ou sem instruções; a comissão relatará o resultado de suas investigações à igreja, e então a ação será tomada sobre seu relatório e suas recomendações.

c) O relatório da comissão será aceito por votação, que simplesmente reconhecerá o serviço da comissão e porá seu relatório perante a igreja para a sua ação. Depois, qualquer proposição ou recomendação distinta, incluída no relatório, será tratada separadamente, e poderá ser adotada ou rejeitada.

d) Muitas vezes, quando as recomendações da comissão são de pouca importância, ou quando o relatório for reconhecido como de agrado geral, pode ser aceito e adotado por uma só votação.

e) Um relatório poderá ser entregue à comissão, com ou sem instruções, para uma mais longa investigação do assunto, ou para que seja posto em alguma forma mais aceitável à igreja.

5.º) VOTAÇÃO

a) A votação será feita pelo levantar de mão ou pela pronúncia das palavras “sim” ou “não”. O primeiro método é, geralmente, o preferido.

b) Em casos de importância especial, a votação por cédulas será praticada.

c) Votação com solicitação de que os votantes fiquem de pé é também praticada, quando é necessário contar os votos afirmativos e negativos.

d) O voto é chamado pelo moderador, primeiro o afirmativo, depois o negativo, tão lentamente que dê a todos oportunidade de votar; ele, então, distintamente, anunciará se a moção é sustentada ou perdida.

e) Se a votação resulta em empate, ou se o moderador está em dúvida, ele pedirá votos outra vez, ordinariamente por levantar-se, e contará cada lado de novo.

f) Os membros sob disciplina não devem votar, nem tomar parte ativa nos negócios da igreja. (É sumamente condenável, porém, a trica de nomear uma comissão de disciplina acerca de membros inocentes, com idéia de impossibilitar sua votação sobre matéria de interesse geral da igreja, e assim tornar vitoriosa uma facção. O proponente de semelhante mancha merece severa disciplina correccional. A.)

g) O moderador tem o direito de dar o voto decisivo quando a reunião está igualmente dividida; mas este direito deve ser raramente usado.

h) Todos os membros devem votar num ou noutro, exceto aqueles sob disciplina, e outros que tenham razões para serem escusados.

i) Nenhuma moção, discussão ou outro procedimento distraidor deve ser admitido durante a votação.

6.º) APELAÇÃO

O moderador anunciará todos os votos, e decidirá todas as questões de ordem em debate, mas qualquer membro que não ficar satisfeito com sua decisão pode apelar à igreja. Uma votação então será tomada para saber se eles “sustentam o moderador”. A decisão final é da igreja.

7.º) PÔR SOBRE A MESA

A ação imediata e decisiva, sobre qualquer questão, pode ser deferida por votação a pôr a resolução sobre a mesa. Isto dispõe da matéria inteira para o presente, e ordinariamente é, em efeito, uma demissão final dele; não obstante, qualquer pessoa tem o direito, subsequentemente, de propor que seja considerada outra vez.

Algumas vezes, todavia, uma resolução é posta na mesa para o presente, ou até um tempo especificado para admitir outro negócio necessário.

8.º) ADIAMENTO

Um adiamento indefinido é considerado equivalente a uma demissão final da questão. Mas uma questão poderá ser adiada para um tempo ou propósito especificado, e, então, resumida.

9.º) QUESTÃO PRÉVIA

O debate poderá ser cortado por uma votação para tomar a questão prévia; o que significa que a questão prévia, original, ou principal sob discussão deve ser imediatamente votada sem respeito às emendas e questões secundárias, e sem mais debate.

10.º) NÃO DISCUTÍVEL

Moções para a questão prévia, para adiamento indefinido, submeter, pôr sobre a mesa e encerrar a discussão não são discutíveis. Mas, quando elas são modificadas por alguma condição de tempo, lugar ou propósito, elas tornam-se disputáveis e sujeitas às regras das outras moções. A igreja, todavia, é competente para admitir discussão sobre todas as moções, ou por voto ou por determinar outra praxe regulamentar.

11.º) RECONSIDERAR

Uma moção para reconsiderar outra moção previamente votada deve ser feita por uma pessoa que votou em favor daquela moção, quando de sua votação.

Se a igreja volta a reconsiderar, então, a moção original, está perante ela, como da primeira vez, e pode ser discutida, rescindida, ou reafirmada.

12.º) SERÁ DISCUTIDA?

Se quando uma questão é introduzida, um membro tem objeção à discussão dessa como alheia, inútil ou contenciosa, o moderador deve, imediatamente, propor

a questão: Será esta questão discutida? E se votar-se pelo negativo, toda a discussão será evitada. (Uma igreja, por ser uma democracia, tem este direito, a bem da paz. A.)

13.º) ORDEM DO DIA

A igreja pode decidir tomar algum negócio particular num tempo especificado. Então aquele negócio torna-se a ordem do dia para o tempo especificado, e há de ser tratado quando chegar a hora, enquanto todo negócio pendente será adiado, em consequência.

14.º) PELA ORDEM

Qualquer membro que suponha que um determinado orador esteja fora de ordem, ou que a discussão esteja se procedendo impropriamente, poderá, em qualquer tempo, levantar-se para um “pela ordem”. Ele deve, distintamente, relatar sua questão ou objeção, o que será decidido pelo moderador.

15.º) OS PRIVILÉGIOS

Questões que se refiram aos direitos e privilégios da igreja e de seus membros são de importância primária e, para o tempo, tomam precedência a qualquer outro negócio, e são superiores a todas as moções, exceto à de encerramento.

16.º) ENCERRAMENTO

a) Uma moção simples para encerrar estará sempre em ordem, exceto quando uma pessoa está falando, toma precedência de todas as moções e não é discutível.

b) Uma igreja poderá encerrar a assembléia num tempo especificado. Mas se nenhum tempo é mencionado, então, será subentendido estar encerrada até o tempo da sua próxima reunião; ou, se nenhum outro tempo tem sido determinado para uma reunião, um encerramento sem data é equivalente a uma discussão.

c) Se a igreja vota para encerrar a assembléia a uma hora especificada, não precisa de votação quando chegar aquela hora. O moderador simplesmente anunciará que a reunião está encerrada.

SEGUNDA PARTE

A IGREJA E OS SÍMBOLOS NACIONAIS

16.1 — O Que É a Bandeira?

Texto adaptado do escritor J. Claretie

— Eis aí — dizia muitas vezes o velho capitão, batendo com o punho sobre a mesa — ignorais o que seja a bandeira. É preciso ter sido soldado; é preciso haver passado por terras estranhas; é preciso ter estado longe do país natal, sem ouvir as palavras amigas da língua materna, do idioma que se aprendeu desde os primeiros anos; é preciso haver refletido, durante os dias de marcha e fadiga, que da pátria ausente o que resta é aquele estofo auriverde a flutuar além, no centro do batalhão; é preciso não haver tido, na fumada do combate, outro alvo de mira senão aquele mesmo estofo, agora em farrapos, agora rompido pela metralha, para compreender, para sentir tudo quanto encerra, em suas dobras, essa coisa sagrada que se chama bandeira.

A bandeira, escutai bem, meus amigos, a bandeira é, resumindo em uma só palavra, tornado tangível em um só objeto, tudo o que foi, tudo o que é a vida de cada um de nós: o lar onde nascemos, o canto da terra onde crescemos, o primeiro sorriso de criança, o primeiro amor de moço, a mãe que nos acalenta, o pai que repreende, o primeiro amigo, a primeira lágrima, as esperanças, os sonhos, as quimeras, a saudade; é todas estas alegrias, todas, reunidas em um só termo, em um só nome, de todos o mais belo — Pátria!

Eu vo-lo digo, a bandeira é tudo isso: é a honra do batalhão; é como a consciência dos bravos que, levando-a a drapejar acima de suas cabeças, vão defrontar com a morte; é o dever, no que tem de mais severo e de mais altivo, representado pelo que possui de mais nobre: uma idéia flutuando num estandarte.

Agora, vos não admireis que essa bandeira em frangalhos desperte tal amor e que, por ela, exponham o peito às balas os seus defensores. Parece que fios invisíveis prendem todos aqueles corações à haste da bandeira. Perdê-la é uma vergonha eterna. Mais fácil seria esbofetear a cada um desses milhares de homens do que arrancar-lhe, de um só golpe, a bandeira entregue à sua guarda.

Ah! não podereis imaginar quanto um homem sofre ao saber que caiu nas mãos do inimigo, como uma parte integrante do país, a sua bandeira!

É uma idéia fixa que, daí por diante, o tortura e aniquila: “A bandeira lá está! Eles no-la tomaram! Guardam-na!”. Dia e noite, volta-se-lhe o pensamento para a sua querida bandeira, sonha com ela e, algumas vezes, a desgraça de a perder ocasiona-lhe a morte.

Que é uma bandeira? Dizeis vós: um símbolo... E que importa que ela, aqui ou além, figure numa revista ou numa apoteose? Símbolo embora, porém, enquanto a espécie humana tiver necessidade de se unir a alguma crença verdadeira, sã e viril, ser-lhe-ão precisas essas imagens, cujo simples aspecto faça afluir no imo de nossa alma todos os generosos sentimentos, tudo o que nos ponha a rumo da dedicação, do sacrifício, do altruísmo e dever.

16.2 — O Uso da Bandeira Brasileira

O Decreto-Lei n.º 4.545, de 31 de julho de 1942, determina o seguinte sobre o modo de se usar a Bandeira Nacional:

16.2.1 — Uso irregular da Bandeira Brasileira

É proibido o uso da Bandeira Nacional:

- a) De exemplar em mau estado de conservação.
- b) Como ornamentação em casas de diversões ou em qualquer ato que não se revista de caráter oficial.
- c) Como reposteiro ou pano de boca.
- d) Como guarnição de mesa.
- e) Como revestimento de tribuna.
- f) Como cobertura de placas, painéis ou retratos que se inauguram.
- g) Como cobertura de estátuas, monumentos ou hermas que se inauguram.
- h) Como acréscimo de quaisquer indicações.

Quanto à condução e ao hasteamento da Bandeira Nacional:

- 1.º) Quando hasteada em janela, porta ou sacada, estando isolada, nunca deve ficar ao lado, mas ao centro.
- 2.º) Ficará à direita, se acompanhada da bandeira de outra nação ou estadual (lado direito de quem olha de dentro para fora).
- 3.º) Ficará ao centro, se acompanhada de número par de outras bandeiras, colocando-se a metade destas de cada lado.
- 4.º) Estando acompanhada de outras bandeiras em número ímpar (perfazendo um total par), a Bandeira Brasileira ficará mais próxima ao centro e à direita.
- 5.º) Quando distendida, sem mastro, tanto exteriormente num edifício, como interiormente num salão, será colocada horizontalmente, sendo proibida a sua colocação em posição vertical.
- 6.º) A Bandeira Brasileira deve ser hasteada de sol a sol e só poderá ser usada à noite (hasteada ou estendida), se estiver convenientemente iluminada.
- 7.º) Nas reuniões, conferências e solenidades realizadas em recintos fechados, a Bandeira Nacional deverá ser colocada estendida ao longo da parede e deve ficar por detrás das cadeiras da mesa da presidência ou da tribuna, conforme o caso, mas sempre acima das cabeças dos ocupantes.
- 8.º) Quando em desfiles, préstitos ou procissões, a Bandeira Nacional deve ser conduzida por uma só pessoa, hasteada normalmente, sendo proibido trazê-la estendida.

16.3 — O Uso do Hino Nacional

No Capítulo II, Seção III, e Capítulo III, Seção II, da Lei n.º 5.443, está regulamentado o uso do Hino Nacional.

Artigo 18 — A execução do Hino Nacional obedecerá às seguintes prescrições:

I — Será sempre executado em andamento metronômico de uma semínima igual a 120 (cento e vinte).

II — É obrigatória a tonalidade de si bemol para a execução instrumental simples.

III — Far-se-á canto sempre em uníssono.

IV — Nos casos de simples execução instrumental, tocar-se-á a música integralmente, mas sem repetição; no caso de execução vocal, serão sempre cantadas as duas partes do poema.

Artigo 19 — Será o Hino Nacional executado:

a) Em continência à Bandeira Nacional e ao Presidente da República, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, quando incorporados; e nos demais casos expressamente determinados pelos regulamentos de continência ou cerimônia de cortesias internacionais.

b) Na ocasião do hasteamento da Bandeira Nacional, nos estabelecimentos públicos ou particulares, de qualquer ramo ou grau de ensino, pelo menos uma vez na semana.

Parágrafo 1.º — A execução será instrumental nos 3 (três) primeiros casos, será instrumental ou vocal no quarto caso, será vocal no último caso.

Parágrafo 2.º — É vedada a execução do Hino Nacional, em continência, fora dos casos previstos no presente artigo.

Parágrafo 3.º — Será facultativa a execução do Hino Nacional na abertura de sessões cívicas, nas cerimônias religiosas a que se associe sentido patriótico, bem assim para exprimir regozijo público em ocasiões festivas.

A IGREJA E AS LEIS

17.1 — A Igreja Como Pessoa Jurídica

Não obstante aceitarem os batistas que sua regra de fé e prática é o Novo Testamento, reconhecem, no entanto, que estão sujeitos às leis do país. De acordo com a lei, todas as entidades religiosas, para poderem exercer suas atividades, são obrigadas a se tornar pessoa jurídica, a fim de que sejam reconhecidas pela lei e tenham sua existência legal.

17.2 — A Igreja e Seus Estatutos

17.2.1 — O estatuto

O estatuto é um instrumento escrito que corporifica todos os princípios pelos quais a igreja se governa ou regula seus atos.

17.2.2 — O regimento interno

O regimento se compõe de princípios ou praxes secundárias que a igreja estabelece para dar efeito aos princípios corporificados no estatuto.

A igreja pode adotar somente o estatuto, se assim o desejar. Se desejar adotar estatuto e regimento, este deve estar sempre em harmonia com aquele.

17.2.3 — Vantagens do uso de um estatuto

1. Oferece à igreja a maneira de conduzir os seus negócios dentro de sua democracia.
2. Oferece os meios de proceder na solução de problemas que porventura venham a surgir.
3. Define áreas de responsabilidade e elimina a duplicação.
4. Oferece o modo e a ordem de se conduzir o serviço do Senhor.
5. Oferece a base para uma uniformidade de governo eclesiástico.

17.2.4 — Como elaborar um estatuto

1. A comissão nomeada pela igreja para elaborar o estatuto poderá adotar o modelo que damos a seguir, fazendo para isso as necessárias adaptações à realidade, objetivos e condições da igreja.

2. O estatuto, já elaborado pela comissão, deve ser aprovado em uma das sessões da igreja.

3. Depois de ser aprovado pela igreja, o estatuto deve ser publicado no *Diário Oficial*. Se for da vontade da igreja, poderá ser publicado apenas um extrato do estatuto.

4. Finalmente, o estatuto deverá ser registrado, para que possa produzir os efeitos legais.

17.3 — Modelo de Estatuto

ESTATUTO DA IGREJA BATISTA DE

Capítulo I — Denominação, Natureza, Sede e Fins

Art. 1.º — Com o nome de Igreja Batista de, é constituída, por tempo indeterminado, e com número ilimitado de membros, uma sociedade religiosa, sem fins lucrativos, com sede na Rua, nº, em, Estado de, e foro em

Parágrafo Único — São membros fundadores aqueles cujos nomes constam na ata da sua primeira Assembléia realizada na ocasião da sua organização, em (dia, mês e ano).

Art. 2.º — A IGREJA BATISTA DE, doravante, neste Estatuto, designada por IGREJA, tem por fim expandir o Evangelho de Jesus Cristo, estudar a Bíblia, promover a educação em geral, praticar a beneficência e reunir-se para cultuar a Deus e tratar de todos os assuntos relativos ao seu reino e às suas finalidades.

Art. 3.º — A IGREJA é autônoma e soberana em suas decisões, e não está sujeita a qualquer outra igreja ou autoridade eclesiástica, reconhecendo apenas a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, expressa nas Sagradas Escrituras, no sentido espiritual, e reconhecendo e respeitando as autoridades constituídas na forma da Lei do Estado, conforme manda a Bíblia.

Parágrafo Único — A IGREJA aceita como fiel interpretação da Bíblia o documento denominado “Declaração Doutrinária das Igrejas Batistas do Brasil”.

Art. 4.º — A IGREJA relaciona-se, para fins de cooperação, com as demais igrejas na Convenção Batista e na Convenção Batista Brasileira.

Capítulo II — Composição, Administração, Representação

Art. 5.º — A IGREJA se compõe de pessoas que aceitam voluntariamente as suas doutrinas e disciplina, sem distinção de cor, idade, sexo ou nacionalidade, por ela recebidas em Assembléia, por unanimidade de votos, salvo quando o voto ou votos contrários não o impeçam.

Parágrafo 1.º — Perderá a condição de membro aquele que o solicitar ou que seja excluído pela igreja, em assembléia.

Parágrafo 2.º — Nenhum direito patrimonial terá quem for desligado da igreja, seja a que título for.

Art. 6.º — São direitos dos membros:

a) Participar de todas as atividades da igreja.

b) Votar e ser votado para cargo ou funções, observando-se exigência do Art. 10.

Art. 7.º — A administração da igreja será exercida por uma diretoria composta de um presidente, um vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros, que não serão remunerados pelo exercício dessas funções e que executam as deliberações da IGREJA na forma deste Estatuto.

Parágrafo 1.º — O presidente, que será o pastor da IGREJA, terá mandato por tempo indeterminado, enquanto bem servir, a critério da igreja. Os demais componentes da diretoria terão mandato de um (1) ano, compreendido entre janeiro e dezembro, inclusive, podendo ser reeleitos.

Parágrafo 2.º — Compete ao presidente:

a) Convocar e dirigir todas as Assembléias da IGREJA.

b) Representar a igreja judicial e extrajudicialmente.

c) Assinar, com o secretário e o tesoureiro, escrituras de compra e venda, de hipoteca e de alienação de bens imóveis, sempre mediante autorização prévia e nos termos deste estatuto.

d) Assinar as atas das assembléias da IGREJA, depois de aprovadas;

e) Assinar, com o tesoureiro, cheques e movimentar as contas bancárias da igreja.

Parágrafo 3.º — Compete ao vice-presidente substituir o presidente em sua falta ou em seus eventuais impedimentos.

Parágrafo 4.º — Compete ao 1.º secretário:

a) redigir, lavar em livro próprio e assinar as atas das assembléias da IGREJA.

b) Receber e despachar correspondência administrativa.

c) Manter em ordem a documentação administrativa, inclusive o fichário, livro de atas e de presença dos membros.

d) Assinar, com o pastor e o tesoureiro, escritura de compra e venda, hipoteca e alienação de bens imóveis, sempre mediante autorização prévia, nos termos deste estatutos.

Parágrafo 5.º — Compete ao 2.º secretário auxiliar o 1.º secretário e substituí-lo em sua falta ou em seus impedimentos eventuais.

Parágrafo 6.º — Compete ao tesoureiro:

a) Receber, guardar e escriturar os valores da IGREJA, efetuar os pagamentos por ela autorizados e apresentar balancetes mensais e balanços anuais às assembléias da IGREJA.

- b) Abrir, movimentar e liquidar contas em bancos, em nome da igreja, assinando sempre com o pastor.
- c) Assinar, movimentar e liquidar contas em bancos, em nome da igreja, assinando sempre com o pastor.
- d) Assinar, com o pastor e secretários, escrituras de compra e venda, hipoteca e alienação de bens imóveis, sempre que forem autorizadas pela IGREJA, nos termos deste estatuto.

Parágrafo 7.º — Compete ao 2.º tesoureiro auxiliar o 1.º tesoureiro nas suas funções e substituí-lo na sua falta ou nos eventuais impedimentos.

Art. 8.º — A orientação espiritual da IGREJA, bem como a direção dos atos do culto, caberão ao pastor, que será eleito pela IGREJA, por tempo indeterminado, enquanto bem servir, a critério da mesma, e poderá receber sustento pelo exercício deste ministério.

Capítulo III — Assembléias Administrativas

Art. 9.º — Para tratar de assuntos que interessam à sua vida e administração, a IGREJA se reunirá mensalmente em assembléia ordinária e, eventualmente, em assembléias extraordinárias, sendo a assembléia o poder máximo da IGREJA.

Parágrafo 1.º — As assembléias ordinárias mensais serão realizadas em dias e horários fixos, anualmente, pela IGREJA, estabelecidos em assembléias.

Parágrafo 2.º — Todas as assembléias, para serem válidas, terão de ser realizadas na sede da IGREJA.

Parágrafo 3.º — As assembléias extraordinárias serão convocadas pelo presidente, com antecedência mínima de 8 (oito) dias, do púlpito, e através de edital afixado em lugar bem visível na sede da IGREJA, bem como nas sedes das suas principais congregações, constando da convocação o assunto ou os assuntos a serem tratados, exceto para aceitação de membros, que poderão ser realizadas sem convocação prévia e com quórum comum.

Parágrafo 4.º — A IGREJA poderá decidir, em Assembléia regular, realizar uma assembléia extraordinária, aprovando, nessa ocasião, a agenda dos assuntos que serão tratados.

Parágrafo 5.º — O quórum para as assembléias extraordinárias será de 1/4 (um quarto) dos membros da IGREJA, em primeira convocação, ou 1/5 (um quinto) dos membros da IGREJA, 30 minutos depois da primeira convocação.

Art. 10 — Os seguintes assuntos só podem ser tratados em assembléia extraordinária, e com o quórum mínimo de 1/5 (um quinto) de membros da IGREJA civilmente capazes e com o devido registro no livro competente de presença:

- a) eleição ou demissão do pastor;
- b) aquisição, oneração ou alienação de bens imóveis;
- c) reforma deste estatuto, aprovação ou reforma do regimento interno;
- d) mudança da sede da IGREJA e de denominação ou nome.

Capítulo IV — Receita e Patrimônio

Art. 11 — A receita da IGREJA será constituída de contribuições e dízimos voluntários dos seus membros ou ofertas de quaisquer outras pessoas físicas ou jurídicas, e será aplicada exclusivamente na consecução de seus fins.

Art. 12 — O patrimônio da IGREJA será constituído de doações, legados, bens móveis e imóveis que possua ou venha a possuir, e que serão registrados em seu nome e utilizados tão-somente na consecução dos seus fins, nos termos deste estatuto, dentro do território nacional.

Parágrafo Único — Os membros da igreja, em virtude dos objetivos da mesma, não participam de seu patrimônio.

Capítulo V — Disposições Gerais

Art. 13 — Os membros não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela IGREJA, nem a IGREJA responde por quaisquer obrigações contraídas por quaisquer membros, não sendo na forma deste estatuto.

Art. 14.º — Em caso de cisão, por motivo de ordem doutrinária, o patrimônio da IGREJA ficará com o grupo que, independentemente do seu número, permanecer fiel às doutrinas batistas, conforme a exposição doutrinária “Declaração Doutrinária das Igrejas Batistas do Brasil”.

Parágrafo Único — A decisão quanto à fidelidade às doutrinas batistas poderá ser dada pela mesa da Convenção Batista Brasileira ou por um concílio regularmente convocados para isto.

Art. 15 — No caso de dissolução da IGREJA, os seus bens e saldos remanescentes pertencerão à Convenção Batista do Estado....., ou, em sua falta, à Convenção Batista Brasileira, se estiverem elas firmes nas doutrinas do Novo Testamento.

Art. 16 — A IGREJA poderá ter regimento interno, aprovado em assembléia extraordinária, cujo teor não poderá contrariar os termos nem o espírito deste estatuto.

Art. 17 — A IGREJA, para facilitar a consecução de suas finalidades, poderá criar interna e externamente tantas comissões, organizações e congregações quantas forem necessárias, de acordo com o presente estatuto.

Art. 18 — Este estatuto só poderá ser reformado em assembléia extraordinária, sendo irreformáveis os artigos primeiros e seu parágrafo segundo, no que se refere às finalidades e constituição da igreja, bem como os artigos terceiro, treze e quatorze em todos os termos.

Art. 19 — Os casos omissos no presente estatuto serão resolvidos pela IGREJA em assembléia.

(Local e data)

.....	
Tesoureiro	Secretário
.....	
Pastor	

NOTA: 1) Após ser aprovado pela igreja, o estatuto deve ser publicado no *Diário Oficial*, no todo ou apenas o extrato.

2) Após ter sido feita a publicação no *Diário Oficial*, levar cópias deste e do estatuto para registrá-los no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas.

17.4 — A Igreja e a Declaração de Imposto de Renda

As igrejas são isentas do pagamento de imposto de renda. Embora gozem desta imunidade, estão obrigadas, no entanto, a prestar declaração. O formulário II, da Delegacia de Renda, é preparado, especialmente, para as entidades jurídicas que gozem de isenção.

Ao preencher o Formulário II, a igreja estará cooperando com o governo, além do cumprir o seu dever.

O governo, ao exigir que as igrejas prestem declaração de renda, tem em mira localizar os pagamentos que foram feitos a terceiros. Estes não são isentos de imposto de renda. Com a declaração de imposto de renda fornecida pela igreja, o órgão competente do governo poderá melhor exercer a sua fiscalização e evitar que haja sonegação de impostos por parte de alguém.

Em seguida, transcrevemos a Instrução Normativa que orienta a todos como proceder:

“O Secretário da Receita Federal, no uso de suas atribuições, tendo em vista a necessidade de disciplinar o cumprimento de obrigações acessórias por parte dos templos de qualquer culto e de instituições de educação ou de assistência social, esclarece:

I — As entidades de natureza religiosa, que têm personalidade jurídica, estão obrigadas a inscrever-se no Cadastro Geral de Contribuintes, e a observarem as demais disposições que regulam o assunto.

II — As entidades referidas no item anterior, mesmo as não alcançadas pela tributação, estão sujeitas a apresentar declaração anual de rendimentos.

III — A imunidade tributária das instituições de educação ou de assistência social está condicionada à observância, pelas mencionadas entidades, dos seguintes requisitos:

a) não distribuírem qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, a título de lucro ou participação no seu resultado;

b) aplicarem integralmente, no país, os seus recursos na manutenção dos seus objetivos institucionais;

c) manterem escrituração de suas receitas e despesas em livros revestidos de formalidades capazes de assegurar sua exatidão;

d) prestarem serviços diretamente relacionados com seus objetivos institucionais previstos nos respectivos estatutos ou atos constitutivos.

IV — A imunidade tributária das entidades referidas no item anterior pode ser suspensa pela autoridade que a reconhecer, nos casos de:

a) omissão na prática de atos previstos em lei e a que são obrigadas, assecutorios do cumprimento de obrigações tributárias de terceiros, como, por exemplo, a retenção na fonte de imposto de renda em razão de rendimentos pagos ou creditados.

V — Independe de reconhecimento de autoridade fazendária a imunidade tributária dos templos de qualquer culto.”

17.5 — A Igreja e a Inscrição do Pastor do INSS

O pastor, consoante a lei 6.696, de 8 de outubro de 1979, deve inscrever-se no INSS como contribuinte autônomo.

Para atingir tal fim, ele poderá preencher os seguintes requisitos;

1) Apresentar-se à agência do INSS munido de sua Carteira de Identidade;

2) Entregar à autoridade superior o atestado ou a Declaração do Exercício do Pastorado.

A Declaração do Exercício do Pastorado pode ser fornecida pelo presidente da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil ou pela seção, ou, ainda, pela própria igreja. O papel da igreja deve ser timbrado.

A declaração pode ser dada no seguinte teor:

“A Igreja Batista....., entidade religiosa, sediada nesta cidade, na Rua/Av., vem, pela presente, declarar, para fins de prova no Instituto Nacional da Seguridade Social, que o pastor....., (nacionalidade), (estado civil), residente nesta cidade, EXERCE o pastorado desta igreja desde o dia....., estando, nesta data, em exercício de suas funções”

Local e data

Pela igreja Batista,

(assina o 1.º secretário, colocando o endereço de residência sob o nome)

17.6 — A Igreja e o Casamento com Efeitos Cíveis

Dr. José dos Reis Pereira

1. *A lei que rege a matéria.* De acordo com a lei n.º 1.110, de 23 de maio de 1950, no seu 2.º artigo, os noivos desejosos de realizarem seu casamento exclusivamente na igreja deverão munir-se de uma habilitação fornecida pelo oficial do Registro Civil. O processo de habilitação, portanto, segue os trâmites normais, no cartório de casamentos. Mas logo de início o noivo deverá informar ao oficial do Registro Civil que só será feita a cerimônia religiosa e esta com efeitos cíveis.

2. *O livro de registro de casamento.* Cada igreja deverá ter um livro em que serão registradas as atas dos casamentos efetuados em seu templo ou sob sua responsabilidade. Pode ser um livro comum de atas, que servirá somente para o registro dos casamentos. Mesmo os casamento efetuados sem efeitos cíveis (bênção nupcial apenas) podem ser registrados nesse livro especial. O secretário da igreja ou um secretário *ad hoc* lavrará essas atas, conforme modelo referido no ponto seguinte.

3. *A ata ou termo de casamento.* Apresentamos o seguinte modelo:

“Termo da cerimônia religiosa do casamento dos irmãos em nosso Senhor Jesus Cristo (fulano e fulana de tal).

No dia de do ano de mil, às horas, no templo da igreja sita na rua, compareceram os irmãos em nosso Senhor Jesus Cristo (fulano e fulana de tal), ele (profissão, estado civil, naturalidade, data de nascimento, residência), filho de (nome, profissão, estado civil, residência) e de (nome, profissão, estado civil, residência); ela, que passará a assinar-se, depois de casada, ... (profissão, estado civil, naturalidade, data do nascimento, residência), filha de (nome, profissão, estado civil, naturalidade, resi-

dência) e de (nome, profissão, estado civil, naturalidade, residência); aí, na presença das testemunhas especiais (dar os dois nomes), receberam a bênção de Deus sobre seu matrimônio, impetrada pelo Ministro Evangélico Pastor, da Igreja (de tal lugar). O ato religioso cerimonial, que foi presenciado por um grande número de irmãos e amigos dos noivos, obedeceu ao ritual das igrejas evangélicas. Os nubentes apresentaram a certidão de habilitação para casamento expedida pelo Oficial do Registro Civil da Circunscrição, ... Zona, Freguesia de Para constar foi lavrado o presente termo pelo(a) Sr.(a), na qualidade secretário da igreja (ou secretário *ad hoc*) e é pelo mesmo assinado, pelo ministro oficiante, pelos noivos e as testemunhas.”

(Data)

(Assinaturas)

4. *Certidão do casamento efetuado.* O ministro oficiante deve fornecer aos noivos uma certidão do casamento efetuado, a qual deverá ser levada ao Cartório em que foram processados os papéis para ser registrada. É indispensável o registro dessa certidão, de modo que deve ser levada ao Cartório o mais depressa possível. Devem constar dessa certidão todos os dados constantes na habilitação para o casamento e o pastor já pode tê-la consigo quando for realizar a cerimônia. Terminada esta, entregará a certidão ao noivo ou à pessoa responsável pelos papéis. Segue um modelo de certidão:

“O pastor F. de tal, Ministro Eclesiástico do Culto Protestante, em exercício pastoral na Igreja Batista de, CERTIFICA que, no dia de de....., às horas, no templo, sito na rua, perante ele e na presença das testemunhas (tal e tal), foi celebrado o casamento, pelo regime de de bens, de Fulano de Tal e Fulana de Tal, ele (naturalidade, nacionalidade, estado civil, profissão, data de nascimento, residência) filho de (nome, naturalidade etc) e de (nome, naturalidade etc); ela, que passará a chamar-se (naturalidade, nacionalidade, estado civil, profissão, data de nascimento), filha de F. de tal (naturalidade, etc) e F. de tal (naturalidade e demais informações). Os nubentes exibiram os documentos exigidos pelo Art.180 do Código Civil Brasileiro. De acordo com a lei n.º 1110, de 23 de maio de 1950, os nubentes apresentaram a certidão de habilitação para casamento expedida pelo oficial do Registro Civil da Circunscrição, ... Zona, Freguesia de Serviram como testemunhas F. de tal (nacionalidade, estado civil, idade, profissão, residência) e F. de tal (nacionalidade, estado civil, idade, profissão, residência)”

Data

Assinatura do ministro celebrante

Firma reconhecida.

17.7 — Leis Que Devem Ser Conhecidas por Todos

Nossa *Constituição*, que foi promulgada em 1988, é considerada como uma das mais avançadas. Nela estão inseridos artigos que têm relação com a liberdade de cultos, impostos, educação, família etc e que os crentes não devem desconhecer.

Transcrevemos abaixo alguns trechos da Constituição que devem ser do conhecimento de todos os crentes:

Objetivos da Constituição

Art. 3.º — Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV— promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Todos são iguais perante a lei

Art. 5.º — Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, assegurada aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança, à propriedade, nos termos seguintes:

Liberdade de culto

VI — é inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurado o exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, proteção aos locais de culto e as suas liturgias;

Entrada em hospitais e presídios

VII — é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva:

Assegurados os direitos de todos

VIII — ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

XVI — todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente.

XLII — a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

Impostos e contribuições

Art. 19 — À União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios é vedado:

I — estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o exercício ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

Art. 156 — Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

VI — instituir impostos sobre:

b) templos de qualquer culto;

Art.211 — O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

VI — matrícula facultativa no ensino religioso, que constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental;

Art. 216 — Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigido às escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I — comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II — assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

Família

Art. 229 — A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

Parágrafo 2.º — O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

18

O CRENTE E OS SEUS DIREITOS E DEVERES COMO CIDADÃO

18.1 — Declaração Universal dos Direitos

Coube à Organização das Nações Unidas (ONU) aprovar, em 10.12.1948, uma Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta Declaração tornou-se famosa pela amplitude dos conceitos e pelo valor e respeito que vota ao ser humano. Transcrevemo-la:

Art. 1.º — Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir, em relação de uns para com outros, com espírito de fraternidade.

Art. 3.º — Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Art. 7.º — Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei.

Art. 16 — A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Art. 17 — Todo homem tem direito à propriedade, só ou em sociedade com os outros. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Art. 18 — Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião.

Art. 19 — Todo homem tem direito à liberdade de expressão e opinião.

Art. 20 — Todo homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.

Art. 21 — Todo homem tem direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

Art. 23 — Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, às condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

Art. 25 — Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

Art. 26 — Todo homem tem direito à educação. A educação será ministrada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais:

a) a maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistências especiais;
b) os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrado a seus filhos.

Art. 29 — Todo homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade é possível.

Art. 30 — Nenhuma disposição da presente declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidas.

18.2 — Dos Direitos e Garantias Individuais (Constituição Brasileira)

Dos direitos e deveres individuais e coletivos

Art. 5º — Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI — é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias;

VII — é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII — ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

XVI — todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente.

Dos direitos sociais

Art. 6º — São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Dos direitos políticos

Art. 14 — A soberania será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direito e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante:

I — plebiscito;

II — referendo;

III — iniciativa popular.

§ 1º — O alistamento eleitoral e o voto são:

1 — obrigatórios para os maiores de dezoito anos;

2 — facultativo para:

a) os analfabetos;

b) os maiores de setenta anos;

c) os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos.

18.3 — Dos Direitos à Educação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 4.024, de 20.12.1961) tornou-se como que o Código da Educação. Entre as partes que mais interessam aos pastores, na sua obra, estão as seguintes:

Art. 1º — A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;

d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;

f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de raça, cor ou classe.

Art. 2º — A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola.

Parágrafo Único — A família cabe escolher o gênero de educação que deve dar aos seus filhos.

18.4 — Do Voto

O voto é a arma do cidadão. Armas há que, mal utilizadas, podem voltar-se contra o que a empunha e feri-lo. O mesmo acontece com o voto. É uma arma excelente, se sabiamente usada. Infelizmente muitos cidadãos não têm sabido usar com sensatez esse direito que lhes é assegurado por lei e têm trazido, com essa arma, que foi criada para seu bem, detrimento sobre si mesmos.

O voto deve ser honestamente usado. Deve ser esclarecido. Deve ser patriótico. Acima das amizades, dos conchavos políticos, dos interesses pessoais ou familiares, deve pairar o bem da Pátria.

O voto consciente é arma de justiça, é dignidade, é virilidade cívica. Cumpre, então, a cada brasileiro, o dever de empunhar com consciência essa arma cívica, toda vez que a Pátria reclamar sua colaboração. Deixar de votar é covardia, é falta de sentimento de brasilidade, é arriscar a dignidade da Pátria, que poderá, por este ato, ser aviltada por demagogos.

18.5 — Dos Deveres dos Cidadãos

Todo cidadão tem direitos e deveres. Entre os muitos deveres que o homem deve cumprir, estão aqueles que foram aprovados na IX Conferência Internacional

Americana, realizada em Bogotá, no ano de 1948. Os artigos 31 a 36 revelam os principais deveres. Ei-los:

Art. 31 — Toda pessoa tem o dever de adquirir, pelo menos, a instrução primária.

Art. 32 — Toda pessoa tem o dever de votar nas eleições populares do país de que for nacional, quando estiver legalmente habilitado para isso.

Art. 33 — Toda pessoa tem o dever de obedecer à lei e aos demais mandamentos legítimos das autoridades do país onde se encontrar.

Art. 34 — Toda pessoa devidamente habilitada tem o dever de prestar os serviços civis e militares que a Pátria exija para sua defesa e conservação e, no caso de calamidade pública, os serviços civis que estiverem dentro das suas possibilidades. Da mesma forma, tem o dever de desempenhar os cargos de eleição popular de que for incumbida no Estado de que for nacional.

Art. 35 — Toda pessoa está obrigada a cooperar com o Estado e com a coletividade na assistência e previdência sociais, de acordo com as suas possibilidades e com as circunstâncias.

Art. 36 — Toda pessoa tem o dever de pagar os impostos estabelecidos pela lei, para manutenção dos serviços públicos.

18.6 — Do Serviço Militar

Em vários lugares estratégicos, em muitas cidades, encontramos painéis e cartazes com a inscrição: “Todo brasileiro, pela Constituição e pelo dever, é obrigado a prestar serviço militar”.

O Serviço Militar tem a finalidade de treinar o cidadão para a defesa de sua Pátria. No Exército, o jovem aprende a ser obediente, pontual, a respeitar a ordem, a amar a sua Pátria e a defendê-la em qualquer emergência.

A Constituição estabelece:

“Art. 143 — O serviço militar é obrigatório nos termos da lei”.

O Regulamento da Lei do Serviço Militar estabelece que este consiste no exercício de atividades desempenhadas nas Forças Armadas — Marinha, Exército, Aeronáutica — e compreenderá, na mobilização, todos os encargos relacionados com a defesa nacional. Tem por base a cooperação consciente dos brasileiros e com suas atividades coopera na educação moral e cívica dos brasileiros em idade militar e lhes proporciona a instrução adequada para a defesa nacional.

19

FORMULÁRIO ECLESIAÍSTICO

Os que militam no foro estão, de quando em quando, compulsando o *Formulário Civil* ou outro formulário. Os que trabalham em repartições que exigem conhecimento de redação oficial possuem o *Manual de Redação Oficial*. Poderíamos citar outros exemplos, mas estes bastam para mostrar que há necessidade de formulários para requerimentos, petições, notificações nos vários setores da vida pública.

Os batistas não têm uma processualística, pois nossas igrejas não têm tribunais, não fazem processos etc. Os batistas seguem normas convencionais, certas praxes. Daí referirmo-nos, de quando em quando, à praxe batista, isto é, ao costume batista. São como que formas consuetudinárias.

Por isso, achamos de bom alvitre oferecer aos pastores e igrejas algumas formas e minutas que poderão ser usadas na sua inter-relação.

19.1 — Carta de Transferência

Exemplo de formulário para Carta de Transferência:

Carta de Transferência

Da Igreja Batista _____
À Igreja Batista _____

Esta carta certifica que _____,
ligado a esta igreja em _____ de _____ de _____, a seu
pedido, em sessão administrativa realizada no dia _____ de _____,
de _____, foi desligado de nossa comunhão, para unir-se à igreja acima citada.

A fim de facilitar a sua integração como membro dessa coirmã, oferecemos as seguintes informações sobre sua atuação em nosso meio:

Freqüentou: ☐ Culto Matutino
☐ Culto Vespertino
☐ Culto de Oração
Foi membro da: ☐ Escola Bíblica Dominical
☐ Escola de Treinamento
☐ União Feminina
☐ União Masculina
Foi dizimista: ☐ regularmente
☐ irregularmente
☐ não contribuiu

Cargos que ocupou nesta igreja:

Serviços especiais prestados à igreja:

Secretário da Igreja

Pastor

Obs.: Esta carta deve ser preparada em papel timbrado da igreja.

19.2 — Carta de Notificação

Da Igreja Batista _____
À Igreja Batista _____

Comunicamos que, em sessão administrativa, no dia _____ de _____
de _____, foi recebido como membro desta igreja o irmão _____
de _____, _____ de _____ de _____

Secretário da Igreja

Pastor

19.3 — Carta de Recomendação

Obs.: Esta carta é dada àqueles membros da igreja que, ausentando-se por determinado período, necessitam de recomendação e reconhecimento como bons crentes, nos lugares por onde passarem.

_____, _____ de _____ de _____
O portador desta carta é o irmão _____,
membro em plena comunhão com esta igreja, a Igreja Batista _____.

Com prazer o recomendamos à confiança e fraternidade das igrejas coirmãs por onde quer que o Senhor o conduzir.

Pastor

19.4 — Convocação de Concílio para Ordenação de Ministro

Prezados irmãos:

A Igreja Batista _____, em sessão realizada em _____ de _____ de _____, resolveu, por unanimidade de votos, ordenar ao Santo Ministério da Palavra o irmão _____.

Convidamos essa coirmã para se fazer representar na composição do Concílio, bem como o seu pastor para a formação do Presbitério.

O ato de ordenação se constituirá de duas partes:

1.º) *Exame do candidato*, que será realizado no dia _____ de _____ de _____, às _____ horas, no templo de nossa igreja, situado na Rua _____, n.º _____.

2.º) *Cerimônia de ordenação*, com a imposição das mãos pelo Presbitério, caso seja o candidato recomendado pelo Concílio, às _____ horas, no mesmo local.

Rogamos aos irmãos que tiverem conhecimento de algo que desqualifique o candidato para o Ministério da Palavra, que nos façam saber com antecedência, pelo que ficaremos gratos.

Fraternalmente, em Cristo Jesus,

Secretário da Igreja

Pastor

19.5 — Requerimentos

19.5.1 — Requerimento de habilitação para officiar cerimônia religiosa com efeito civil

Exmo. Sr. Dr. Juiz da Comarca de _____

(nome)

(nacionalidade)

(estado civil)

pastor batista, inscrito na Ordem dos Ministros Batistas do Brasil, Seção de _____, sob o n.º _____, residente na Rua _____, n.º _____, nesta cidade, vem, mui respeitosamente, requerer que V. Ex.ª se digne

a autorizar sua inscrição como ministro regularmente habilitado para realizar cerimônias de casamento religiosas com efeito civil, como prescreve a Lei.

N. Termos,
P. Deferimento.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura)

19.5.2 — Requerimento para cerimônia religiosa com efeito civil (dos nubentes para o Juiz)

Exmo. Sr. Dr. Juiz _____:

_____, _____ e _____;
(nome do noivo) (nome da noiva)

pretendendo que seu casamento seja realizado em cerimônia religiosa com efeito civil, como a Lei o permite, vêm indicar a V. Ex^a. o nome da Igreja Batista _____, cujo Ministro é o Pastor _____, que será o celebrante, apresentando os necessários documentos para a respectiva habilitação.

Assim, uma vez processado o pedido, publicados os proclamas, sem haver oposição, pedem que lhes seja concedida a respectiva Certidão de Habilitação, observados, após, os devidos e legais trâmites.

Esperam Deferimento.

_____, _____ de _____ de _____.

(assinatura do noivo)

(assinatura da noiva)

19.5.3 — Requerimento ao Pastor

Exmo. Sr. _____,

Pastor da Igreja Batista _____:

_____, _____ e _____;
(nome do noivo) (nome da noiva)

desejando casar-se perante V. Sa., em cerimônia religiosa com efeito civil, de acordo com a permissibilidade da Constituição Federal, regulamentada pela Lei n.º 1.110, de 23 de maio de 1950, apresentando os inclusos documentos, requerem o andamento do respectivo processo.

P. Deferimento.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do noivo)

(assinatura da noiva)

19.5.4 — Requerimento ao Registro Civil

Exmo. Sr. Dr. Juiz _____;

_____, _____ e _____;
(nome do noivo) (nome da noiva)

vêm, para os devidos fins, tendo de celebrar o seu casamento no dia _____ de _____ de _____, na localidade de _____, anexar a prova do ato religioso e os documentos exigidos pelo Art. 180 do Código Civil e requerer a respectiva inscrição, de acordo com o Art. 4 da Lei 1.110, de 23 de maio de 1950, processada a habilitação dos requerentes e publicados os editais na conformidade da Lei.

P. Deferimento.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do noivo)

(assinatura da noiva)

19.5.5 — Requerimento para Isenção de Impostos

Exmo. Sr. Prefeito Municipal:

_____, _____, _____,
(nome) (nacionalidade) (estado civil)
pastor batista, inscrito na Ordem dos Ministros Batistas do Brasil, Seção do Estado _____, sob o n.º _____, residente na Rua _____, n.º _____, representando a Igreja Batista _____, situada na Rua _____, n.º _____, vem, mui respeitosamente, requerer que V. Ex^a. se digne a cancelar a dívida de imposto predial que a ela foi atribuída, em virtude de a Constituição Federal, no Art. 20, letra b, isentar de impostos “templos de qualquer culto”.

N. Termos,
P. Deferimento.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do Pastor)

19.6 — Modelo de Procuração

A *Procuração Particular*, depois de feita, tendo a firma do outorgante reconhecida, terá o mesmo valor, os mesmos efeitos, da procuração passada em cartório. Às vezes, em circunstâncias adversas, essa procuração obtida em cartório é difícil de ser conseguida. Aquela poderá muito bem substituí-la. Damos, a seguir, o modelo de uma *Procuração Particular*.

PROCURAÇÃO

Pelo presente instrumento de procuração, por mim feito e assinado, eu,

_____, _____, _____,
(nome) (nacionalidade) (estado civil)

_____, residente na Rua _____
(profissão)

n.º _____, na cidade de _____,
por este documento, nomeia e constitui seu bastante procurador, nesta cidade, o Sr.

_____, _____, _____, _____
(nome do procurador) (nacionalidade) (estado civil) (profissão)
residente na Rua _____, n.º _____, nesta cidade, para o
fim de _____ (especificar os poderes concedidos: representação perante órgãos do
governo, receber e apresentar documentos, assinar papéis e documentos, preencher
formulários, fazer declarações e justificativas etc) _____.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura)

TERCEIRA PARTE

O PASTOR E SUA VIDA

20.1 — O Pastor e a Sua Vida Espiritual

A tônica principal da vida do pastor deve ser a sua espiritualidade. O apóstolo Paulo diz que somos “ministros dum novo pacto, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Co 3.6).

O pastor tem responsabilidades espirituais para consigo mesmo, para com a sua família, para com a igreja e para com a sociedade. Diante disso, ele deve esforçar-se bastante para que o termômetro de sua vida espiritual registre uma temperatura sempre elevada.

Quantos obreiros que hoje estão se esforçando para comunicar a mensagem de Deus e não alcançam resultado! O problema, às vezes, reside na sua falta de espiritualidade. Podem estar confiando muitíssimo nos seus sucessos de pregadores eloqüentes.

Para conseguir uma vida espiritualmente plena, é necessário que o pastor se entregue diariamente ao estudo da Palavra de Deus. É dela que ele se alimenta e é dela que ele tira o alimento nutritivo para alimentar o seu rebanho. Descurar do estudo da Palavra de Deus é o mesmo que procurar a falência espiritual. Os homens mais espirituais da história são aqueles que têm estado em constante comunhão com a Palavra de Deus. Homens como Moody, Billy Sunday, Whitefield, Wesley, John Bunyan estiveram em contato permanente com a Bíblia.

Haverá algum pastor que não tenha lido a Bíblia toda, ainda? De quando em quando, a Bíblia deve ser lida, na sua totalidade, novamente, pelo pastor. Dizem que Jorge Müller a leu mais de cinquenta vezes.

Mas, companheira da Bíblia é a oração, a outra arma que o pastor precisa usar diariamente. Ele tem que se descobrir diante de Deus e com a alma desnuda confessar-lhe as faltas, as negligências, os pecados e pedir perdão até dos ocultos. Prometer-lhe endireitar-se e viver uma vida de pureza, de santidade e de amor.

Certa feita, o ínclito pregador da Inglaterra C. H. Spurgeon saiu a passear, à tarde, após preparar seus sermões. Foi para um subúrbio pobre. Lá observou que muitas pessoas vinham buscar água numa fonte. Chamou-lhe a atenção a presença

de uma jovem que veio à fonte sete vezes. Ele perguntou-lhe por que viera tantas e a resposta foi: “Eu tiro água para várias famílias.” Spurgeon, então, concluiu: “Esta é como a responsabilidade do pregador. Ele tem que ir à Fonte Divina mais que os outros, porque ele tira água para muita gente ...”

O obreiro deve zelar pela sua vida espiritual, a fim de que seu ministério reflita a espiritualidade que o caracteriza.

20.2 — O Pastor e o Seu Lar

O lar do pastor deve ser um verdadeiro altar consagrado a Deus. Ao procurar se casar, ele deveria ouvir a pergunta de Salomão: “Mulher virtuosa, quem a pode achar? Pois o seu valor excede ao de jóias preciosas” (Pv 31.10).

A esposa do pastor é, realmente, a sua adjuntora. Ela o ajuda no seu lar, preparando o ambiente, instruindo os filhos, educando-o.

O lar do pastor deve ser um modelo para o lar dos membros de sua igreja. A ordem, a paz, a harmonia, o trabalho, a santidade devem imperar no seu lar. O culto doméstico é como o fogo que está sempre crepitando no altar e as orações são o incenso que se evola desse altar.

Muitos lares não reúnem estas condições porque o jovem pastor não escolheu a esposa com as qualidades requeridas para mulher de pastor. Alguns confiaram na beleza da jovem, outros nas suas posses, outros ainda nos seus talentos em geral.

Quantos pastores estão hoje com o ministério prejudicado porque não escolheram uma esposa de acordo com a vontade de Deus para o seu ministério! Muito pastor tem que ir à igreja sozinho, desenvolver o trabalho com as senhoras por mãos de outras, quando a sua poderia ajudá-lo.

A esposa do pastor é grande parte do seu sucesso pastoral. Dedicada, humilde, zelosa, fiel, industriosa, perseverante, a mulher do pastor impregna seu lar da fragrância do amor divino.

O lar do pastor deve ser um verdadeiro santuário, onde os filhos cultuam Deus, onde a esposa louva a Deus com sua vida plena de ideais, onde o pastor se acerca de Deus como a fonte perene de seu ministério e se deleita no seu poder e graça.

21

O PASTOR E SUAS FINANÇAS

O ideal é que o pastor seja condignamente sustentado pela igreja que pastoreia. Felizmente, hoje já há muitas igrejas que compreendem esse dever e oferecem ao seu pastor um salário compensador, além de outros benefícios que o tranquilizam quanto à sua vida material: carro, casa, ajuda para aquisição de livros, plano de saúde, aposentadoria etc.

A realidade, porém, nos mostra que algumas igrejas não têm, na verdade, condições de sustentar, até como gostariam, o seu pastor. Por isso, ele precisa “fazer tendas”. A maioria dessas igrejas se localiza na zona rural, ou em zonas economicamente menos favorecidas. As da zona rural, outrora, eram igrejas fortes que, com o crescente êxodo dos crentes para os grandes centros, foram ficando com o seu número de membros cada vez mais reduzido. Aliás, abrindo aqui um parêntese, seria muito bom e justo que as igrejas bem grandes e que têm sido beneficiadas com o recebimento de cartas demissórias de membros que vêm da zona rural colocassem no seu orçamento uma ajuda financeira àquelas igrejas. Se elas crescem é porque outras se enfraquecem, dando-lhes mais membros. Fechemos o parêntese.

Porque o obreiro não pode ter um sustento condigno, ele é compelido a completar o seu salário com outras atividades. Alguns se empregam no comércio, outros são funcionários públicos, mais outros gerentes de empresas, professores, advogados, securitários etc.

O pastor tem responsabilidade para com a sua família. E, se a igreja não pode mantê-lo, dando-lhe um salário que lhe assegure a educação, o sustento e toda assistência para a sua família, ele busca outros meios que o ajudem a completar a subsistência. Convenhamos que o ideal seria que ele recebesse todo o sustento do ministério, pois, assim, teria mais tempo para os trabalhos pastorais, para o preparo de sermões, e outras atividades envolvidas num pastorado.

Algumas igrejas talvez possam fazer mais pelo seu pastor, mas ainda vivem naquela idéia de que o pastor deve ser um homem muito pobre e sacrificado.

Pastores há também que já se acostumaram no seu modo de não receber nada da igreja e não as levam a entender a doutrina da mordomia. Alguns nunca falam

em dizimos ou fazem campanha de avanço financeiro. Ficam no que estão. Esquecem de que eles passarão e outros obreiros virão após eles. Deveriam deixar uma igreja bem doutrinada em todos os sentidos, incluindo o doutrinamento quanto ao sustento do ministério.

Infelizmente, têm aparecido muitas anomalias no ministério, em virtude de o pastor não saber usar com sabedoria o dinheiro. Entre elas, citamos:

21.1 — Pastores Que Não São Mordomos

Estes não podem levar suas igrejas a serem dizimistas fiéis, pois eles mesmos não praticam a grande doutrina. Infelizmente, isso tem ocorrido. O dizimo deve ser tudo. O pastor deve ser exemplo em tudo.

21.2 — Pastores Que Atuam Como Mercenários

Quando estão numa igreja e outra logo lhe acena um convite, com um melhor ordenado, nada consultam, deixam a igreja e vão para a outra. Sentem que Deus só os chama para igrejas grandes. Às vezes, outras igrejas menores os convidam, mas eles sentem que “não é a vontade de Deus”. Então, Deus só chama para igrejas grandes e ricas? Outros fazem de sua igreja um *bico*, um *expediente* para poderem aparecer, mas não lhe devotam trabalho e o amor que ela merece. Alguns querem enriquecer. Mas se esquecem de que muitos, levados por essa cobiça, “naufregaram no tocante à fé” (1Tm 1.19).

21.3 — Pastores Que Não Pagam as Dívidas

O pastor não deveria contrair dívidas com ninguém. A Bíblia diz: “A ninguém devais coisa alguma, senão o amor recíproco” (Rm 13.8). Mas, se contraímos dívidas, ficamos obrigados a resgatá-las nos prazos combinados. Casos há em que o pastor tem sido negligente, relapso em tudo. Ninguém está livre de imprevistos, doenças etc, mas deve sempre andar com seus gastos dentro do orçamento previsto. Alguns são desorganizados financeiramente e parecem não ter *calor*. Vão contraindo dívidas a torto e a direito. Querem gastar além do que percebem. Se não podem comprar um carro, querem comprá-lo porque outros o têm ou porque lhes será muito útil. Mas não sabem o mal que daí advirá quando as contas ficam por saldar.

A igreja fica enxovalhada, o nome de Deus é blasfemado e o nome de cristão é desacreditado quando um obreiro é reconhecido como alguém que não se importa com as dívidas.

21.4 — Utilização de Dinheiro da Igreja em Negócios Pessoais

Em virtude de sua posição de líder primeiro, e da confiança que nele é depositada, o pastor, em muitas igrejas, controla as finanças das mesmas. Ele faz os pagamentos de construção, envia ofertas às juntas etc.

A tentação, porém, rodeia o pastor que tem contato direto com o dinheiro de sua igreja. Um dia lança mão do dinheiro em seu poder para atender a algum dos

seus imprevistos, ou para acertar os seus negócios, esperando devolvê-lo o mais cedo possível. Mas a tentação aumenta. Amanhã já lança mão de uma quantia maior. Sua influência fica abalada. Perde o respeito e ninguém lhe poupa este deslize.

O dinheiro é, pois, um teste ácido na vida do pastor. Alguns já se afundaram no ministério porque não souberam controlar suas finanças. Infelizmente tem crescido muito o número daqueles que estão trazendo desaire para a obra do mestre no tocante ao não pagamento de suas dívidas.

O PASTOR E A DENOMINAÇÃO

Alguns pastores têm uma noção errada do que seja a Denominação. Julgam pertencer ela a alguns grandes. Muitos até, um tanto desiludidos, falam que a Denominação é liderada por uma cúpula, que seria formada por aqueles que exercem funções-chave no trabalho batista no Brasil. Isso, além de refletir um certo complexo de quem assim se expressa, ainda demonstra o grande desconhecimento do que seja a Denominação Batista. Cada batista é, num sentido, a Denominação.

Nem todos podem ocupar posições de destaque na Denominação, mas todos podem cooperar para que ela se fortaleça. O corpo se compõe de vários membros, mas nem todos exercem a mesma função. Todos, porém, são necessários.

O pastor, por natureza do seu cargo, é um líder. A ele compete doutrinar os crentes a compreenderem a obra da Denominação Batista no Brasil e no mundo. Depois que os crentes souberem que eles mesmos são a Denominação, então haverá entusiasmo e maior amor pela mesma. Infelizmente, vez por outra, encontramos alguém, em nossa Denominação, procurando desmerecer o trabalho dos que firmaram as estacas denominacionais e tentam minimizar o valor de nossas lideranças.

Pastor autêntico não anda à procura de posições. Sua obra é que o elevará às culminâncias da Denominação, se assim Deus o quiser. Deve reconhecer que nem todos têm os mesmos dons, os mesmos talentos, mas Deus quer que os talentos que lhe foram dados sejam usados com sabedoria em sua obra.

O pastor deve ser fiel à Denominação. De modo nenhum deverá permanecer num cargo que ocupe, quando deixar de aceitar as doutrinas e praxes consagradas pela Bíblia e interpretadas pela Denominação em sua *Declaração Doutrinária*. Será considerado traidor aquele que, pregando ou ensinando doutrinas heterodoxas, permanecer num cargo que, por confiança, recebeu na Denominação.

A Denominação precisa de obreiros de fibra inquebrantável. De obreiros que não cedam diante da avassaladora onda do mundanismo, do materialismo, do comunismo, do ecumenismo e de tantos outros *ismos* que têm procurado se introduzir em nosso meio denominacional.

É dever do pastor cooperar, e levar sua igreja a cooperar, com os trabalhos de sua Associação, de sua Convenção Estadual e da Convenção Batista Brasileira. Nem sempre ele poderá assistir à assembléia da Convenção Batista Brasileira, mas isso não o deve impedir de cooperar com os planos ali estabelecidos, já que, divulgados pela imprensa denominacional, redundarão no crescimento do trabalho local, estadual, nacional e mundial na obra do Mestre.

Se cada pastor pensar no trabalho batista como um todo e levar a sua igreja a assim considerá-lo, teremos sempre uma Denominação forte e progressista, interessada em produzir frutos sazonados, na busca de ganhar o mundo para Cristo Jesus.

23

O PASTOR COMO CONSELHEIRO

Uma das grandes tarefas do pastor é aconselhar. A Counselling Psychology tem sido de grande aplicação hoje em todas as profissões. O ministério pastoral exige que o pastor tenha o dom de aconselhamento. Podemos dizer que aconselhar é uma arte. Se todos os pastores soubessem usar com sabedoria o aconselhamento, seriam mais bem-sucedidos no ministério. Da maneira como realizam o aconselhamento, como o encaram, depende, em grande escala, o sucesso do seu ministério.

John W. Bradbury escreveu:

A psicoterapia pode ser uma ciência que esteja possuída por aqueles que não têm nenhuma fé cristã de qualquer espécie. Algumas deduções e análises que nos apresentam são absolutamente destituídas de qualquer consideração cristã. Cremos que qualquer pastor dotado de espiritualidade, que tenha compreensão da natureza humana, é tão bom como qualquer psiquiatra. Entretanto os pastores devem inteirar-se de que este mister pertence àqueles que, permanentemente, procuram o bem das pessoas, objetivando compreender seus complexos e orando com elas pelos problemas que surgem. Se um maior número de ministros se dedicasse a dar conselhos pastorais a seu rebanho e, por vezes, ao povo em geral, não haveria tanta necessidade de doutores em psicologia, que revelam não ter orientação intelectual oriunda desta fonte, da qual o verdadeiro ministro haure sua sabedoria.

Ao exercer o aconselhamento, o pastor está explorando um grande campo. Como conselheiro, ele tem oportunidade de ajudar a “curar os quebrantados de coração” e a dar vida espiritual àqueles que estejam como uma brasa que não mais apresenta calor. Com a brisa de um aconselhamento legítimo, calcado na Bíblia, a vida do consulente, que se achava como que inativa, volta a ter utilidade, volta a ter calor indispensável a uma vida cristã real.

Quanta oportunidade tem o pastor como conselheiro! Aqui é um angustiado que, não encontrando solução para o seu drama, recorre ao conselho pastoral; ali é outro, que está pretendendo se casar, mas está enfrentando vários problemas e não sabe como vencê-los; acolá é um desempregado que ficou meio desiludido diante dos compromissos financeiros. Muitos são os casos. E que dizer dos que se dirigem ao pastor, pedindo-lhe

orientação com referência aos negócios, à vocação, aos problemas conjugais, aos problemas sentimentais etc?

É mister que o pastor reconheça a nobre missão de aconselhar. Ele deve ouvir a recomendação que o Senhor fez através de Isaías: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus” (Is 40.1).

Quando está exercendo a tarefa de conselheiro, o pastor está se aprofundando no conhecimento dos homens, está penetrando nas almas, está fortalecendo a si mesmo.

Carlyle, com grande razão, declarou: “Quão inexprimivelmente confortador é o conhecimento de nossos semelhantes; penetrar-lhes as aspirações, compreender suas expressões, decifrar-lhes os mistérios do coração; mais do que isso, não apenas penetrar-lhes as aspirações, mas ver as coisas do seu ponto de vista, obter-se a mesma visão que ele têm do mundo!”.

Que cada pastor pratique com inteligência o aconselhamento, e o seu ministério será muito profícuo.

24

O PASTOR E A BÊNÇÃO

A bênção era prática comum no Antigo Testamento. Encontramos muitas referências ao costume dos judeus de abençoar. Entre as mais antigas bênçãos do Antigo Testamento, podemos citar a seguinte: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz” (Nm 6.24-26).

Também no Novo Testamento, encontramos várias formas de bênçãos:

Escrevendo aos filipenses, Paulo diz: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus” (Fp 4.7) .

Também o autor da carta aos Hebreus orienta: “Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do pacto eterno tornou a trazer dentre os mortos a nosso Senhor Jesus, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em nós o que perante ele é agradável, por meio de Jesus Cristo, ao qual seja glória para todo o sempre . Amém” (Hb 13.20, 21).

Dirigindo-se aos coríntios, Paulo, apóstolo, declara: “A graça de Senhor Jesus seja convosco” (1Co 16.23).

E em Judas 24 e 25, encontramos: “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos ante a sua glória imaculados e jubilosos, ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, e agora, e para todo o sempre. Amém.”

Em Apocalipse 22.21, achamos uma das fórmulas mais curtas de bênção: “A graça do Senhor Jesus seja com todos.”

Mas a bênção mais usada, e tem sido conhecida como bênção apostólica, é aquela de Paulo, que se encontra em 2Coríntios 13.13: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.”

24.1 — Como Pronunciar a Bênção

O pastor, no final do culto, deverá levantar a mão direita, ou as duas mãos, sobre o auditório. Com voz calma, mas firme e compassada, proferirá a bênção com solenidade.

O coro, ou a própria congregação, poderá entoar o “Amém”, o que dará à solenidade maior brilho. Existem muitos “Améns” musicados. Alguns deles são encontrados nos volumes I, II, IV da coleção “Os Céus Proclamam”, uma publicação da Imprensa Metodista bem conhecida em nosso meio, muito usada por aqueles que trabalham com música nas igrejas.

25

O PASTOR E A CERIMÔNIA DE CASAMENTO

25.1 — Como Realizar uma Cerimônia de Casamento

25.1.1 — Preliminares

1. Os que desejam se casar devem procurar, com antecedência de, no mínimo, três meses, o pastor da igreja, ou aquele a quem querem convidar para oficiante da cerimônia. Isso evitará os atropelos de última hora e que o pastor tenha assumido outro compromisso para a data escolhida.

2. O pastor poderá oferecer aos noivos um roteiro escrito, com as orientações necessárias sobre as providências a serem tomadas durante esses três meses que antecederão o casamento, inclusive o exame pré-nupcial.

3. Após a fixação da data e a comunicação com o pastor, os noivos deverão ter com ele uma entrevista para acertarem os planos e serem instruídos quanto aos deveres conjugais mútuos. Notando que os noivos não estão em condições de assumir os compromissos envolvidos no casamento, o pastor deve aconselhá-los a adiarem a realização do casamento, enquanto, juntos, buscam um melhor preparo para a vida matrimonial. Durante esse período de espera, o pastor deve assisti-los, ou encaminhá-los a alguém que possa ajudá-los, de acordo com as necessidades de ambos.

25.2 — Realização da Cerimônia

25.2.1. — Preâmbulo

Como sugestão, apresentamos os seguintes passos:

1. O noivo deve chegar uns 15 minutos antes da cerimônia e entrar no santuário de braço com uma testemunha, podendo ser seguido de outras pessoas, como os pais, e se encaminhar até o lado esquerdo do púlpito, onde aguardará a noiva. Durante a entrada do noivo, o instrumento deve executar uma música própria, solene e de andamento lento, fazendo fundo musical.

2. Na hora exata, deve chegar a noiva. Deve trazê-la o próprio pai. Na falta deste, um parente.

3. A entrada da noiva pode ser feita com algum tipo de cerimônia especial, se assim os noivos desejarem. Dependendo do seu gosto e do planejamento feito, podem ser convidadas damas de honra para precederem a entrada da noiva no santuário. Se essas forem crianças, uma delas poderá trazer uma pequena salva de prata contendo pétalas de rosa, onde serão carregadas as alianças, que deverão ser entregues ao pastor na hora da cerimônia da troca de alianças. Se as damas forem jovens, podem ser formados pares de damas e cavalheiros que, dispostos em alas, verão passar por entre si a noiva. As damas poderão portar palmas, que serão erguidas no momento da passagem da noiva. Esses tipos de cerimônia servem para dar ao ato maior solenidade ou despertar maior atenção. Não são, no entanto, essenciais a uma cerimônia de casamento. Muitas têm sido realizadas solenemente, com a presença apenas das testemunhas. O número de participantes, o estilo de cerimônia, a música, tudo deve ser exclusivamente de acordo com o que ditar a escolha dos noivos.

4. Ao começar a entrar a noiva, os assistentes se porão de pé e a organista, ou a pianista (pode haver ainda outros instrumentos), executará uma das marchas nupciais ou outra música própria, geralmente à escolha da noiva.

5. A poucos metros do oficiante, a noiva se deterá e o noivo lhe irá ao encontro, dando-lhe o braço esquerdo, e trazendo-a até onde está o oficiante. Se assim for combinado com o oficiante, à hora em que a noiva se detiver próximo a ele, antes que o noivo a receba do pai ou de quem o substituir, pode ser feita uma pergunta, pelo oficiante a quem traz a noiva: “Quem dá esta jovem em casamento ao jovem que está ao meu lado?”. O pai, ou substituto, responderá: “Eu a dou.” O oficiante dirá, então, dirigindo-se ao noivo: “Já que o pai a dá, o noivo poderá buscá-la e trazê-la até aqui.”*

6. Já estando os noivos diante do oficiante, este dirá: “Apresentam-se para receber, nesta hora, a bênção pobre o seu matrimônio, ‘Fulano’ e ‘Fulana.’”

7. Fará, então, a cada nubente, a pergunta: “Fulano, casa-se com Beltrana por sua livre e espontânea vontade?”. Ou esta: “Recebe por sua legítima esposa a senhora Fulana de tal?”. Estas perguntas são feitas, no caso de se tratar de cerimônia religiosa com validade civil.

8. Diante de resposta afirmativa, o oficiante pedirá que repitam (cada nubente por sua vez) o juramento de fidelidade conjugal.

9. Depois, o oficiante perguntará: “Que prova concreta e exterior me apresentam do amor de vocês?”. Os noivos responderão: “As alianças.” Passarão, então, às mãos do oficiante, o par de alianças.

10. Tomando as alianças, o oficiante explicará o que elas representam, o que elas significam.

11. Acabada a explanação sobre o significado das alianças, o oficiante entregará o anel ao noivo, perguntando-lhe: “Fulano, entrega este anel a Fulana, como prova do amor sincero que lhe devota? Dando-lhe este anel, está fazendo-a participante de seus momentos, sejam eles alegres ou tristes, e de toda a sua vida.”

* O autor usa esta forma para introdução dos noivos até à nave do templo. Empréstado à cerimônia mais solenidade. O pai, avisado com antecedência, já tendo entrado até mais ou menos o meio do salão, parará com a noiva. Enquanto a marcha nupcial prossegue, o oficiante fará a pergunta, encontrando-se o auditório de pé. No caso de a noiva não ter pai, a pessoa que conduzir dirá: “Em lugar do pai, eu a dou.”

12. Diante da resposta positiva do noivo, o oficiante fará a mesma pergunta à noiva, dando-lhe o anel para ser colocado na mão esquerda do noivo.

13. Após isso, o oficiante pedirá que os noivos unam as mãos sobre a Bíblia. Há cerimônias em que a noiva entra trazendo consigo uma Bíblia de capa branca, nova, sobre a qual poderão os noivos unir as mãos. Outras vezes, ajoelhados sobre um genuflexório, ou sobre uma almofada, tendo as mãos sobre a Bíblia, poderão receber a bênção matrimonial do pastor. Este poderá unir as suas mãos às dos noivos, ou, ainda, erguê-las sobre as suas cabeças. O oficiante proferirá, assim, a oração nupcial ou, como é comum dizer-se, impetrará as bênçãos divinas sobre o novo matrimônio.

14. Em seguida, o coro ou um solista poderá cantar um hino próprio para cerimônias de casamento (Ver a relação anexa).*

15. Se o casamento é religioso com efeito civil, o oficiante poderá dizer, antes de impetrar a bênção: “Na qualidade de Ministro do Evangelho e investido da autoridade que a lei me assegura, eu vos declaro constituídos esposo e esposa, segundo a ordenação de Deus.”

16. Está poderá terminar com a leitura, pelo oficiante, de Números 6.24-26 ou de Rute 1.16, 17.

17. Em seguida, os noivos e testemunhas acompanharão o pastor para assinar o Termo de Casamento (se a cerimônia tiver efeito civil).

18. Finalmente, ao som de uma marcha nupcial, ou de música própria, os noivos e as testemunhas se retiram para receber os cumprimentos.

25.3 — Cerimônia de Casamento

O casamento é uma instituição tanto divina como humana. Ele foi divinamente instituído quando Deus pronunciou as palavras nupciais no jardim do Éden a Adão e Eva: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora(...) Portanto, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se à sua mulher, e serão uma só carne” (Gn 2.18, 24).

Jesus honrou o casamento com sua presença nas núpcias de Caná da Galiléia, onde efetuou o seu primeiro milagre (João 2.1-11).

Paulo aprovou o casamento como uma instituição digna e essencial à felicidade de ambos os cônjuges. Ele é necessário também para a ordem social e para a felicidade humana. Ele ordena aos esposos que amem as suas esposas como Cristo amou a sua Igreja e deu-se a si mesmo por ela (Ef 5.25). Ele ordena à esposa ser fiel ao marido em tudo, do mesmo modo como a Igreja obedece a Cristo (Ef 5.22, 23). Assim, esposo e esposa, deixando pai e mãe, se tornam uma só pessoa.

** Os seguintes hinos podem ser usados em cerimônias de casamento:

“União Vital”, Samuel W. Beazley: “Casamento”, John Darwall — 567 e 568 do *Cantor Cristão*.
“Perfeito Amor”, Joseph Barnaby: “Abençoa, Deus de Amor”, Mae H. Brahe — 597 e 598 do *Hinário Para o Culto Cristão*.

“Ó Deus, Aqui Viemos”, Reginald de Koven — *Os Céus Proclamam*, Vol. IV.

“Súplica Pelos Noivos”, Isolina Waldvogel; “Bênção Nupcial” — *Melodias de Vitória*.

“Almas Gêmeas”, Robert Harkness — *Louvres do Coração*, Vol. 1.

“Prece Nupcial”, A. H. Ackley; “Amor Perfeito”, Joseph Barnaby — *Louvres do Coração*, Vol. II.

“Rute”, Carlos Cristovam Zink — *Edições de Louvor Perene*

“Lar”, Edwin Drewett; “Amor no Lar”, J. H. McNaughton; “Casamento”, Joseph Barnaby — *Cantai ao Senhor*.

“Oração de Casamento”, G. F. Hädel — *Hinário Evangélico*.

Juramento de Fidelidade

Pastor — João, poderá você repetir o seu juramento de amor a Maria?

João — Maria, em você Deus me tem concedido o amor que procurava. O seu amor por mim dá-me um maior entendimento do amor de Deus. Portanto, eu ofereço a mim mesmo a você com tudo o que sou ou possa vir a ser. Eu a amarei, quer na saúde, quer na doença, quer na riqueza, quer na pobreza.

Deixarei todos os outros e unir-me-ei a você até que a morte nos separe.

Pastor — Maria, pode fazer o seu juramento a João?

Maria — João, eu lhe dou o amor que Deus me tem dado, e, através desse amor, eu ofereço a mim mesma para ser sua esposa, para amá-lo e cuidar de você, quer na doença ou na saúde, quer na pobreza ou riqueza. Deixo todos os outros e me uno a você, e só a morte poderá nos separar.

Pastor — O símbolo que sela este compromisso são as alianças. (O pastor pede ao noivo as alianças.) Desde a Antiguidade a aliança tem sido usada para selar importantes pactos, concertos entre as partes contratantes. Chegou à sua mais alta significação no seu uso para selar os solenes compromissos de matrimônio. Esta aliança é símbolo de plenitude, completação, e é um emblema de eternidade (o caso do arco das nuvens). O seu círculo infundável significa as qualidades que devem reger o estado marital. É um emblema que se enquadra perfeitamente. Portanto, o amor deve ser assim: um círculo onde não se ache o fim. (Dar o anel ao moço.)

Pastor — João, tome este anel e coloque-o no dedo anular de sua esposa. João, você dá este anel a Maria como símbolo de seu amor por ela?

João — Com esta aliança, eu me dou a você em casamento. Com amor leal, eu lhe doto de todo o meu ser, de tudo que é meu.

Pastor — Maria, você aceita este anel como um sinal do amor de João por você, prometendo usá-lo como sinal do seu amor por João?

Maria — Sim.

Pastor — Maria, que sinal de sinceridade você tem?

Maria — A aliança.

Pastor — Tome esta aliança e coloque-a no dedo de João (lado do coração).

Maria — Com esta aliança, eu me entrego a você, com amor leal eu lhe doto de todo o meu ser, de tudo que é meu.

Pastor — Você aceita esta aliança como um sinal do amor de Maria por você e promete usá-la como um símbolo do seu amor por ela?

João — Sim.

Os dois repetem juntos:

“Não me instes a que te abandone e deixe de seguir-te. Porque aonde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu, e ali serei sepultada. Assim me faça o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.”

Pastor — Tendo comprometido a vossa fé e amor um ao outro, e tendo selado o mesmo, dando e recebendo as alianças, agindo como ministro (ou pela autoridade dada pela lei) e tendo Deus como suprema testemunha, rogando-

lhe a aprovação divina, eu vos considero casados, na presença de Deus e dessa assembléia aqui testemunhando este ato. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.

Bênção: “Que o Senhor abençoe e guarde vocês. O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vocês e tenha misericórdia de vocês. O Senhor sobre vocês levante o seu rosto e lhes dê a paz” (Nm 6.24-26). Amém.

25.4 — Curso Para Noivos

O casamento é plano divino. E, como plano divino, ele é perfeito. É presente de Deus para o homem. Foi pensando em oferecer ao casal o melhor em termos de vida que o Senhor o planejou.

Infelizmente, lares malformados, casamentos mal-estruturados, têm impedido os casais, mais propriamente os jovens casais, de usufruírem de todas as bênçãos que do casamento podem advir.

Pensando em oferecer aos jovens, aos lares em formação, o planejamento de uma estrutura mais sólida, maiores conhecimentos na arte de viver a dois, na arte de ser esposa, esposo, na arte de ser feliz, de ter um lar cristão feliz, é que se criaram os cursos para noivos. Muitos líderes, muitos pastores, muitas sociedades femininas já se têm preocupado em brindar os jovens de sua igreja com um curso para noivos.

O objetivo principal do curso deve ser apresentar ao jovem casal, prestes ao enlace matrimonial, o conceito bíblico de casamento, o objetivo divino ao instituí-lo, o preparo nas diferentes áreas da convivência familiar, além de levá-los a uma conscientização dos privilégios e responsabilidade do matrimônio.

Quando realizar? — O curso poder ser dado num final de semana para isso reservado. De sexta-feira à noite, à noite de sábado, em encontros intensivos, preletores especialmente convidados para isso poderão apresentar os vários aspectos a serem estudados. Outro tempo razoável para a apresentação do curso são as tardes dos sábados. Três, quatro e até cinco sábados podem ser reservados num mês, para a realização desse encontro. O tempo escolhido deve estar a critério do organizador do curso e das pessoas que estarão nele envolvidas.

O que estudar? — O organizador deve, mediante observação, pesquisa e coleta de informações entre os noivos, verificar quais as suas maiores necessidades e os seus principais interesses. Partindo daí, elaborará o planejamento do curso. Em geral, estes são os principais assuntos que devem ser ventilados num curso para noivos:

* Estudo bíblico, buscando conceituação, objetivos e recursos espirituais para estrutura de um lar cristão apresentados na Palavra de Deus. Responsabilidades do esposo e da esposa, segundo a Bíblia, na manutenção do lar cristão. Responsabilidades espirituais, no lar, perante os esposos e filhos.

* Noções de comunicação e relações humanas no lar. A participação de cada cônjuge para a felicidade do casal e, futuramente, dos filhos.

* Noções de anatomia humana, masculina e feminina. Métodos anticoncepcionais. Relacionamento sexual do casal. Exame pré-nupcial.

* Noções de economia familiar. Métodos de planejamento orçamentário doméstico.

* Noções de direitos, deveres e os papéis legais necessários ao contrato nupcial. Direitos legais a partir do casamento.

* Noções sobre o preparo da cerimônia na igreja, música, processional e recesional, oficiante, padrinhos, recepção, viagem de núpcias, etc.

* Identificação do tempo para a chegada dos filhos e as mudanças físicas e emocionais que daí podem decorrer.

Outros aspectos da vida conjugal e familiar podem ser acrescidos ao curso, conforme necessidade e possibilidades.

Quem deve dar o curso? — Pessoas espiritual, moral e intelectualmente gabaritadas para cada assunto. Existem em nosso meio evangélico preletores que, cada um em sua área específica, muito podem ajudar nesse tipo de trabalho. Quanto mais experientes eles forem no assunto sobre que discorrerão, tanto mais eles ajudarão aos jovens casais.

Há assuntos específicos em que só profissionais em determinadas áreas devem ser usados. Por exemplo, um médico, enfermeira, professor de biologia podem apresentar noções de anatomia humana. Já para outros aspectos mais gerais só se requererá do preletor a experiência e a prontidão em ajudar.

O pastor da igreja ou alguém muito estudioso da Bíblia poderá apresentar o estudo bíblico sobre o casamento. Alguém experiente no assunto, bom administrador financeiro em sua vida familiar, ou, se possível, alguém que tenha boas noções de economia poderá apresentar as noções sobre economia familiar. Os direitos, deveres e aspectos legais poderão ser apresentados, se possível, por alguém ligado à área de advocacia.

A preocupação do organizador do curso deve ser oferecer o melhor, dentro das possibilidades. Por menos que o curso ofereça aos casais, ele representará uma bênção no começo de sua vida a dois.

Como apresentar o curso? — A programação deve ser elaborada da maneira mais atraente possível. Um programa deve ser feito e apresentado aos noivos no dia em que se iniciar o curso. Propaganda bem feita ajudará a incentivar os noivos a participarem da programação.

Num ambiente alegre, cordial, informal, descontraído, os noivos serão recebidos e levados ao lugar onde serão dados os estudos. Um crachá pode ser preparado para identificar os participantes.

Ao chegar, é bom que eles recebam algum material impresso. Artigos proveitosos sobre casamento, pequenas crônicas que os levem à reflexão, podem ser usados em determinados momentos, dentro do horário do curso, para debate e troca de idéias.

Cada preletor será responsável pela melhor maneira de apresentar o conteúdo de sua matéria. Recursos visuais podem ser usados para isso. O assunto deve ser apresentado de maneira dinâmica, levando os casais à participação ativa nos estudos. Será bom que, sobre cada assunto, seja entregue uma apostila, pelo menos com o esboço do que foi sobre ele apresentado.

Livros cristãos sobre casamento, relacionamento conjugal, sexo, educação dos filhos, economia doméstica podem estar à disposição dos participantes para compra. Não será difícil o organizador do curso conseguir esse material em consignação nas livrarias evangélicas.

A parte de alimentação deve ser providenciada, ainda que seja para ser paga pelos participantes do curso. Conforme o tempo usado para o curso, devem ser providenciados lanches, almoços, café etc. É importante que os participantes tenham tudo de que precisam no ambiente em que for dado o curso, para se evitarem as saídas e, possivelmente, o não retorno ao local de encontro.

Ao final do curso, é bom que seja reconhecido o esforço e o desejo de preparo demonstrado pelos participantes. Um pequeno certificado, mesmo que simples, deve ser entregue a cada noivo, a cada noiva, ou a cada casal. Ele selará, de maneira concreta, o desejo de cada um de estar preparado para conseguir, diante de Deus, pelos seus esforços, alcançar em seu casamento o mais alto grau de felicidade que estiver ao seu alcance.

O encerramento do curso pode ser feito com um alegre encontro final de todo o grupo. Nesse encontro devem ser entregues os certificados e uma avaliação, pessoal e geral, poderá ser feita. Essa ajudará na elaboração de novos encontros.

O PASTOR E A CERIMÔNIA DE BODAS DE PRATA E DE BODAS DE OURO

Digna de muita preparação e de uma bela solenidade são as cerimônias de Bodas de Prata e de Bodas de Ouro.

Os casais que conseguem atingir vinte e cinco anos de vida conjugal devem procurar comemorar suas Bodas de Prata convidando os parentes, as testemunhas do casamento ainda vivas, e os amigos em geral. Muitas vezes a iniciativa de se comemorarem as Bodas de Prata parte dos filhos e netos do casal. Eles desejam promover um culto em ação de graças, um culto gratulatório.

Lamentavelmente, muitos lares estão sendo desfeitos pouco tempo depois do casamento. Então, motivos bastantes têm os pais e os filhos que podem promover tais solenidades. Vinte e cinco anos de feliz união conjugal (Bodas de Prata) ou cinquenta anos de enlace matrimonial (Bodas de Ouro) são datas marcantes nas vidas não só do casal, mas de toda a sua prole.

Além de o evento ter um cunho gratulatório, deve ele, também, ser uma inspiração para aqueles que estão começando na vida conjugal. Inspiração, sim. Além disso, é uma nota de esperança que compele os casais bem mais jovens a viverem em perfeita união.

O pastor, como oficiante principal nessas cerimônias, poderá realçar, para todos, o seguinte:

1. Os contrastes do presente com o passado

Hoje, o casal está com um olhar retrospectivo. Ele volve ao passado, com muita emoção, com imensa alegria. O passado para ele traz recordações indizíveis. Ele o vê como um caminho alcatifado de flores perfumosas. Esquece-se até dos espinhos.

No dia do casamento, o casal tinha olhos no futuro. Como seria ele? Como poderia o casal chegar até lá? Hoje eles vivem aquele futuro desejado. Agora não tem o casal aquela promessa de esperança, de grandes realizações. Hoje já colhem do que plantaram.

2. O contraste entre as petições feitas

No dia do enlace matrimonial, as petições do casal eram relacionadas com a bênção para sua vida conjugal. Rogavam a proteção de Deus sobre todo o seu viver, sobre o lar que começavam a construir.

Já no dia da celebração das Bodas de Prata ou das Bodas de Ouro, eis o casal com outros motivos para suas petições. Eles vêm com os corações cheios de gratidão. Vêm apresentar ao Senhor, perante todos, a gratidão que lhes invade a alma pelo muito que o Senhor lhes concedeu durante todos os dias dessa maravilhosa trajetória.

3. O contraste: de aconselhados a conselheiros

Quando casaram, precisaram de alguém que os orientasse na árdua senda da vida conjugal. Eram iniciantes. Não conheciam os percalços, as vicissitudes e os problemas que enfrentariam na jornada que percorreriam a dois.

Hoje eles têm experiências acumuladas e podem, com certa autoridade, aconselhar os que estão iniciando a caminhada na vida conjugal. Assim, de aconselhados que foram, passam a conselheiros, em virtude do peso das experiências acumuladas durante 25 ou 50 anos.

Cerimônias simples, porém significativas, podem marcar essas datas. No culto deve ser enfatizado o espírito de louvor, gratidão a Deus pela família. Filhos, netos e o casal podem ter participação especial. Damos, a seguir, dois exemplos de cultos: um de Bodas de Prata e um de Bodas de Ouro. São apenas modelos. Partindo deles, outros cultos podem ser montados, levando em consideração características especiais do casal e da família.

CULTO EM AÇÃO DE GRAÇAS

BODAS DE PRATA

PROGRAMA

Prelúdio Órgão
ProceSSIONAL — Entrada do casal e da família
Louvor Coral (1) “Pai Nosso” — Malotte
Oração de Louvor Oficiante
Louvor Congregacional — 385 CC “Louvor” — Manuel A. Souza
Leitura bíblica alternada
Oficiante: Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os moradores da terra; dai brados de alegria, regozijai-vos, e cantai louvores.
Congregação: Ó vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.
Casal: Vinde, e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma.
Família: Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração.
Casal: Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios.

Congregação: Dai ao Senhor, ó famílias dos povos, dai ao Senhor glória e força.
Oficiante: Dai ao Senhor a glória devida ao seu nome; adorai ao Senhor na beleza da sua santidade.

Casal: Grandes coisa fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres.

Família: Que darei ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?

Casal: Louvarei ao Senhor durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto viver.

Família: Engrandeci ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o seu nome.

Oficiante: Cantai louvores a Deus; cantai louvores; cantai louvores ao nosso Rei; cantai louvores.

Congregação: Louvai ao Senhor. Louvai ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua benignidade é para sempre.

Casal: Dizei agora os que temeis ao Senhor que a sua benignidade é para sempre.

Família: Seja a tua misericórdia, Senhor, sobre nós, como em ti esperamos.

Todos: Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus, seja a honra e a glória para todo o sempre. Amém.

(Sl. 98.4, 95.6, 66.16, 90.1, 103.2, 97.7, 29.2, 126.3, 116.12, 146.2, 34.3, 47.6, 106.1, 118.4, 33.22, 1Tm 1.17).

Louvor da Família: “Pelo Lar que Tu nos Deste” — Renato Santos — n.º 427 HCC
Palavras especiais sobre a ocasião Oficiante

Louvor Congregacional: “Que Segurança! Sou de Jesus!” — Knapp — n.º 417 HCC
Mensagem Oficiante

Cerimônia da troca das alianças Oficiante

Louvor Coral (2) “Minha Gratidão” — Andrae Crouch

Oração e Bênção Apostólica (ou Aaraônica) Oficiante

Poslúdio Órgão

Recessional — Saída do casal e da família Música Instrumental

(1) Música avulsa. Pode ser substituída por outro hino de louvor ou adoração.

(2) “Vinde, Cantai” — JUERP, p. 80.

CULTO EM AÇÃO DE GRAÇAS

BODAS DE OURO

PROGRAMA

ADORAÇÃO

ProceSSIONAL — Entrada do casal e família Música Instrumental

Chamada à adoração — “Digno é o Cordeiro”, Don Wytzen (1) Congregação

Invocação Pastor

Leitura bíblica alternada:

Dirigente: Vinde, cantemos alegremente ao Senhor, cantemos com júbilo à rocha da nossa salvação. Apresentemo-nos diante dele com ações de graças, e celebremo-lo com salmos de louvor.

Todos: Bom é render graças ao Senhor, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.
Família: Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração.

Casal: Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome.

Dirigente: Dai graças ao Senhor, invocai o seu nome. Fazei conhecidos os seus feitos entre os povos.

Casal: Vinde e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que Ele tem feito por mim.

Dirigente: Cantai-lhe, cantai-lhe louvores, falai de suas maravilhas.

Família: Sim, grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres.

Congregação: Grandes coisas fez o Senhor por eles.

Casal: Eu te louvarei, porque de um modo tão admirável e maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras... Tu me sondaste e me conheces. Tu me cercaste em volta, e puseste sobre mim a tua mão.

Filhos: Abrirei a minha boca numa parábola; proporei enigmas da antiguidade, coisas que temos visto e sabido, e que nossos pais nos têm contado. Não os enco-briremos aos nossos filhos, cantaremos às gerações vindouras os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que me tem feito.

Família: Cantarei para sempre as benignidades do Senhor; com a minha boca procla-marei a todas as gerações a tua fidelidade.

Dirigente: Cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas; a sua destra e o seu braço santo lhe alcançaram a vitória.

Congregação: Foi o Senhor que fez isto, e é maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia que o Senhor fez, regozijemo-nos e alegremo-nos nele.

Dirigente: Celebrai com júbilo ao Senhor... dai brados de alegria, regozijai-vos e cantai louvores.

Todos: ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra!

Casal: Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?

Família: Louvarei ao Senhor durante minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto viver. Porque este é o nosso Deus para sempre; ele será nosso guia até a morte.

Netos: Os filhos dos teus servos habitarão seguros, e a sua descendência ficará firmada diante de ti.

Todos: Amém!

(Sl 95.1, 92.1, 90.1, 103.1, 105.1, 66.16, 105.2, 126.2 e 3, 139.5 e 14, 78.2-4, 89.1, 98.1, 118.23-24, 98.4, 8.1, 116.12, 146.2, 48.14, 102.28)

Louvor Congregacional — “Que Segurança! Sou de Jesus!”, Knapp — n.º 417
HCC

LOUVOR E GRATIDÃO

Bênçãos na trajetória familiar Um filho

Louvor Coral (2) “Vós, criaturas de Deus Pai”

Louvor em oração

Louvor Congregacional “Tu és fiel, Senhor”, Runyan — n.º 25 HCC

Mensagem Pastor

DEDICAÇÃO

Louvor Coral (3) “Com gratidão”, John Lee
Renovação de votos, troca das alianças e Bênção Cinquentenária Pastor
Louvor Coral (4) “Abençoa, Deus de Amor”, Brahe
Recessional — Saída do casal e família Música Instrumental

(1) “Razão para Cantar” — AFE — p.31

(2) “Hinário para o Culto Cristão”, n.º 224

(3) Cantata “Varas da Videira”, JUERP

(4) “Hinário Para o Culto Cristão”, n.º 598

O PASTOR E AS CERIMÔNIAS FÚNEBRES

Há ocasiões que são propícias à observância do que Deus recomenda. A morte de alguém oferece uma grande oportunidade de levar o povo à reflexão de sua real condição diante de Deus, da vida terrena e da vida eterna.

Seja quem for que morra, sempre os que participam de uma cerimônia fúnebre têm suas mentes voltadas para a vida após a morte, para a efemeridade dela aqui e para a necessidade de acertá-la com Deus.

Cabe, pois, ao oficiante, preparar-se condignamente para apresentar, à família enlutada e aos circunstantes, a palavra confortadora de fé, esperança, de paz e amor.

O pastor dirigirá cerimônias fúnebres, não só de crentes, mas de pessoas interessadas ou de parentes de crentes. Também variarão as idades dos mortos: crianças, jovens, adultos, anciões. Ele deverá aproveitar as oportunidades psicológicas que cada morte lhe oferece.

Muitos crentes, que viviam frios, após a morte de um irmão em Cristo se revitalizaram espiritualmente. O testemunho do morto, sua vida e a mensagem que ela propiciou a todos foi para eles um grande despertamento. Também, alguns filhos de crentes, que permaneciam irreduzíveis, ao ouvirem a mensagem do pastor, na cerimônia fúnebre de um de seus pais, se decidiram. Pessoas que nunca foram a um templo, e que, por causa da convivência com o morto ou de relações com algum de seus parentes, compareceram à cerimônia fúnebre, ao ouvirem a mensagem, foram tocadas pelo Espírito Santo, passaram a freqüentar a igreja e se converteram.

A morte é, pois, uma circunstância que o pastor deve usar com muita sabedoria. Dela tirará muito proveito, se souber explorar o momento psicológico.

O funeral é uma ocasião para consolar os que choram; para apresentar bálsamo às almas feridas; para encher de esperança os aflitos; para apresentar a todos o convite de Cristo e a imortal mensagem da ressurreição.

Ao dirigir o culto fúnebre, o pastor poderá ler vários textos que falem da brevidade da vida aqui, bem como outros que falem da esperança eterna e da ressurreição.

Hinos que expressem a convicção do crente e a sua esperança numa vida melhor devem ser entoados.

A oração ou orações devem ser de agradecimento a Deus pela vida do seu servo que foi por ele convocado às mansões celestiais. As orações devem incluir petição de bênçãos e conforto para as pessoas enlutadas, bem como de esclarecimentos para aquelas que, sem Cristo, assistem à cerimônia, a fim de que estas sejam tocadas pelo Espírito Santo e possam ser despertadas para uma nova vida em Cristo Jesus.

O pastor deve sair da cerimônia convencido de que proferiu a mensagem de Deus e que tanto as almas enlutadas como as que presenciaram o ato foram atingidas por palavras de conforto e advertência quanto à vida futura.

O PASTOR E SUA ÉTICA

Dr. Paulo Wailler da Silva

Código de Ética do Ministro Batista

Sou ministro do Senhor Jesus Cristo, chamado por Deus para pregar o seu santo evangelho. Portanto, confiando no Senhor (Fp 1.13), voluntariamente subcrevo os seguintes princípios, com o propósito de ser um bom exemplo para aqueles a quem procuro liderar e servir:

I. Minha Conduta Pessoal

1. Cultivarei minha vida devocional lendo a Bíblia, meditando e orando diariamente.
2. Envidarei todos os esforços para conservar-me física e emocionalmente em condições para a obra que me foi confiada.
3. Serei justo para com minha família e farei o possível para lhe dar o tempo e a consideração que merece.
4. Farei o possível para viver dentro do meu salário, sendo pontual no pagamento de meus compromissos financeiros, e de minhas dívidas, caso venha a contrai-las.
5. Lutarei para progredir intelectual e espiritualmente através de leituras e estudos cuidadosos.
6. Serei honesto em qualquer transação financeira.
7. Não plagiarei. Ao usar material de fonte alheia, reconheci-la-ei.
8. Não terei amor desordenado ao dinheiro, nem permitirei que o fator financeiro seja decisivo na aceitação de um pastorado.
9. Não farei qualquer leitura obscena, nem lhe permitirei entrada em meu lar.
10. Não forçarei a minha posse em qualquer pastorado.
11. Não vacilarei na fé por causa de mau comportamento de crentes, particularmente de líderes; minha confiança estará continuamente firmada em Jesus, que sempre será meu supremo exemplo.
12. Serei um exemplo em minhas conversações e atitudes.

II. Meu Relacionamento Com a Igreja a Que Sirvo

1. Usarei conscientemente o tempo no meu pastorado.
2. Lutarei para entregar regularmente mensagens que representem o melhor de meus esforços.
3. Baseado nas Sagradas Escrituras, pregarei sempre as minhas convicções, jamais as minhas dúvidas.
4. Exortarei sempre com amor e diplomacia.
5. Com profundo zelo evangelístico, procurarei desenvolver a minha igreja; não obstante, mantereí espírito cristão para com pessoas de outro grupo religioso.
6. Cultivarei a cortesia e o amor cristão no lar, na igreja e na sociedade, jamais deixando-me influenciar por preconceitos.
7. Não serei demasiadamente exigente para com os líderes de minha igreja.
8. Não serei intransigente em meus pontos de vista, a não ser que esteja em jogo alguma questão fundamental de doutrina.
9. Respeitarei todas as casas em que entrar.
10. Sob circunstância alguma não violarei segredos que me forem confiados.
11. Serei imparcial no meu pastorado, quer em casos de problemas, quer na atenção para com os membros de minha igreja. Evitarei, também, qualquer identificação com partidos políticos.
12. Normalmente, não deixarei meu pastorado sem prévio conhecimento da igreja.
13. Não me ausentarei do campo sem notificar a igreja ou sem a sua permissão.
14. Não assumirei compromissos financeiros pela igreja sem a sua autorização.
15. Sob hipótese alguma, não usarei o dinheiro para fins pessoais, sem a autorização da mesma, ainda que seja com intuito de repô-lo brevemente.

III. Meu Relacionamento com Meus Colegas

1. Não criticarei, sem amor, sem necessidade e sem conhecimento, meus colegas, inclusive o meu precedecessor.
2. Evitarei freqüentes visitas e correspondência epistolar ao campo de trabalho ou igreja de onde me retirar.
3. Revelarei espírito cristão a predecessores aposentados que permaneçam em suas antigas igrejas.
4. Não subestimarei colegas que tenham feito curso abreviado de teologia ou mesmo nenhum curso.
5. Não subestimarei meu colega por causa de preconceito racial.
6. Terei sempre atitude respeitosa para com meus colegas idosos.
7. Ao discordar de meus colegas, fá-lo-ei com elegância e amor.
8. Cooperarei com meus colegas na medida do possível.
9. Não farei proselitismo de membros de igreja de meus colegas.
10. Não me intrometerei em assuntos da igreja do meu colega.
11. Não aprovarei a aceitação de membros eliminados bíblicamente por outras igrejas, salvo se for impossível a prévia reabilitação dos mesmos pelo desaparecimento das suas igrejas.
12. Não pastorearei uma igreja que não seja bíblicamente constituída.

13. Farei o possível para enviar com brevidade pedidos regulares de carta.

14. Não considerarei nenhum convite para pastorear uma igreja cujo pastor ainda se encontre à frente da mesma, salvo se acompanhado do expresso apoio do referido pastor.

15. Não aceitarei convites para realizar casamentos ou dirigir cerimônias fúnebres na igreja de meu colega, ou de membros de sua igreja em minha igreja, sem sua aprovação, a não ser em caso de emergência.

16. Não pregarei na igreja de meu colega sem ser por ele convidado ou sem sua aprovação.

17. Terei a maior prontidão em prover o pagamento de despesas de qualquer colega que for convidado por mim ou por minha igreja para prestar a sua colaboração, bem como serei cuidadoso em recompensá-lo generosamente.

18. Abrirei mão de qualquer vantagem financeira que me seja assegurada, toda vez que, voluntariamente, solicitar a alguém que realize por mim a tarefa que era minha, transferindo para o mesmo a remuneração prevista.

19. Mostrar-me-ei pronto a receber conselhos e repreensão, seja de meus colegas de ministério ou de meus irmãos não ministros, toda vez que minha conduta for julgada repreensível.

20. Não passarei adiante qualquer notícia desabonadora a meu colega sem estar absolutamente certo da veracidade do rumor. Mesmo que a notícia seja verdadeira, não a divulgarei como mexeriqueiro.

21. Não terei inveja do ministério fecundo do meu colega; antes orarei para que Deus continue a abençoá-lo.

22. Orarei pelo bom êxito não só do meu como do trabalho do meu colega.

23. Minha relação com missionários batistas de outras terras que cooperam com a Convenção Batista Brasileira será franca e leal.

24. Darei a minha cooperação leal à seção da Ordem dos Ministros Batistas do estado em que me encontrar trabalhando.

IV. Meu Relacionamento Com a Denominação

1. Serei cuidadoso no tocante à consagração formal de novos obreiros, recusando-me a participar de qualquer concílio que não se cingir, neste particular, às exigências bíblicas e ao bem-estar da Causa em geral.

2. Não recomendarei a qualquer campo ou igreja um obreiro de cuja idoneidade eu não esteja convencido.

3. Serei porta-voz das doutrinas batistas.

4. Cooperarei, da melhor maneira possível, com a Convenção Batista Estadual e com os seus órgãos representativos.

5. Serei leal apoiador do programa da Convenção Batista Brasileira, particularmente do Plano Cooperativo.

6. Não comprometerei minha lealdade à Convenção Batista, cooperando indevidamente com outros movimentos religiosos.

7. Não censurarei, sem base, instituições de Convenção Batista Brasileira nem as da Convenções Estadual.

8. Colaborarei para a divulgação do órgão da CBB, *O Jornal Batista*.

9. Participarei, havendo possibilidade, das assembléias da Convenção Batista Brasileira.

10. Incentivarei minha igreja a cooperar com a Aliança Batista Mundial, particularmente no seu dia especial.

11. Ignorando ofensas pessoais, porei sempre em primeiro lugar os interesses da Causa.

29

O PASTOR E SEU FICHÁRIO

Werner Kaschel

29.1 — Divisão do Fichário

Divisões sugeridas, na ordem de importância:

1. Fichário por *assuntos*, em ordem alfabética, cabendo uma ficha para cada assunto. Ex.: fé, unionismo, pastor etc.

2. Seção de *exegese* com divisão para os 66 livros da Bíblia. As fichas vão sendo preparadas à medida que forem sendo fichadas as referências às passagens bíblicas.

3. Seção de *referências biográficas*, em ordem alfabética. Podem-se dar três linhas para cada nome. É conveniente considerar primeiro o sobrenome. Ex.: Hugo, Vítor.

29.2 — As Fichas

1. O tamanho 15cm X 10,5cm parece ser o melhor.

2. Não convém usar fichas de cores diferentes.

3. Escrever o assunto bem no alto, no canto esquerdo da ficha, pois isso facilita a busca.

4. Indicar, na ficha, com clareza, a origem da referência. Não é conveniente, por exemplo, escrever apenas o número do livro, seguido da página da referência. Ex.: N° 127, 17. Que livro é esse? É melhor escrever o título abreviado: *Prin. de Sociol.*, 17.

5. A referência a envelopes pode ser feita assim: 17.1.

29.3 — Modo de Arquivar o Material

1. Recortes

a) Recortes maiores ficam em envelopes, preferivelmente de 23cm X 15cm, numerados. Convém dedicar envelopes a assuntos gerais, de modo que se agrupem num envelope recortes sobre matérias correlatas. Ex.: Avivamento, Bíblia, Catolicismo, Ecumenismo, Controvérsias, Educação Religiosa, Espiritismo, Exegese, Filosofia,

História, Ilustrações, Literatura, Missões (Mundiais, Nacionais, Estaduais), Psicologia, Programas, Referências Biográficas, Sermões, Sociologia e Política, Teologia Pastoral, Vida Cristã e Ética — ao todo, 23 envelopes.

Os recortes levam o número do envelope e o de ordem e, por fora, constam seus títulos e autores.

b) Recortes menores podem ser colocados em cadernos de espiral, em seguida sendo numeradas as páginas. A referência será feita assim: *Espiral I, 25*.

c) Quem não desejar usar fichas poderá colocar os recortes em pastas suspensas, tamanho ofício, guardadas em arquivo de aço. O arquivo recomendável é o que tem duas gavetas de 45cm X 16cm e três gavetas de 45cm X 30cm; ou, então, quatro gavetas de 45cm X 30cm. As pastas terão títulos gerais, como, por exemplo: Aconselhamento, Apologética, Arqueologia, Avivamentos, Batistas, Bíblia, Boletins de Igrejas, Catolicismo, Comunicação, Comunismo, Controvérsias, Crescimento da Igreja, Crianças, Culto, Dinâmica de Grupo, Divórcio, Eclesiologia, Ecologia, Economia, Ecumenismo, Educação Religiosa, Espiritismo, Estatutos, Ética, Evangelismo, Exegese, Família, História Eclesiástica, Ilustrações, Macumba, Ministério, Missões, Música-Hinos, Psicologia, Rádio, Recreação, Referências Biográficas, Seitas, Sermões, Sociologia e Política, Teologia, Urbanização, Vícios, (alcoolismo, drogas, fumo), Vida Cristã.

2. Revistas e Jornais

a) Revistas colecionáveis. Ex.: *Revista Teológica, Administração Eclesiástica* etc.

b) Revistas recortáveis e jornais. Ler e recortar logo em seguida ou pelo menos marcar os artigos. É importante colocar sempre a data e o nome do periódico e a página. Ex.: *O Jornal Batista, 24/12/78, p.3*.

3. Livros

a) Livros próprios. Ao ler, marcam-se os trechos a serem fichados, colocando-se à margem a *palavra-chave* para a ficha.

b) Livros de outrem. Às vezes, é conveniente copiar trechos; outras vezes, basta indicar a referência. Em certos casos, cópia xerox.

4. Produções próprias

Arquivem-se em classificador de tamanho grande, usando-se folhas de tamanho ofício.

29.4 — A Mobília

1. A secretária (mesa) deve ter as gavetas feitas de acordo com o tamanho das fichas e envelopes.

2. A máquina de escrever exige mesa separada.

3. As estantes sejam abertas. Largura das prateleiras: 35cm X 30cm; altura de 26cm, em média.

29.5 — Sugestões Finais

1. Fichar sempre, sem desanimar. Pode-se começar o fichário a partir do 3º ano do curso teológico.

2. Não permitir que o atraso emperre o andamento do trabalho. O atrasado pode ficar para trás: vá fichando as novidades.

3. Antes de fichar qualquer coisa, perguntar: *Isto tem valor permanente?*

29.6 — A Informática a Serviço do Senhor

Sebastião Carlos Baptista

A informática é um grande auxílio administrativo, principalmente na sua utilização para o crescimento espiritual do corpo de Cristo. Um sistema de administração eclesiástica propõe-se a integrar todos os procedimentos administrativos da igreja, agilizando e aperfeiçoando o fluxo de informações de forma a fornecer à mesma, como também à liderança e aos pastores, condições necessárias para o bom desempenho de sua missão. Permite coordenar as atividades administrativas, poupando tempo e mão-de obra dos membros, ajudando na racionalização de tarefas, fornece inúmeras informações de diversas formas, possibilitando um controle eficiente, tomada de decisão e uma administração material e espiritual produtiva.

Jesus utilizou métodos de *marketing* para ganhar almas e edificar seu povo. O computador é uma das muitas ferramentas de *marketing* que também serve, em nossa época, para auxiliar no ganho de almas e edificar o povo de Deus.

Ela é ferramenta estratégica para melhorar o desempenho das empresas e aumentar a competitividade como temos assistido no mundo dos negócios. Como um bisturi, que nas mãos de um médico cura e nas mãos de um assassino mata, podemos afirmar que a informática no Senhor é uma estratégia para melhorar o desempenho dos regenerados pelo sangue de Jesus e assegurar a vitória na competitividade de Satanás na batalha espiritual.

A implantação de sistemas baseados em microcomputadores exige tempo e aprendizado. O importante é tomar decisão de vencer o desafio e absorver essa nova tecnologia para honra e glória do Senhor. Uma verdadeira questão de prioridade ou escala de valores dentro do Reino do Mestre. As chances de sucesso são enormes quando não se cometem erros clássicos ou considerados primários por quem já venceu o desafio. A vitória sempre será certa quando elaborado um estudo por profissionais da área, para evitar investimentos errados e irreversíveis.

Por que esta ferramenta é poderosa?

Algumas das muitas razões são: rapidez na realização de atividades, fornecimento de maiores e melhores informações precisas para levantar as necessidades e potencial da igreja, solucionar problemas de espaço físico e grandes volumes de papéis, ter todos os setores, principalmente a secretaria e a tesouraria, sempre atualizados e disponíveis a quem se destinam; pesquisa ou estatística, utilizando informações com um dado simples para ter respostas mais genéricas e abrangentes, ou então cruzando com outros dados para ter resposta definidas e específicas etc.

Vamos agora abordar exemplos de edificação espiritual e uma administração produtiva como mordomos que somos dos talentos que Deus nos dá.

Edificação Espiritual

Os dados dos convertidos ontem são colocados no computador e emitida uma listagem hoje de todos os membros da igreja com o mesmo perfil do novo convertido,

listagem esta encaminhada para o departamento de evangelismo com cópia para o pastor. Exemplo: o novo convertido tem as seguintes características, ou o seguinte “perfil”: masculino, 35 anos, casado, pedreiro, filhos e mora num determinado endereço. A melhor forma de edificar essa nova criatura é convidar um dos membros da igreja com características similares e próximo à sua residência que aceite acompanhá-lo em oração, visitação e estudo da palavra de Deus. Este processo pode iniciar-se na semana seguinte à sua conversão.

- Aniversariantes e enfermos serão lembrados por meio de mala-direta, automaticamente, ou seja, correspondência do pastor e/ou organização são expedidas com agilidade e rapidez.
- Correspondência ou tipo de trabalho com os familiares não-crentes de membros da igreja, por exemplo: carta parabenizando pelo aniversário, o compartilhar em oração por enfermidade, um convite especial no mês do lar etc.
- Com o cadastro de novos convertidos e visitantes, podemos fazer correspondência e/ou desenvolver estratégia para os membros da igreja trabalharem animados, porque vêem resultados do seu próprio esforço.
- Relatórios impressos e atualizados.
- Cadastramento e controle no multiministério.
- Desenvolver e realizar pesquisas em nível de organização, departamento e igreja para perceber fraquezas e acentuar pontos fortes.
- Organização da biblioteca da igreja
- e tantas outras possibilidades.

Edificação Material

- Área financeira: controle de entrada de dízimos e ofertas semanais/ mensais para tesouraria e secretaria, contas a pagar, orçamento, balanço mensal/ anual etc.
- Área administrativa: manutenção do cadastro geral e outros, cartas, boletins, serviços burocráticos, calendário, pauta de reuniões, confecção de cartazes e convites, organograma etc.
- Área ministerial: manutenção do cadastro da EBD, cadastro de visitantes e novos convertidos, controle dos trabalhos de evangelismo, gerenciamento do trabalho de seminaristas, agenda pastoral, visitas, sermões etc.

Diante do exposto, incentivamos o leitor a dar os primeiros passos para a implantação da informática na igreja, procurando um especialista de confiança para assessorá-lo. Este deverá ajudá-lo na compra dos equipamentos e implantação do sistema.

Depois, é preciso sempre buscar atualização. Diariamente surgem novidades nessa área. São muito úteis as consultas a jornais, revistas e especialistas.

A informática é certamente um instrumento valioso a ser utilizado para edificação e crescimento da igreja. Vale a pena o esforço para entrar na era da informática.

O PASTOR E A SUA CLÍNICA PASTORAL

30.1 — Clínica Pastoral

A clínica pastoral compreende a obra de visitação que o pastor empreende. Nas visitas, ele pode tomar conhecimento do estado das ovelhas.

O ministério da visitação é de grande proveito não só para o próprio pastor. Muitos dos seus sermões surgem como consequência das visitas feitas.

A clínica pastoral, além de contribuir para o fortalecimento dos crentes, contribui para o progresso da igreja, e enriquece as experiências do pastor.

Jesus Cristo foi um visitador. Que bem não faziam suas visitas à casa de Lázaro, Maria e Marta!

Mas o pastor precisa aprender a arte de visitação. Alguns visitam demais e descaram do púlpito e de outras partes importantes; outros dão pouco valor à visitação e se aplicam muito às mensagens. *Modus in rebus*, já diziam os latinos. Haja, portanto, moderação em tudo.

Os tipos de visitas são variáveis: 1) para fortalecimento de crentes enfraquecidos na fé; 2) para consolar a família que perdeu algum ente querido; 3) para conforto a algum membro que se acha enfermo; 4) para trazer algum interessado à igreja; 5) para atender a algum imperativo social etc.

30.2 — As Visitas e a Ética

Ao realizar visitas, o obreiro deve portar-se com muita sabedoria. Primeiro, com respeito às conversas. É melhor ouvir mais que falar. Alguns perdem o controle e acabam por falar coisas que os comprometem. Segundo, deve guardar sigilo das confidências que lhe fizerem; terceiro, deve buscar um horário em que o esposo esteja em casa; quarto, deve dirigir a conversa em torno de assuntos de ordem espiritual. Deve orar, ler a Bíblia, aconselhar, ensinar, elogiar (se for o caso) e cantar um corinho ou algum hino bem expressivo.

As visitas não serão feitas somente a lares, mas também aos hospitais, aos presídios etc.

Nessa clínica, o pastor, como hábil médico espiritual, deverá diagnosticar o mal e apresentar a terapêutica correta. Se a visitação não for feita com sabedoria, o visitado terá a mesma decepção que se observa nos doentes que vão aos consultórios médicos e voltam desanimados.

Desenvolver a clínica pastoral com perícia, com esmero, com devoção deve ser a paixão de todo obreiro, porque dela vai depender grande parte de seu sucesso pastoral.

30.3 — Audiências Pastorais

Pastores que lideram igrejas grandes não têm tempo para realizar visitação de casa em casa. Se quisessem dedicar-se à visitação, não fariam outras coisas, pois só a visitação lhes tomaria todo o tempo.

Para solucionar este problema, eles têm um dia de audiência pastoral. Os crentes vão ao gabinete pastoral e ali expõem ao pastor os seus assuntos, seus problemas. O pastor deve dispor de um fichário. Quando é uma igreja que tem uma secretária paga, que trabalha diariamente, ela procurará a ficha, que trará todos os informes sobre o consulente.

O pastor, após ouvir o crente, já terá o seu diagnóstico. Como sempre, o problema é de ordem espiritual. Com a Bíblia aberta, o pastor irá lendo os textos apropriados. Dará seus conselhos e admoestação. Depois orará.

O crente, ao receber a palavra abalizada do pastor, e fundamentada na Bíblia, sairá da audiência com a alma bem alegre.

A duração da audiência dependerá do caso, do problema. O pastor, como o médico, ou ainda melhor que ele, deve guardar sigilo do que lhe foi contado. Há crentes que abrem suas almas ao pastor como que num desabafo e procuram alguém que lhes possa servir de confidente. O pastor deve ter paciência para ouvir, pois alguns se sentem bem depois que derramam o que estava no coração. Esta é uma boa terapêutica.

O pastor poderá registrar na ficha particular do crente, em forma de código, ou mesmo escrever os problemas. Assim ficará conhecendo melhor sua ovelha. Em nova audiência, já terá elementos para melhor se orientar quanto ao aconselhamento.

31

O PASTOR E OS LIVROS

A Bíblia faz muitas referências a livros, ela que é o livro por excelência. Recomenda, com empenho, a obrigação de ler. É verdade que os autores bíblicos apontam para a leitura das Sagradas Letras. Jesus perguntou a certo doutor da lei: “Como lê?” O profeta Isaías aconselha: “Buscai no livro (...) e lede” (Is 34.16).

Já na Segunda Epístola a Timóteo, Paulo solicita dele: “Quando vieres traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos” (2Tm 4.13).

Sugerem alguns que a palavra grega traduzida por capa pode significar também uma caixa própria para guardar livros. Mas teria ele pedido a caixa separadamente dos livros? Eis o problema.

Por livros aqui são “designados os escritos traçados no papiro, e que se usavam para a leitura pública. Os pergaminhos eram folhas que serviam para escrever nelas o que se desejava. Têm esse nome porque se fabricavam em Pérgamo ou tinham sido invento de Ítalo, rei desse lugar”.

O fato é que o apóstolo os estimava muitíssimo. Estas citações abonam nossa assertiva de que o pastor deve ser um homem dedicado à leitura.

Camões escreveu:

“Lia Alexandre a Homero de tal maneira,
Que sempre se lhe sabe à cabeceira” (*Os Lusíadas*, Canto V, 96-98).

Se um homem conquistador era assim amante da leitura, quanto mais o pastor, cujas ferramentas são os livros e cujo código é a Bíblia.

O exímio poeta Castro Alves, em sua magistral poesia “O Livro e a América”, demonstra o valor incalculável dos livros, e canta:

“Oh! Bendito o que semeia
Livros... Livros à mão cheia...
E manda o povo pensar.
O livro, caindo nalma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar”.

31.1 — Por Que o Pastor Deve Aplicar-se à Leitura de Bons Livros?

31.1.1 — Para aumentar seu cabedal de conhecimento

O pastor, mais que qualquer outro homem, deve procurar aumentar, dia a dia, seu cabedal de cultura. Ele não pode ficar confiado só no que aprendeu e leu nos dias de seminarista.

A cultura não é estacionária. Ela é dinâmica, evoluindo passo a passo.

Lembro-me do que contou o Dr. Christie, em 1942, quando pregava em Campos, num culto em ação de graças pela formatura dos bacharéis em Ciências e Letras. Dizia ele que havia, na América, um psicólogo notável, mas que foi caindo, pouco a pouco. Que seria? Passaram-se os anos, e o psicólogo, que não se entregara aos estudos por muitos anos, foi verificar a causa do desprezo: a psicologia que ele conhecia estava com 20 anos de atraso.

31.1.2 — Para tornar-se um exemplo, principalmente para os jovens

Os jovens estão procurando paradigmas. Se o pastor é um homem ávido de cultura, eles o imitarão. Oxalá fossem todos os pastores exemplos de como estudar.

A juventude medíocre, que busca apenas passar de ano, teria no obreiro um exemplo máximo, se ele fosse considerado um pastor estudioso.

31.1.3 — Para ter maiores oportunidades de servir

Quanto mais preparado for o obreiro, tanto maiores serão as oportunidades que se lhe defrontarão para servir à Causa.

Não teria Moisés realizado a tarefa que lhe foi consagrada se não fosse um homem preparado. Diz a Bíblia que ele era “instruído em toda a sabedoria dos egípcios” (At 7.22).

Ricciotti (*Los Hechos de los Apostoles*), *in loco*, comenta:

Era muito natural que Moisés adentrasse na sabedoria dos egípcios; mas sobre este particular a Bíblia nada diz, enquanto a tradição rabínica é bastante eloquente, ao ponto de afirmar que filósofos como Pitágoras, Sócrates e Platão adquiriram suas doutrinas da sabedoria de Moisés, de que inclusive poetas como Hesíodo e Homero dependem em parte.

O fato é que, se Moisés não tivesse recebido a grande cultura no Egito, não poderíamos dizer que teríamos uma obra monumental como é o livro de Gênesis.

Isaías é outro exemplo. “Tomou parte proeminente” — como observa Crabtree — “nas crises políticas e religiosas de Judá durante o seu ministério, e assim ganhou fama bem merecida como o maior estadista da época, se não do Antigo Testamento. É certamente o mais poderoso profeta do Antigo Testamento.

Nas pregações, bem como nas obras e nas atividades proféticas, ele sempre se apresenta como o mais alto exemplo de cultura de Judá” (*A Profecia de Isaías*, p.281).

Paulo é o exemplo máximo de cultura no Novo Testamento. Qual o escritor neotestamentário que recebeu educação esmerada como ele? Nenhum. Ele seria assim preparado para ser “um vaso de bênçãos aos gentios”.

A metade dos escritos do Novo Testamento saiu de sua rutilante pena. Não fora ele um homem de tanta cultura e talvez não tivesse realizado o que realizou.

Em suas cartas enxameiam-se ensinamentos profundos sobre vários assuntos. Diz Stevens que “nenhum homem exerceu tão poderosa influência sobre o pensamento e vida da igreja primitiva como o apóstolo Paulo” (*The Pauline Theology*, p. VII).

31.1.4 — Para manter uma influência em geral

O pastor que estuda sempre lidera mais facilmente e esta liderança se estende não só no círculo da paróquia, da Denominação, mas até mesmo na sociedade. Um ministro culto é respeitado nas camadas intelectuais. Procuram-no para ouvir dele sobre vários assuntos, convidam-no para tertúlias, conferências sobre assuntos de relevante atualidade, simpósios, seminários etc.

H. Harvey opina:

Os ministros, por sua posição, são líderes naturais do pensamento religioso. Para merecer respeito, devem ser homens de atividade e força mental e devem estar à frente, no pensamento, daqueles que os cercam. Além disso, nenhuma outra profissão é tão pesadamente sobrecarregada por esforço mental. O Senado, o Tribunal, o palanque ocasionalmente, exigem maiores esforços do intelecto. Mas o público requer semanalmente sermões esmerados. Devem ter novidade, originalidade, força, ou o pastor perde sua influência sobre o povo. E este exaustivo esgotamento em suas fontes continua firme ano após ano. Nenhum homem pode preencher tais exigências sem estudo constante e sério. Ele deve crescer sempre. Seus processos mentais devem pô-lo incessantemente ativo, introduzindo-o em novos reinos de investigações, reunindo novos materiais para pensamento, aumentando sua disciplina e tornando-o um homem mais amplo, mais rico, mais profundo.

C. H. Spurgeon, o Príncipe dos Pregadores, entregou-se de corpo e alma aos estudos, tornando-se uma figura distinguida na Inglaterra.

A. S. Rodrigues y Garcia (*Biografia de Spurgeon*, prefácio p. 11) narra:

Diz-se que, numa escola da Inglaterra, em um dos exames, um mestre, já adiantado em idade, perguntou a um menino de poucos anos, mas de olhos faiscantes: “Quem é o primeiro ministro da Inglaterra?” e o garoto, com grande prontidão e espírito de suficiência, respondeu: “Spurgeon”, confundindo-o, assim, com o célebre estadista Gladstone. Isto, que aparentemente não tem importância, patenteia, contudo, a enorme popularidade daquele homem eminente, que ascendera ao posto mais elevado da fama e que, na realidade, foi o “primeiro ministro da Inglaterra, não no sentido político, senão no evangélico, que vale infinitamente mais”.

31.2 — Fatores Que o Impedem de Ler

Lamentavelmente, há pastores que não lêem quase nada, esquecendo-se de que a leitura é para o espírito o que o pão é para o corpo. A leitura alimenta, nutre, fortifica, ilumina.

Muitos, porém, não desfrutam do convívio com os livros, por vários motivos. Vejamo-los:

31.2.1 — Falta de tempo

Estão muitos pastores desnecessariamente sobrecarregados com muitos quefares, que os impossibilitam de ler. Devem aprender uma disciplina de tempo em que somos duros com nós mesmos por motivo da nobre Causa a que servimos. Devemos

aprender a distinguir entre o simplesmente bom uso do tempo e o muito melhor uso do tempo e devemos aprender a viver nossas vidas diárias em capítulos.

“Aconselhar é uma boa coisa, mas, se aconselharmos o dia todo, chegaremos ao ponto em que não teremos nada de realmente importante para dizer àqueles que procuram nosso auxílio espiritual. Comparecimento a almoços é bom, mas é tão fácil comparecer a tantos que os livros que nos tornariam mais eficientes jazem, em casa, com suas folhas por cortar. O ministro sábio fará muitas coisas, mas fá-las-á em tempos diferentes e estará especialmente interessado, a fim de que o trivial não domine tanto a situação a ponto de não deixar tempo para o que é mais profundo.

“Dificuldade maior, neste ponto, é a de separar-se daquilo que parece necessidade humana. Não é uma coisa má tirar o telefone do gancho quando pessoas necessitadas poderiam chamar? Não é rude e cruel ir ao sótão estudar quando homens e mulheres procuram conselhos? Felizmente, ao tratar desta questão, temos não somente boas razões para justificar-nos, mas também o exemplo conhecido de Cristo. Sabemos que houve ocasiões em que ele não estava sendo desleal para com o povo com essa retirada, mas muito mais leal, porque poderia voltar revigorado. Auxilia-nos também, nestes problemas, se encararmos francamente o fato de que muitas tarefas que solapam nossas energias e destroem hábitos de estudo não são de modo algum importantes.

“Membros de inumeráveis igrejas usam seus pastores para deveres triviais porque consideram os pastores facilmente disponíveis e pagos para tais propósitos. Os membros têm grande responsabilidade em aprender a saber quando não telefonar.”

31.2.2 — Preguiça

Parece inacreditável que isso aconteça, mas é uma triste realidade. Há obreiros que não lêem por preguiça. Sobra-lhes tempo e eles o gastam em muitas coisas, menos em leituras.

A preguiça mental leva o ministro ao descrédito. O pastor, pela natureza de sua missão, deve ser o homem mais dinâmico de sua época.

Cada tipo de profissão tem seus instrumentos. O ministério, encarado como profissão, tem seus instrumentos. O ministro deve usar com sabedoria seus instrumentos, que são os livros.

Deverá encarar o tempo como aquele beduíno que se queixava de ter perdido naquele dia a sua mais preciosa pérola, embora estivesse seu animal carregando muitas pérolas. Ao perguntarem-lhe a razão da queixa, ele confessou: “A pérola mais preciosa que perdi foi o tempo que foi hoje perdido.”

O exímio poeta Olavo Bilac deixou, em versos magníficos, o valor do tempo:

“Trabalhai, porque a vida é pequena,
E não há para o tempo demoras.
Não gasteis os minutos sem pena,
Não façais pouco caso das horas.”

O sábio Salomão advertiu: “O preguiçoso não apanha a sua caça; mas o bem precioso do homem é para o diligente” (Pv 12.27).

Ainda e o mesmo Salomão quem diz: “O preguiçoso deseja, e coisa nenhuma alcança; mas o desejo do diligente será satisfeito” (Pv 13.4). O preguiçoso é enca-minhado à formiga, a fim de ver se com ela aprende a diligência (Pv 6.6).

Um adágio diz que a preguiça é mãe de todos os vícios. E não será por isso que há muita maledicência? Tempo demais mal canalizado é um perigo.

Diziam os latinos: *Difficilis in otio quier* (É difícil repouso no ócio).

Sêneca declara: *Otium sine litteris mors est et hominis vivi sepultura* (O ócio sem preocupações intelectuais é morte e sepultura em vida” — Ep. 82).

Paulo aconselha-nos a remirmos o tempo, porque os dias são maus.

31.2.3 — Falta de recursos financeiros

Obreiros há que gostariam de se aplicar aos estudos, mas as condições sócio-econômicas não os favorecem.

O Dr. Manoel Avelino de Souza, em seu livro *O Pastor*, p. 48, declara:

Outra barreira, e talvez a maior, é a insuficiência financeira! Um pregador, às vezes, com uma prole numerosa, ganha o necessário para não deixar os filhos sem o pão de cada dia e, às vezes, nem isso.

Como aumentar sua biblioteca? Não pode comprar um livro barato, quanto mais as obras de mais valor no seu campo de estudo! Esta é de fato a maior barreira. E parece que as igrejas não se impressionam com este fato: algumas acham até que um livro na mão do pregador é objeto de luxo; bastam a Bíblia e o *Cantor Cristão*; e o que se quer, e para que mais?

Quando as nossas igrejas compreenderão que ao ajudar seu pastor a formar boa biblioteca e dar tempo aos estudos, os resultados serão para elas como orvalho e chuva sobre as plantações, que as fazem crescer e frutificar no tempo próprio?! Isto não substitui o poder do Espírito, mas lhe serve de meio.

Felizmente já estamos notando que há igrejas que estão concedendo, aos seus pastores, além de um ordenado condigno, certa soma mensal para a aquisição de livros. Que esta prática seja imitada. Reconhecemos, no entanto, que perdurarão ainda por muito tempo as dificuldades neste sentido, pois a situação econômica do país contribui para isso.

31.3 — Conclusão

Há uma relação muito íntima entre pastor e livros. O pastor é o homem dos livros, pois, mais do que o professor e mais do que o advogado, ele compulsa diariamente livros que lhe servem de introdução à biblioteca em miniatura, que é a Bíblia, ou que lhe fornecem material abundante para ajudá-lo na apresentação de suas mensagens.

O professor lê para alimentar-se e para alimentar seus discípulos; o advogado lê livros que o ajudam na hermenêutica jurídica, na interpretação das leis. O pastor, no entanto, vai mais além; lê para alimentar-se, para inspirar-se, para fortalecer-se; lê para fortalecer os desanimados, para despertar vocações, para soerguer vidas, para dulcificar corações; lê para armazenar reservas intelectuais e espirituais, para combater heterodoxia, para ensinar a viver, para ensinar a morrer; lê para tornar-se perito na hermenêutica bíblica, para viver seus ensinamentos, para encarnar as doutrinas que expõe; lê para seu benefício pessoal, da família, da pátria e do mundo; para o presente e para o futuro, menos para sua honra e mais para a honra do Santo Ministério, tendo em vista que “bem-aventurado aquele que lê” (Ap 1.3), principalmente o Livro dos livros. Sobejavam razões a Melgar, ao dizer: “O homem que não lê é um naufrago que a corrente de ignorância arrasta ao abismo da infelicidade.”

O pastor, pela sua condição de líder, deve ser um apaixonado por livros. Não deve medir esforços para ler quantos livros puder. Ler coisa séria, que tenha relação com a Bíblia, que o ajude a desempenhar, com galhardia, sua tarefa.

Rui afirmou: “Se me fossem oferecidas todas as coisas do mundo em troca do meu amor aos livros, desdenhosamente as repeliria.” O pastor precisa ter amor assim pelos livros.

Deverá esforçar-se para ler, pelo menos, um livro por mês. Assim estará aumentando seu cabedal e formando, lentamente, uma preciosa biblioteca. Encontrará, no livro, como definiu o ínclito Vieira, “um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive”.

O pastor que lê sempre se impõe, é respeitado, como diz o adágio: *Timeo hominum unius libri* (“Temo o homem de um só livro”), porque todas as suas lucubrações, todos os seus esforços colhidos em outras leituras convergem para a Bíblia, o Livro dos livros, cuja leitura tem trazido incalculáveis benefícios ao progresso dos povos.

Oxalá todos os ministros ouvissem a exortação paulina: “(...)aplica-te à leitura...” (1Tm 4.13). Praza a Deus que todos nós nos tornemos apologistas ardorosos da boa leitura e estejamos cômicos de nossa responsabilidade como o grande vate Castro Alves assinalou:

“Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão(...)”

RESUMO HISTÓRICO DOS BATISTAS

Todas as Denominações têm as datas fixas de seu início e o nome do seu fundador. Tal, porém, não acontece com a Denominação Batista. Em virtude disso tem havido algumas conjecturas e controvérsias no sentido de buscarem apresentar a origem real desse povo.

Os batistas mesmos não se preocupam com o aspecto sucessório de apostolicidade como o fazem os católicos e outros grupos.

Algumas teorias há a respeito da origem dos batistas:

1. Seqüência ininterrupta

Essa teoria apegase a três jotas (JJJ): Jerusalém, Jordão, João. Tratam a história dos batistas a começar com João, o Batista, batizando no rio Jordão. Daí veio a batizar Jesus, que escolheu 12 apóstolos e enviou-os a pregar. A primeira igreja foi organizada em Jerusalém. Os que defendem esse ponto de vista dizem que os batistas vêm desde os tempos de João, o Batista, em linha ininterrupta. Essa posição é defendida por homens como Thomas Crosby, em sua *História dos Batistas Ingleses* e o Dr. J. M. Carrol, em sua obra *O Rastro de Sangue*, opúsculo que foi muito difundido no Brasil pelo missionário McNealy, na década de 50.

2. Os Batistas são originários dos anabatistas do século 16

Houve alguns tipos de anabatistas e todos propugnavam pelo batismo bíblico. Daí terem sido acusados de rebatizadores. Os batistas atuais seriam descendentes dos anabatistas moderados, grupo que não era dado ao fanatismo. Thomas Armitage, em sua obra *História dos Batistas*, e A. H. Newman favorecem essa opinião.

3. Os Batistas são originários dos chamados separatistas ingleses

Houve, na Inglaterra, um grupo bem grande de crentes que não se conformava com o *status quo* religioso. O Estado e a Igreja eram ligados. Eles se opunham a isso e à maneira como a religião oficial procurava violar suas consciências. Foram

chamados separatistas ou, também, não-conformistas. Eles sustentavam que o batismo era só para os regenerados.

A. H. Strong e H. C. Vedder afirmam que a melhor via para encontrar o início dos batistas na história é buscá-los entre os separatistas ingleses. E o próprio Vedder sustenta que depois de 1610 já há uma sucessão ininterrupta de igrejas batistas. Os historiadores do porte de Lattourette e Torbet perfilham esse ponto de vista.

Mas há nas três teorias algo de aproveitável. A primeira, por exemplo, quer ver, em cada grupo que surgia, combatendo os erros da igreja católica, desde o princípio, como os messalianos, os montanistas e eutiquianos (do primeiro e segundo séculos), os novacianos (do terceiro, quarto e quinto séculos), os donatistas (do quarto século), ou os paulicianos (do sétimo século), os paterianos (do décimo século), os albigenses, os valdenses, os cátaros, os pobres de Lião, os vaudois (no século 11), sim, em cada um desses grupos citados não se pode dizer que esses fossem conhecidos pelo nome batista, mas os princípios que esposavam são os mesmos que têm caracterizado os batistas. Eis alguns dos princípios que sustentavam: 1) liberdade de culto e de consciência; 2) combatiam a prática do pedobatismo, isto é, o batismo de infantes; 3) a Bíblia é a única regra de fé e prática religiosa; 4) rejeitavam a autoridade papal e combatiam o direito que os reis se arrogavam de poderem interferir em assuntos de cunho puramente religioso; 5) só reconheciam como batismo o que era praticado por imersão e, para pertencerem à membresia da igreja, teriam os candidatos que professar a fé, dando testemunho de sua regeneração.

Nem todos os grupos citados esposavam todos estes princípios ao mesmo tempo. Uns esposavam algum dos citados; outros esposavam outros dos princípios referidos.

32.1 — Os Batistas na Inglaterra

Por não se conformar com a Igreja da Inglaterra, que era, e é, ligada ao Estado, John Smith teve que emigrar, com um grupo, para Amsterdam, na Holanda, em 1602. Ele tivera dúvidas sérias a respeito da validade do batismo infantil. Daí ter procurado ser batizado novamente. Como ninguém quis batizá-lo, ele mesmo se batizou. Daí ter sido chamado de “self-baptist”. Na Holanda ele, Thomas Helwys e mais trinta e seis pessoas formaram a primeira igreja batista composta de ingleses, em 1608. Thomas Helwys e um grupo voltaram para Londres e, provavelmente em 1611, organizaram a primeira igreja batista em solo inglês. Smith tinha redigido, com Thomas Helwys, uma Declaração de Fé que enfatizava, entre outras coisas, as seguintes: 1) a Bíblia é a única autoridade em religião; 2) o batismo só é administrado a adultos; 3) a igreja deve ser separada do Estado.

Ficaram conhecidos como Batistas Gerais, em virtude de não aceitarem a doutrina da predestinação, como ensinada por João Calvino, que dá ênfase à predestinação só dos eleitos. Os Batistas Gerais ensinavam que cada pessoa é responsável pela sua decisão de aceitar ou rejeitar a salvação. Adotavam, nesse ponto, a teologia arminiana.

Surgiram, em 1633, na Inglaterra, os “Batistas Particulares”, com John Spilburry, que adotaram a doutrina calvinista da predestinação. Para eles, Cristo não morreu por todos os homens, mas só pelos eleitos.

Porque deram ênfase à predestinação, passaram a condenar a atividade missionária. Ensinavam que Deus mesmo enviaria aos povos sem o evangelho os missionários que ele desejasse levantar. Nesse sentido, estavam coerentes com o que criam, mas

não certos conforme o teor geral da Palavra de Deus, que diz que quer que todos se salvem.

32.2 — Os Batistas na América do Norte

Os Pais Peregrinos (*Pilgrim Fathers*) viajaram no navio *Mayflower* em demanda às terras americanas, fugindo à perseguição que lhes era movida na Inglaterra pela Igreja oficial e desembarcaram nas costas do atual estado de Massachusetts, em 1620.

Em chegando às terras norte-americanas eles se sentiram bem livres. Ao invés de darem liberdade para todas as religiões, eles se tornaram intolerantes. A pessoa que não professasse, na colônia que eles organizaram, a mesma religião estabelecida, a puritana, não poderia ficar ali. Eles instituíram a teocracia.

Quinze anos após a chegada dos *Pilgrims Fathers* na Nova Inglaterra, apareceu um jovem formado pela Universidade de Cambridge que, se sentindo perseguido na Inglaterra, viera buscar a liberdade na Colônia. Era Roger Williams, que aportou em Boston em 1631, quando estava com 24 anos de idade. Roger Williams não concordava com a união entre a Igreja e o Estado.

Ele foi condenado porque se opôs tenazmente quanto ao direito de que se achavam possuídos os magistrados de “infligir penas pelas faltas religiosas”.

Williams foi duramente condenado. Para se livrar da prisão, saiu, em pleno inverno, a procurar uma região, entre os índios, que comprou, para fundar uma colônia em que pudesse ter liberdade de consciência e para cultuar a Deus livremente, não só ele, mas todos, de qualquer credo religioso. Assim ele fundou a colônia, que recebeu o significativo nome de Providence.

Williams não estabeleceu tolerância, porém plena liberdade de consciência, pois entre tolerância religiosa e plena liberdade de consciência não há nem grau de comparação. Na colônia foi fundada a primeira igreja batista de Providence.

O Dr. John Clark foi outro que veio da Inglaterra por causa da perseguição que lhe moviam. Mas na nova colônia não achou a liberdade com a qual sonhava, pois o governo teocrático dos colonos não a tolerava. Clark era um homem muito culto que conhecia bem o grego e o hebraico. Formara-se em medicina na Inglaterra. Aí clinicou por algum tempo. Foi obrigado a mudar-se para a América em virtude de o perseguirem por sustentar ponto de vista religioso diferente do que a igreja oficial estabeleceria.

O pastor José dos Reis Pereira cita o historiador Vedder que declarou que John Clark “pulou do fogo para a frigideira”, pois a teocracia dos colonos não o deixou também em paz. Religiosamente eles eram congregacionais.

O Dr. Clark, no momento em que iam açoitá-lo, perguntou: “Que lei de Deus ou de homens eu tenho violado e pela qual devo ser açoitado, ou devo ser despojado no valor de duzentos dólares?” A autoridade lhe respondeu: “Você tem rejeitado o batismo infantil, e, por isso, merece a morte...”. Quando John Clark já se encontrava atado a um poste, com o corpo desnudo, para receber os açoites, surgiu um irmão que pagou a multa referida. Assim, ele escapou de sofrer os açoites.

Tal, porém, não aconteceu com seu companheiro, Obadiah Holmes. Os amigos tinham pago as multas aplicadas a Clark e a Crandall, livrando-os, assim, de receberem os terríveis flagelos. Quiseram também pagar a multa aplicada a ele. Mas ele não o consentiu. Por isso, foi amarrado ao poste, e, desnudo, recebeu trinta golpes das mãos do verdugo. Ficou ensangüentado. Os vergões eram profundos. Ele quase não suportou os ferimentos.

Além de William, Clark e Holmes, muitos outros sofreram atrozmente nas mãos das autoridades. Henry Dunster, que foi o primeiro presidente do Colégio de Harvard, em virtude de um problema de consciência não deixou que seu quarto filho fosse batizado. O batismo era para os que podiam crer e as criancinhas não tinham essa capacidade. Por esse motivo foi destituído do cargo. Não pôde nem continuar na casa. Não esperaram que encontrasse outra ocupação. Eram mesmo cruéis os da Nova Inglaterra.

Mas os batistas não esmoreceram. A influência deles foi grande nos Estados Unidos, principalmente na defesa da liberdade de consciência. A primeira emenda feita à Constituição Americana é obra dos batistas.

32.3 — Os Batistas no Brasil

Os norte-americanos intentaram começar o trabalho no Brasil em 1859, quando para cá mandaram Thomas Jefferson Bowen, missionário que tinha atuado na África e que, por motivo de saúde, fora transferido para o Brasil. Como ele conhecia a língua ioruba, pôs-se a evangelizar os escravos. Nada se sabe dos resultados de seu trabalho, que durou até 1861, quando teve de retirar-se de nosso país com a saúde novamente abalada.

A Guerra de Secessão nos Estados Unidos contribuiu para a vinda de batistas para o Brasil, pois tendo os sulistas perdido a guerra vieram para a nossa pátria muitos que não sentiam condições de continuar na América após a derrota. Como o Brasil abriu as portas à imigração, um bom grupo de norte-americanos se instalou na então Província de São Paulo, e outro grupo foi para Santarém, no Pará.

Os colonos, que pertenciam a várias denominações, procuraram, logo, organizar suas igrejas. O grupo batista organizou sua igreja no dia 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara. Já em janeiro de 1879 era organizada a segunda igreja batista, na localidade chamada Estação.

Essas duas igrejas foram as pioneiras, mas não conseguiram permanecer por muito tempo. O ilustre historiador Reis Pereira comenta:

Essas duas igrejas, com o tempo, desapareceram. Cumpriram sua missão e encerraram seus trabalhos. Eis por que nós os consideramos apenas como um marco, um estágio preliminar na história batista brasileira.

Em 1880 o casal W.B. Bagby foi enviado como missionário ao Brasil. Passaram quase um ano em Santa Bárbara. Lá se encontraram com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que tinha se tornado metodista. Estudando melhor a Bíblia, chegou à conclusão de que o ponto de vista dos batistas estava mais coerente com a Bíblia. Tendo aceito as doutrinas batistas, foi batizado, tornando-se o primeiro brasileiro a ser batizado. Quase um ano depois da vinda dos Bagby, veio o casal Zachary C. Taylor. Decidiram eles se mudar para a Bahia. Ali, no dia 15 de outubro de 1882, seria fundada a Primeira Igreja Batista do Brasil, que se compôs de William Buck Bagby, Anne Bagby, Zachary Clay Taylor e Kate Taylor e o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque. Era o pequeno começo. O trabalho começou a crescer. Sofreram muitas perseguições. Os batismos tinham que ser feitos bem tarde da noite, no mar, para não serem molestados. Bagby foi atingido por uma pedra, chegando a desmaiar. A marca lhe ficou. Era o seu emblema que podia ser exibido.

W. B. Bagby decide deixar Z. C. Taylor na Bahia e vai para a cidade do Rio de Janeiro. Ali, no dia 24 de agosto de 1884, organizou a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, com quatro pessoas: W. B. Bagby, Anne Bagby, Miss Mary O'Rourke e senhora Elizabeth Williams.

Nessa igreja ele teve o privilégio de batizar três jovens que vieram a ser colunas do trabalho batista no Brasil. São eles F. F. Soren, que veio a se tornar pastor da igreja em 1900, Teodoro Rodrigues Teixeira, que viria a ser redator, por anos, de *O Jornal Batista*, e Thomas da Costa, que foi secretário da Junta de Missões Estrangeiras. A terceira igreja a ser organizada no Brasil foi de Maceió. Antônio Teixeira de Albuquerque tinha retornado à sua terra natal, onde fora vigário. Ali pregou o evangelho. Os frutos apareceram, e, em 17 de maio de 1885, foi organizada a Primeira Igreja Batista de Maceió.

A quarta igreja foi organizada no Recife, por influência de Melo Lins, que trabalhou em Maceió com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque. O folheto que escreveu, "Três Razões Por Que Deixei a Igreja Romana", tinha sido muito divulgado e muitos que leram se convenceram do evangelho. Assim, no dia 8 de abril de 1886, se organizou a Igreja Batista do Recife.

Em julho de 1890 foi organizada a Igreja Batista de Juiz de Fora. Dali espalhou-se o evangelho para outras partes. Essa igreja se extinguiu. Mais tarde foi organizada outra em Juiz de Fora.

Em 23 de março de 1891 foi organizada, pela Primeira do Rio, a Primeira Igreja Batista de Campos, RJ, com 10 membros. Hoje o trabalho do Rio conta com quase mil igrejas na Convenção Batista Fluminense e 350 na Convenção Batista Carioca.

Grande impulso viria a dar à Causa no Brasil a criação do *O Jornal Batista*. Tendo deixado de existir, por acordo entre as partes, os jornais *O Echo da Verdade*, que se publicava na Bahia, e o *As Boas-Novas* que se publicava em Campos, foi organizado, no dia 10 de janeiro de 1900, *O Jornal Batista*, que se tornou o grande paladino dos batistas brasileiros.

Em junho de 1907 foi organizada, na Bahia, com 45 mensageiros, a Convenção Batista Brasileira. Eram 87 igrejas compostas de 4.201 membros. Nessa Assembléia foram criadas as Juntas de Missões Nacionais e Missões Estrangeiras.

Em 1911, na Convenção Batista Brasileira, realizada em Campos, foi ordenado ao ministério o irmão João Jorge de Oliveira, que seria o nosso primeiro missionário enviado a Portugal.

A obra de Missões Nacionais começou logo, também. Destacamos o nome do casal Zacarias e Noemi Campelo que, em 1927, foram trabalhar entre os índios craós.

Missionários como os já citados e Salomão Ginsburg, W. E. Entzminger, A. B. Deter, A. B. Christie, O. P. Maddox, L. M. Remo, Euric Nelson, e tantos outros, desenvolveram grande obra evangelística e educacional em nossa pátria. Seus nomes ficarão para sempre na memória de todos.

Brasileiros como J. F. Lessa, Manoel Avelino de Souza, Munguba Sobrinho, Rubens Lopes, F. F. Soren, Djalma Cunha, Antônio Neves de Mesquita, José dos Reis Pereira, Souza Marques, e tantos outros, são figuras que devem ser sempre lembradas pelo grande serviço que prestaram à causa batista no Brasil.

Hoje os batistas já têm mais de 4.700 igrejas, com mais de 1 milhão de membros espalhados por todo o Brasil. Glória a Deus por isso. Que você procure honrar essa bela história e ampliá-la para a honra do nosso Deus.

SÚPLICA DO PASTOR JOVEM

José dos Reis Pereira

Nesta noite, ó Senhor, sou consagrado ao ministério da tua Palavra, e que tremendo encargo recebo em meus ombros; não fosse minha absoluta certeza de que tu me chamaste e não sei onde iria encontrar coragem para tanto; mas, ó Senhor, tu, que fechaste tão positivamente, diante de mim, todas as portas a que fui bater e, não olhando minha indignidade, minhas quedas e meus tropeços, me abriste bem larga e acolhedora a porta do ministério, ajuda-me a prosseguir neste caminho, dignificando sem cessar o teu nome e honrando minha vocação.

Temeroso é o meu trabalho: pastorear teu povo, com tão pouca experiência da vida, conduzir as ovelhas de meu Mestre, com tão poucas forças, quem ousaria tanto?

Anima-me, todavia, a certeza de que tu, ó Senhor, que me escolheste, serás meu amparo e fortaleza, e, ao dar agora o primeiro passo na estrada nova, permite que o dê com firmeza e decisão;

ajuda-me, ó Senhor, porque já vislumbro as vezes em que minha visão se obnubilará ante a poeira da jornada e de ti espero que me alimparás os olhos;

esclarece-me, Senhor, porque sou jovem, cheio de preconceitos e de idéias falsas trabalhando pelo orgulho e pela vaidade; concede que esses inimigos, ao me assaltarem, não me vençam e que eu afaste por completo o desejo de dar na vista e de conquistar posições, contentando-me com o lugar que tu me deres e procurando discernir e cumprir a tua vontade;

auxilia-me a adiantar-me no saber, mas livra-me da presunção e que esteja sempre pronto a reconhecer que, apesar de meus cursos e dos livros que ler, os outros podem muito bem ser mais sábios do que eu;

preserva-me desse terrível corrosivo que é a inveja e que eu saiba admirar nobremente a todos os que trabalharem bem, jamais descendo à baixeza de diminuí-los com comentários tendenciosos, só porque trabalharam melhor do que eu;

dá-me a modéstia que tão bem quadra num enviado teu, e protege-me contra os triunfos, tentadores, para que não desenvolvam em mim enfiemas intelectuais, que a tantos têm arruinado, principiando por ensoberbecê-los.

ensina-me a ser manso e bom, a moderar minhas violências e minhas intransigências; mas dá-me um caráter que não admita contemporizações com o mal em qualquer tempo e em quaisquer circunstâncias.

Faze-me pastor eficiente, isto é, fiel em todos os meus encargos, em quem o teu povo possa confiar, que seja ativo e empreendedor, sem que, entretanto, procure pôr tudo abaixo com pretensão de poder arranjar sucedâneos melhores;

que nunca transfira as responsabilidades que me couberem para os ombros de terceiros, culpando-os de meus erros e fracassos e com isso dando-me por justificado, mas que saiba resistir impavidamente às consequências de meus erros, não procurando me apegar a ninguém mais senão a ti mesmo, para que me perdoes e animes;

que seja capaz, após algum fracasso, de começar de novo, quantas vezes for preciso, um trabalho feito, e que isso faça de espírito sereno e de alma animosa;

que saiba ser econômico, sem ser avaro, e caridoso, sem ser dissipador, procurando desenvolver cada vez mais na minha igreja a obra de beneficência;

que realize, no quanto possível, um ideal de perfeição em todo o trabalho feito, seja grande ou pequeno, nada abandonando inacabado ou malcuidado;

permite que eu me canse no teu serviço, mas fortalece-me para que nunca a fadiga me domine de tal forma que me impeça de exercer um trabalho necessário, tal como uma visita, uma pregação ou um auxílio;

concede que o meu conforto nunca venha a se levantar como justificativa para que me recuse a um serviço, mas que saiba deixar-me incomodar sem perder meu sorriso e saiba sacrificar refeições e descansos, enjeitar divertimentos e varar noites, sem queixas, nem lamentações, mas cada vez mais otimista e mais satisfeito com meu ministério;

consente que possa fazer todos os trabalhos com a mesma consagração, sem que com isso aguarde agradecimento ou louvores, quase sempre Maus conselheiros; ensina-me o meio de obter a dedicação do bom samaritano a qualquer hora, em qualquer lugar e para quem quer que seja.

Ajuda-me, ó Senhor, a dar valor à minha palavra, embora a comprometa com uma criança, e que seja sempre pura e nobre e sincera, quer conversando, quer pregando, quer orando; livra-me do bombasticismo rebuscado e insincero;

que abomine os argumentos tortuosos, próprios para embair os outros e esconder meu pensamento verdadeiro;

que saiba pregar meus sermões destituído de palavras ocas, não aspirando a galas literárias, mas, sim, à tua aprovação;

que, ao falar, procure alguma coisa e não faça arabescos na água que não satisfazem, nem confortam o ouvinte desejoso de sólido alimento espiritual;

dá-me ânimo para fugir às discussões tão procuradas por quem é moço, nas quais se gastam energias que devem ser concentradas para melhores fins;

concede-me a palavra boa para consolar os enfermos e os tristes, para reerguer os desanimados e os desviados, para convencer os divergentes e desinteressados, para me alegrar com os otimistas e incentivar os que trabalham;

que sempre me expresse com límpida franqueza, sem que, no entanto, jamais confunda franqueza com insolência ou incivilidade e nunca me valha de indiretas covardes para ferir aqueles de quem discordo;

livra-me de julgamentos temerários e fundamentados em bases pouco seguras, como informações de terceiros, intrigas ou atitudes mal-interpretadas;

que eu saiba considerar a leitura de tua Palavra a melhor das leituras, a mais freqüente e a mais longamente meditada e que minha doutrina seja sempre sólida,

conhecendo de tal forma minha Bíblia que não deixe voltar vazio aquele que para mim apelar.

Recorda-me que devo respeitar e acatar sempre meus colegas de ministério e que jamais venha a ser apanhado na falta grave de contra eles levantar alcives ou veicular murmúrios;

que eles tenham sempre de mim a maior consideração e confiança, porque, ó Senhor, no dia em que não houver confiança mútua entre os teus ministros, que será de tua Causa?

Se me reservas um papel de influência denominacional, que eu não me apresse a exercê-lo e me lembre de que não é preciso arrombar portas, antecipando-me à tua providência;

mesmo que nunca venha a ter influência e que fique toda a vida adstrito apenas ao trabalho de minha igreja, recorda-me que isto já é por demais glorioso e que, portanto, dirija a minha igreja com o mesmo zelo que dedicaria a qualquer outra obra aparentemente mais honrosa, e procure nela edificar um núcleo forte para a glória de teu nome e honra da Denominação;

se nesta houver lutas, Senhor, que eu não siga outro partido senão o teu, que não tenha outra paixão senão a tua verdade, que não ouça outra voz além da tua falando em minha consciência, que não haja discursos nem tumultos que me impeçam de ouvi-la a indicar claramente minha posição e que, a ela obedecendo, arraste todas as críticas, incompreensões e julgamentos depreciativos; mas, se possível, Senhor, afasta-me dessas questões e concede, antes, que concentre minhas energias na igreja que me deste, ali realizando um trabalho sólido, puro e produtivo;

que ninguém, ó Senhor, de mim faça uso em proveito de meus interesses e que eu também nada faça confiado no apoio e defesa de terceiros; dá-me fortaleza de convicções para que não seja invertebrado em meus propósitos, sem consistência e sem perseverança, cata-vento que toda idéia nova faz girar;

ao mesmo tempo, reveste-me de coragem humilde e nobre de voltar atrás e confessar meus erros, quando for preciso, sem temer as acusações de versatilidade e incoerência, que, talvez, contra mim se levantarem.

Dá-me a dignidade para nunca me postar incondicionalmente do lado mais forte, nem incondicionalmente do lado mais fraco, mas incondicionalmente, sim, do lado justo, tenha, embora, contra mim o mundo todo, inclusive amigos mais caros;

que nunca homem algum, por mais íntimo que seja, ou partido, por mais forte que se diga, me dissuadam de fazer o que a tua vontade me ordenar;

ajuda-me a ser igual no tratamento de todos com quem agir, falando aos grandes sem servilismo e aos pequenos sem altivez, a todos com a mesma deferência e a mesma simpatia.

Permite, ó Senhor, que jamais alguém me chame de mercenário, ou então que, embora os homens me julguem mal, tu vejas que meu interesse único é exercer com fidelidade o meu ministério e que ele é, para mim, a mais importante tarefa de minha vida;

se, por acaso, for obrigado a “fazer tendas”, para me manter, abençoa-me em tal serviço secular, para que possa dar um testemunho que transforme o trabalho numa projeção de meu ministério;

dá-me a sabedoria de evitar a freqüência de lugares onde um pastor nunca deveria pôr os pés, a fim de que ninguém me aponte como exemplo e justificação de desvios funestos;

que, sabendo que sou observado pelos homens, para verem se me apanham em falta, tome isso em consideração, mas o faça sem hipocrisia, sendo igual homem na rua ao homem que for na igreja e no lar, não afivelando máscaras adaptadas a lugares e situações;

que também em pensamento não seja dúbio e que, ao falar de teu evangelho, não tome uma atitude convencional e falsa, dogmatizando com idéias postíças; que minhas palavras não sejam desmentidas por meus atos; que meu pensamento seja puro, de modo a poder transferi-lo de qualquer outro assunto para um sermão ou uma prece, sem necessidade de me alhear de qualquer baixaza em que esteja devaneando comprazido;

que não blazone de feitos ou virtudes, mesmo perante os mais íntimos, dispondo de uma veste de pavão para uso caseiro, e me revestindo de modéstia apenas para uso externo;

que, se por acaso for preterido num trabalho, saiba discernir nisso a tua vontade agindo e que não contenda, não me sinta ofendido pela preterição, nem dela viva falando amargurado ou queixoso;

que, o quanto possível, mantenha meu corpo sadio e forte, pois é o templo do Espírito, mas lembrando-me sempre de que é piedade que para tudo é útil e que meus joelhos não cansem de se dobrar diante de ti e meus pés não se exauem de caminhar no teu serviço;

que eu sabia cobrir meus impulsos e saiba ser, na justa medida, tolerante, sabendo exortar com simpatia e compreensão, de modo a ganhar, e não a afugentar, os homens.

Dá-me, Senhor, uma companheira que seja de fato uma ajudadora em todo o meu trabalho, que tenha também Espírito de sacrifício e não viva se embonecando como qualquer frívola mundana, nem preocupada com deleites outros que não os do lar e os de teu serviço;

que seja piedosa e diligente, ajudando-me quando eu sentir muito grande peso de minhas obrigações, animando-me quando vir diante de mim turvos horizontes, corrigindo-me, amorosa, quando minhas tendências, despertadas, me quiserem desviar do plano correto de conduta, caminhando comigo lado a lado, até o fim, para onde quer que me enviases, sem discutir e sem se rebelar;

que tenha a compreensão necessária para me apontar erros de que me possa desviar e não me induza a concessões que me amolentem o Espírito;

que, delicada e atenciosa, humilde e cheia do desejo de servir, concorra para conquistar o meu povo e atrair almas para tua igreja;

que não ande metida em intrigas e maledicências, nem faça questão de ser a mais bem vestida na igreja, a fim de que por causa dela eu não venha a ser censurado;

que saiba servir e tenha caráter, despreocupada de mundanidades, mas comigo mantendo, até o dia em que me chamares ou a chamares, a mais completa união de vistas;

que saiba comer comigo o pão das lágrimas e arrostar, decidida, o açoitado da perseguição, sem que venha me lançar em rosto a culpa dessas coisas ou me atormentar com lágrimas e suspiros, em lugar de, bem unida a mim, enfrentar bravamente a vida de tal modo que diante das tempestades apareçamos ligados como se fôssemos um só.

Finalmente, Senhor, perdoa-me a insipiência, os trabalhos mal feitos e as mil inevitáveis omissões em que a minha mocidade me fará incorrer, e enrijece-me espiritualmente para que melhore todos os dias;

que me conserve absolutamente honesto e puro, não tendo de que enrubescer, quando erguer a mão para abençoar, em teu nome, o rebanho que tu me confiares; que saiba não ser pela prática de todas essas coisas que irei ganhar o céu, pois este, Cristo, por seus méritos, tão-somente já ganhou para mim, mas que faça porque almejo ser mordomo fiel, e porque, tendo sido regenerado, tornei-me árvore boa, que deve produzir bons frutos.

E mais e mais coisas tenho para te pedir, ó Senhor, e tu o sabes; a agitação desta hora em que sinto o glorioso e o difícil de minha investidura não me deixa lembrar de tudo. Mas tu sabes, Senhor, e tu me darás auxílio.

SÚPLICA DE UM VELHO PASTOR

Almir dos Santos Gonçalves

Bendito Jesus, tu, que és o meu Salvador, aquele cuja palavra venho, todos estes anos, procurando interpretar pela vida, aceita a minha sincera gratidão por todas as bênçãos que derramaste sobre mim pessoalmente e sobre o meu ministério. Recordo com gratidão os dias passados, mesmo os mais amargos e difíceis, porque foi neles que se acrisolou em mim o teu santo amor e senti, mais viva que sempre, a chama alentadora da tua presença.

Nas angustas experiências do meu pastorado, em dias felizes ou em dias sombrios, encontrei o *SHECHINAH* do meu ministério, o Santo dos Santos no meu viver contigo e com os homens. Graça, honra e louvor sejam dedicados a ti, glorificado seja sempre o teu boníssimo Nome, Senhor meu e Deus meu, meu Salvador, meu Amigo!

Senhor, a minha alma te rende louvores e também te dirige súplicas neste dia. Os anos mais fortes e vigorosos do meu ministério se acham quase todos no passado, assim o creio. Os que me restam não serão tantos em relação aos que já se foram, suponho. Rogo-te, pois, que, como fizeste até aqui, guies e norteies a vida do teu servo até o fim, dando-lhe luz para o caminho, graça abundante para o serviço, amor supremo para contigo e para com os homens.

Guarda-me dos perigos da velhice hoje, como me livraste dos perigos da mocidade nos dias que se foram. O perigo de um espírito amargurado e ciumento. O perigo das comparações injustas e cruéis. O perigo de pensar mais nos erros dos homens do que na tua sublime perfeição. O perigo de interpretar mal as atitudes dos colegas mais jovens. O perigo do exagerado ressentimento pela ingratidão humana, a ponto de perder de vista Aquele que permanece fiel. O perigo da falta de caridade nos meus conceitos e juízos. O perigo de só se ver males no presente e coisas diferentes no passado. O perigo de prevenção contra os que, no ambiente da vida moderna, tomam diretrizes quiçá diferentes daquelas que eu tracei há trinta ou vinte anos anteriores. O perigo da impaciência e dos juízos temerários e precipitados para com as levianidades e erros de colegas mais moços. Dá que eu possa mirá-los pelo meu próprio espelho dos anos idos e que assim possa ver neles não só as falhas que afloram do temperamento, mas também as virtudes e qualidades que lhes alicerçam o caráter, e, destarte, eu lhes divise, através de fracassos maiores ou menores, as possibilidades

de soerguimento e restauração e o esplendor de uma vida vitoriosa. Que eu seja para com eles qual Barnabé para com Marcos.

Ainda te suplico, meu grande Amigo, que me cures da vaidade e do orgulho, que tanto tem estragado as vidas dos servos teus, velhos e moços. Dá-me o espírito do Batista, em se tratando da nova geração de ministros teus, que vai surgindo, e eu diga, ao contemplá-los: “Importa que eles cresçam e eu diminua”. Se eu não puder construir o templo que ideei, dá-me a nobreza de espírito e o entusiasmo de ajuntar o material com que o vai construir o meu sucessor. Não importa que eles edifiquem, em grande parte, sobre os alicerces que eu e os outros fundamos, mas, longe de me enciumar por isto, reveste-me do espírito que diz: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento, Deus o deu.” E ainda que eu tenha de processar o meu ministério na sombra do anonimato, louvado seja o teu santo Nome e engrandecida seja a tua Causa, quer fique eu conhecido, quer não.

Em substituição a um espírito amargo, pessimista e ciumento, dá-me a perene mocidade de um santo e nobilitante entusiasmo pela Causa bendita. Sejam por mim lembrados os dias percorridos, não para as amarguras e comparações odiosas, senão para santas recordações dos tratos e relações comigo; para lembrar a amizade do teu povo nas igrejas; as vidas que foram encaminhadas para as fontes da salvação pelo fraco instrumento que é o teu fraco servo; os cultos solenes; as decisões de pecadores que, entre lágrimas e soluços, vieram aos teus pés; as conversões e os batismos; a música solene dos grandes dias; os cânticos altissonantes do santuário no Dia do Senhor; as orações que elevaram aos páramos celestiais os nossos corações alentados.

O Senhor, se tantos motivos há para uma doce e agradecida velhice, por que hei de andar sombrio e taciturno? Oh, não, eu levantarei o meu coração até a tua augusta presença e minha alma rejubilará, e não verei motivos para amarguras e displicência, vivendo nas altitudes espirituais em que tu me soergues!

Vai comigo, meu Senhor, meu Mestre e Amigo, até o fim da jornada. Dá que eu viva realmente na tua presença, e sinta, cada vez mais, cada dia mais, a realidade das palavras do teu grande servo: “POR ISSO NÃO DESFALECEMOS; MAS AINDA QUE O NOSSO HOMEM EXTERIOR SE ESTEJA CONSUMINDO, O INTERIOR, CONTUDO, SE RENOVA DE DIA EM DIA” (2Co 4.16).

TEXTOS BÍBLICOS PARA VÁRIAS OCASIÕES E CIRCUNSTÂNCIAS

Para cada situação encontram-se textos bíblicos especiais. É possível achar, na Bíblia, aqueles que estarão perfeitamente de acordo com nosso sentir ou com a circunstância que estamos vivendo. O pastor deve saber escolher os textos que são propícios a cada ocasião. Eles lhe serão de grande valia em sua obra ministerial.

Citamos, a seguir, textos que muito ajudarão o pastor na sua missão.

1. Textos Apropriados Para Assistência a Enfermos

“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se projetem para o meio dos mares; ainda que as águas rujam e espumem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza” (Sl 46.1-3)

“Atende-me, e ouve-me; agitado estou, e ando perplexo” (Sl 55.2)

“Espera tu pelo Senhor; anima-te, e fortalece o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” (Sl 27.14).

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo; e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas” (Mt 11.28,29).

“Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti, porque ele confia em ti” (Is 26.3).

Outros textos que podem ser lidos: Salmos 27.1-6; 37.5-7; 91.1-4; 14-16; Isaías 58.8; Lamentações 3.22-26; Tiago 5.15,16.

2. Textos Apropriados Para os Que Sofrem Dores

“Elevo os meus olhos para os montes; de onde me vem o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra. Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não dormitará. Eis que não dormitará nem dormirá aquele que guarda a Israel. O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua mão direita. De dia o sol não te ferirá, nem a lua de noite. O Senhor te guardará de todo o mal; ele guardará a tua vida. O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre” (Sl 121.1-7).

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão, e não cansarão; andarão, e não se fatigarão” (Is 40.31).

“Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comprar com glória que em nós há de ser revelada” (Rm 8.18).

“E ele me disse: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de boa vontade antes me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que repouse sobre mim o poder de Cristo” (2Co 12.9).

Outros textos que podem ser usados: Jó 2.7-10; 3.20-26; 23.3; 38.1-3; 42.1-6, 10, 12, 17; Salmos 23; 27; 34.19-22; 40.1-3; 91.1, 4, 15; Isaías 26.3; Mateus 11.28, 29; Lucas 22.41-43; João 14.27; 2Coríntios 4.17, 18; 12.7-10; Tiago 1.2-4; 5.10, 11, 13-16; 1Pedro 5.6, 7, 10.

3. Textos Apropriados Para os Que Estão com Ansiedades e Temores

“O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?” (Sl 27.1, 2).

“Compadec-te de mim, ó Deus, pois homens me calcam aos pés e, pelejando, me afligem o dia todo” (Sl 56.1).

“Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele que é o meu socorro, e o meu Deus” (Sl 42.11).

“Lança o teu fardo sobre o Senhor, e ele te sustentará; nunca permitirá que o justo seja abalado” (Sl 55.22).

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso descansar. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio. Porque ele te livra do laço do passarinho, e da peste pernicioso. Ele te cobre com as suas penas, e debaixo das suas asas encontra refúgio; a sua verdade é escudo e broquel” (Sl 91.1-4).

“O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo estão os braços eternos, ele lançou o inimigo de diante de ti e disse: Destrói-o” (Dt 33.27).

“O Senhor, pois, é aquele que vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desampará. Não temas, nem te espantes” (Dt 31.8).

4. Textos Apropriados Para os Que Perdem Entes Queridos

“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não o conheceu a ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos” (1Jo 3.1,2).

“Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. Pois neste tabernáculo nós gememos, desejando muito ser revestidos da nossa habitação que é do céu, se é que, estando vestidos, não formos achados nus. Porque, na verdade, nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos oprimidos, porque não queremos ser despidos, mas sim revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu como penhor o Espírito. Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos presentes

no corpo, estamos ausentes do Senhor (porque andamos por fé, e não por vista); temos bom ânimo, mas desejamos antes estar ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor” (2Co 5.1-8).

“Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós (...) Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.18,27).

Outros textos: Salmos 23; 27; 116; 121; João 11.25, 26; 14.1-3; Romanos 8.31-38; Apocalipse 21.4.

5. Textos Apropriados Para Cerimônias Fúnebres

“Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração. Antes que nascessem os montes, ou que tivesses formado a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade tu és Deus. Tu reduces o homem ao pó, e dizes: Voltai, filhos dos homens! Porque mil anos aos teus olhos são como um dia de ontem que passou, e como uma vigília da noite. Tu os levas como por uma torrente; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce; de manhã cresce e floresce; à tarde corta-se e seca. Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos conturbados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades, à luz do teu rosto os nossos pecados ocultos. Pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação; acabam-se os nossos anos como um suspiro. A duração da nossa vida é de setenta anos; e se alguns, pela robustez, chegam a oitenta anos, a medida deles é cansaço e enfado; pois passa rapidamente e nós voamos. Quem conhece o poder da tua ira? e tua cólera segundo o temor que te é devido? Ensina-nos a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos corações sábios” (Sl 90.1-12).

“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Deitar-me faz em pastos verdejantes; guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigerar a minha alma; guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos; unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor por longos dias” (Sl 23).

“Chegai-vos para Deus, e ele se chegará para vós. Limpai as mãos, pecadores; e, vós de espírito vacilante, purificai os corações. Senti as vossas misérias, lamentai e chorai; torne-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4.8-10).

“Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica; quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu, ou antes quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós; quem nos separará do amor de Cristo? a tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem

potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.31-39).

“O homem, nascido de mulher, é de poucos dias e cheio de inquietação” (Jó 14.1).

“Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças; e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus” (Fp 4.6,7).

Outros passos bíblicos: Salmos 24.4-8; 46.1; 42.1-11; 91.1-16; Provérbios 3.5,6; Isaías 12.1, 2; Mateus 6.25-30; Romanos 8.28.

“Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, assim também aos que dormem, Deus, mediante Jesus, os tornará a trazer juntamente com ele. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já dormem. Porque o Senhor mesmo descenderá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (1Ts 4.13-18).

“Se é só para esta vida que esperamos em Cristo, somos de todos os homens os mais dignos de lástima. Mas na realidade Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados” (1Co 15.19-22).

“E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já se foram o primeiro céu e a primeira terra, e o mar já não existe. E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, de graça lhe darei a beber da fonte da água da vida. Aquele que vencer herdará estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho” (Ap 21.1-7).

“Quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo: Não temas: eu sou o primeiro e o último, e o que vivo; fui morto, mas eis aqui estou vivo pelos séculos dos séculos; e tenho as chaves da morte e do hades” (Ap 1.17,18).

“Então ouvi uma voz do céu, que dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham(...). E o anjo meteu a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus” (Ap 14.13, 19).

HINO OFICIAL DOS MINISTROS BATISTAS DO BRASIL

OLHANDO PARA CRISTO

Letra: João Filson Soren

Música: C. Austin Miles

Ruge forte, contundente, a guerra do pecado,
Mas os seus clangores vis não podem me afligir.
Sei em quem confio, pois na Rocha estou firmado,
E celestes bênçãos irei fruir.

Estribilho:

*Olhando para Cristo, grande autor da salvação,
Prossigo, pois avisto soberano galardão.
De Deus ministro, me revisto do poder do meu Senhor
Para servi-lo com todo ardor.*

Vejo ao longe campos vastos, prontos pra colheita:
Multidões sem luz, sem Deus, aguardam salvação!
Vem, ó Deus, desperta o amor da geração eleita,
Para os teus obreiros concede unção.

Desprezando deste mundo as sendas ardilosas
Volto o meu olhar pra cruz de quem me resgatou;
Dele tenho na alma, então, as bênçãos mui gloriosas
E feliz com Cristo cantando vou!

O MONTE DO SENHOR

Letra: João Filson Soren

Música: C. Austin Miles

Se meu Senhor quiser que no vale eu vá servir,
Ou mesmo na escarpada meus pés eu vá ferir,
Mas se Jesus vier passos conduzir,
Por ele amparado, a paz vou fruir.

Estribilho:

*Subindo às alturas do Monte do Senhor,
Minha alma reluz perante Jesus, em seu louvor,
Embora escureça o horizonte, prosseguirei;
Com Cristo, às alturas do Monte subirei!*

Talvez em meu viver haja grande provação,
Ou ande eu entre espinhos, servindo em submissão,
Mas, se com Cristo houver constante comunhão,
Os cardos ferinos em flor se farão.

Talvez a minha cruz seja um peso esmagador,
Mas, oh! que imenso fardo a cruz do Salvador !
Envolto em nova luz, sentindo um novo amor,
No Monte Sagrado a cruz vou depor.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDERSON, S. E. *Cada Pastor um Conselheiro*, Rio: Casa Publicadora Batista, 1963.
2. BARR, As. e BURTON, H. W. *Supervision*. New York: Appleton — Century — Corfts, Inc., 1947.
3. BLACKWOOD, A. W. *Pastoral Leadership*. Nashville: Abingdon Press, 1954.
4. BLACKWOOD, A. W. *The Fine Art of Public Worship*. Nashville : Abingdon Press, 1939.
5. BRAND, N. F. *The Pastor's Legal Adviser*. New York: Abingdon Press, 1956.
6. BRYAN, D. C. *Building Church Membership Through Evangelism*. Nashville; Abinddon Cokesbury Press, 1954.
7. BUBBITT, E. H. *The Pastor's Pocket Manual of Hospital and Sickroom*. Nashville; Abindgon Press, 1935.
8. CALLINGERS, R. *El Romance del Ministério*. Buenos Aires: Editorial "La Aurora", 1947.
9. CASHMAN, R. *The Business Administration of a Church*. New York: Harper e Brothers, 1950.
10. CLAY, C. W. *Manual do Pastor Para a Clínica Pré-Matrimonial*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969.
11. COOK, H. *The Why of Our Faith*. London: The Kingsgate Press, 1947.
12. CRABTREE, A. R. *A Doutrina Bíblica do Ministério*. Rio , CPF.

13. CULLMANN, O. *Early Christian Worship*. London: SCM Press Ltda., 1962.
14. DARRA-SIPER, A. *Manual of Ecclesiology*. Nashville: Sunday School Board, 1955.
15. DIMÁRZIO, N. *Nossa Participação no Culto*. Rio: CPB, 1961.
16. DOBBINS, G. S. *Building Better Churches*. Nashville: Broadman Press, 1955.
17. DOBBINS, G. S. *The Efficient Church*. Nashville: Sunday School Board, 1923, Revell Company, 1944.
18. DOUGLAS, M. R. *Como Edificar uma Igreja Evangelística*. Rio: CPB, 1961.
19. ESTRADA, L. C. *Manual Para Ministros*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1968.
20. Executive Committee of the S. B. C. *The Southern Baptist*. Nashville: Sunday School Board, 1955.
21. GONÇALVES, A. S. *Antes de Atravessar o Rio*. Rio: CPB, 1971.
22. GUFFIN, G. L. *How to Run a Church*. Birmingham : Cokesbury Press, 1948.
23. HARVEY, H. *The Church: its Policy and Ordinances*. Philadelphia: American Baptist Publication Society.
24. HENSLEY, J. C. *The Pastor as Educational Director*. Kansas City : Central Seminary, 1946
25. HISCOW, S. T. *The Baptist Church Directory*. New York : Gilbert H. MacKibbin, 1890.
26. HOBBS, J. R. *The Pastor's Manual*. Nashville: Broadman Press, 1955.
27. JAIME, E. M. B. *Ministério Eficiente*. Rio Grande do Sul: Editora Metrópole. Sem data.
28. JOHNSON, J. E. *Pastoral Ministration*. London: Nisbet & Co. Ltd.
29. JONES, T. G. *The Baptists*. Philadelphia: American Baptist Publication Society.
30. KNAPP, F. L. *Leadership Education in the Church*. New York. The Abingdon Press, 1933.
31. Kaschel, P. W. *Plano Financeiro Para as Igrejas Batistas do Brasil*. São Paulo: Empresa Editora, 1950.

32. LIMA, R. C. *O Pastor e o Uso do Vernáculo* (opúsculo) — Rio: CPB, 1967.
33. LINGERFELT, J. E. *Vamos Construir Templos Melhores*. Rio: CPB, 1970.
34. LOVE, J. P. *A Posição dos Batistas*. Rio: CPB, 1922.
35. MANNOIA, V. J. *Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: Edições Palavra da Cruz, 1968.
36. MCCONNELL, F. M. *Manual for Baptist Churches*. Philadelphia: The Hohnson Press, 1926.
37. MCDANIEL, G. W. *The People Called Baptist*. Nashville: Baptist Sunday School Board.
38. MCKIBBEN, M. Frank. *Improving Religious Education Through Supervision*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1931.
39. MCKING, J. *The Formal Wedding*. London: Fleming H. Revell, 1952.
40. MIGNAC, A. *Manual Portátil dos Obreiros*. Não há indicação da editora e data.)
41. MILLARD, W. *Rádio e Televisão* (Princípios de Comunicação Religiosa). Rio: CPB, 1968.
42. MULLINS, E. Y. *Os Axiomas da Religião*. Rio: CPB, 1956.
43. MUNRO, H. C. *The Pastor and Religious Education*. New York: The Abingdon Press, 1920.
44. MOYER, E. S. *Uma Boa Biblioteca*. Rio: Editora O. S. Boyer, 1964.
45. NASSAU, R. *Introdução à Música Sacra*. Rio: CPB, 1956.
46. NAULOR, ROBERT. *O Diácono Batista*. Rio: COB, 1956.
47. NERVIN, C. Harner. *The Educational Work of the Churches*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1939.
48. NESS, I. J. V. *Treinamento dos Membros da Igreja*. Rio: CPB, 1954.
49. NIEBERMEYER, A. *Compêndio de Higiene Pastoral*. Barcelona: Editorial Herder, 1957.
50. PENDLETON, J. M. *Church Manual*. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1867.
51. PORTER, C. P. *Organização Batista*, Rio: CPB, 1962.

52. ROBINSOB, H. W. *Baptist Principles*. London: The Carey Kingsgate Press, 1955.
53. ROMMER, C. e Grimbél, W. *Manual do Pregador*. S. Leopoldo: Editora Sinodal, 1970.
54. SAPAEZIAN, A. *Nova Bibliografia Teológica*. São Paulo: ASTE, 1970.
55. SCHNEIDER, J. *Baptism and Church in the New Testament*. London: The Carey Kingsgate Press Ltd., 1957.
56. SCHULZE, F. *Manual of Pastoral Theology*. London: B. Herder Book Co., 1946.
57. SEGLER, F. M. *The Broadman Minister's Manual*. Nashville: Broadman Press, 1968.
58. SHEPARD, J. W. *O Pregador*. Rio: CPB, 1939.
59. SHEPARD, M. H. *The Liturgy and the Christian Faith*. London: S. P. CK., 1957.
60. SISEMORE, J. T. *O Ministério da Visitação*. Rio: CPB, 1965.
61. SOUZA, M. A. *O Pastor*. Rio: CPB, 1939.
62. STRONG, A. H. *Systematic Theology*. Philadelphia: The Griffith Press, 1907.
63. SPANN, J. R. *The Ministry*. Nashville: Abingdon Press, 1939.
64. STEP, W. R. *A Fé dos Apóstolos*. Rio: CPB, 1961.
65. TAYLOR, W. C. *Manual das Igrejas*. Rio: CPB, 1949.
66. _____. *Batismo Bíblico*. Rio: CPB, 1967.
67. Vários Autores. *The Ordination of Baptist Minister*. Nashville: Broadman Press, Sem data.
Church Organization and Methods. Nashville: Sunday School Board, 1917.
68. VIETH, H. *Improving Your Sunday School*. Philadelphia: The Westminster Press, 1943.
69. WEST, W. M. S. *Baptist Principles*. London: The Baptist Union of Great Britain and Ireland, 1969.
70. WILLIAMS, J. O. *El Predicador del Evangelio y su Predicación*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones. Sem data.
71. WISE, A. C. *Religion in Illness and Health*.
72. WILDER, J. B. *O Jovem Pastor*. Rio: CPB, 1971.
73. *The Minister's Manual*. Nappanee: Evangel Press, 1960.
74. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1965.
75. *Manual do Culto*. (Não tem nenhuma indicação de data, editora, nem autor.)
76. *Constituição do Brasil*. (Sem nenhuma indicação.)
77. CARVER, W. O. *Santificando el Dia del Señor*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1952.
78. *Bíblia Sagrada*. Tradução de J. F. d'Almeida — Imprensa Bíblica Brasileira — De acordo com os melhores textos em hebraico e grego.

Ebenézer Soares Ferreira

Reitor do Seminário do Sul, secretário-executivo da ABIBET, ex-membro dos Conselhos de Educação e Cultura do Estado do Rio, ex-presidente das Convenções Batistas Fluminense e Brasileira, ex-diretor do Colégio Batista Fluminense e do Seminário Teológico Batista Fluminense. Já viajou pelos continentes americano, europeu, africano, asiático e Oceania. Tem feito parte da Aliança Batista Mundial como membro do Conselho Geral de várias comissões. Membro das entidades literárias: Academia Pedralva de Letras e Artes, Academia Evangélica de Letras do Brasil, Sociedade Brasileira de Romanistas, Associação Brasileira de Escritores, Academia de Letras Municipais do Brasil, Academia Elobradense de Letras, Academia Anapolina de Letras, Academia Madalenense de Letras, The International Academy of Letters of England, The Baptist Historical Society, The American Schools of Oriental Research.

OBRAS DO MESMO AUTOR

1. The Place of Beneficence in the New Testament (tese)
2. A. B. Christie, Sendo Pobre, Enriqueceu a Muitos (2.^a ed.)
3. Dificuldades Bíblicas — Vol. I (2.^a ed.)
4. Dificuldades Bíblicas — Vol. II
5. Angelologia
6. Citações de Poetas Gregos na Literatura Paulina
7. Vidas Devotadas à Causa
8. Billy Graham, um Vaso Escolhido
9. Educação Moral e Cívica (4.^a ed.)
10. História dos Batistas Fluminenses — 1891-1991

A serem publicados:

1. Dificuldades Bíblicas — Vol.III
2. A Bíblia e a Antropologia
3. Antologia de Poetas Evangélicos
4. O Valor das Boas Leituras
5. Introdução à Profecia Messiânica
6. Cem Minibiografias
7. Enciclopédia Evangélica
8. A Contribuição dos Evangélicos